

João dos Santos Areão
Rua Seimville 11

Atualidades



EDIÇÃO COMEMORATIVA

ARP & CIA, FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, Nº. 19 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE

COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"

COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

**COMPANHIA
BRASILEIRA
DE TRIGO**

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

**COMPANHIA
SIDERURGICA
BELGO MINEIRA**

USINAS EM SABARA E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados !

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA !

Peçam informações a

H. G. MOLENDIA

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL



NOSSA CONTRIBUIÇÃO

Este número de "Atualidades", consagrado às Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, que têm sua culminância no Primeiro Congresso de História Catarinense, visa a fixar atualidades contemporâneas, principalmente da vida administrativa e cultural de Santa Catarina.

Mereceu carinho especial a parte literária e jornalística. Nela haverá omissões; mas estas, que são inevitáveis, por mais cuidados que haja, no caso presente, sobre não serem propositadas, devem-se, em grande parte, aos próprios omitidos, que a si mesmos se esqueceram, não atendendo ao pedido de colaboração que se lhes fez.

*

* *

São só incluídos escritores vivos, porque estamos a patentear o instante atual. Os mortos — e temos entre eles vultos insignes das letras luso-brasileiras — que nunca foram por nós esquecidos, hão de dar brilho a outras edições de "Atualidades".

*

* *

Eis, portanto, nossa contribuição desinteressada, para a qual não medimos esforços nem sacrifícios.

MENSAGEM DO INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

"Angra do Heroísmo, 21 de maio de 1948.

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Executiva das Comemorações Centenárias da chegada dos primeiros açoreanos — Dr. Henrique da Silva Fontes, Florianópolis, Brasil.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira ao ter conhecimento da comemoração bicentenária da chegada dos primeiros colonos açoreanos ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não pode ficar indiferente a tão honrosa homenagem e de coração grato e enternecido a ela se associa entusiásticamente.

Há muito julgamos a parte que nos coube no povoamento desse belo e florescente País como uma das nossas mais brilhantes glórias e disso justamente nos orgulhamos. Mas ao desvanecido orgulho vem juntar-se o agradecimento por ver como os brasileiros de hoje celebram o nosso esforço d'então.

Se no fundo da atual prosperidade do Sul do Brasil está a inicial ação tenaz e decidida dos casais açoreanos que consolidaram o domínio português, desbravaram e cultivaram a terra e formaram os primeiros núcleos populacionais, sobre ela eleva-se o árdua trabalho das gerações que se lhe seguiram, o patriotismo e clarividência do conjunto de altos valores humanos constituído pelos homens da atualidade, obreiros dedicados do engrandecimento do seu País e maior honra não podemos ter do que sabê-los, em maioria, descendentes de açoreanos.

A vossa festa é assim também nossa e sentimos imperiosa necessidade de vo-lo dizer.

Aos riograndenses e catarinenses, netos dos casais açoreanos, como numa grande festa de família, outros netos que na terra de origem ficaram, levam agradecidos a expressão da sua solidariedade e os votos mais ardentes e sinceros de futuras prosperidades.

A Bem da Nação.

O Presidente, Luiz da Silva Ribeiro.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA



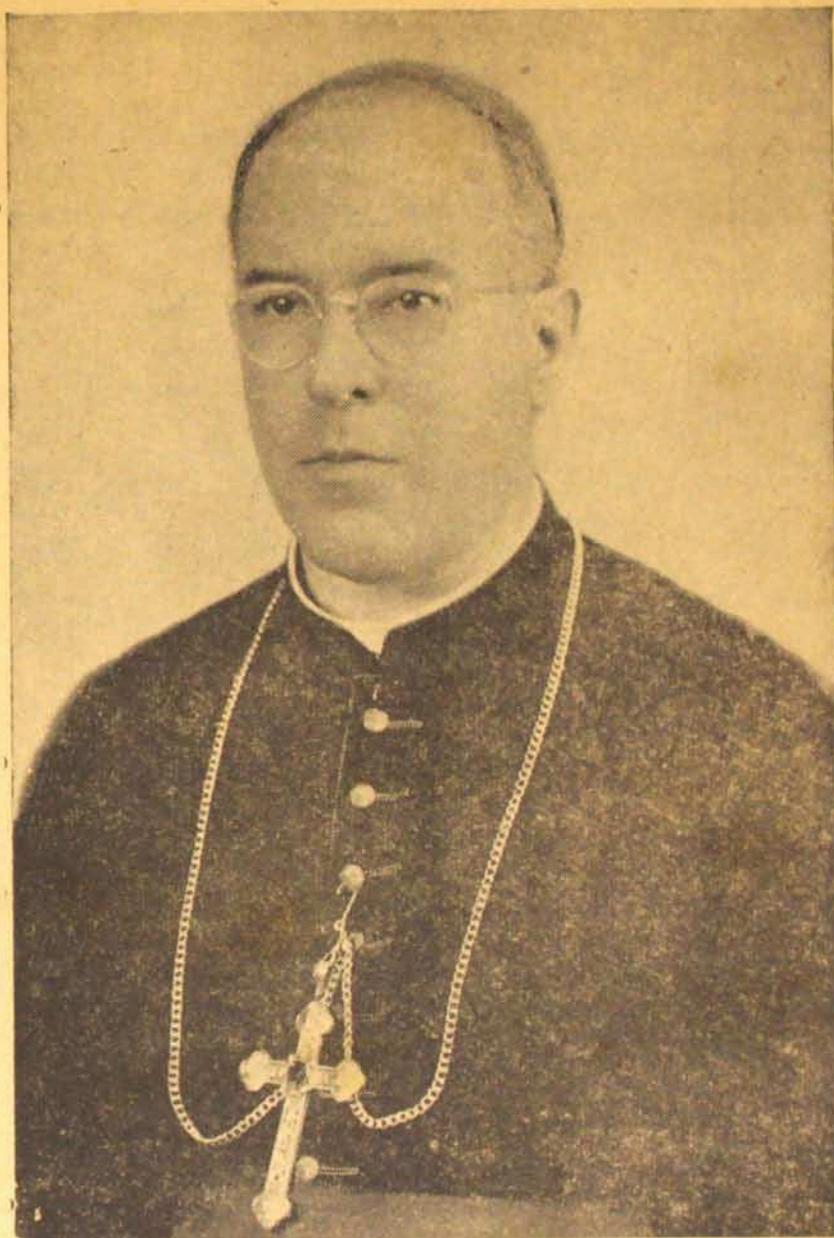
SUA EXCELENCIA O SENHOR GE-
NERAL DE EXÉRCITO EURICO
GASPAR DUTRA

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA



SUA EXCELENCIA O SENHOR DOUTOR
NERÉU RAMOS

**CARDEAL
ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO**



**SUA EMINÊNCIA O SENHOR DOM
JAIME DE BARROS CÂMARA**

ARCEBISPO METROPOLITANO DE FLORIANÓPOLIS



SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA
DOM JOAQUIM DOMINGUES
DE OLIVEIRA

GOVERNADOR DO ESTADO



SUA EXCELENCIA O SENHOR DOUTOR
ADERBAL RAMOS DA SILVA

**PRESIDENTE DA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO**



**SUA EXCELENCIA O SENHOR DOUTOR
JOSÉ BOABAI**

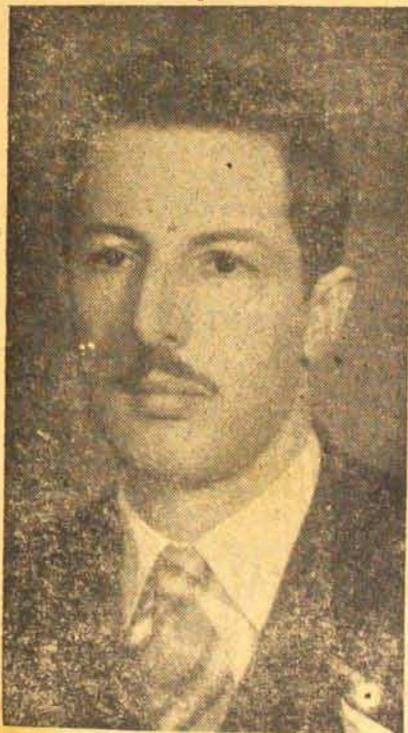
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO



DR. RUY FEUERSCHUETTE
1º Vice-Presidente



DR. SAULO RAMOS
2º Vice-Presidente e líder do P. T. B.



DR. ANTÔNIO NUNES VARELA,
Líder do P. S. D.



DR. JOAO JOSÉ DE SOUZA CABRAL,
Líder da U. D. N.

MESA: 1º Secretário: Dr. Joaquim Pinto Arruda; 2º Secretário: Sr. Alfredo Campos; bancada do P. S. D.: Dr. João Ribas Ramos, Dr. Orty Magalhães Machado, Dr. Cid Loures Ribas, Dr. Raul Schaefer, Dr. Armando Calil Bulos, Dr. Ylmar Corrêa, Prof^a. D^a. Antonieta de Barros, Dr. Antenor Tavares, Sr. Guilherme Urban, Dr. Wigand Persuhn, Sr. Heitor Liberato, Sr. Félix Odebrecht, Dr. Biase Faraco, Cel. Pedro Lopes Vieira, Sr. Protógenes Vieira, Dr. Antônio Dib Mussi, Dr. Estivalet Pires; Bancada da U. D. N.: Dr. Osvaldo Bulcão Viana, Sr. Max João Colin, Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, Dr. Fernando Ferreira de Melo, Sr. Artur Mueller, Dr. Antônio de Barros Lemos, Dr. Paulo Fontes, Dr. Aroldo Carneiro de Carvalho, Dr. Ricarte de Freitas, Sr. Ramiro Emerenciano, Sr. Walter Mueller, Dr. Waldemar Rupp; P. T. B.: Prof. Braz Joaquim Alves; P. R. P.: Dr. José Maria Cardoso da Veiga.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO



DESEMBARGADOR URBANO MÜLLER
SALLES, Presidente

DESEMBARGADOR URBANO MÜLLER SALLES, Presidente

DESEMBARGADOR GUILHERME LUIZ ABRY, Vice-Presidente

DESEMBARGADOR JOÃO DE LUNA FREIRE

DESEMBARGADOR EDGAR DE LIMA PEDREIRA

DESEMBARGADOR JOSÉ ROCHA FERREIRA BASTOS

DESEMBARGADOR FLÁVIO TAVARES DA CUNHA MELO

DESEMBARGADOR HERCÍLIO JOÃO DA SILVA MEDEIROS

DESEMBARGADOR OSMUNDO WANDERLEY DA NÓBREGA

DESEMBARGADOR NELSON NUNES DE SOUZA GUIMARAES

DR. MILTON LEITE DA COSTA, Procurador Geral do Estado

DR. VITOR LIMA, Sub-Procurador Geral do Estado

Secretário: EUCLIDES JORGE DA CUNHA

Escrivão: ABELARDO DA COSTA ARANTES.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL

DESEMBARGADOR GUILHERME LUIZ ABRY, Presidente

DESEMBARGADOR JOSÉ ROCHA FERREIRA BASTOS, Vice-Presidente

DESEMBARGADOR JOÃO DE LUNA FREIRE

DR. MARIO DE CARVALHO ROCHA

DR. SEVERINO NICOMEDES ALVES PEDROSA

DR. HENRIQUE STODIECK

DR. CLARNO GALETTI

DR. MILTON LEITE DA COSTA, Procurador Regional.

AUTORIDADES FEDERAIS EM SANTA CATARINA



ALMIRANTE ANTÃO ALVES BARATA
Comandante do 5º Distrito Naval

AUTORIDADES MILITARES:

Comando do 5º Distrito Naval:
ALMIRANTE ANTÃO ALVES BARATA

Comando da Guarnição:
CEL. PAULO VIEIRA DA ROSA

Chefe da 16ª. C. R.:
CEL. JOÃO PEDRO GAY

Capitão do Pôrto:
CMTE. PLÍNIO DA FONSECA DE
MENDONÇA CABRAL

AUTORIDADES CIVIS:

Delegado Fiscal do Tesouro Nacional:
TYCHO BRAHE FERNANDES (interino)

Procurador Geral da República:
DR. ABELARDO GOMES

Diretor Regional dos Correios e Telégrafos:
JOÃO ALCANTARA DA CUNHA

Delegado do Impôsto sôbre a Renda:
CARLOS CONCEIÇÃO

Delegado Regional do Trabalho:
DR. RAUL PEREIRA CALDAS

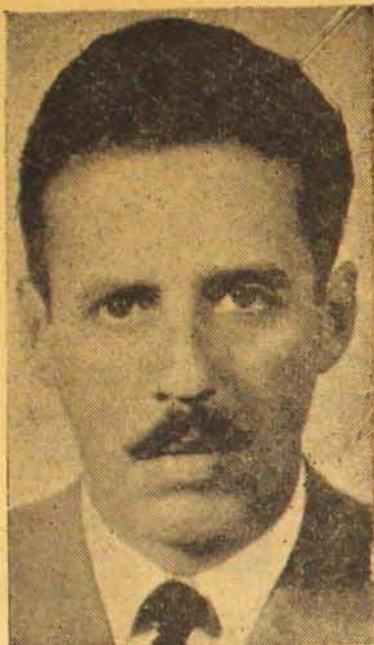
Inspetor da Alfândega:
CLEMENTINO FAUSTO BARCELOS DE BRITO

Diretor do Patrimônio da União:
DR. GILBERTO DA FONTOURA REY

Chefe da Fiscalização de Portos, Rios e Canais em Santa Catarina:
DR. THIERS DE LEMOS FLEMING

SECRETARIAS DE ESTADO

EDUCAÇÃO E SAÚDE



DR. ARMANDO SIMONE PEREIRA

FAZENDA



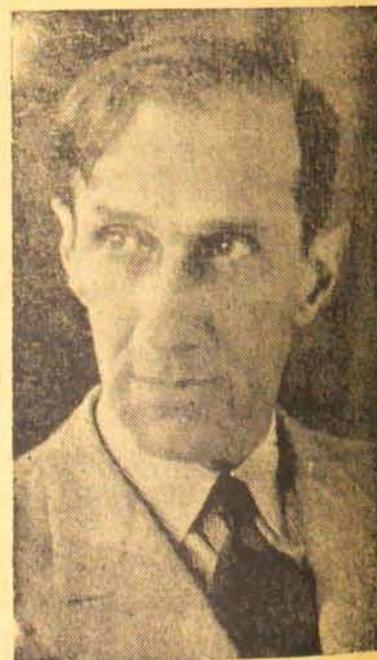
DR. J. D. FERREIRA LIMA

VIAÇÃO, OBRAS PÚBLICAS E AGRICULTURA

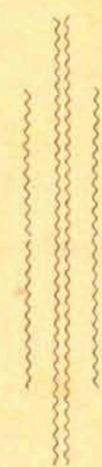


DR. LEOBERTO LEAL

SEGURANÇA



DR. OTHON GAMA D'CA



MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

EXECUTIVO



DR. ADALBERTO TOLENTINO DE CARVALHO, Prefeito

LEGISLATIVO



JORN. BATISTA PEREIRA
Presidente da Câmara



DR. JOÃO BATISTA BONASSIS
Líder do P. S. D.



SR. GERCINO SILVA
Líder da U. D. N.

Câmara Municipal: Presidente: Jornalista Batista Pereira; Vice-Presidente sr. Guido Bott; 1º Secretário sr. Hamilton Valente Ferreira; 2º Secretário: sr. José do Vale Pereira; Líder do P. S. D.: sr. Dr. João Batista Bonassis; Vice-Líder: Sr. Osvaldo Machado; vereadores: srs. Osni Ortiga, Dr. Armando Valério de Assis, Jornalista Jairo Callado, João Alcântara da Cunha, Emídio Cardozo; UDN: Líder: sr. Gercino Silva; vereadores: Roberto da Luz Costa, Dr. Vitor da Luz Fontes, srs. Manoel Donato da Luz e João Claudino da Rosa.

Palavras gratulatorias de S. Excia. Revma. o sr. Arcebispo Metropolitano

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur. Exmo. sr. Governador do Estado; exmo. sr. Presidente do Tribunal de Justiça; Exmo. sr. Presidente da Assembléa Legislativa; exmo. sr. Prefeito Municipal; exmas. autoridades civis e militares; exma. Comissão Promotora; srs. — Quando o Apóstolo S. Paulo, na sua carta aos Tessalonicenses, lhes manda que deem graças por tudo: **in omnibus gratias agite**, além de acrescentar que esta é a expressa vontade de Deus, à qual não é estranha a pessoa de Jesus Cristo: **in Christo Jesu**, claro deixa perceber — e disso nos dá testemunho a própria consciência — a multidão de benefícios, na ordem natural e sobrenatural, de Deus e de seu Cristo recebidos.

Grças, então, por tudo: **pro omnibus**. Por tudo, ou por êsse todo. E sempre, sem distinção de tempos, nem de lugares: **semper et ubique**, segundo a antiga e venerável oração da Igreja.

E se por tudo: **pro omnibus**, — até pelos benefícios que, no ângulo estreito da nossa visão mais ou menos egoísta, pudessem ser considerados malefícios, e que não são — homens ou coisas —, considerados à luz da reta razão, sobretudo esclarecida pela fé, senão, como o proclama o autor de **Le mie Prigioni**, “admiráveis instrumentos que sabe sempre empregar a Providência para fins dignos de si”.

Em verdade, para o poeta pagão podia o mundo rolar, desfeito, das esferas, que o sábio permaneceria impávido e sereno diante de tantos destroços e ruínas: **impavidum ferient ruinae** (Horácio, l. III, ode 3ª. v. 8). Para o cristão, até o sofrimento pacientemente suportado, é uma bemaventurança. E Jô, no seu monturo, tem expressões que se podem comparar aos aleluias do nosso canto litúrgico: **Te Deum laudamus: te Dominum confitemur**.

Ora, o fato que hoje comemoramos, na incidência, precisamente, de seu bi-centenário de existência, — pelo alto pensamento que o inspirou; pelas consequências que produziu; pelos reflexos nos destinos da nacionalidade, inseparável, que é, da sua unidade territorial, lingüística e religiosa, — generoso e nobre anseio de tóda a pátria bem constituída —; fato

que aí está, palpável, diante dos olhos, traz-nos à memória, por ventura com mais razão e verdade, as palavras do poeta: “Nós um bem lhe devemos, que gozamos”. Bem de ordem natural, antes de tudo, mas verdadeiro bem, e dêses que Deus, por vêzes, concede às pátrias privilegiadas. Porque ajudou a constituí-la, distendendo-lhe, gradativamente, os limites até o ponto da sua natural convergência com os domínios de Castela; ou, pelo menos, confirmando os já públicamente reconhecidos, pois deviam povoar os novos colonos — e eram vários milhares — desde o Rio S. Francisco, ao norte, até o Cerro de S. Miguel, já no atual Estado do Rio Grande do Sul, engrossando particularmente os casais de Destêrro, Enseada de Brito, Laguna, e povoando aquele Estado sulino, que só mais tarde, já constituído, se viria a desmembrar do Estado de S. Catarina. De Destêrro, cuja vida, prôpriamente, só então começou de verdade, lançando aí, como em S. José, como na Laguna, como nos pontos em que se achou localizada, e segundo já foi, com razão, acentuado, os fundamentos reais de povoações que, sem deslustrar confrontos, foram e estão sendo o berço de tantos catarinenses ilustres.

Certo, pois, que se nos desígnios da Corôa, ocupada, então por D. João V, a emigração tinha por fim descongestionar as pequenas e superlotadas Ilhas, ainda assim não deixava de conseguir aqueloutra finalidade, que consistia em procurar “ao Brasil um grande benefício em povoar de cultores alguma parte dos vastos domínios do Estado”, como se lê no edital de El-Rei, de 1747. E se nem sempre, como fôra para desejar-se, prosperou o rude amanho da terra, que já mais tarde, outros braços vieram arrotear, estará o fato nas especiais circunstâncias, ou na própria natureza das coisas, com resultados, portanto, mais ou menos previsíveis, visto como de boa linhagem os primeiros colonos que compunham a primeira leva, de improviso se achavam em contacto com a natureza mais apta, em verdade, não para quem se ocupa de foros de sangue, senão, pelo menos na prática, “para os que se criaram com foice e machado na mão”.

Vindos, porém, em levas sucessivas e numerosas, concorreram para formar o bloco homogêneo — atalalas, por assim dizer, da fronteira —, ali deixando com a implantação dos mesmos costumes, língua e religião, a chave para a solução de problemas que, previstos, talvez, apenas, não deveriam ser estranhos, mesmo para a adequada solução, aos nossos próprios dias.

Natural, também, mesmo independente das circunstâncias de tempo, que não deixasse de merecer a necessária atenção o problema religioso. E, particularmente, pelo estado em que se encontrava, ou pelo modo como se vinha arrastando, em tempos tão ásperos, e em regiões tão distantes do verdadeiro centro propulsor. Compreendeu-o Silva Paes, que, pela sua clarividência, pela sua dedicação e capacidade, levantando fortalezas, arregimentando batalhões, como o famoso Regimento Barriga-Verde, de tão clara e gloriosa memória, todo consagrado ao bem público, mereceu, com justiça, ser considerado e mesmo consagrado “o maior governador catarinense dos tempos coloniais”. Compreendeu-o, lisamente proclamando que a escassez de sacerdotes, tais como os que se requeriam, era “hua falta tão censível e de tantas consequências”. E eis porque, ainda nesse ponto, é incansável em secundar, pelo melhor modo, as ordens que vêm de cima; a procurar a devida instalação aos nomeados para esta empresa, que foram os padres Francisco de Faria e Bento Nogueira, da Companhia de Jesus; a auxiliá-los nos vários misteres, vivamente interessado pela melhor difusão das verdades cristãs, mesmo porque, declarava, “já há muito tempo se não ouviam, por falta de obreiros evangélicos”, — até por que pároco não havia, desde longa data, desavindo, que estava, com os seus fregueses. De sorte que só agora, quasi um século mais tarde, se constituía, com a vida civil, a religiosa prôpriamente dita, difundindo-se a doutrinação, insistindo-se nas verdades austeras, introduzindo-se, com a restauração dos costumes, para o que não faltava o apóio superior, uma vida cristã intensa e generalizada. Missões são pregadas, com grande provei-

Dois séculos dentro do mesmo cenário

(Santa Catarina aos Açorianos e Madeirenses)

Por NUNES VARELLA

"Em meio do Atlântico, colocou a Natureza um canto de terra, por algum tempo oculto aos homens, para um dia lhes dar a idéia do que foram as delícias do Paraíso".

D. JOÃO DA CAMARA

Dois arquipélagos — Açores e Madeira — constituem parte do território do Estado português.

Dessas ilhas, exuberantes e pitorescas, enriquecidas por vales e lagos, cobertas de vegetação luxuriante, vieram os nossos primeiros povoadores.

Há, precisamente, dois séculos que Santa Catarina, então Capitania subalterna, recebeu os casais ilhéus, acostumados a contemplar um panorama extraordinário, pela forma caprichosa do relevo do solo.

Aqui, em terras catarinenses viram também, com a beleza que se decortinava aos seus olhos, a reprodução exata daquele quadro que a Pátria portuguesa lhes oferecia.

A nossa ilha, com os seus lagos e praias, elevações e planícies, era também cercada pelo mesmo Oceano, que envolve os arquipélagos açoriano e madeirense.

O litoral catarinense, com a sua rara beleza, formava um conjunto quase semelhante ao cenário que os nossos primeiros povoadores enamoravam na Pátria distante.

"Não encontro melhor cenário para cantar a glória de Portugal, do que os Açores, nove coros de anjos à volta do trono de Cristo", proclamava do alto da tribuna sagrada, o grande e eloquente Bispo D. Antônio Meyreles.

Um conjunto de elevações, brotadas do seio do mar, eram, e ainda o são hoje, sentinelas avançadas na amplidão do Atlântico.

Minhotos e algarvios e fidalgos das Flandres povoaram as terras encontradas pelas naus de Frei Gonçalo, de onde se desvendou a grande América, as plagas maravilhosas de Santa Cruz.

Dois séculos são decorridos desde que pisaram o sólo barriga verde, vindos de além mar, sofrendo as agruras de penosíssima viagem, os bravos colonos portugueses.

A saudade da terra longínqua, os dissabores, as dificuldades, sofrimentos de toda ordem e tormentos que martirizavam o corpo e o

espírito, não lhes abateram, contudo, a vontade de triunfar nas terras da América.

Disponham-se a superar, com estoicismo, todos os obstáculos.

A nossa colonização começou sofrendo. Nasceu chorando. Sofrimento e lágrima que o ideal de triunfo poderia estancar.

A história do povoamento açoriano tem a sua origem no edital que El-Rei D. João V, mandou publicar, em 1747, nessas ilhas de seu domínio (Provisão régia de 7 de Agosto do mesmo ano), pela qual se atendia a representação dos moradores da ilha dos Açores, que manifestaram desejos de vir para o Brasil.

Pela provisão citada, aos habitantes da ilha da Madeira, foi estendida a determinação real. Deve-se, porém, a iniciativa do povoamento ao primeiro governador da Capitania, que aportou à ilha de Santa Catarina, a 7 de Março de 1739, o Brigadeiro José da Silva Paes, nome que se ligou, intimamente, ao início de uma obra de alta projeção nesta parte do Brasil meridional.

Criada que estava a Capitania, outra solução para um sério e intrincado problema era, sem dúvida, o de seu desenvolvimento, que dependia do povoamento, da colonização. Estávamos sem braços. A terra requeria exploração, notadamente agrícola; o Reino, por sua vez, necessitava, como sempre, de recursos. Portugal, para não morrer, continuava vivendo do Brasil. Porfiava-se, ainda, na intenção lógica de uma conquista territorial definitiva.

Divulgada a provisão régia, e amplamente, verdadeiro edital de alistamento voluntário, iniciaram-se os preparativos para a longa jornada. Levas e levadas de casais ilhéus iam ser transportados. Lá, com intensidade, preparava-se a partida. Aqui, com afã e sofreguidão, preparava-se a recepção da gente portuguesa. É de se imaginar quão difícil para a época, duzentos anos atrás, receber-se centenas de famílias, alojá-las, estabelecê-las. Salam os editais, largamente distribuídos, anexos aos quais figuram as condições de transporte.

É indiscutível que, da parte das autoridades encarregadas do embarque dos povoadores, houve toda providência. Para tanto, diz-

to, começando por Destêrro. Estendem-se, depois, a todas as fortalezas, das quais os milicianos se aproveitam para a desobriga e cumprimento do preceito pascal. Chegam até a Lagoa. Vão a outras localidades, passando das catarinenses às localizadas no Rio Grande do Sul.

Ao brigadeiro Silva Paes sucede o tenente-coronel Manuel Escudeiro, que, como o seu antecessor, deixou um nome altamente respeitado. Coube a d. José de Melo Manuel — executando, aliás, a idéia e o plano traçado pelo Brigadeiro —, assistir ao lançamento, com toda a solenidade, da primeira pedra da nova Matriz, que sucedia à primitiva, "de pequena capacidade e simetria", e que é o venerável e piedoso templo que aí está, em cujo recinto, pôsto que mais vasto, ora assistimos, engalanados os altares na sua feitura rara de entalhe, que tanto reco-

menda a capacidade antiga, e que, reestruturado em 1922, por ocasião do Centenário da Independência; enriquecido de pintura, em 1939; exornado de vitrais, os escolhidos e mimosos vitrais, tão próprios da casa de Deus, com pompa inaugurados a 1º de janeiro do ano corrente, — é o mesmo templo de antanho, com a sua bem acabada e sólida construção, adaptado, embora, como era necessário e se fazia mistér, respeitadas as exigências da técnica, às circunstâncias e condições dos nossos dias.

Então, as festividades e as alegrias do primeiro lançamento. Hoje, o **Te Deum** de ação de graças, pelos longos duzentos anos decorridos. Mas com brilho, com dedicação e glória.

E é justamente para venerarmos os esforços dos homens bons e generosos que nos precederam na caminhada, que aqui nos achamos reunidos. Agradecimentos aos

homens, e agradecimentos a Deus, — aos homens que, não dispondo dos elementos de cultura e civilização atuais, fizeram o que fizeram. Fizeram-no, mercê de reconhecidas qualidades, e ainda, e sobretudo, porque sabiam invocar a Deus. Mas também, já agora, e principalmente ao Senhor, em cujas mãos estão os destinos dos povos e das nações. E o faremos com o conhecido e apropriado canto do **Te Deum**.

Dentro em pouco, por essas mesmas naves, que tantas gerações já têm palmilhado, e onde muitos corações vieram depor os seus queixumes, como traduzir as suas esperanças; segredar tristezas, como externar saudáveis alegrias, ressoará, qual um éco que une o passado ao presente, em vozes de gratidão e reconhecimento, o solene, o tradicional, o litúrgico — **Te Deum laudamus: te Dominum confitemur**.

nos a documentação revelada pelos arquivos, previdência e cuidado, carinho e interesse e, sobretudo, larga visão, como se depreende dos estudos feitos, respeito a uma iniciativa arrojada para a época. Eram instruções claras, muitas delas de um rigor extremo, em que se cogitava não só da vida a bordo, como da que, em terra, deveriam levar os colonos, quando do estabelecimento.

O transporte, naqueles tempos, precários pelo empirismo, pela insegurança, pelo desconforto, criavam na mente do viajante, uma onda de desconfiança no êxito da travessia. O homem se atemorizava ante a vastidão do mar. Tarefa sobre-humana essa. Céu e mar, durante semanas e semanas, numa viagem lenta que duraria meses. Nenhum sinal de terra, desde que as ilhas desapareciam no horizonte. As agruras da viagem dos nossos colonos — sim nossos porque somos irmãos da gente lusa — é um drama, repleto de lances que emocionam. Uma aventura corajosa, épica, edificante. Eles precisavam vir e nós precisávamos deles.

Os Açores estavam congestionados. A densidade demográfica produzia inquietação, reclamos e protestos. Daí resulta o êxodo; uma imigração em larga escala. A verdade, porém, é que, na jornada, sofreram todas as desditas. Muitos que sonhavam viver em terras da América, morreram nas galeras, tendo, como túmulo, o oceano imenso.

Documento interessante e expressivo, que diz respeito ao transporte, é o que se encontra no livro de Provisões, Alvarás e Cartas Régias de 1715 a 1807, fls. 9v.

Vê-se pelo seu texto, segundo JACINTO DE MATOS (Colonização Açoriana, pág. 12 e segs.) quais as condições a serem observadas pelos passageiros, mandantes e Capitães das galeras, iniciando-se o Regulamento com esta introdução:

"Dom João por graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Sr. de Guiné e da conquista, navegação da Ethiopia, Arabia e Persia e da India, etc. por ser conveniente acautelar as desordens que costumão succeder em viagens largas particularmente nos navios em que se transportão mulheres, fazia saber, etc. . . ."

Por tal regulamento, constituído de cerca de 15 artigos, homens, mulheres e crianças e, sobretudo, os responsáveis pela manutenção da ordem e do respeito a bordo, deviam guardar inteira e estrita observância. Era um Código Penal e de Processo, ao mesmo tempo . . .

O rigor, as exigências, chegaram a tal ponto que quem o conhecesse, por antecipação, abandonaria o desejo de embarque e de somos com outras terras, pois a disciplina e a vida, durante o percurso, pareciam insuportáveis, principalmente para as mulheres, verdadeiras escravas.

O sexo fraco, com as exigências reais, tornava-se mais fraco ainda! E o sexo forte perdia toda a sua fortaleza . . .

O monarca português estava sempre atento, vigilante. A colonização açorita merecia seus cuidados. Todas as ordens deviam ser cumpridas para o êxito de uma empresa desse quilate.

Deve-se assinalar, também, que Dom João V de tudo se informava porque antevia, na colonização, resultados compensadores para a economia do Reino. O Brasil tinha sido um achado. Um rico tesouro, cobijado e disputado desde a sua infância. O interesse do soberano aumentou após ter o Corregedor das Câmaras das Ilhas, João Álvares de Carvalho, comunicado a El-Rei, em Setembro de 1747, a inscrição de 2.505 pessoas, a saber: — da ilha de São Miguel 141 casais e 78 solteiros, perfazendo 700 pessoas; da ilha Graciosa 62 casais, que com alguns soldados completavam 373 pessoas; da ilha São Jorge, 245 casais, com 1.432 pessoas, segundo dados divulgados (JACINTO DE MATOS, obs. cit. pág. 16). E, diante de todas as providências, começaram a chegar ao nosso território os primeiros povoadores: — açorianos e madeirenses.

Em carta de 20 de Fevereiro de 1748, Silva Paes escreve ao Reino participando a chegada à ilha de Santa Catarina das primeiras famílias. Estamos, assim, diante do início da colonização. Outros embarques se sucederam. Novas viagens, novas esperanças. A mesma série de dissabores e contratempos. O drama prosseguia no mar e, mais tarde, em terra.

Da Madeira e das Nove Ilhas — as ilhas desconhecidas, como acentua RAUL BRANDÃO, "as nove pedras preciosas dum fulgor estranho; nove esmeraldas suspensas sobre o oceano, presas por ígneas garras petrificadas, saídas do abismo, forjadas no seio dos vulcões" (GERVÁSIO LIMA, A Pátria Açoriana, pág. 53), saíram, por várias vezes, contingentes de bravos irmãos, os povoadores do nosso solo que tinham, para o trabalho, a zona demarcada entre o Rio de São Francisco do Sul e o Serro de São Miguel.

É de se salientar, respeito às providências que se tomavam, a ação enérgica e eficiente de Silva Paes, que teve a sucedê-lo na administração da Capitania, o Coronel de Infantaria Manoel Escudreiro Ferreira de Sousa, portador para o alto cargo de patente régia de 15 de Setembro de 1748, em cujo governo chegara a segunda leva de colonos, como afirma LUCAS ALEXANDRE BOITEUX, em suas Notas para a História Catarinense, pág. 224.

José da Silva Paes, o brigadeiro audaz, homem com visão de estadista, cónscio de seus deveres e responsabilidades, desempenhou papel saliente em seu período, na era açoriana.

"A este militar ilustre, escreve com autoridade e erudição o brilhante pesquisador da nossa história, o historiador OSVALDO RODRIGUES CABRAL, deve em verdade Santa Catarina a sua criação, pois embora tivesse chegado ao seu governo um ano depois da criação da Capitania, foi quem, tão logo chegou, deu os primeiros passos para a organização da sua vida civil, criou as repartições necessárias, projetou a construção dos edifícios mais necessários, Casa do Governo, Fortalezas, Matriz e outros "Depois do que, tratou de dar povoadores para a terra ainda pobre de gente" (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1º semestre, ano de 1943, pág. 10).

Segundo os dados que nos fornecem JACINTO DE MATOS, BOITEUX, ALMEIDA COELHO e OSVALDO CABRAL, em abalissados trabalhos, fruto de rigorosa pesquisa, chega-se à conclusão de terem aportado a Santa Catarina, na época assinalada pelos desembarques, cerca de 5.000 pessoas, vindas em cinco remessas, e procedentes do arquipélago.

Abriam-se, ao que as circunstâncias indicam, com o povoamento açorita e madeirense, novas perspectivas ao nosso desenvolvimento.

A floresta virgem orlava o litoral e uma penetração para o sertão, para o sul, daria margem a que a terra produzisse, exterminando-se a asfixia de povos e vilas que se mirravam debruçadas sobre o oceano, tendo no entanto, a poucos quilômetros, terra ubérrima, reclamando amanho, pedindo braços, num convite ao trabalho.

Essa a luta que se travava, nas terras de Santa Cruz, com dois séculos apenas de existência, mas com longas páginas, escritas com heroísmo e abnegação, onde a cobiça e o sonho da riqueza rápida atravam o homem para o hinterland.

O branco e o preto, marchando para o sertão, em busca de ouro, dos diamantes e em busca da morte. Os mais afoitos e esperantos voltavam ricos; outros não voltavam mais. Os que trabalhavam ficavam pobres e os que pouco ou nada faziam, enriqueciam.

O açoriano ou o madeirense não era um forte, como o sertanejo da tese euclidiana, mas com ele começou a vida nestas terras da antiga vila de Nossa Senhora do Desterro.

Ao Ilhéu, é inegável, deve-se grande parte da nossa formação social, política e econômica no Brasil meridional.

O Brasil, durante séculos, dependeu de Portugal, mas não é menos verdade que Portugal vivia do Brasil. Precisava do Brasil.

Na história do povoamento e colonização do Brasil, o português e notadamente o açoriano, que é o luso legítimo, ocupa lugar de relevo, pelo arrojo, pela tenacidade e pelo idealismo.

As migrações açoritas foram várias. Há, em toda a costa de Atlântico, das Gulanas ao Prata, sinais de sua passagem ou permanência.

Cem anos antes de desembarcarem em Santa Catarina, ou seja por volta de 1648, já o Conde de Castanheda, do Conselho Real, via partir a seu pedido, 100 casais constituindo 500 pessoas, que se destinavam ao Maranhão. Eram açorianos, da pequena ilha de Santa Maria.

Estima-se em cerca de 16.000 açorianos, incluídos nesse número os madeirenses, entre homens, mulheres e crianças, que cruzaram os mares, em vários rumos, estendendo-se, ramificando-se, fixando-se "pelas praias desertas e pelas florestas espessas, pelos sertões agrestes e montanhas alcantiladas, onde a vida periga no contato das gentes e dos animais bravos, nas febres palustres e arremesadas pelos pântanos e pela insalubridade do clima". (G. Lima, obr. cit. pág. 144).

Pelo Pará, Maranhão, Bahia (Porto Seguro e Rio São Francisco), Rio Grande do Sul espalhou-se, também, a gente portuguesa, saída do arquipélago, que tivera berço nas ilhas açorianas, as ilhas do Infante, na denominação de GUILHERME DE MORAIS.

Em nosso vasto território, o grande império "não há povoado ou vila, edificação, monumento, tudo quanto exija trabalho, esforço, energia, que não tivesse a construí-los, a cimentá-los, braços rijos de açorianos, suor, sangue, ossadas, cinzas de laboriosos filhos do arquipélago".

A corrente imigratória, ali, sempre foi acentuada. Em uma das ilhas, a Terceira, chegou-se a proibir, mais tarde, por alvará, "a saída de pessoa alguma", sem motivo justificado. Outras migrações de ilhéus demandaram, outrossim, outras terras. A gente açoriana não deixava de possuir o chamado "zêlo civilizador da colonização" e o instinto dos navegadores antigos.

Antes, a densidade demográfica apavorava. Depois, com o passar dos anos, o êxodo inquietava. A luta do açoriano começava com a partida. Ora, no mar, em frágeis veleiros que saltitavam nas ondas, ao sabor dos ventos. Ora, contra a Natureza adversa. Essa luta gigante sempre sustentou, também, em terras de Santa Catarina, um elemento bravo, denodado, varonil, desde os primórdios da nossa colonização e por ela em fóra, o elemento caboclo, valoroso, leal, es-

teio da nacionalidade. Desprezado e afoito, valente e lutador, o "pioneiro esquecido" na expressão de OSMAR ROMÃO DA SILVA. Outras gentes, de outras terras, seguindo as pegadas do lhéu, aqui aportaram. Lutaram, venceram. Deus sabe dos sacrifícios.

Açoriano era o bandeirante Peixoto que, para os domínios da Corôa de Portugal, conquistara 400 léguas de terreno à sua custa, asseguradas que estavam pelo tratado de limites com a Espanha, numa penetração que durara 13 meses. Peixoto, com tantos outros açorianos, viajou por conta própria, sustentando-se de caça e pesca. Para variar de alimentação, alterando o cardápio diário, a contragosto, e ante o alimento que às vezes lhes rareava, conheceram os que acompanhavam o bandeirante, na interminável viagem de conquista, um novo prato, até então desconhecido da famosa cozinha portuguesa. Banquetearam-se de postas de cobras...

No momento em que se comemora, festivamente, o 2º Centenário do Povoamento de Santa Catarina, é nosso dever enaltecer o valor da heróica gente, espalhada por todos os recantos do mundo, não se lhe podendo negar a intrepidez e o denodo, "verdadeiros operários da civilização". Navegadores, colonos, guerreiros, artistas, apóstolos, marinheiros, atravessaram os mares e palmilharam continentes.

A fixação do homem à terra, nesse caso, os dos colonos recém-vindos, representou tarefa ingente. Cautela e perspicácia, para que redundassem em êxito a aspiração do Reino e os planos de Silva Paes. Os seus desejos e os seus sonhos. Assim esperava Manoel Escudreiro, em cujo governo chegou a segunda leva estimada em 1.066 pessoas.

Estávamos nos primórdios da colonização, quando da mudança de governo. Justamente nessa época, criou-se a ouvidoria de Santa Catarina, independente da de Paranaguá.

Várias povoações a esse tempo foram fundadas. O elemento colonizador fôra se espalhando. Era a civilização em marcha.

No continente, tivemos a fundação da Enseada de Brito, em 1750; São Miguel, em 1751; São José, em 1752; Vila Nova, no atual Município da Laguna, entre 1751 e 1752; e na ilha, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Santo Antônio, Rio Tavares e Ribetrão. Foram póvoas e núcleos que surgiram impulsionados pelo braço do lhéu, cujo desenvolvimento se acentua na segunda metade do século XVIII. Plantando povoações, civilizando, o homem do arquipélago entrava a expandir-se.

Antevia-se com acerto o êxito da colonização, embora já nos albores do século XVIII aqui tivessem vindo algumas famílias do norte, sem a expressão quantitativa das açorianas. Tivemos, com isso, uma tentativa de colonização, que mais parecia um desejo de conquista, representada por uma penetração paulista, sem o porte e o vulto da migração portuguesa.

A vida do lhéu, na terra, não foi risonha. Foram sujeitos os povoadores, ao chamado regime de caserna, afirmando as crônicas coevas que "êles foram ignobilmente oprimidos, explorados e expulados". Escreve JACINTO DE MATOS que não viram os açoritais cumpridas as promessas feitas a deixar os pátrios lares, para tentar a aventura em o novo continente e nem a respeito corresponderam alguns governantes às intenções que então tinha o monarca português". (Obr. cit. pág. 24).

O regime de caserna a que a História faz referência, era aquele pelo qual eram os colonos obrigados ao serviço militar, ou seja o ingresso compulsório nas forças pagas, com a obrigatoriedade, ainda, da construção de fortalezas, trincheiras, estacadas e edifícios públicos. Houve, pois, uma mobilização, procedendo-se ao recrutamento em massa, para que fôsem preenchidas as vagas existentes na tropa. No sul, a esse tempo, guerreava-se com os espanhóis. O contrário, porém, estava escrito e abertamente se apregoara nas ilhas. Os mancebos ali recrutados vinham na ilusão de que seriam isentos do serviço militar. Espingardas eram prometidas, juntamente com ferramenta completa, a cada casal, além de sementes e gado destinados ao início da lavoura. E note-se os açorianos dedicam-se à agricultura, sem serem verdadeiramente agricultores. Não possuíam pendores atávicos.

A cada casal assegurava-se a quantia de mil réis, por filho, para a vestimenta. É inegável, portanto, que aquela época, já se falava em abono familiar... Terras, — meia légua em quadro —, mantimentos, dinheiro a título de ajuda de custo, constituíam dádivas reais. Assim atraídos, muitos dêles sonhavam com riquezas. Os mais precavidos, entretanto, desconfiavam de tamanhas ajudas.

Na ilha, há dois séculos, houve um reboliço. Uma onda de expectativa, em todos os recantos, determinada pela chegada da gente portuguesa. Verdadeiros senhores da futura terra, como sonhavam, mas escravos do trabalho. As terras da América, assim mesmo, para uns era ilusão, para outros uma esplêndida realidade que se ia concretizando.

Relata LUCAS BOITEUX, nas suas "Notas" que "com a colonização açorita e madeirense a ilha de Santa Catarina e o continente fronteiro a florescer vantajosamente e as encostas dos montes e os vales húmidos cobriam-se de pomares e hortas. Por toda a parte ouvíam-se as pancadas fortes dos machados ferindo o riço cerne das

árvores colossais, o ruído metálico das enzadas limpando a terra virgem. Apareceram as primeiras atafonas, os engenhos de açúcar e farinha". Dedicaram-se os colonos à cultura da cana de açúcar, cereais e legumes.

A colonização prosseguia, apesar de desgostos e desilusões.

Data daí a criação de teares, usando os habitantes os primeiros tecidos de linho e algodão, que mais tarde seriam exportados para o Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A própria cultura do cânhamo foi iniciada, destacando-se a do algodão que se procurou incrementar, haja vista o edital de Dom José de Melo Manoel, de 1754, que se tornou conhecido das populações, chegando-se à nomeação de um superintendente das plantações. A cultura do algodão, como se observa, merecia cuidados especiais. Impunha-se pena a queza dela descuidasse, mormente porque a cada agricultor fixara-se a obrigatoriedade do plantio de 100 pés de algodoeiros, numa área de 50 braças de terra, o que implica em afirmar-se que todas as glebas deveriam conter a planta, verdadeira riqueza já àquele tempo estimada.

Lavrava-se a terra que era dadivosa. O suor do colono regava a gleba, abrindo caminhos para a sua emancipação. Trabalhava-se, não há a negar. Entretanto, diz-nos ainda o erudito OSVALDO CABRAL: — "apesar dos esforços e das imposições, pouco adiantava o desenvolvimento da terra alicerçado na sua prosperidade agrícola: — os moradores continuavam tão pobres, quase, como quando haviam chegado, tão pobres que nem mesmo podiam pagar padres que os assistissem".

Uma das culturas mais desenvolvidas era a da mandioca. Exigia-se, porém, demais. Constitua obrigação dos colonos entrarem anualmente para os Armazéns Reais com a sua quota, que fôra arbitrariamente estipulada pelos comandantes dos distritos. Somente em 1801 é que o Governador General Joaquim Xavier Curado — o segundo brasileiro que administrou a nossa terra — aboliu esse sistema, estabelecendo outro menos oneroso, evitando-se com isso que as terras fôsem de todo abandonadas.

No entanto, o recrutamento em massa de colonos para os campos de batalha, no sul e as "contribuições forçadas de produtos de lavoura", com que eram alimentadas as tropas em vários pontos do território, foram fatores que, entre outros, preponderaram para o desânimo dos colonizadores e o fatal insucesso da empresa.

A agricultura, a esse tempo, porém, já não vingava. O colono era pobre, trabalhava e continuava pobre. Acumulavam-se os fatores determinantes da decadência que se avizinhava.

Por volta de 1790 a situação na ilha já era de acentuada penúria. A miséria rondava as portas e alarmava a Côrte. O Conde de Rezende, preocupado com a situação aflitiva dos moradores — inclusive mesmo alguns colonos — procurava contornar o problema, sério sob todos os aspectos. O pauperismo se generalizava. Rezende sugere medidas que resultaram infrutíferas. As cartas de Rezende à Câmara, datadas de 1790 e 1795, dizem expressivamente desse estado lamentável a que havia chegado a região.

Mas a tendência já era para o fracasso. Faliram os objetivos. Triunfaram, apenas, os planos. A colonização agonizava. A economia da colônia estava anêmica. Rezende, bem intencionado, previdente, preocupado com o quadro que a realidade estava oferecendo, insistia nas explicações e as desejava circunstanciadas, indagando, em dramático apêlo, das "origens e motivos da decadência".

Temos que essa decadência não estava totalmente ligada à indolência ou desamor ao trabalho, sinão mesmo às condições peculiares à época, à orientação que se imprimia, que teve como resultante lógica o abandono da colonização, que, a princípio, apresentava um panorama sorridente.

Regrediu-se, portanto, vários decênios em nossa vida econômica, cuja recuperação urgia fazer-se por outros métodos, mais racionais e produtivos.

A agricultura exige pertinácia, trabalho, sacrifício, estímulo e — porque não dizê-lo vocação. Não basta fazer agricultura ou simplesmente plantar, e sim saber plantar, para colher. Colher e vender. Ao açoriano faltou estímulo.

(Conclui na última página)

ANTÔNIO NUNES VARELLA. É advogado e jornalista. Nasceu em Laguna, a 16 de Fevereiro de 1911. Trabalhou, quando estudante, nos jornais florianopolitanos. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Catarina em 1939, foi promotor público de Joaçaba. Deixou o cargo para disputar a eleição de deputado estadual pelo Partido Social Democrático. Eleito, foi escolhido líder da bancada na Assembléa Constituinte e, depois, na fase legislativa. Representou a Faculdade de Direito em 1936 no Primeiro Congresso Jurídico da Bahia, sendo escolhido por concurso. Apresentou e defendeu a tese "O homicídio por compaixão altera a responsabilidade penal"? Representou a Faculdade no Congresso Pan-Americano de Estudantes do Rio de Janeiro, em 1939. Foi presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro e foi escolhido orador da turma que se diplomou em direito. Representa a Assembléa Legislativa no Congresso de História Catarinense, que ora se realiza nesta capital.

SANTA CATARINA,

FANAL AUGUSTO DA EMIGRAÇÃO AÇÓRICA

ALEXANDRE AMARAL

(Jornalista açoriano)

Antemanhã.

Pela atmosfera da terra, perpassa um murmúrio suave, vindo dos lados do mar.

A vaga embevecida, em sorrisos de espuma, se espalha nas areias claras, e a brisa sutil, impregnada de agradáveis eflúvios, movimenta as frondes e os caules flexíveis das plantas floridas.

As águas do mar quase que não baloioçam e dos longes da paisagem, ainda envolvida na talagarça de sombras da noite, já se percebem doces tonalidades a comporem-se em escala, pela natureza das sementes, no emaranhado da luxuriante vegetação, nos socalcos e veredas e nas distendidas e longas planícies verdejantes.

No friso do horizonte, dum ténue azul, enfunadas velas sangrando a Cruz de Cristo, denunciavam naus intrépidas que vêm agora singrando águas pacíficas e dormentes, fervorosamente apetecidas.

A embaixada náutica, cautelosamente se avizinha e lentamente se aquieta nos ancoradouros da praia magnífica e almejada. Então, um rumor de sobressalto, de expectativa e êxtase, repercute a ansiedade da predestinada Ilha de Santa Catarina.

São caravelas lusitanas — são as fortes gentes do mar que, na líquida superfície de águas revôltas, abrem os caminhos do porvir, a rota das glorificações, dos empreendimentos, do futuro!

Em todo o redor a perplexidade!

Fogem dos copados os pássaros sonolentos.

Quedam-se do porfiar de murmúrios as águas cristalinas das fontes murmurantes. Já as claridades do dia se acentuam e mancham de luz a terra úbere e iluminam de tons doirados e reluzentes todo o litoral da Ilha sonhada e benquista.

São êles que chegam — os casais açoreanos.

Vêm do outro lado do mundo, sulcando a avenida das ondas, arrostando inclemências e intempéries sucessivas, de permeio a fomes prolongadas e mortificações de enjôo: a emigração açoreana, confiante e sofredora, faminta mas animada de fé, pisa, assim, pela primeira vez a terra santa e promettedora e, bendizendo o pôrto de salvamento, glorifica as alturas e



agradece a Deus a benesse da recompensa: — Santa Catarina, terra da promessa.

Luz que estonteia.

Que profusão de permeadas cores leves, se destaca, umas das outras, pela variedade vegetal!...

As combinações tantíssimas do verde, que é carregado nos milharais a diluir-se na cevada é quase um vislumbre nas crescidas searas erguidas à luz a sazouarem.

Beleza de terra que se dá a profícuos labôres e se cobre, nas quadras do tempo — tal como pretenciosa moça a alindar-se — de diferentes tons de indumentária campesina; veste-se dessa riqueza deslumbrante que é o agasalho, o esteio, o passadio de todo o sêr.

Benditas terras catarinenses que germinais, a contento do Criador, espécies muitas de sementes a alimentarem o ínfimo e vaidoso pó.

Terra, és o princípio e és o fim do viver humano. Parece que, ao receberdes a honrada transpiração do lavrador, a fundes, orgulhosa, numa comunhão de poeiras, como a avivar esta flagrante verdade:

"Memento homo quia pulvis es".

Beleza de terra, fecundo manancial de sustentos; germinas e transformas, pelo matrimônio da luz com o pó, pelo enlace da chuva com a terra, a grandiosidade infinda de toda a planta.

No quase momento dos teus caules se erguerem a entreabrirem corolas de côres — numa ânsia de luz — se desengastam os círculos de sépalas, se volatizam os inebriantes perfumes e se desprendem para, à sua vez, contribuírem para a formação de novas seivas, coloridas pétalas fenecidas.

A olhar-te, extasiado da tua infinita harmonia, o açoreano de 1700, respirando capitosos odores das tuas flores de inúmeras sortes, teria dito, numa apoteose de sinceridade:

"Rien que la terre".

A beleza da luz e da lágrima da natureza, cumprem contigo — bendita terra de Santa Catarina — a sublime missão do germinar.

Assim é no cérebro a luz do espírito acalentando pensamentos de vulto a germinar a suntuosidade da idéia.

Assim no coração — fonte autônoma de sentimentos vários — a lágrima do sofrer, fecunda o pungir doce da saudade, pulsa a suavidade da ternura, movimenta e expande o afeto e gera em resumo o amor.

Assim no amor, a pureza do sentir envolvida na claridade da alma, imiscuida na grandeza do carinho, impregnada da sutileza do desvelo, gera o sofrimento que é a vida — a única razão do sêr.

A luz da natureza, a luz do espírito, a luz da alma, casando-se com o choro do orvalho, com a lágrima da saudade e o pranto da amargura, divergindo e convergindo aquela, embebendo-se e evaporando-se esta, ambas na terra,

BARRIGA-VERDE

AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Define o Sr. Cândido de Figueiredo **Barriga-verde** do seguinte modo: "Designação depreciativa dos habitantes do Estado de Santa Catarina, Catarinense".

Tenha paciência o ilustre filólogo, mas sou forçado a opor-lhe formais embargos, afirmando-lhe que provavelmente algum mal informado o induziu a grave erro.

Na minha qualidade de barriga-verde, tenho muita honra e prazer em o lembrar, arvorou-me em procurador de meus coestaduanos para refutar a inverdade publicada pelo Sr. Cândido de Figueiredo. Não posso deixar passar o ensejo desta retificação.

Barriga-verde, quem o ignora? é tão depreciativo quanto capixaba para o espírito-santense, carioca para os filhos da muito heróica e leal cidade sebastianense, guasca para os rio-grandenses, paraoara para os belemnenses da velha estirpe. Pois se é até alcunha amistosa,

nascida da recordação honrosa dos feitos de um regimento tradicional de Santa Catarina, organizado em princípios do século XVIII e em cuja farda figurava vistoso colete verde!

A história deste corpo se filia uma das belas passagens do anedotário dos fastos militares brasileiros: o episódio do alferes José Correia da Silva que, arrancando da haste a bandeira do regimento, enrolou-a no ventre e, mil vezes arriscando a vida, nadou da ilha de Santa Catarina ao continente, para impedir que o estandarte dos Barrigas-verdes caísse em poder dos espanhóis, por ocasião da capitulação vergonhosa da praça, em 1777, quando Furtado de Mendonça se rendeu, sem resistência, a D. Pedro de Ceballos.

Barriga-verde é até tratamento carinhoso entre catarinenses ou catarinetas, outra alcunha amistosa.

Como fôsse eu visitar o Dr. Hercílio Luz, o recém falecido presidente catarinense, na última viagem que a S. Paulo fêz, convidou-me êle, com a lhaneza e afaabilidade que tanto eram suas, a passarmos aos seus aposentos reservados, no Hotel Terminus. "Entre sem cerimônia", disse-me. "Estamos em família. Somos todos barrigas-verdes".

Como houvesse eu nascido em Santa Catarina, quando meu Pai presidia a Província, alguns amigos seus, amistosa e pilhêricamente, chamavam-me "infante barriga-verde". E isto fazia sorrir o progenitor do pequeno barriga-verde.

Muito embora as circunstâncias da vida me hajam feito sempre viver fora do meu Estado natal, estou certíssimo e afianço até que nenhum dos meus patrícios se sente ofendido ao se ouvir chamar barriga-verde. Pelo contrário...

resumem a existência de tôdas as coisas — de tudo.

A terra é a "Mater purissima" da natureza inteira.

É o foco propulsor dos grandes ideais; a fonte emanadora de sentimentos grandiloquos; a origem transmissora do puro e honesto amor.

Mais plena de magia é a sinceridade afetiva da rudeza do teu lavrador. Mais plena de formosura é a tua cabocla, afogueada da intensidade luminosa a deparar-nos uma imensa frescura; e é mais viçosa que a altiva e asoberbada esfinge da mulher citadina que ludibria aparentando

uma fictícia beleza de preparados químicos.

Beleza de terra, que és o estupeando crânio dos miseráveis cérebros humanos, pôsto que os agasalhas, iluminas e os encaminhas para o porvir.

Terra — sobre a ternura do teu maternal cuidado; cérebro — sobre a tua inspirada e trabalhada idéia; coração — sobre a tua sentimental vontade; amor — sobre o padecer do teu mísero pó, triunfa sempre a ilimitada vontade das alturas.

E eu te bendigo, oh! terra de Florianópolis, que acalentas em teu regaço florido a fidalga estirpe duma intelectualidade de lei;

os mais altos expoentes do saber humano; os mais sensíveis corações de vates; os mais primorosos escritores e publicistas e te exalto nesta hora sublime do Congresso de História da Colonização Açoreana, no espírito do teu povo, de teus doutos filhos, que à maneira antiga e fidalga, definindo um alto sentimento de bondade e amor, se curvam, ainda generosamente, nesta data gloriosa de dois séculos volvidos, sobre a chegada dos casais açoreanos, a oscular, na mão do tempo, a lembrança peregrina dos povos humildes da minha Pátria.

Que Deus seja contigo!
S. Paulo, agosto de 48.

DISCURSO DE PARANINHO

NEREU RAMOS

Meus jovens colegas,

Pela mercê de vos servir de paraninho nesta solenidade, não vos deponho as mãos em agradecimento frio e de simples cortesia. Nêle, muito ao revés, ponho alma e coração inteiros, porque, retirando-me do âmbito torturante da vida político-administrativa, onde se me vão gastando, a serviço da comunhão catarinense, as energias físicas e intelectuais, me restituiu, embora por instantes ligeiros e fugazes, àquela "profissão ideal" de que falava o luminoso Domenico Giuriati, a qual me marcou a personalidade de traços que Deus não permitirá se desvanescam e se apaguem com o perpassar vertiginoso dos anos.

Não vos direi segredo, se em voz alta e clara vos afirmar que a advocacia, no que ela exige de combatividade e de bravura moral, de lealdade e de independência, de desinteresse e de desprendimento pessoal, de energia e de firmeza de atitudes, de capacidade de trabalho e de agilidade mental, devo o êxito da minha carreira política.

E devo-lhe ainda, graça não menor, o lugar que, logo ao início de sua fulgurante e benemérita existência, me reservou a Faculdade, que a perseverança inteligente de uns, a confiança animosa de outros e o esforço abnegado de tantos vêm iluminando e engrandecendo.

Participo assim, em alguma maneira, da fortuna de Impalomeni, de quem Emanuel Carnevale dizia ter do político apenas o lado exterior, porque a substância era a do lutador do direito.

Para felicidade minha, estou dessarte em condições de aconselhar que vos consagreis devotadamente a essa incomparável e inconfundível profissão, ou à magistratura, sua irmã gêmea, porque se o juiz declara o direito, o advogado, preparando-lhe o trabalho, lhe aclara o roteiro e facilita a caminhada.

Inseparáveis, porque se nutrem da seiva da mesma árvore generosa, os juizes e os advogados servem igualmente à paz social, em praticando ou realizando o direito, que é a expressão da vontade coletiva.

Escreveu Voltaire, na limpidez costu-

meira de frase transparente, tão à feição da sua gente, que a mais bela função da humanidade era a de fazer justiça. Há, por isso, de vos solicitar insistentemente a vontade e convocar a inteligência essas duas profissões, a de juiz e a de advogado, uma apaixonada e dinâmica, outra serena e tranqüila, esta de mais austeridade e renúncias, aquela de maiores emoções e de mais vivacidade, mas trabalhando ambas o mesmo alto objetivo e mirando ao mesmo nobre ideal de semear e impor o direito, instrumento e garantia de coexistência e de equilíbrio sociais.

Em qualquer das duas, porém, só vos elevareis, envolvendo em fama a vossa Escola e em prestígio o vosso nome, se nunca esquecerdes a sãbia e experiente advertência de Alcântara Machado: "o curso de direito não termina, como vulgarmente se pratica ou se entende, com a expedição do diploma".

Em realidade, com esse ato começa-lhe a parte mais áspera e mais árdua, porque é a destinação de uns para os embates e competições da advocacia e a de outros para, como órgãos autorizados do poder público, ou representantes a sociedade e defensores a lei ou darem a cada um o que lhe pertencer.

Se não quiserdes ficar entre os que a mediocridade adia pequena e esconde, teréis de dar ao estudo do direito, assim ciência, como arte, a constância beneditina de esforço insone e a pertinácia teimosa de trabalho indormido, que aí está verdadeiramente o segredo dos grandes e reais triunfos profissionais.

"Os juizes, como os advogados", disse-o, em solenidade como esta, Pedro Lessa, de quem se não pôde ainda afirmar com justo critério onde fora maior, se na cadeira de magistrado, se na cátedra de professor, ou na banca de advogado, "deveriam compulsar os livros da sua ciência com a mesma religiosa assiduidade cotidiana com que o sacerdote escrupuloso manuseia o seu breviário".

A Escola deu-vos apenas o roteiro da longa, lenta e porfiada peregrinação que vos incumbirá através de doutrinas sempre renovadas e de códigos a que as condições sociais ambientes dão sentido e significação de vida e movimento. Assim

que, se vos aprouver preparar das próprias mãos a moldura de vitorioso destino profissional, teréis de fazer dos livros os inseparáveis e insubstituíveis companheiros das vossas vigílias e das vossas madrugadas. Eles, tão somente êles, êsses inigualáveis amigos das horas de tristeza e de saudade, como das horas de euforia e de contentamento, garantir-vos-ão as emoções fecundas do êxito e do triunfo e vos premiurão contra desenganos e decepções de que é farta a advocatura, porque não raro ganha o causídico a causa que era de perder e perde lastimosamente a que era de ganhar.

Fazei, se a magistratura fôr a carreira da vossa preferência, por vos não inscrever entre aquêles juizes de quem a pena gloriosa de Leão Tolstoi fixou o exemplar, no contar que para anular ou confirmar as decisões, certo juiz tomava o número de ordem da primeira folha que lhe caía aos olhos, fazia a adição das cifras e pronunciava-se pela anulação, se o total era divisível por três, e pela confirmação, se indivisível.

E, se rumardes para a advocacia, não vos contenteis de ficar entre os leguleiros que, no pretório, rabulejam, supondo que o direito é a sombra da vara torcida.

Não bastam, porém, àquêle intento os livros jurídicos. Imperativo lhe é também o trato ininterrupto das boas letras, sobretudo dos bons escritores vernáculos, porque sem êle jamais adquirireis aquêles predicados essenciais que as Mercuriais régias do século 16 somavam elegantemente no *ut vere, breviter et ornate dicant*.

Sei-o de sobejo: não são novos êsses conselhos, nem vos são desfamiliares, que os ouvistes repetidamente aos vossos mestres. Não é mal, porém, que vos sejam aqui recordados por quem doutro ângulo da vida pública vem angustiadamente observando e palpando o atrevido desapeço em que caiu não só o estudo dos princípios gerais de direito, senão ainda o das letras clássicas, que tanto lustre dão à inteligência e tanta clareza e lucidez ao pensamento.

Paralelamente a essa desestima caminho o desprestígio dos cultores do direito. O bacharelismo palrador e oco entrou de

NEREU DE OLIVEIRA RAMOS. Nascido a 3 de Setembro de 1888, em Lajes, Santa Catarina. Fez os seus estudos de humanidades no Ginásio de N. S. da Conceição dos padres da Companhia de Jesus, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Formou-se em Direito em 1909, pela tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Logo depois de formado abriu escritório de advocacia em sua cidade natal. Em 1911 e 1912, esteve em missão diplomática na Europa. Regressando ao Brasil, reabriu seu escritório de advogado em Florianópolis. Em 1911 foi eleito Deputado estadual, renunciando no ano seguinte o mandato por ter seguido para a Europa. Em 1918 foi novamente eleito para a Assembléa do Estado. Dedi-

cou-se ao jornalismo, tendo dirigido vários órgãos da imprensa do seu Estado. Por ocasião da campanha da Reação Republicana (Nilo Peçanha), foi um dos chefes daquele movimento cívico. Mais tarde, participou da Aliança Liberal, como um de seus líderes. Eleito Deputado Federal pela oposição em 1930. Em 1933 foi pelo seu Estado enviado à Assembléa Constituinte, na qual lhe coube fazer parte da Comissão Constitucional, relatando o capítulo referente ao Poder Judiciário. Restabelecido o regime constitucional no país, voltou ao Congresso, como Deputado Federal por Santa Catarina em 1935. Em Maio desse ano recebeu de seus coestaduanos o mandato de Gover-

nador, que exerceu até 1937, ano em que foi nomeado Interventor, posto em que continuou a administrar Santa Catarina até Outubro de 1945. Nas eleições de 2 de Fevereiro desse ano recebeu o mandato de Senador, em cujo exercício tomou parte nos trabalhos da Assembléa Constituinte de 1946, sendo escolhido para líder da maioria e Presidente da Comissão de Constituição. Promulgada a nova Constituição, foi eleito Vice-Presidente da República, cargo em que lhe cabe presidir o Senado Federal. É professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Santa Catarina, membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico.

O PLANTIO DO TRIGO

MANFREDO LEITE

As magníficas condições climáticas e a fertilidade das terras de Santa Catarina estão, há muito tempo, reclamando e exigindo se lhes dê todo carinho e se lhes dispense toda assistência. Um dos grandes problemas que o Brasil precisa enfrentar corajosamente e resolver é o problema econômico. Faz-se necessário procurar por todas as formas a sua independência econômica. É uma inferioridade vivermos sob a triste necessidade de ir buscar alimentação, em outros países, quando no imenso território, em que vivemos, podemos encontrar tudo em larga e copiosa fartura. Está demonstrado, por exemplo, que a área, propícia à plantação e produção do trigo, é bem maior que a área argentina. Somos, entretanto, vassallos do trigo argentino e do trigo norte-americano. A nossa incúria e a nossa displicência fazem de nós objetos

de humilhação. Já é tempo de nos levantarmos. Urge plantar. O Estado de Santa Catarina é destinado a constituir um abundante celeiro de alimentos. Está provado, até a evidência que o trigo deve ser planta não exótica mas muito familiar e amiga nas terras catarinenses. Quem terá pensado na assombrosa uberdade do vale do Aranguá? Quem terá devidamente avaliado a riqueza das baixadas do Tubarão e Itajaí? Municípios no-

MONSENHOR JOÃO NEPOMUCENO MANFREDO LEITE. Nasceu em Florianópolis, a 16 de maio de 1876. Fez estudos preparatórios no Colégio dos Padres Lazaristas, em Caraças, Minas Gerais, e superiores no Seminário de São José, no Rio de Janeiro. Foi vigário de São José. A convite do saudoso Bispo de São Paulo, D. José de Camargo Barros, foi para a capital paulista, onde permanece até hoje. Rege as cadeiras de francês e retórica do Seminário Diocesano. Representou o Estado de Santa Catarina no Congresso Científico Latino Americano, por designação do Governador Vidal Ramos. Foi o próprio Lauro Müller que o apresentou ao referido congresso, onde Manfredo Leite foi uma das principais figuras. Entre suas obras publicadas contam-se: "Seara", "Duas Almas" e "Santa Teresinha do Menino Jesus". Fez orações fúnebres da Princesa Isabel, de Pedro II e de Rui Barbosa. É membro da Academia Paulista de Letras.

vos, como o município de Caçador, encerram riquezas fantásticas. Eles produzirão em larga escala o trigo. Eles serão suficientes para o abastecimento da população catarinense, e ainda poderão exportar abundantemente as suas sobras. Neste momento, há no Brasil um grande movimento em torno do plantio de trigo. Faz-se preciso que as forças de todos os brasileiros se congreguem, se enfeixem num grande surto de vontade pertinaz e enérgica. Todos devemos auxiliar a boa vontade do governo, empenhado em levar a um resultado eficiente e real o plantio do trigo. Santa Catarina deve esforçar-se em plantar o trigo de maneira que as suas searas possam flutuar nas suas risonhas colinas e nos seus vales verdejantes. As searas hão de trazer a beleza da terra, a alegria dos lares, a riqueza das famílias e a opulência do Brasil.

ser alvo predileto da incompetência maior de quantos confundem a essência e a razão das coisas com as falhas e as culpas dos homens.

O Brasil precisa de "elites" e, portanto, de bacharéis. Em toda parte do mundo, por sua formação intelectual, pela natureza e amplitude de seus estudos, pela excelência construtiva da atividade dos que representam verdadeiramente a classe, os cultores do direito sempre estiveram entre os mais aptos à direção da coisa pública.

Não há, portanto, desmerecer, antes louvar e aplaudir a iniciativa dos que a fundaram e a alta compreensão dos que mantêm a Casa que vos titulouse para as lutas da vida e para o serviço da lei e da justiça, que tanto vale dizer para o da terra e da gente brasileiras.

Hoje, mais do que nunca, se impõem o amor do direito e o culto da justiça.

Na reconstrução do mundo, após a inevitável derrota dos regimes que prepararam e deflagraram a grande catástrofe.

imensa vai ser a obra pacificadora do direito. Competir-lhe-á, como força de equilíbrio dentro e fora das fronteiras territoriais das Nações, trazar os rumos pelos quais os homens e os povos nortearão a sua vida de relações, eliminando os motivos políticos, econômicos e sociais que ocasionaram e determinaram a guerra. Sem o império absoluto do direito e o repúdio completo da força não se construirá o mundo melhor, que é a aspiração suprema das consciências cristãs e dos homens livres.

O sentido democrático da vida é a bandeira que nesta hora une e congrega para a vitória as nações e povos sem vocação para a escravidão. A vitória do nazismo seria a descristianização do mundo e a sua brutal escravização. A derrota, que já se prenuncia na união indissolúvel dos povos democráticos, será a libertação.

O direito que, dia a dia, mais e mais se vai socializando, a benefício dos homens e das coletividades, será, sob a inspiração divina, a grande força recons-

trutora do mundo de após-guerra, no qual as massas hão de encontrar solução justa e cristã para as suas razoáveis reivindicações. As transformações que o panorama da guerra vai ostentando, assim nas mais conservadoras como nas mais ousadas e revolucionárias civilizações, mostram que já se vai definindo o denominador comum em que se somarão as aspirações de mais ampla justiça que as massas em revolta hão de impôr, se as Nações não seguirem o exemplo do Brasil, que na paz e dentro na ordem vai erguendo, com a talvez mais adiantada e mais humana legislação do mundo, o edifício da paz social necessária ao seu progresso e à felicidade de sua gente.

A vossa divisa, non vi, justitia, gulará por certo o mundo civilizado de amanhã, que há de ser melhor, porque mais aproximado de Cristo e mais penetrado do direito e da justiça.

(Do discurso proferido a 12 de dezembro de 1942, na colação de grau dos bacharéis da Faculdade de Direito de Santa Catarina).

JOAO MEDEIROS

Estas linhas são dedicadas ao meu torrão natal, a lendária cidade de Laguna, de grande valor histórico, pátria de homens eminentes que prestaram assinalados e relevantes serviços ao Brasil: Almirante Jesuino Lamego da Costa, Barão da Laguna; General Jerônimo Francisco Coelho, Capitão Tenente José Lamego Costa, Manoel José de Souza França, Coronel Francisco Pinto Bandeira, Pedro Feliciano Rodrigues Bastos e General Isidoro Fernandes e outros ilustres lagunenses que muito se destacaram no serviço militar, na literatura, magistratura, comércio, prestando inumeráveis serviços à sua terra natal.

Lancemos, porém, um olhar retrospectivo sobre o passado tão glorioso, desta saudosa terra.

Afirma o historiador, nosso ilustre conterrâneo, José Boiteux que o primeiro monumento levantado, foi, segundo Milliet, uma capela sob a invocação de Sant'Ana, onde os quatro filhos do infelizmente Francisco Dias Velho Monteiro, que se vieram refugiar, depois de testemunharem, horrorizados, o assassinato de seu pai na ilha de Santa Catarina.

A atual matriz, foi terminada em 1738, tendo sido aproveitada a antiga capela, que ficou sendo o altar mór, segundo o historiador Dr. Fonseca Galvão. Este grandioso templo, foi há pouco, restaurado, por iniciativa de ilustres lagunenses, comércio e povo.

Seu interior apresenta belíssimo aspecto, com suas obras de talha e ornamentação dos altares.

A fachada foi conservada, para manter a tradição.

Em 22 de julho de 1839, David Canabarro, com suas tropas, apoderou-se da Vila de Laguna, dando-lhe o título de República Juliana. Em 15 de Novembro do mesmo ano, as forças imperiais, sob o comando do Tenente Coronel José dos Santos Pereira e o Capitão de Mar e Guerra Frederico Mariath, comandante da esquadra, retomaram a vila.

A tradicional banda de música União dos Artistas, que constitui



JOAO JOSE DE SOUSA MEDEIROS. Nasceu em Laguna, em 1869. É o decano dos jornalistas catarinenses.

o orgulho dos lagunenses, foi fundada em 3 de Maio de 1860 pelo professor Luiz Augusto Werner. A banda "Carlos Gomes" também representa uma tradição para Laguna.

Fundada pelo maestro Joaquim de Assunção, com o nome de Sociedade Musical "Santa Cecília", mais tarde, tomou o nome de Carlos Gomes, em homenagem ao grande brasileiro nascido em Campinas.

O primeiro hospital, foi fundado no arrabalde de Magalhães, em seis de Setembro de 1864, que existiu até o ano de 1879, quando foi construído o atual.

Quem escreve estas linhas, assistiu o lançamento da pedra fundamental, às 4 horas da tarde, de 8 de setembro do mesmo ano, para a construção do lance da parte sul e capela central, realizando-se a cerimônia com a presença de altas autoridades e povo. Mais tarde, foi construído o lance da parte norte.

Duas importantes figuras se destacaram, na construção do referido hospital: os respeitáveis e beneméritos Tenente Coronel Joaquim Pinto de Ulysséa e Manoel Monteiro Cabral, que relevantíssimos serviços prestaram à Laguna. Trabalharam na construção do referido prédio, diversos artistas italianos, entre eles, o progenitor de Pedro Zomer.

Este naquela época, contava dez anos de idade, e ainda vive, em Florianópolis, e muito auxiliava seu pai nos árduos trabalhos da construção.

A barra de Laguna, era defendida por um antigo e arruinado forte, situado ao lado do sul, e não admitia navios superiores a dez pés de calado, por causa do banco de areia que atravessava, o que causou muitos naufrágios. Atualmente, com os melhoramentos, existentes, os quais absorveram milhares de contos, a barra dá entrada, francamente, a navios de alto calado.

Em 1893, Laguna foi invadida, pelas forças federalistas, comandadas pelo General Salgado.

Nessa época foi organizado, pelos federalistas, um batalhão da Guarda Nacional, composto de lagunenses. Fracassando a revolução contra o Marechal Floriano Peixoto, voltou o país ao regime da legalidade, após ter sido derramado muito sangue, inutilmente em todo o Estado.

Existia, nos anos de 1880 a 1886, um grupo dramático particular, do qual fazia parte o escol da sociedade lagunense, sob a direção artística dos distintos amadores José Goulart Rolin e Bento Monteiro Cabral, de saudosa memória. Este ilustre lagunense possuía notável cultura e uma alma de artista, e foi autor de diversas peças teatrais, de destacado valor literário.

Laguna tem progredido. Sua vida social é intensa, existindo, atualmente, dois importantes clubes, o "Blondin" e "Congresso Lagunense", onde se reúne a fina flôr da sociedade.

A praia do Mar Grosso, é uma das mais aprazíveis do Estado, muito frequentada por veranistas.

Formulando os mais sinceros votos pelo progresso sempre crescente e engrandecimento de meu torrão natal, venho nestas linhas, prestar-lhe a minha sincera homenagem.

Blumenau.

Nunca pensei que tão depressa (lá se vão 37 anos!...) se realizasse o desejo ardente, que de há muito nutria, de conhecer as ilhas dos Açores, restos dispersados da dilatada e lendária Atlântida do divino Platão, submersa em passados e arredados séculos por um cataclisma súbito e apavorante.

Belo arquipélago, risonho, feraz e cubicado, em uma de cujas ilhas, a Terceira, abrolhou, vicejante, a semente prolifera de minha velha estirpe materna; e já tronco anoso, secular, distendeu por sobre os mares um dos seus ramos que, arraigando-se de novo neste solo adusto e de uma uberdade quase sufocante, desdobrou-se em franças inúmeras, cujas vergõntes são a minha gente.

De lá, das verdejantes ilhas, vieram os Jacques; de lá, a estirpe vigorosa e sã de muitas famílias, que ainda povoam o nosso solo.

Ao contemplar a terra dos meus antepassados, a alma revolteou nas espirais estonteantes do devaneio. E, envolvido em suas volutas luminosas, eu vi passar as sombras distintas, precisas, dos meus avós façanhudos e batalhadores em as penosas e rudes contendas e lides do mar bravio e enigmático.

Divisei o vulto homérico de Christovam Jacques, audacioso lobo do mar que, em 1526, num rápido, feliz e glorioso cruzeiro, varreu dos nossos mares as temerárias caracas dos traficantes franceses; em seguida, apresentou-se-me a figura marcial e intemerata de Manuel Jacques, o destemido comandante do galeão Santo-Antônio, tombando mal ferido, em 1551, na defesa da Bahia; admirei o porte enérgico e o tino administrativo de Fernão Jacques, provedor-mór das Armadas de Castela, no apresto dos navios, durante a dominação antipática dos Felipes; vi, ainda, o marujo calmo, perspicaz e bravo, que foi o Almirante Pedro Jacques de Magalhães, em 1653, apresentando-se com 60 velas debaixo dos fortes do Recife para bater e expulsar os holandeses dominadores; lobriguei uma figura muito indecisa, quase apagada, em 1737, Jacinto Jacques Nicós, Sargento-mór das milícias de Santa Catarina, e, afinal, com lágrimas nos olhos e a esperança no coração, cercado da mulher e fi-



Os irmãos Boiteux — sentados: Hipólito e Henrique;
de pé: José e Lucas

lhos, a despedir-se do natalício berço a caminho do Brasil, o vulto austero de Manuel Jacques de Alemquer, meu bisavô materno.

Notei, então, que hoje, pobres de nós! a ação corrosiva dos tempos enfraqueceu a seiva, carcomeu a cõrcha sã e sólida, que resguardava o cerne imperecível da raça heróica, e a árvore enfraquecida não mais dará, talvez, os esplendentes frutos d'antanho e se os dêr, serão deploravelmente prematuros e enfesados.

Afastou-me dêsse sonho, quase pesadêlo, um colega amigo, que, batendo-me ao ombro, disse: — "Que achas da terra?... vamos perlustrá-la?"

— "Sim, sim; irei..." — respondi ainda sob a ação do imaginoso sonho.

O casario branco, de uma alvu-

ra de linho, batido de sol, destacava-se das verdejantes colinas, em que pinturescos moinhos de vento bracejavam no ar, azul e límpido, as aspás longas e recurvas, guarnecidas de velas pandas.

A cidade de Ponta Delgada, capital da ilha de S. Miguel, erguia-se na costa desabrigada; e, para minorar tão grave inconveniente, a metrópole dotou-a de um porto artificial, pequeno, é verdade, mas sólido e bem organizado. Um quebra-mar, largo, granítico, maciço, numa curva suave de amplexo amigo, remansa, acalma e protege o porto da garrida cidade. Esta, povoada por 35 mil almas, e que no seu desdobramento galga as encostas dos outeiros e insinua-se pelos vales, vista do mar, é limitada, à esquerda, por um antigo e carunchoso forte, de cujas canhoneiras espiam vetustas peças antecarga, e à direita, pelo chama-

do "Focinho de cão", fraguado hispido e negro, que se destaca da costa e, qual bronca prôa de caravela, afronta os tremendos vagalhões do largo.

Ao longe, brancos e risonhos, quais lençóis distendidos sobre a relva verde e fresca outros povoados, como Ribeira-grande, Vila-Franca, etc.

Quem conhece a velha Bahia e a nossa capital as revê em certos grupos de edificações de Ponta Delgada, tantas são as semelhanças flagrantes, tantos os aspectos idênticos. Um baiano, meu deplorado amigo, o poeta Antônio Bardy, revia embevecido a rua em que nacera, na disposição dos edifícios, na arquitetura colonial, de um amontoado de casas, enquanto eu, a seu lado, reunia vários edifícios para recompôr um trecho típico da nossa terra querida.

E, afinal, baixámos à terra... O desembarque é feito em pequeno molhe empedrado, tendo à destra uma ala de edifícios com alpendres e colunatas toscas, cuja base o mar molemente acaricia.

Em frente, eleva-se centenário pórtico, com três arcadas, todo de mármore de Lisboa e de estilo simples, encimado pelas armas reais. Transposto o arco, está-se no largo João Franco, irregular na forma, mas bem cuidado. Nele ergue-se a Matriz, templo severo e acaçapado, de arquitetura arcaica, com uma única torre, simples e de boa aparência.

Mal chegamos ao largo, um bando de pombas espalhou-se pelos ares e, em alegre revoada, baixou junto a nós e começou, confiante e mansamente, a debicar pequenos detritos. E aquelas pombas incautas, o pórtico vetusto, as colunatas, os alpendres, a esguia torre da matriz, o céu azul e o mar a rumorejar bem perto, deram-me a impressão fugidia da praça de S. Marcos, em Veneza, conforme as descrições dos que lá têm estado.

Reservamos a tarde para percorrer os monumentos históricos, raridades e velharias que, afinal, são bem poucos: a Matriz, o Colégio dos Jesuítas, casarão pesado e de estilo barroco; uma Capelinha de 1504, coeva dos grandes navegadores; o Hospital de S. Francisco, onde se encontram esplêndidos banhos; o monumento ao Oficial de marinha Roberto Ivens, denodado micalense, explorador das selvas africanas, etc.

Fatigados do caminho e já com regular apetite, procuramos um hotel. Um garoto apontou-nos o melhor da terra. Recebeu-nos uma

senhora nutrida, bem apessoada, gentil e... já madura. Disse-mo-lhe a nossa disposição; e ela, toda mesuras e rapapés, explicou-nos que "era ainda um tantinho cedo, mas que nos arranjaría algo para entreter a gana; e, toda cortezias, toda reverências, sem nunca voltar-nos as costas, desapareceu nas dobras de um reposteiro arrepe-lado.

Eu e o meu amigo Bardy, espírito sobremaneira satírico, nos entreolhamos a rebentar de riso... Para encobrir essa inconveniência, começámos a passar em revista as paredes da pequena sala de espera, cobertas de fotografias. Daquele amontoado de carantoinhas inexpressivas e originais, destacava-se, velada por um crepe, a fisionomia singela, graciosa e meiga de uma mocinha.

Pouco depois, sabíamos, narrado pela própria hoteleira, em lágrimas, que aquela era uma de suas filhas arrancada aos seus carinhos pelo clima da África malsã.

Veio o jantar que, regado a vinho de cheiro, espécie do nosso vinho do Rio Grande, nos reconfortou assaz.

Grande foi o nosso espanto quando, ao desejarmos satisfazer a importância da refeição, a nédia senhora, a pés juntos, se negou em aceitá-la: — "Absolutamente!... Vossencias nada me devem. São vrazileiros e, como tal muita honra me deram em cá vir".

E nós, de estômago cheio, confusos, mesureiros, não soubemos como agradecer a hospitalidade da bôa e graciosa senhora. E, por sinal, era ela natural da ilha Graciosa. Gratos à sua gentileza, fizemos, em retribuição, uma propaganda simpática a favor do seu estabelecimento. Não foi em vão a nossa campanha, pois para êle afluíram muitos colegas. No dia seguinte, porém, ficamos desapontados diante de suas recriminações: a graciosa e choruda hoteleira os explorára desabusadamente, cobrando a juro fabulosos o nosso gratuito jantarzinho de véspera...

* * *

Continuamos a perambular sem rumo nem destino. À proporção que iam penetrando na cidade, chocavam-nos a vista certos usos e costumes daquele povo simples e afável. Muitos de seus hábitos me eram familiares; já devem compreender porque. Sabem todos que a nossa Ilha como quase todo o litoral catarinense foram povoados por emigrantes originários das ilhas dos Açores. Nota-se por isso uma semelhança extrema nos usos, costumes e linguagem entre

os micalenses e os do nosso torrão: a vida açorita transplantou-se intacta para as nossas plagas.

Guardamos ainda, apesar dos cruzamentos que vamos experimentando, alguns traços bem característicos, frizantes mesmo, daqueles ilhéus simples, segregados do mundo.

Eu revia, e com muita saudade, nas feições daquela gente pobre, bonacheirona, os nossos matutos da Lagôa, de Canasvieira, com seus chapéus desabados, a barba intonsa, ou passa-piolho, ou as faces adustas, limpas dos pelos incômodos. Certa vez, tive idéja de chegar-me e pedir a bênção a uma velhinha engelhada e meiga, tanta era a semelhança de seus traços fisionômicos com os da minha defunta avó, que Deus haja.

Ah! se não fôra escandalizar aquela cândida anciã, que nos olhava, curiosa, com seus olhos apagados, eu o teria feito e com satisfação!

Vestem-se os homens da cidade à moda geral, um tanto atrazaria, mas a maioria, a parte conservadora, tradicionalista, continua a usar os curtos jalecos de veludo côr de rapé, o colête mais curto ainda, bragas de alçapão, sapatões grossos e ferrados, chapéus de abas largas a lhes sombrearem os rostos morenos.

As aldeãs, mui graciosas e gentís, têm a carnação moreno-róseo dos jambos maduros e os olhos negros, profundos, fascinantes, onde cintila a chama clara, abrasadora da raça mosarabe. Usam comumente o vestido redondo, curto, e tão curto e tão redondo que a tentação de uma perna bem torneada, roliça, explende sempre com a maior naturalidade e desembaraço. Já não acontece o mesmo com as moças da cidade que, como em toda parte, abusando das modas e dos arrebiques, enganam-se a si próprias julgando burlar a outrem. Cada bando de moças que passava, cheio de magia e de risos, fazia-me lembrar as patrícias gentís, donairozas e elegantes, quando, aos domingos, vão à missa ou à tarde, passeiam venturosas nas aléas do jardim, ao compasso de uma valsa lenta desferida pela banda de música do Corpo de Segurança.

As velhas, no geral, por beatice ou economia, envolvem-se em ampla capa negra, munidas de enorme capuz, que vela por completo a cabeça de quem a usa. Essas velhas de capêlo, como as chamam, também já as tivemos aqui em outros tempos, suas capas eram feitas de uma fazenda chamada camêlo, segundo informação fide-

Curiosidades Geográficas

JOSÉ LUPÉRCIO LOPES

Há na República Oriental do Uruguai um departamento de **Minas**, que é, portanto, homônimo com o grande Estado de Minas Gerais, — o mais povoado dos vinte da União Brasileira.

— Na República do Paraguai existe a importante localidade de **Vila Rica**; aqui, a velha capital mineira, — a cidade de **Ouro Preto**, teve outr'ora, na denominação colonial portuguesa, o mesmo nome de **Vila Rica**, que lhe foi dado por Antônio de Albuquerque, em 1711, em atenção à opulência de suas minas de ouro.

— No Estado do Paraná existe a legendária cidade da Lapa, onde, em 1894, morreu herôicamente o general Antônio Ernesto Gomes Carneiro, sitiado pelo exército federalista do Rio Grande do Sul, ao comando de Gumercindo Saraiva e outros. Esta cidade paranãense se chamou até os fins do século XVIII — **Vila do Príncipe**, — nome que foi também o da atual cidade mineira do **Serro do Frio**, que Dom Braz Balthazar da Silveira capitão-general das Minas, elevou a vila, de arraial que era, em 1714, com a denominação de **Vila do Príncipe**.

Por estranha coincidência do destino, o General Gomes Carneiro, que nasceu na **Vila do Príncipe**, mineira, morreu, combatendo, na **Vila do Príncipe**, paranãense!

— No Estado do Maranhão existe uma vila apelidada — **Nova York**, — homenageando, assim na

imitação do nome, a grande e elegante metrópole comercial e industrial dos Estados Unidos da América do Norte — a poderosa cidade de Nova York.

— A atual cidade de **Minas**, no antigo arraial de Belo-Horizonte, vale do **Rio das Velhas**, tem na denominação de suas ruas, praças, avenidas, **boulevards**, travessas, etc. um plano todo moderno e **chauvinista** como moderna e cosmopolita é a Nova Capital Mineira.

Assim é que cada cidade, cada vulto importante, notável na História, na política, nas letras e no clero; cada um dos grandes rios e dos metais e pedras preciosas, que Minas e o resto do Brasil possuem têm aí o seu nome lembrado. É um requinte do patriotismo brasileiro, — ver-se nas placas daquela futura Babilônia, insculpidos os nomes — avenida Amazonas; av. Alvares Cabral; rua Tomaz Gonzaga; rua Basílio da Gama; rua da Prata; rua de Mariana; praças da Liberdade, das Escolas, do Progresso; **boulevard** — Desessete de Dezembro, etc. etc.

— “Há em vários pontos do Brasil uma porção de localidades, cujos antigos nomes estão atualmente, **hellenizados**. — Em Minas — **Alvinópolis**, (antigo Paulo Moreira); no Rio de Janeiro — **Petrópolis**, e **Terezópolis**; Em São Paulo — **Armápolis**, há outra de igual nome na América do Norte, em Santa Catarina, a sua capital — **Florianoópolis** (antiga Destêrro).

— As gloriosas designações das

digna de um senhor respeitável.

Disseram-me que êsse vestuário é uma das peças obrigatórias no enxoval de casamento das moças campesinas.

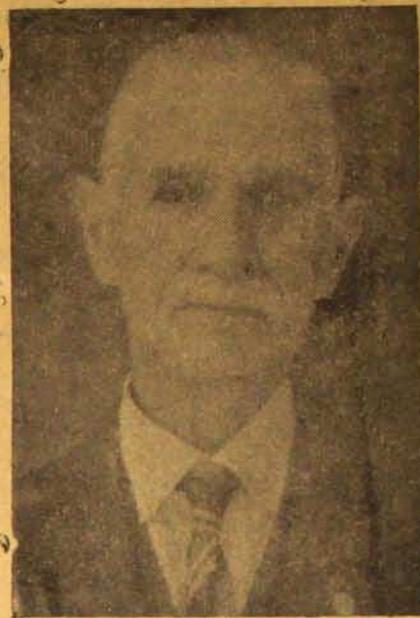
O que mais me surpreendia era o aspecto saudável daquela rústica gente, com a tês sempre corada; e nenhum indivíduo vi com o livôr doentio que, a cada instante, notamos em os nossos depauperados patrícios da ilha e do litoral.

Outra coisa que me impressionou bem foi o carinho e respeito pelas tradições. O Pão por Deus, o terno dos Reis, a folia do Divino, com a viola dolente, a rabeca destemperada, (faltando apenas a **puíta**, a roncadora e original **puíta**) ainda não acabaram nas

ilhas açoritas e perdurarão por muito tempo, estou certo.

E aqui entre nós?!... Tudo vai acabando com uma indiferença, um descaso lamentáveis. Vamos sendo absorvidos aos poucos, sem reação, desoladoramente... Até as imagens sagradas dos nossos altares vão, manhosamente, trocando de raça, transmutando-se.

Não me consta que Maria, Jesus e José tivessem olhos azues e cabelos louros, israelitas que eram e de boa raça; mas hoje os vemos transformados em puros alemães do norte. Muito breve, quem sabe? até o próprio S. Benedito, por obra e graça especial, perdendo o negro pigmento, nos aparecerá albino ou assa... Os presepes e la-



JOSÉ LUPÉRCIO LOPES. Nasceu no antigo arraial da Palhoça, no dia 6 de dezembro do ano de 1876; é filho legítimo dos professores José Rodrigues Lopes e dona Maria Clementina de Souza Lopes. Em 1895 foi nomeado professor público do Alto Aririú. Em 1906 foi nomeado promotor público da Comarca da Palhoça, e em 1908 Inspetor Escolar com jurisdição em todo Estado. Em 1912 foi nomeado Escrevente da Inspeção do Serviço de Povoamento. Ainda em 1913 nomeado Segundo Escriurário da Delegacia Fiscal, sendo em 1927 promovido a Primeiro. Passou por tôdas as Secções desta repartição, sendo, finalmente, promovido por merecimento às altas funções de Contador e, neste cargo, desempenhou por diversas vezes, o cargo de Delegado Fiscal do Tesouro Nacional. Faz parte do Instituto Histórico e Geográfico deste Estado. Tem colaborado em diversos jornais e é sócio da Associação Catarinense de Imprensa, eleito a 12 de Outubro de 1938. Tomou parte no Primeiro Congresso de História Catarinense, tendo sido eleito Presidente da Oitava Comissão. Foi autor da tese intitulada *Notas para a História da Imprensa que mereceu do relator da 5ª. Comissão parecer favorável, devendo, portanto, ser publicada nos Anais deste importante certame*. — Terminados os trabalhos do Congresso, o sr. Major Lupércio Lopes foi, com outros ilustres congressistas, eleito membro da Comissão dos Anais.

idades e vilas portuguesas, também se guardaram em nosso caro Brasil; assim: **Vila Nova de Lima**, em Minas; **Bragança, Cintra, Santarem, etc.** no Pará; **Aleântara Viãna**, no Maranhão.

pinhas tão interessantes e sugestivos foram substituídos pela árvore do Natal, de caramélos pendentes, sem a mínima significação entre o nosso povo.

* * *

Era noite já quando começámos a nos aproximar do cais de embarque. Ao passarmos por certa casa fomos surpreendidos agradavelmente pelos acordes doridos de uma guitarra, acompanhando uma voz feminina. Sustamos o passo e, refugiando-nos em larga sombra projetada por um dos edifícios vizinhos, passamos a apreciar a cantoria.

(Conclúe na última página)

PERFIS CATARINENSES

PAINEL SEM MOLDURA

Para um ilhéu

Antenor Moraes

Vê, tu que te admiras das estranhas
Belezas de outras terras, não das tuas.
Este quadro, mal feito, das montanhas
Onde se abaixa o sol nas serras nuas:

— O mar... Barcos a remos que acompanhas
Com teu olhar para visar faluas
Que entre velas abertas desentranhas,
Imitando nas águas as charruas.

E o mar dourado e o céu azul no fundo,
Dando vivo esplendor aos rijos montes
E pintando de côres várias ilhas...

E vê se há muita coisa igual no mundo
Que se compare às dêstes horizontes
Onde o pincel do sol faz maravilhas! —

SILHUETA MARÍTIMA

Costa extensa de mar... Rumorejando
Sobre rochedos vêm, uma por uma,
Cadencialmente as ondas se quebrando
Em farfalhante turbilhão de espuma.

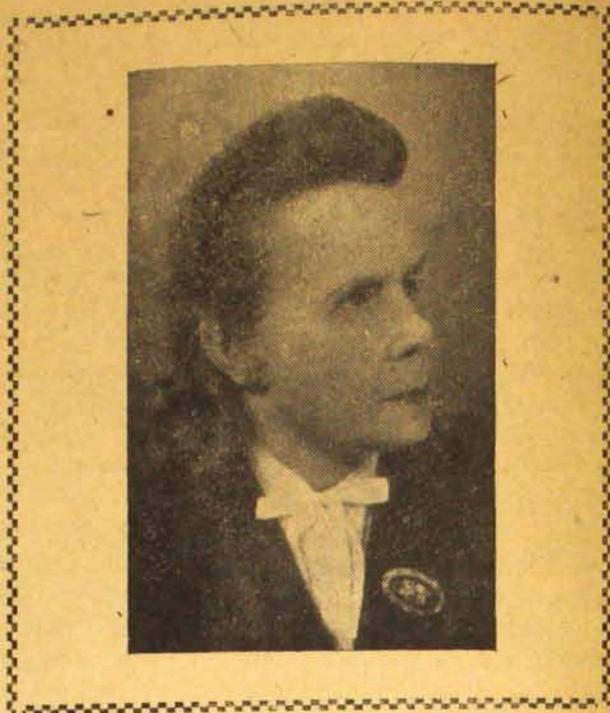
O céu empalidece... Um calor brando
Todo o ambiente límpido perfuma
De bálsamos sutís. Vem arrastando
O silêncio da tarde o véu da bruma.

E quando o extenso mar todo se turva,
De um navio aparece, além na curva
Oriental, a grande silhueta.

E qual dragão dantesco e singular,
Vai o gigante cavalgando o mar,
Sob um novelo de fumaça preta...



ANTENOR MORAES. Nasceu a 14 de outubro de 1880 em Taquari, Rio Grande do Sul. Fêz estudos primários em sua cidade natal e preparatórios em Porto Alegre e Curitiba. Estudou odontologia na capital gaúcha. Veio para Santa Catarina em 1924. É poeta e jornalista. Publicou: "Na Fazenda", poesias, "Crime da Aldela", "Pátria", "Pão Nosso", e "Perfis catarinenses", poemas. "Sambaquis", estudos arqueológicos.



CASTORINA LOBO DE S. THIAGO. Nasceu na cidade de Tabaráo aos 28 de dezembro de 1884. Em tenra idade, veio com seus progenitores, o Capitão João da Silva Lobo e D^a. Florinda Gonçalves Lobo, para esta capital, onde, depois de terminar o curso primário no Colégio S. Cristóvão, se matriculou na Escola Normal. Conseguindo o seu diploma aos 15 anos de idade, ingressou no magistério, assumindo a direção da Escola Modelo. Fêz o curso de humanidades no Ginásio Catarinense; e, não tendo conseguido realizar o seu ideal de ingressar na Academia de Medicina, dedicou-se, definitivamente, ao magistério, que exerceu durante 45 anos. Aos 22 anos contraiu matrimônio, na cidade de S. Francisco do Sul, com Vicente Olavo de S. Thiago, e dessa feliz união existem três filhos: Vicentina, Branca e Sílvio. Desde muito jovem, manifestou pendores literários, colaborando na imprensa do seu Estado natal, de S. Paulo e da Capital Federal. Escreveu dois livros em vias de publicação: *Rimas do Outono* e *Clarinas do Dever* (prosa).

VIVER OU VEGETAR

Castorina Lobo de S. Thiago

A Vida é doce bem ou calix de amargura,
Florido roseiral ou senda de silvais,
É mixto de prazer, de dôr e de tortura,
Ciclo de provas bem duras e cruciais.

Viver da carne! Que ilusão da mente humana,
Para gozar o bem sublime de viver,
É preciso quebrar a ganga vil, mundana,
Que das belezas d'alma, impede o resplender.

O Grande Foco Eterno e Divinal
Acende, em cada ser, a lâmpada imortal
Para a finalidade excelsa de brilhar!...

As cinzas da maldade intensa e da ignorância
Abafam, geralmente, o brilho, a rutilância,
Que distinguem o Viver do simples vegetar.

(Do livro inédito *Rimas do Outono*)

Santa Catarina — Terra, onde nasceu Nossa Senhora

Todos cantam a sua terra.

Castmro de Abreu

Por **MARCOS KONDER**

O nosso grande brasileiro, catarinense e itajaiense Lauro Mueller, amigo de blagues e ditos de espírito, costumava afirmar que havia no mundo três verdades incontestáveis: **O mar é dos ingleses — Deus é brasileiro — Nossa Senhora nasceu em Santa Catarina.**

Feliz do nosso Lauro! Ele morreu antes de presenciar os estragos irreparáveis da última guerra, desta nova loucura da estupidez humana. A poderosa Albion acabou perdendo, nessa catástrofe, não só uma boa parte do seu domínio territorial, como também o império dos mares...

Quanto ao fato de Deus ser brasileiro, continua de pé esta figura patriótica... Si ela não justifica o nosso relativo atraso no sentido econômico e cultural, ao menos nos serve de consolo filosófico para sofrermos resignadamente a falta de uma organização, em quase todos os setores da vida nacional, as deficiências do nosso caráter administrativo e a índole resignada e fatalista do nosso povo, que tudo espera da Providência... Deus é brasileiro!

Já a terceira versão do **humour** lauriano podemos perfeitamente aceitar como verdade simbólica. A terra, que já alguém chamou de "paraíso do Brasil", bem merecia ter sido o berço da Mãe do Salvador. Na própria fundação das primeiras povoações do litoral prestou-se homenagem à Nossa Senhora. Em S. Francisco, Nossa Senhora da Graça e, na ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Destêrro. Ainda até hoje, no nosso litoral, pescadores e marítimos veneram e festejam a Nossa Senhora dos Navegantes.

Mas, mesmo deixando de lado a comparação religiosa, possui Santa Catarina, considerada em sua si-



MARCOS KONDER. Nasceu Marcos Konder em Itajaí. Filho do negociante alemão Marcos Konder e de sua esposa, D^a. Adelaide Flôres Konder. Fêz estudos preliminares no Colégio Santo Antônio em Blumenau. Foi Prefeito de Itajaí e Deputado Estadual. É industrial. Dedicou-se também às letras, já tendo publicado grande número de bons trabalhos, notadamente estudos econômicos e sociais.

tuação física, tanto vertical como horizontal, vários aspectos de atração e de beleza que inspiram mais de uma imagem poética. O mapa orográfico e potamográfico do Estado, dominado pela Serra Geral, no planalto, relativamente exíguo, e pela Serra do Mar, no litoral extenso, com sua costa, suas baías, enseadas, promontórios e ilhas, oferece ao observador, lo alto de um aeroplano, um quadro maravilhoso, cheio de mil encantos e seduções.

Contemplemos em traços ligeiros os seus principais motivos pinturescos. A imponência de suas serras e dos seus montes, que ascendem a mais de mil metros de altura e chegam a formar picos altaneiros, como o Taió, na serra

do Espigão com 1.500 metros, e do morro da Igreja, nos campos de Santa Barbara, com a altura de 2.200 metros, o Itatiáia do Brasil meridional. A visão panorâmica e deslumbrante da região serrana, das coxilhas suavemente onduladas, dos capões solitários e umbrosos, dos campos verdejantes, dos pinheiros esguios e aprumados, com os cálices verdes em atitude de oferenda e de prece; das montanhas azuis que descem para o mar e se perlongam pelo litoral afóra e se fracionam em contrafortes, ramais, espigões e chapadas, abrindo clareiras na mata virgem e sulcando veredas tortuosas de escarpadas e paredões, costeando taimbés e pirambeiras, traiçoeiros e perigosos; formando vales magníficos que lembram as lendárias regiões da Terra mosaica da Promissão; desvendando vargedos e planícies de vegetação higrófila, entremeada de coqueiros e de ipés. E a impressão grandiosa dos nossos maiores rios, os das nossas fronteiras e tributários da Bacia Atlântica: o magestoso Uruguai, formado pelos cursos do Canôas e do Pelotas, banhando mil quilômetros de terra catarinense, nosso limite com o Rio Grande do Sul; do admirável Iguassú, com o seu afluente Rio Negro, principais divisores líquidos entre o nosso Estado e Paraná; os da Bacia Atlântica, dos quais o maior e mais caudaloso é o Itajaí-Assú e Mirim — que o nosso Lauro já denominára o Eufrates e o Ganges de Santa Catarina; e os inúmeros ribeiros, riachos e córregos, humildes, mas dadivosos que, como fios de prata líquida, escorrem das elevações montanhosas para des-sedentar o gado e os homens e fecundar as culturas; as muitas cachoeiras, saltos e quedas d'água, potentes e rumorosas, que movimentam os engenhos e geram as:

usinas elétricas, merecendo especial menção o Salto Pilão, que, pela sua potência extraordinária, pode fornecer força e luz ao vale inteiro do Itajaí e ainda energia para eletrificar a Estrada de Ferro Santa Catarina. E que diremos da nossa costa, banhada pelo Atlântico imenso, e que se estende desde o Saí-Guaçú, ao norte, e o Mambituba, no Sul, numa extensão de 460 quilômetros, num rendilhado caprichoso e artístico de promontórios e pontas, de baías e enseadas! Baías, como a vistosa Babitonga que banha S. Francisco e estende suas águas até os municípios vizinhos de Araquari e Joinville; a de Pôrto Belo, com seu amplo ancoradouro da Caixa d'Aço, capaz de abrigar numerosa frota de grande calado; a de Santa Catarina, situada entre a Capital e o Continente, com as suas barras, do Norte e do Sul. E ainda as lagoas costeiras, interessantes e exquisitas, que os pontais foram separando do Oceano para torná-las independentes, como a tradicional Laguna, que banha a cidade do mesmo nome; a do Camacho, as do Caverá e do Sombrio, as duas últimas componentes futuras do canal, a construir entre o pôrto de Laguna e o interior do Sul do Estado. As enseadas e praias, tranquilas e aprazíveis, são tantas, servindo de abrigo aos navegantes e fonte de renda aos pescadores, que nos obrigam a mencionar apenas as que se prestam às estações de verão. No extremo-norte, Ubatuba, praia preferida dos franciscanos, Barra-Velha, antiga como o seu nome; Piçarras, na enseada de Itapocorói, que está querendo disputar a primazia dos balneários; a amorável e pequena Armação de Itapocorói, cantada pelo grande Visconde de Taunay no seu livro "Céus e terras do Brasil"; Cabeçudas, a Copacabana do Norte catarinense; Itapema e Pôrto Bélo, extensas e abertas, e as enseadas e balneários da Ilha de Santa Catarina e do continente fronteiriço, tais sejam Canasvieiras, praia dos Ingleses, Lagôa, Campeche e Santo Antônio, na Ilha, e Ponta do Leal, Coqueiros e Itaguassú, no Jado do Estreito. — Mais para o

Sul: Enseada do Brito, Massiambú, Garopaba, Imbituba e o Mar Grosso — a Copacabana do Sul. Mas, para completar a poesia da costa catarinense não lhe faltam também as ilhas, ilhotas, recifes e restingas. As principais ilhas formavam uma trilogia — S. Francisco, Arvoredo e Santa Catarina. Hoje, depois do aterro do canal do Araquari, ganhou S. Francisco fôros de península, rodeada das ilhotas da Paz e dos Tamboretas. Arvoredo constitue uma guarda avançada entre a Capital e o norte do Estado. Santa Catarina não é somente uma das maiores ilhas do litoral brasileiro, significa ainda, com as suas belezas naturais, um dos recantos mais pitorescos e sedutores do Estado. A sua Capital — Florianópolis — a despeito do seu escasso progresso material e do seu ar provinciano — oferece o espetáculo soberbo de uma verdadeira jóia da Natureza. Quem a contempla do alto do morro da Cruz ou de outra elevação saliente, têm a seus pés a cidade, com as torres dos seus campanários e os vultos dos seus edificios mais altos; para a direita, na direção do Sul, admira a magestosa ponte Hercílio Luz, ligando num abraço gigantesco de 820 metros a ilha com o continente; do lado esquerdo, os morros, sustentando em suas ilhargas um casário, irregularmente trepado, e mais para a frente os altos dos Hospitais e da Santa Casa; e ao longo da baía um cáis extenso, com trapiches e pontes, espelhando-se nas águas do Estreito e, como que flutuando esparsas ao sabor das marés e das ondas, as ilhas, ilhotas, parciais e restingas; do outro lado, o Estreito, com as suas praias alvacentas e suas pontas e seu casário branco; e mais ao longe, no horizonte distante, no fundo deste quadro maravilhoso, as montanhas azuis da Serra do Mar, os picos de três-pontas do Cambiréla, de quasi mil metros de altura... Quem já teve a ventura de conhecer a ilha da Madeira, como este humilde cronista, vê desde logo a flagrante semelhança da nossa Ilha com a possessão portuguesa, mas, se quisermos ser imparciais e deixar de lado o bairrismo, devemos confessar que Florianópolis pode vangloriar-se de ser mais linda e mais

graciosa e mais imponente, em seus aspectos naturais, do que a Pérola dos Açores. Quis o Destino que a nossa Ilha fosse povoada, há duzentos anos, por açoritás e madeirenses que transplantaram para ali os seus costumes, as suas típicas rendeiras e esse falar cantante que tanto nos surpreendeu no contacto com os madeirenses, que, com os seus trenós puxados a bois, queriam nos levar às alturas da montanha escarpada, onde se ostenta a Matriz imponente e donde se avistam o mar lendário dos navegantes e descobridores de novos mundos da velha Lusitânia...

Mas, até aqui, a não ser na ligeira referência feita às suas praias balneárias é a nossa principal Ilha, apenas esboçamos os aspectos bélos, mas primitivos, com que a Natureza dotou a terra catarinense. Tudo isso é muito lindo e magnífico, sem dúvida alguma, mas Santa Catarina seria sempre o abrigo estéril dos aborígenes, um corpo sem alma, si não surgisse o homem civilizado para animar esse corpo com o seu espírito construtor e santificá-lo com o seu trabalho fecundo. E, neste sentido, os barrigas-verdes souberam conquistar e possuir o sólo bendito, que lhes coube por sorte. Desde os primeiros povoadores regulares, os açoritás, cujo bicentenário festejamos este ano, até os colonizadores de outras origens, vindos em data posterior, todos não desmentiram a sua missão de fazer da terra catarinense, para si e seus filhos, a Pequena Pátria do homem livre sobre a terra livre. Povoadores e colonizadores edificaram um novo pedaço do Brasil, pela exploração das riquezas naturais do seu sólo e subsólo, pela incrementação de suas energias latentes, pela fundação da sua lavoura, do seu comércio e de suas indústrias, e, sobretudo, pela implantação de um regimen, que, baseado na Pequena Propriedade, tornou o Estado grande e o seu povo próspero e feliz. Este capítulo, porém, demanda maior explanação e seria longo demais para os limites impostos para este artigo.

Itajaí, Setembro de 1948.

Um homem, índice do valor e da vontade :

Nestor Sezefredo Passos

ADOLFO KONDER

Senhor Ministro. Coestaduanos ilustre.

Conta-se que, certa vez, uma dama fidalga, mas em extremo impertinente, querendo confundir um dos famosos marechais de Napoleão, perguntou-lhe pela nobreza de seus ascendentes, ao que o bravo cabo de guerra, de fidalguia autêntica, conquistada nos campos de batalha, a arriscar a vida para defender a pátria, replicou, com irônica superioridade: "Não, minha senhora, não tenho antepassados ilustres mas serei seguramente um ilustre antepassado, o que, na verdade, vale mais do que ter pais nobres, não fazendo por merecê-los".

De fato, para muitos o nome que portam não passa de uma cruz, de uma cruz pesada, posta sobre ombros de pigmeu, e é bem certo, que toda linha nobiliária foi inicialmente traçada pela espada de um guerreiro vitorioso.

Mas o mérito não se herda: conquista-se.

É precisamente na raça extraordinária desses homens dinâmicos, desses **self-made-men**, índices do valor e da vontade, que se recruta a verdadeira nobreza das democracias.

Pertenceis, senhor General Nestor Passos, a essa estirpe de eleitos, sendo dela um dos mais fulgurantes ornamentos.

A vossa carreira, merecida e brilhante, é produto do vosso esforço, do esforço próprio, sem a **vis a tergo** da ajuda ancestral.

Militar de escol, disciplinado, competente e proibido, sois no dizer de uma autoridade marcante em assuntos bélicos, a mais completa organização de oficial do exército brasileiro.



ADOLFO KONDER. Nascido em Itajaí, a 16 de fevereiro de 1884. Filho de Marcos Konder e de D^{ca}. Adelaide Flôres Konder. Bacharel em ciências e letras pelo Ginásio N. S. da Conceição de São Leopoldo. Bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo. Secretário da Fazenda do Governo Hercílio Luz. Deputado Federal. Governador do Estado (1926 a 1930).

Foi por isso, sem dúvida, que o senhor Presidente da República, profundo conhecedor dos homens e exímio selecionador de capacidades, confiou à vossa clara e intemerata lealdade e incontrastável competência, a direção dos negócios da Guerra.

Da vossa atuação nesta pasta trabalhosa e difícil (por proclamação que tem sido e é) não há mistér faça aqui larga e circunstanciada referência.

Basta frizar que, meses apenas, a disciplina tornou ao seio da corporação gloriosa e de novo a nação repousa tranqüila na lealdade do soldado.

E isso, tudo isso, sem alarde, sem a espetaculosidade dos vaidosos, sem apagar essa linha de modestia comunicativa que constituiu o apanágio dos espíritos superiores.

Hoje, senhor General, no Thabor das consagrações definitivas, revendo, em mirada retrospectiva, a áspera odisséia dos dias vencidos, deveis estar satisfeito, deveis estar orgulhoso dos triunfos alcançados.

Dêsse orgulho sincero e legítimo também participamos nós, os vossos coestaduanos, pois que também nos sentimos exaltados com a vossa ascensão, pois que sentimos que o Estado onde nascestes também se eleva, também se engrandece com as vitórias do filho insigne.

Mais para dizer dêsse nosso irreprimível contentamento, mais para render, de público, êsse preito de verdade, do que propriamente para homenagear, em ato oficial, o preclaro titular da pasta da Guerra, é que resolvi oferecer-vos esta festa.

E, satisfeito por ser nesta hora o intérprete da alegria e da admiração dos catarinenses, e satisfeito por poder pronunciar, por poder proferir estas palavras de sentimento e de justiça, eu ergo a minha taça, senhor General, para brindar pela vossa felicidade e pela glória do Exército brasileiro.

(Discurso pronunciado, a 19 de junho de 1928, no banquete oferecido ao General Nestor Passos, Ministro da Guerra).

O SEMEADOR DE ESTÁTUAS

HENRIQUE FONTES

José Boiteux está presente na história e na saudade de Santa Catarina pelas obras de afeto e de progresso que realizou.

Os seus escritos tiveram sempre Santa Catarina por motivo; e com êles, e com a palavra falada, tornou-a mais conhecida e amada dos próprios catarinenses e mais apreciada dos brasileiros, que cientes ficaram de atos heróicos e de prêmios gloriosos dos que tiveram aqui seu berço. Bem mereceu, pois, o epíteto, que lhe deu ilustre orador, de "garimpeiro do ouro do nosso passado".

Não ficou, porém, só extasiado ante as magnificências do pretérito. Teve também olhos amoráveis para os fatos que se desenrolavam e sempre proclamou o labor progressista e honesto que vivificava a terra barriga-verde. E teve principalmente a inteligência e o coração voltados para a futura grandeza da terra natal. Foi, por isso, vigilante animador de talentos, arguto descobridor de capacidades latentes e irresistível congregador de boas vontades, que o isolamento e a desarticulação deixavam infrutíferas.

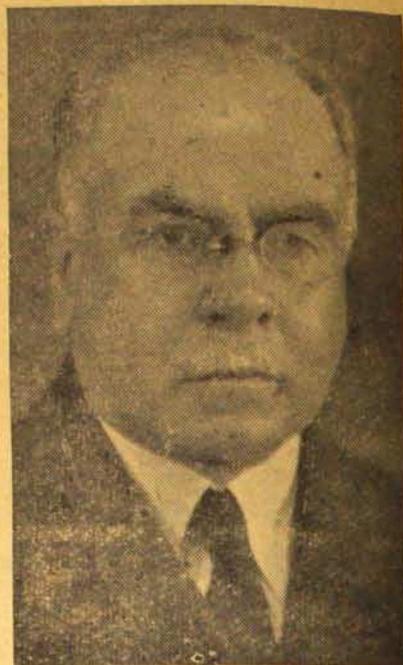
Daqui mesmo estamos a ver o seu último empreendimento de arregimentador — a Faculdade de Direito —, que foi, sem dúvida, o seu máximo conforto no atrevido sonho de criar o ensino superior em Santa Catarina; sonho começado a concretizar-se no Instituto

Politécnico, que sobrevive na florescente Escola de Comércio e no seu curso superior de finanças; sonho que, por certo, alcançará um dia plenitude na Universidade de Santa Catarina, instalada — Deus o permita — nesta praça condecorada hoje com o busto do grande idealista.

A José Boiteux deve o Brasil os utilíssimos Congressos de Geografia, e Santa Catarina deve-lhe ainda o seu Instituto Histórico e a sua Academia de Letras, sociedades que, graças à clarividente generosidade do Governo do Estado, esperam em breve corporificar uma iniciativa pela qual José Boiteux batalhou — a Casa de Santa Catarina —, casa que acolherá, os que, associados, queiram trabalhar pela alta cultura nacional em terra catarinense.

Por tudo isso, para ser lembrado, não precisaria José Boiteux de monumento de bronze e granito; outros, que tão perenemente o recordam, os erigiu êle próprio. Mas é de justiça que também êste se erga: o nosso "Semeador de estátuas" devia ser pago na mesma moeda com que galardoou patrícios como êle beneméritos. E, para completo gáudio nosso, o resgate de dívida, que ora está a efetuar-se, é tributo de quem sempre viveu no coração de José Boiteux: a mocidade estudiosa de Santa Catarina.

(Alocução proferida, a 30 de julho de 1944, ao ser inaugurado o busto de José Boiteux, no Largo do Fagundes).



HENRIQUE DA SILVA FONTES Nasceu a 15 de março de 1885, na cidade de Itajaí. Filho do comerciante e industrial Manoel Antônio Fontes e de Da. Ana da Silva Fontes. Bacharel em ciências e letras pelo Ginásio Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul (1906). Aluno da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1908). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná (1927). Professor de português e de história do Brasil no Ginásio Catarinense (1910 a 1917), e de pedagogia e psicologia (1911) e de história e geografia (1911 a 1918), na Escola Normal Catarinense. Encarregado do Serviço de Recenseamento Estadual (1918). Diretor da Instrução Pública (1919 a 1926). Secretário da Fazenda (1926 a 1929). Juiz Federal substituto (1929 a 1934). Juiz do Tribunal Regional Eleitoral e Procurador do mesmo Tribunal (1932 a 1934). Procurador Geral do Estado (1934 a 1937). Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (1937 a 1946). Professor da Faculdade de Direito de Santa Catarina, de que foi um dos fundadores. Diretor da mesma Faculdade (1933 a 1935 e 1942 a 1945). Fundou em 1910, em Florianópolis, A EPOCA, semanário de orientação católica. Representante do Estado de Santa Catarina na Conferência Interestadual de Ensino Primário (1921) e no Congresso de Ensino Secundário (1922), no Rio de Janeiro; do Tribunal de Apelação no Congresso Jurídico Nacional (1943), e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina no X Congresso Brasileiro de Geografia (1944). Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e correspondente dos Institutos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Membro da Academia Catarinense de Letras e sócio correspondente da Academia Carioca de Letras. Membro correspondente da Academia Brasileira de Filologia, do Rio de Janeiro, e da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo. Publicações: uma série de livros de ensino elementar, iniciada em 1920, quando diretor de Instrução, e sempre mantida sem qualquer vantagem econômica: Cartilha Popular; Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Livro de Leitura; A Nova Ortografia (1931), amplada no Prontuário Ortográfico e Prosódico (1932); O Empréstimo Americano (estudo matemático, 1933); O Conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo (biografia, 1938); Lacerda Continho (biografia e crítica literária, 1942); Estudos Antroponímicos (1944). Projeto de Consolidação da Legislação de Terras do Estado de Santa Catarina (1947), e Digressões Antroponímicas (em publicação). Tem publicado em jornais e revistas artigos assinados e também como editoriais, versando principalmente assuntos históricos, geográficos, econômicos e filológicos. Tem proferido muitos discursos no exercício de funções públicas, em cargos de associações e como parainfo.

Língua e Nacionalismo

DR. PLACIDO GOMES

A necessidade que tem o homem de se alimentar, de se abrigar, de se reproduzir, é acompanhada da indicação de viver com os outros, porque é ele um animal gregário, precisa de vida em sociedade para realizar a sua sobrevivência individual.

É essa convivência, com a prática da mesma língua, que lhe cria o ambiente moral em que respira, religião, tradições e política, índice culminante da nacionalidade, de nacionalismo. Aqui se manifesta a influência da língua, o falar do povo, como o agente principal de atração dos homens entre si, primeiro formando sociedades e posteriormente nações autênticas, no sentido biológico, que lhe temos dado.

Assim, a definir-se nacionalismo, seria o estado de ser de um povo, que tenha a mesma língua, governo e tradições. Por esta ordem de raciocínio, o nacionalismo é tanto mais coeso e homogêneo, quanto mais idênticos forem os sentimentos de idioma, tradições, costumes, religião e política dos indivíduos, que compõem um país.

De qualquer modo, apresenta-se a língua como fator principal na formação de uma nacionalidade.

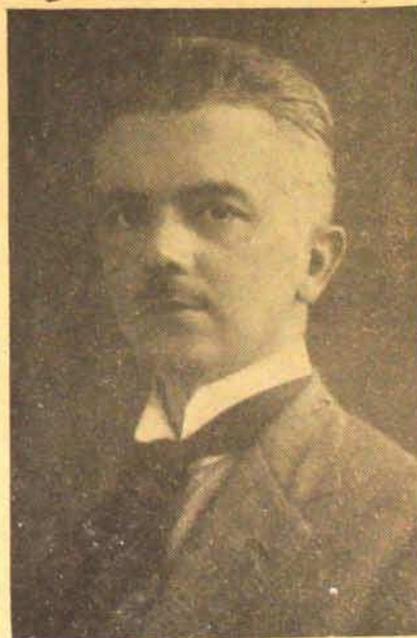
Contudo, não faltariam argumentos em contrário, opostos a este asserto, os quais analisados, importarão antes em provas de que o idioma é, na verdade, o elemento substancial na formação de uma nacionalidade.

Citam-se América do Norte e Suíça, esta particularmente, por motivo de aí se falarem três línguas oficiais, sem quebra de sua soberania, ou ameaça de desagregação territorial.

Depois de se observar este vasto cenário de elaboração social Norte-americano, onde se fundem povos de todos os quadrantes do Globo, forçoso é que se admita a existência de um fator dinâmico na homogeneização dessa gente, a preponderância da língua, e que é

também o instrumento mais poderoso na perpetuação das nações através dos séculos.

A Suíça, país de tradições cantonais antiquíssimas, profundamente abeberadas na memória popular, goza, mercê de seu gênio e neutralidade política, de uma paz excepcional, que não precisa in-



PLACIDO GOMES. Graduado pela Faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro, em 1910. Nascido em Joinville, estabeleceu clínica nessa cidade, onde ainda a exerce. Entrou a participar da vida pública em 1915, fundando e redigindo a Revista do Estado, seguindo-se O Município, a Revista da Época e, por último, O Correio de Joinville, em colaboração. Por meio destas últimas folhas, ingressou em debates políticos até 1930. Seus artigos nestes e outros periódicos versam quase sempre assuntos de interesses sociais, administrativos ou agrícolas. Sobre medicina e higiene escreveu os opúsculos: — Tratamento das Fraturas (tese), 1910; Vermíase e Impaludismo em Santa Catarina, original, 1913; Patologias Regionais, (tese), 1926; Moléstias Agudas Comuns, 1934; Saúde do Agricultor, ensino, 1936; Plano de Higiene Rural, 1937; Os Feridos e seu Tratamento, didático, 1942. Representou o Estado no Congresso Médico Nacional em 1926, com um trabalho original sobre Nosografias Municipais. Desempenhou cargos de Diretor de Higiene do Município, Conselheiro Municipal e Deputado do Estado.

terromper com discórdias linguísticas, lá inexistentes. Mas, rompida que fôsse a integridade nacional, forçados os cantões helvéticos a se incorporar a um país vizinho, para onde imaginaremos nós que seguiriam a se renacionalizar os que falam alemão, ou francês ou italiano, senão que cada qual se moveria para a nação de sua própria língua?

Holandeses, franceses, e espanhóis não conseguiram permanência vexatória em nosso país, e onde se fixaram temporariamente, não se lobrigam mais restos do idioma deles.

Enquanto as classes mais cultas luso-brasileiras se apuravam na aprendizagem de idiomas estrangeiros, como o francês, o vulgo, a massa do povo, grande parte de mestiços primitivos, negava-se a praticar idioma diverso ao do país, não porque fôsse de amor à nação portuguesa, mas porque sentia não ser a língua dele. Essa extraordinária intolerância a línguas outras, e apêgo íntimo à sua própria, ainda hoje se observa em qualquer região do território nacional, ao assistirmos com frequência a reação do homem do povo, quando se depara com um idioma estranho que logo repele apelidando de gringo, que é sinônimo de não estar com ele, nem com o Brasil.

Há evidentemente, na consciência do povo brasileiro, a convicção profunda e salutar de que brasileiro é quem fala brasileiro, convicção que em sua persistência tem revelado poderoso obstáculo à concorrência popular de outras línguas no país. O afêro ao idioma pátrio mantido pelo vulgo não tem cedido passo ao de outros povos de sobrevivência mesmo no meio ou em torno de seus círculos coloniais, onde mais fortes têm sido as competições neste particular.

(Excertos de uma conferência proferida na sala de estudos do 13 Batalhão de Caçadores de Joinville, em 1947).

Gloriosa Miscigenação

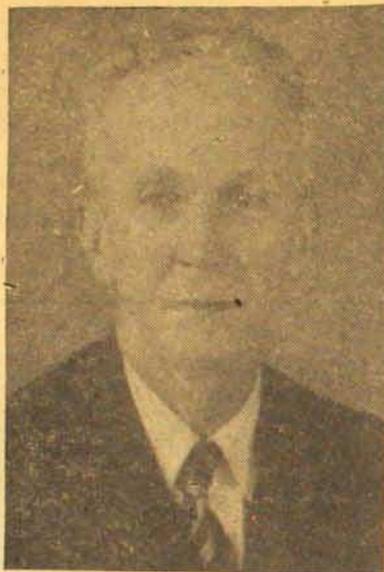
ARNALDO S. THIAGO

De tudo que tenho podido saber sobre o desenvolvimento das forças orgânicas da Nação Brasileira, no sentido da formação demográfica do país, foi-me dado coligir, com procedentes razões históricas e vívida observação de fatos etnológicos, que no Estado de Santa Catarina o amálgama racial pôde consolidar-se, substancialmente, mediante o concurso do elemento autóctone e do alienígena luzitano, sem aquelas violentas reações que a colonização provocou, em outros pontos do território nacional e, mais amplamente falando, do continente americano, por parte dos primitivos possuidores das regiões colonizadas, reações que tiveram como resultado o extermínio em massa de inúmeras tribus ameríndias.

Esse processamento pacífico do amálgama etnológico, em nosso Estado, deve-se à índole dócil do Carijó e ao nível cultural dos colonizadores açorianos, suficientemente elevado para lhes dar superioridade técnica sobre o indígena a assimilar e bastante simples e bondadoso para estabelecer entre os dois grupos que se defrontavam, um harmônico e tácito entendimento, de que resultou a formação do tipo etnológico bem característico ainda na massa predominante da população catarinense, quer seja no seu extenso litoral onde vivem da pesca e de pequenas lavouras, quer seja na vasta interlândia onde se encontra o caboclo serrano, forte e destemeroso.

A chacina do "bugre", remanescente inassimilável das populações autóctones, verificou-se nos fins do século passado e começos do século 20 — e ainda nos recordamos dos ecos dessas monstruosas batidas que faziam tremer de an-

gústia os corações sensíveis dos brasileiros. Mas, já então (confessá-lo é de justiça histórica), esse "bugre" não era da Nação Carijó, que dominava no litoral, desde Cananéia até as lindes rio-grandenses, nem esse "colonizador" era o



ARNALDO CLARO DE S. THIAGO, nascido em 1º de julho de 1886, na cidade de São Francisco do Sul, Santa Catarina. Foram seus pais o professor Joaquim Antônio de S. Thiago, dramaturgo, orador e jornalista conceituoso, propagandista da República e deputado à constituinte republicana do Estado de Santa Catarina, e a professora D. Clara Almeida de S. Thiago, natural da Paraíba do Sul. Diplomado em 1905, pela antiga Escola Normal Catarinense, o professor Arnaldo S. Thiago exerceu o magistério nesta capital e em sua terra natal, entrando em 1910 para o Ministério da Fazenda, como escrivão da Alfândega de S. Francisco, após concurso em que foi classificado em 1º lugar. Transferido em 1923 para a classe de fiscais do selo, aposentou-se em 1934 como Fiscal do Imposto de Consumo. Vivendo até então em S. Francisco, militou ininterruptamente na imprensa local e fez largo uso da tribuna popular, em que pôde colhêr os melhores louros de sua vida de trabalho, pela sinceridade e clareza com que soube sempre externar seu pensamento. Al publicou "Prelúdios" em 1914 e "Fagulhas" em 1929, além de opúsculos diversos e uma monografia histórico-descritiva do município. Transferindo residência para o Rio, em 1938, encetou colaboração no Jornal do Comércio e entrou para as sociedades culturais, da metrópole brasileira, como as de Geografia, que veio representar no Congresso de História Catarinense, de Filosofia, em cujos Anais figuram trabalhos de sua lavra, Sociedade de Alberto Torres e P. E. N. Clube do Brasil. No Rio publicou: "Cartas aos meus filhos", "Ao Serviço do Mestre", "Paisagens Meridionais", "Comentários à História das Religiões" e "Escrínio d'Alma" tendo traduzido "Réves Etoilés" e "L'Inconnu et le Problème Psychique". É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Catarinense e da Academia Catarinense de Letras e da Associação de Imprensa de Santa Catarina.

homem simples e afável das ilhas açorianas...

Relembrando a epopéia da colonização portuguesa, de tão elevado índice cristão, que se processou nas terras catarinenses, por um consórcio feliz de duas raças de índole morigerada e brandos costumes, é nosso dever associarmos a memória dos primitivos habitantes destas regiões edênicas do solo brasileiro à dos nobres civilizados que, procedentes das ilhas remotas do Atlântico norte, "por mares nunca dantes navegados" trouxeram o precioso concurso do seu braço hercúleo ao desbravamento da região em que hoje se erguem nossas belas cidades e se edificam tantos lares felizes e probos.

Dever também nosso, de elevado padrão cívico, é clamarmos, com tôdas as forças da inúbia do nosso patriotismo, pela restauração dos costumes fraternos, de boa e cristã sociabilidade, que sempre caracterizaram o nosso viver provinciano, trazendo-nos, do passado distante, da infância despreocupada que tivemos a graça de viver naquele ambiente familiar de enlevos e ternuras, uma profunda, uma constante saudade, que tanto mais avulta quanto mais a velhice nos separa dos amenos tempos que passámos, felizes, no céspede natal.

Pelo mais amplo progresso desta gleba querida, pela restauração de tudo que tínhamos de melhor, em nossos usos e costumes e pela manutenção do que de melhor nos pode dar a brilhante civilização contemporânea, são os votos que elevamos ao Altíssimo Senhor de todos os orbes.

Florianópolis, no ciclo das Comemorações Açorianas.

A NOSSA DIFERENCIAÇÃO



HEITOR BLUM. Nascido em Florianópolis a 13 de Janeiro de 1888. Filho do Coronel Emílio Blum e de D. Maria do Carmo Fragoso Blum. Bacharel em Direito. Entre outros cargos exerceu os de Secretário do Interior e Justiça, Presidente do Conselho Consultivo do Estado, Prefeito Municipal e Presidente do Conselho Municipal de Florianópolis, Diretor Geral do Departamento das Municipalidades e Sub-procurador Geral do Estado no qual se aposentou. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e correspondente do de Minas Gerais, e Oficial da Instrução Pública francesa.

HEITOR BLUM

Aos brasileiros nunca preocupou, nem, certamente, preocupará, indagar a maior ou menor percentagem de sangue africano ou de qualquer outro, que lhe corre nas veias, para diferenciar os puros dos impuros.

A nossa diferenciação fazêmo-la pelos índices das culturas físicas, intelectual e moral.

Da mescla das diversas raças que nos vieram ajudar a progredir, mas que do seu labor colheram e colhem opimos frutos, e, por isso, vivem na abastança, fruindo como nós, igualmente, os benefícios das nossas liberalíssimas leis, e do seu caldeamento com as que aqui já se encontravam, nasceu o brasileiro, que não pede vênias a povo algum para se afirmar como um dos mais dignos membros da Comunhão Universal.

Da pureza, prezamos a do corpo, pela cultura física, para nos tornarmos fortes para o trabalho ár-

duo, e defender, se preciso, a integridade do nosso território, se alguém tiver a ousadia de querer maculá-lo.

Da pureza, prezamos as do cérebro e do coração, aprimorando-nos nas conquistas da inteligência e no cultivo da bondade para sermos úteis à Humanidade

Da pureza, prezamos e queremos manter, atualizando-o como se tem feito, a do regime republicano democrático, que tem por lema: LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE.

Não nos vexamos do pigmento.

Tanto nos orgulhamos de CAIXIAS quanto de HENRIQUE DIAS; de OTONI quanto de REBOUÇAS; de QUINTINO BOCAIUA quanto de JOSÉ DO PATROCÍNIO; do alvo LUIS DELFINO quanto do negro CRUZ E SOUSA.

(De "A campanha abolicionista na antiga Destêrro").

P I N H E I R O

JOE COLAÇO

Infante da floresta, franco atirador dos descampados, tu, que combates sempre erecto, sereno, oferecendo todo o corpo esguio à fúria dos tufões, fronte alta provocando o raio, deves ser algum Deus antigo desterrado neste mundo!

Unido a teus irmãos, em legiões cerradas, ou sentinela perdida nas coxilhas desertas, ninguém te viu ainda quebrar essa linha reta que, subindo sempre, leva tua cabeleira para o céu. Muita vez, morto já, carbonizado pela labareda das coivaras, espinho imenso que atravessou o solo, mesmo assim te manténs de pé, firme no teu posto, esqueleto gigantesco montando guarda!

Como és dádivo e bom! Quan-

do, o homem mau te derruba a golpes de machado, e desdobra-te e tortura-te nas máquinas de aço, tu, que lhe foste fruto e sombra, dáslhe o tétio que protege, o berço que acalenta, o leito que repousa, o ataúde que adormece. Rasga-te, dilacera-te as fibras, martiriza-te o cadáver, e os teus gânglios rijos dão-lhe o fogo da lareira, o calor do pouso noturno, a lâmpada discreta da alcova rendada!

Eu te avistei, num dia lindo, solitário no horizonte. Eras uma taça de ônix, transbordante de espumas de nuvens brancas, onde os olhos tragavam o vinho da amplidão azul. Eras a copa sagrada com que a Terra faz brindes de honra ao Criador



JOE COLAÇO (Joe Luís de Martins Colaço). Filho de João Luiz Colaço e Elisa Georgina Nunes Barreto Colaço, nascido a 21 de outubro de 1880 na cidade de Tubarão (Sta. Catarina). Primeiras letras no Colégio das Irmãs e no Ginásio Tubaronense, na cidade natal. Preparatórios no antigo Ginásio Catarinense, em Florianópolis. Curso de medicina no Rio de Janeiro, abandonado para ingressar no jornalismo (Gazeta de Notícias). Curso de Direito no Rio de Janeiro, na Faculdade da Universidade, tendo colado grau na turma chamada do centenário (1922). Oficial de Gabinete do Governador Felipe Schmidt, Deputado Estadual, Secretário do Interior e Justiça no Governo Hercílio Luz, Comandante do Tiro 40, Advogado na Capital Federal. Membro da Academia Catarinense de Letras. Autor de: Teatro Pequeno, publicado em 1932.

SANGUE e AÇOITES



LAÉRCIO CALDEIRA DE ANDRADA. Nasceu em São José, a 26 de junho de 1890, filho de Fernando Gomes Caldeira de Andrada e Da. Maria Rita Linhares C. de Andrada. Fez estudos secundários no Ginásio do Estado e no Ginásio Catarinense. Publicou o primeiro trabalho literário em junho de 1906, no jornal que redatoriou até 1908. Secretariou a *Revista Ilustrada* (1908). Colaborou no *Argos* (1910). Ingressou na Repartição Geral dos Telégrafos em 1911, passando a residir no Rio de Janeiro. Colaborou na *Gazeta de Notícias* (1911/1912). Serviu em São Paulo 1913-1916. Colaborou na *Revista Renascença Naturalista*, São Paulo. Voltou a Florianópolis, 1916. Fundador do Centro Cívico e Literário. Redatoriou *O Dia* (1916-1918), *A Reforma* (1916). Membro da Liga da Defesa Nacional, 1917. Co-fundador do Curso Prático de Comércio, 1918, depois Instituto Comercial de Florianópolis até 1935. Fundador do *Boletim Comercial*, depois *O Comércio* (1913/1936). Publicou em 1920 *Introdução a História do Comércio Catarinense*. Examinador em bancas para concursos de leites catedráticos da Escola Normal e concursos diversos, (1925, 1928, 1932). Delegado da Confederação Cultural Brasileira, 1925. Redator do *Tempo* (1925/1926). Fundador do *Ginásio José Brasílio* (1925/1931). Tomou parte na Conferência Estadual do Ensino (1927). Um grupo de amigos publicou trabalhos seus, desta conferência, em opúsculo. Delegado Regional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1927/1936). Secretário da Associação Brasileira de Educação (Rio) 1929. Membro da Comissão Organizadora de uma série de Monografias sobre o Estado de Santa Catarina. Dicionário do I. H. Brasileiro, 1933. Publicou em colaboração — 3 Conferências — 1930, Campanha de Previdência. Representou a C. E. da Cruzada Nacional da Educação, no 1º Congresso contra o Analfabetismo, 1935, sendo o Secretário Geral do Congresso. Publicação: *Por Santa Catarina Culta!*, discurso (1936). Passou a residir em Niterói, Estado do Rio — 1936. Professor de Contabilidade Pública e Direito Administrativo na Escola de Aperfeiçoamento do DCT — 1940-1945. Bacharel em Direito pela Faculdade de Niterói, 1939, tendo iniciado os estudos na Faculdade de Santa Catarina. Debatedor na série de reuniões mensais de estudos do DASP, 1944. Fundador do Instituto Comercial de Niterói, 1940, hoje Escola Técnica do Comércio de Niterói. Co-fundador da Faculdade de Ciências Econômicas de Niterói, onde é o vice-diretor e catedrático de Instituições de Direito Público. Membro fundador e efetivo da Academia Catarinense de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Membro diretor da Confederação Evangélica do Brasil desde 1940. Colaborador em jornais de Niterói e Rio de Janeiro. Membro do Diretório Regional da Liga de Defesa Nacional do Estado do Rio de Janeiro. Publicou em 1947: *Últimos Passos de Cristo e A Igreja dos Fiéis*.

(A coorte pois, e o tribuno, e os quadrilheiros dos judeus prenderam a Jesus, e o maniataram (João 18:12)
Pilatos pois tomou então a Jesus, e o mandou açoitar.
(João 19:1)

LAÉRCIO CALDEIRA DE ANDRADA

Mãos atadas. Presas as mãos por cordas. Cordas ligando, unindo impotentes, as mãos de Cristo.

O maniatado é puxado por cordas e levado às autoridades religiosas. Depois a Pilatos. O romano, senhor arrogante, troca palavras com o judeu de mãos atadas. Lucas 23:1-25 nos abisma. É a covardia de Pilatos e a maldade dos judeus que se completam para o grande crime do CRUCIFICA-O.

E o romano, pagão, satisfaz o desejo dos judeus tão abençoados. Ao prêso de cordas, manda Pilatos que seja açoitado: cordas que amarram, e, agora, cordas que fustigam.

O suplício da flagelação precedia às torturas da crucificação e era chamado "morte intermediária": muitos dos açoitados não chegavam à cruz. No pátio do Pretório uma Coluna. Argolas, às quais se prendiam os torturados. Soldados brutais vergastavam-lhes os corpos semi-nús.

Cristo é amarrado à Estaca da Afronta. E corre o primeiro sangue que "mãos de homens fazem sair das veias de Cristo". As palavras proféticas vivem neste instante: — "êle foi ferido por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades". Esmagado. Prêso à Coluna dos Opróbios, as suas carnes são esmagadas pelas mordeduras dos açoites.

Cordas — uma grande lição que vive nas páginas bíblicas! Daví

expressa seu pesar pela morte de Abner, e louva-o: "As tuas mãos Abner, nunca foram atadas". Foram atadas as mãos de Sansão pelos filisteus: cordas da imprudência. Foi atado também aquele conviva incauto da parábola. Jesus, duma feita, "fez de cordas um como azorrague". E os mercadores do Templo foram expulsos — cordas de punição. Judas "toma de uma corda e enforca-se" — corda de remorso. Figueiras modernas onde os homens se enforcam com as cordas malditas do desespero. É a derrapagem vertiginosa dos vícios, a degradação progressiva animalizando os homens.

Junto à Coluna, prêso às argolas, carnes sangrando, Cristo nos fala de cordas de amor. "Sòmente o seu amor o pudera ter atado". Êle sofreu porque nós pecamos e porque nos amou. Foi a nossa maldade que o acorrentou à Coluna, que o açoitou com cordas e que o pregou à Cruz.

Cordas que atam e fustigam, as que muitas vèzes nos prendem e nos flagelan junto às Colunas da nossa Imprudência, filha do pecado, da nossa Incúria, filha do orgulho, no nosso Desespero, filho da incredulidade.

As cordas de Cristo prêso à Estaca dos tormentos são um apêlo de sangue e um convite de amor. Haja alma que o escute, haja coração que o aceite.

Niterói.

Um Entomologista-Amador Catarinense

CARLOS DA COSTA PEREIRA

Pela riqueza e exuberância de sua Flora e de sua Fauna, o Brasil mereceu de sábios europeus o designativo de "paraíso dos naturalistas". Muitos cientistas estrangeiros têm perlustrado o nosso território em viagens de estudo, sendo atualmente, na parte relativa à Botânica, a **Flora Brasiliensis**, de Martius, "a obra clássica da Fitografia no Brasil e de que as que se lhe vêm sucedendo são complementos".

Iniciado em 1840 por C. F. Ph. von Martius, que faleceu em 1868, ficou esse trabalho concluído em 1906, após a direção sucessiva de Aug. G. Eichler e Ignatius Urban, com a colaboração de sessenta e cinco naturalistas de várias nacionalidades, não figurando na extensa lista um só brasileiro.

Segundo nos informa A. J. de Sampaio, autor da **Fitogeografia do Brasil**, 139 herborizadores contribuíram com o material de estudos coletado para a obra monumental, sendo apenas 26 de nacionalidade brasileira.

Apesar de possuímos uma pléiade brilhante de naturalistas que se notabilizaram por trabalhos de valor, o número de seus seguidores ainda não corresponde à variedade e à riqueza florística e fauniana que caracterizam as nossas selvas. Parece que, pelo fato mesmo de vivermos em meio desse "paraíso dos naturalistas", acabamos por não lhe dar a importância que os sábios europeus já não encontram na natureza do Velho Continente, menos pródiga e já suficientemente conhecida e explorada pelos cientistas que ali amanheceram com a Civilização. Acresce que, geralmente, gostamos mais de estudos que demandem menos esforço e menos profundidade. O naturalista necessita de uma cultura apurada, que se obtém com tempo e paciência. Ele é despido de vaidades. O resultado de suas pesquisas não poderá ter, em razão do círculo restrito dos que se dedicam ao mesmo gênero de estudos, a repercussão que teria, por exemplo, a obra de um romancista ou de um poeta. O seu único prazer é desvendar os segredos da Natureza, sem contar com os aplausos fáceis dos contemporâneos.

Fritz Müller, em Blumenau,

confundia-se com qualquer colono, ao passo que na Europa o seu nome aparecia subscrevendo estudos em revistas científicas e Ch. Darwin denominava-o "príncipe dos naturalistas". Até os nossos cupins mereceram dele dois estudos que se encontram citados na bibliografia de **Vie des termites**, de Maurice Maeterlinck. Vivia na auréola de sua "glória sem rumor" — na frase feliz de Roquette-Pintô — e acima dos juízos ditados pela ignorância e pela incompreensão dos compatriotas, moradores, como êle, da colônia incipiente.

Em Santa Catarina mais se acentua esse nosso pouco pendor pelo estudo aplicado das ciências naturais. Entretanto, há mais de um século tivemos um catarinense que se dava a "pesquisas entomológicas".

Na expedição de Krusenstern que se destinava ao Pacífico, vinha como naturalista o barão de Langsdorff, que aproveitou a estadia de quasi dois meses, dos navios expedicionários neste pôrto, para realizar algumas excursões pelo interior da ilha e do continente fronteiro. Êle escreveu um livro — **Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807** — cuja parte relativa a Santa Catarina o dr. Afonso de E. Taunay tornou conhecida através de uma ótima condensação, e onde se encontram interessantes observações sobre a vida e os costumes dos habitantes da ilha. Fala no asseio das casas e no hábito que tinham os nossos antepassados, de lavarem os pés antes de deitar-se; no uso do bodoque, na ingestão do chá de erva-mate, na grande quantidade de africanos a esse tempo existente no Destêrro e demora-se a descrever um **batuque** a que êle e outros companheiros assistiram pelo Natal de 1803.

Langsdorff voltou mais tarde ao Brasil como cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro, e, regressando à Europa em 1820, retornou dois anos depois chefiando uma expedição científica ao interior do nosso país, custeada pelo czar Alexandre I.

O naturalista, que morrera doído em 1852, já revelava certo de-



CARLOS DA COSTA PEREIRA. Nasceu em São Francisco do Sul, a 23 de novembro de 1890, sendo seus pais Cristiano Artur da Costa Pereira e D. Maria Augusta Nóbrega da Costa Pereira. Fêz o curso primário na escola pública regida pelo prof. Joaquim Antônio de S. Thlago, dedicando-se depois a estudos de gabinete. Foi escrevente de cartório, escriptorário do Tesouro do Estado e exerceu a função de administrador da antiga Mesa de Rendas Estaduais de São Francisco, e mais tarde o cargo de 1º tabellão de notas da mesma cidade. Diretor da Biblioteca Pública do Estado desde 1938, tem deixado temporariamente o cargo para desempenhar outras comissões, como a de Delegado Regional do Recenseamento de 1940 e de Secretário do Governo, na administração Jdo Deeke. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da Sociedade Brasileira de Geografia, do Instituto Histórico de Minas Gerais, da Associação Catarinense de Imprensa e sócio correspondente da Academia Catarinense de Letras. Fundou e dirigiu em São Francisco, com Deodoro de Carvalho, os periódicos *O Alfa* e *A Razão*, e é atualmente diretor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Tem colaborado em revistas do Rio e São Paulo, e em jornais desta capital. Publicou até a presente data os seguintes trabalhos: "O nascimento de frei Fernando de Trejo y Senabria em São Francisco", "Toponímia antiga da costa do Brasil", "A região das Araucárias", etc. e traduziu, sob o título "Viagem à provincia de Santa Catarina (1820)", para a Brasiliense da Editora Nacional, a parte da relação de viagens de Saint-Hilaire referente a Santa Catarina.

sarranjo mental, e, de viagem para as Guianas, ao chegarem os expedicionários, pelo Arinos, ao pôrto dos índios Apiacás, deu-se o seguinte episódio narrado pelo visconde de Taunay:

"Numa extensa praia do Arinos apareceu à expedição um grupo daqueles indígenas, tendo à frente o chefe, que ostentava distintivos vistosos de "capitão". Para recebê-lo, entendeu Langsdorff que devia envergar seu uniforme de gala, com espadim, chapéu armado e tôdas as condecorações. Imagine-se sua figura no meio da-

L'Évangile n'a point passé sur le monde comme un vent violent qui déracine les institutions; il y a été versé avec douceur, comme une eau bien-faisante qui pénètre jusqu'aux sources de la vie, pour les purifier et les rajeunir.

(Lacordaire)

Na sucessão dos séculos, por intermínias travessias, o Divino Conductor vincou os trilhos de seu Governo.

Uma vez esculpiu o eterno Sumário das "Táboas da Lei"...

E uma vez inaugurou a era Messiânica — para respigar todos os resquícios da ignorância, da má fé, da perversidade, e deixar, limpo e raso, ensoalhado de Justiça e Caridade, o campo das locubrações humanas, aniquiladas, destarte, os semens da dúvida e da incerteza.

E o verbo se fez Carne.

Foi a lição sublime do exemplo, para os pobres de espírito...

Era a doutrina que fluía dos lábios do Mestre, eletrizando multidões anônimas; e a máxima da Sabedoria, pulverizando os quesitos impertinentes dos pretenciosos.

Foi a confirmação estática dos milagres.

E foi o epílogo dramático do Calvário, escândalo dos fracos e vitória extemporânea da soberba...

Foi o Evangelho.

Aberto no Cenáculo, abrigou-se às Catacumbas de Roma, para a seguir dilatar as fronteiras da Civilização: galgou montanhas, sulcou os mares; penetrou nas flores-

queles selvagens nus em pêlo, que mostravam fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalharam os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes tetéias! Por gestos, uma índia manifestou vontade de vestir-se daquele modo, e Langsdorff, que não sabia recusar aos caprichos do belo sexo, civilizado ou não, despiu o fardão e passou-o à rapariga que nêle se enfiou imediatamente, para, depois de alguns minutos, disparar para o mato em



ISAURA VEIGA DE FARIA. Nascida a 12 de janeiro de 1891. Frequentou a Escola Particular de D^a. Justina Faria da Veiga e Colégio Coração de Jesus. Diplomada a 27-1-1911. Exerceu o magistério no Colégio Stella Maris de Laguna de 1911 a 1913, Escola S. José, hoje Grupo Arquidiocesano S. José, desde 1913. Diretora do Grupo Escolar P. Anchieta desde janeiro de 1934. Cultivou a poesia desde jovem. Colabora em vários jornais. Ocupa-se mais de assuntos pedagógicos ou religiosos.

tas, arrostou as areias desérticas e rasgou os gelos polares...

Era o Evangelho...

E é o Evangelho — hodierno, estuando vida, como a Verdade que não conta os anos.

De cada página jorra perene feixe de luz, capaz de destrinçar os meandros de cruciantes problemas, em qualquer época da humanidade.

É o Evangelho... é a salvação.

vertiginosa carreira, acompanhada de todos os outros índios e seguida também do espoliado, em mangas de camisa, de espadim e chapéu armado, na mais grotesca das fúrias.

Nas excursões botânicas e entomológicas realizadas em Santa Catarina, encontrou Langsdorff um excelente auxiliar nesse catarinense acima aludido. Era êle Manoel Cardoso Caldeira, morador nos Barreiros, freguesia de São José.

Entretanto o mundo moral debate-se na ânsia de realizar o *sine qua non* de Arquimedes...

Condutores de povos, caciques e demagogos porfiam, multiplicando fórmulas de salvamento...

Erguer o mundo?... Debalde! enquanto o Evangelho, nas estantes abarrotadas, apenas figurar como relíquia arqueológica.

Abrir o Evangelho — não basta.

Lêr o Evangelho... é ainda muito pouco.

Ruminar o conteúdo de uma de suas páginas, beber a sua essência — já será elemento de reconstrução...

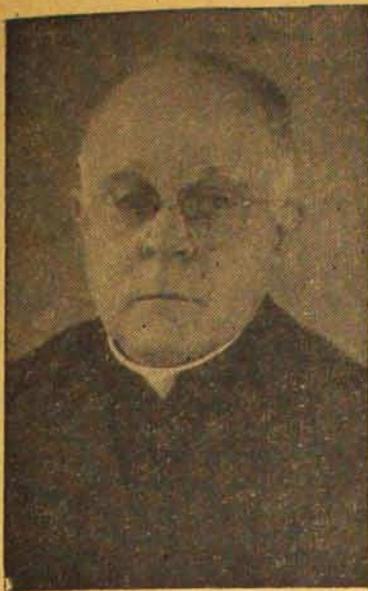
Mas, se são sinceros os estos de paz e prosperidade, torna-se necessário que a seiva do Evangelho penetre as artérias dêste depauperado enfermo que é o mundo.

Precisamos viver o Evangelho.

Para tanto, foi êle esculpido nos caracteres de Sangue de seu Protagonista — não um Rabí, o Nazareno, um Iluminado ou Super-Homem — mas sim, desassombroadamente, o Homem Deus, o Filho do Eterno, Jesús Cristo, consoante a Síntese que brotou de seus lábios:

"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

O naturalista alemão, a serviço do governo russo, foi quem fez as primeiras herborizações em Santa Catarina e possuía uma coleção de cerca de 1.600 lepidópteros, entre os quais é de crer figurassem muitas borboletas apanhadas nas florestas da ilha e do continente próximo, pelo nosso conterrâneo que entrou na história das primeiras explorações científicas realizadas no Brasil, conduzido pela mão do barão de Langsdorff...



Florilégio

Laetense

CÔNEGO TOMÁS FONTES

Nas poucas e apressadas linhas com que a **Revista de Cultura** noticiou, em seu duodécimo número, o falecimento do sr. Conde Carlos de Laet, ocorrido a 7 de Dezembro, prometeram-se para hoje homenagens excepcionais ao eminentemente confrade e correligionário.

Vimos desobrigar-nos dêsse compromisso.

Estampar o retrato de Laet ou dar-lhe a biografia — pareceu-nos de minguado alcance, visto que outros órgãos da grande imprensa e da pequena, por todo o país, o fizeram.

A personalidade de Carlos de Laet merece, exige mesmo, um livro inteiro de estudo.

Aluno distintíssimo de humanidades; engenheiro pela antiga Escola Central; político operoso e influente no regime monárquico, professor oficial e particular por alguns decênios; diretor do Colégio Pedro II; membro da Academia de Letras, cuja presidência ocupou por vários anos; orador fluente e seguro; polemista temido; jornalista brilhantíssimo — há muito que pesquisar e muito que aprender nos seus oitenta anos de canseiras e sacrifícios, de pelepas e vitórias.

É preciso que o egrégio paladino do altar e do trono tenha o seu historiador. Ele nos dirá se o publicista foi justo em todos os ataques e censuras a homens e cousas do seu tempo. Fixará para os pósteros as lições de patriotismo esclarecido de que a vida de Laet é rica. Documentará copiosamente a sua cultura científica e literária — fruto de inteligência peregrina e de vontade férrea, incansáveis ambas no investigar e elucidar, no polir e embelecer. E deverá patentear tôda a profundidade e firmeza das convicções religiosas de Laet, seu conforto e consôlo através dos anos e dias, até o derradeiro...

Já se falou também na ereção duma estátua ao preclaro recém-finado.

A idéia é digna de aplauso.

Entendemos, porém, que com outro monumento ainda se deverá perpetuar o nome de Laet: selecionados os seus escritos e discursos, publiquem-se em volumes de preço módico, que lhes facilite a difusão.

Imitar-se-á assim o exemplo da França em relação a Luís Veillot, a quem dois críticos célebres proclamaram **clássico testemunha do tempo, pintor rigoroso da realidade**.

Lemaître e Saint-Beuve dariam com justiça os mesmos títulos a Laet.

Rogando a Deus que apresse e abençoe a acção do historiador, do estatuario e do editor laetenses, a **Revista de Cultura** passa a prestar ao ilustre pensador a homenagem prometida.

Consiste num florilégio de produções suas — três amostras sugestivas do talento multiforme de Laet: uma conferência cívico-religiosa, um artigo de cunho monarquista e uma sátira em prosa.

A conferência é de 1903; a sátira, de Setembro de 26.

Examinem-se-lhes a linguagem e a ironia. Distanciadas por mais de vinte anos, esfuzia nelas o mesmo chiste zurzidor de tolices e maldades. A discreta elegância e a correção impecável são iguais numa e noutra.

Decididamente, a morte de Laet abriu um claro formidável nas fileiras dos que pensam com bom senso e escrevem com bom gosto.

Rio, 1928.

CÔNEGO TOMÁS FONTES. Nasceu a 23 de abril de 1891 na cidade de Itajaí. Filho do negociante e industrial açoriano Manuel Antônio Fontes, falecido a 4 de Novembro de 1908; e de da. Ana da Silva Fontes, ainda em vigorosa ancianidade. Estudou primeiras letras com Da. Tereza Rochadel. D^a. Florência Lebon Regis, Augusto José Fernandes, Luis Tibúrcio de Freitas e João Maria Duarte foram seus professores no curso primário. Começou estudos de alemão com Adolfo Pfeilsticker; continuou-os com Emmanuel Kick e Emílio Heins. Em fevereiro de 1907, conseguiu admissão no terceiro ano ginasial do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, graças às explicações que recebera de seu irmão Henrique. Em 1910 transferiu-se para o então Ginásio Santa Catarina de Florianópolis, também dirigido pelos padres jesuitas. Em dezembro dêsse ano, recebeu o grau de bacharel em ciências e letras, tendo sido orador da turma. Em 1911 e 1912 cursou filosofia no Seminário de Porto Alegre, dirigido pelos capuchinhos da Sabóia. A 30 de novembro de 1912 recebeu a tonsura das mãos do arcebispo Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leon. Cursou teologia no Seminário Provincial de São Leopoldo, de 1913 a 1915. Tendo adoecido por duas vezes durante o curso teológico no Sul, foi em 1916 terminar a formação eclesiástica no Seminário São José, de Niterói, sob a orientação do bispo Dom Agostinho Francisco Bennassi. Conferiu-lhe as ordens menores a 3 de dezembro de 1913 o arcebispo Dom João Becker, o qual, na qualidade de bispo de Santa Catarina, lhe encaminhara os primeiros passos na carreira sacerdotal. Recebeu o sub-diaconato e o diaconato a 22 e 23 de abril de 1916; o presbiterato a 8 de abril de 1917. Todas estas ordens lhe foram conferidas por Dom Joaquim Domingues de Oliveira, então bispo e atualmente arcebispo de Florianópolis. Em 1917, 1918 e 1919 dirigiu nesta Capital o semanário diocesano **A EPOCA**. Em 1919, foi professor de história do Brasil e universal, no Ginásio Catarinense. Em 1920, mudou-se para Niterói, onde lecionou português, francês e literatura até 1923. Em 1921, escreveu a **Gramática Alemã**, que lhe serviu de tese no concurso de alemão realizado em 1922 no Colégio Pedro II. Classificado em segundo lugar e tendo sobrevivido a anulação de todo certame, passou um ano na Europa para se aperfeiçoar em estudos do referido idioma. Em maio de 1925, fixou residência no Rio, onde lançou a 5 de janeiro de 1927 a **Revista de Cultura**. A 8 de abril de 1942, por ocasião de seu jubileu sacerdotal, o sr. Arcebispo Dom Joaquim concedeu-lhe a investidura de cônego honorário do Cabido de Santa Catarina. Em 1945, de julho a novembro, percorreu todo o nosso Estado, com excepção do município de São Joaquim, em propaganda eleitoral e de combate ao comunismo. Incluído na chapa da UDN, foi eleito deputado federal. Durante a Constituinte foi um dos líderes em prol da língua portuguesa. Fez parte da Comissão de proteção aos expedicionários da F. E. B. É membro efetivo da Comissão de Redação de Leis. Apresentou e defendeu o projeto da concessão de duzentos mil cruzeiros ao Congresso de História Catarinense. Publicou em Petrópolis a revista quinzenal **Terra e Céu**, que durou três anos. O **Brasileiro**, jornal de sua direção, viveu, no Rio e em Petrópolis, de setembro de 1929 a abril de 1934.

ENTÊRRO

ALTINO FLORES

As paredes estão desadornadas de quadros; e, como o sol das quatro horas reverbera, cintila, flameja nas vidraças, foram cerradas as folhas das janelas. Mas uma réstea de luz, finamente escapulida por uma frincha indiscreta, risca o assoalho com uma sarja de ouro, sobe vertical pelo flanco da essa, acende fagulhas nos passamanes do esquite e risca um arco indefinido sobre o ventre abaulado do cadáver.

Parece que era pai o morto, porque no quarto, ao lado, uma mulher, de cabelos revoltos, os olhos pisados de pranto, uiva de dor, pedindo também a morte, com os punhos crispados por cima da cabeça. Três criancinhas choramingam ao pé da cadeira em que ela — a mãe, com certeza — se contorce angustiada.

Algumas mulheres, com lágrimas trêmulas nas pálpebras vermelhas, vão-lhe dizendo:

— Então, minha filha!... Pa-ciência!... Havia de ser... Deus sabe o que faz...

Ela, porém, não as escuta, e o grito ainda mais pungente lhe rompe da garganta, quando o seu olhar cái sobre o morto, que lá está ao meio da sala, as mãos cruzadas no peito, muito pálido, olhos fechados, uma grande mosca inquieta na comissura dos lábios entreabertos.

Quatro velas já quase a acabar-se — duas aos pés e duas à cabeça — ardem frouxamente com um cheiro forte de cera, que se mistura ao perfume das grandes corôas de rosas e mangericões pou-sadas sobre cadeiras. Há soluços abafados em lenços; as palavras são trocadas a meia voz, como se se receasse despertar alguém.

Do jardinzito ao lado vem o canto áspero, metálico, das cigarras

Os convidados vão chegando, apertados nas suas andainas pretas, o ar muito compungido. Os mais dêles ficam na rua à sombra do prédio fronteiro; alguns, jogando fora os cigarros, entram, aproximam-se da essa, sacodem o hissope por cima do cadáver, tornam a sair, pé ante pé...

*
* *

Anuncia-se o padre. É um frade alemão, enorme e rubicundo, acolitado por um rapazinho pálido e de largos olhos pretos. E não se

demora, já abre o seu livro, já cicia uns rápidos latins, já esparge água benta com grandes gestos...

— *Requiem aeternam dona ei, domine!*

O rapazito:

— *Et lux perpetua luceat ei!*

A mulher, no quarto, geme lamentações cortantes.

Um dos pequenitos veio postar-se ao pé do padre e, dedinho na bôca, contempla embevecido as fitas azues, roxas, vermelhas, que pendem do livro santo.

— *Requiescat in pace!*

— *Amen!*

Mas já um mulato espadaúdo des-sencosta da parede e ergue às mãos ambas a tampa do esquite para ajustá-la no devido encaixe; e é quando a mulher salta do quarto com o arremêso de uma leôa para fora da jaula. A dor da despedida suprema transfigura-a.

Não há mãos que a detenham; debruça-se sobre o cadáver, beijando-lhe os olhos, as faces, a bôca, gritando que não o levem! que não o levem! Conseguem alfinim despegá-la da borda do esquite.

São trazidas as crianças para que por sua vez beijem o papai. A menor delas volta o rosto, não quer, debate-se a chorar... Algum parente depõe na testa do morto um beijo rápido e saí, estrangulado de soluços.

Depois do último adeus a tampa cái com um som cavo e o martelo bate, impassível, em pancadas secas e certas; o mulatão sobreprega-lhe as corôas, distendendo as fitas roxas onde se lêem adeuses em grandes letras de papel dourado. Já seis homens suspendem o féretro e o levam, a passos incertos, — o que lhe dá um balanço de onda.

A mulher, alucinada, pragueja, blasfema e, por fim, exausta e como morta, tomba para trás, inteirizada. Trazem éter, dão-lho a cheirar. Ela entreabre os olhos, estende o braço, murmura:

— Onde estão os meus filhos?...

*
* *

Por onde passa o entêrro, todos se descobrem, nascem curiosidades e comentários:

— Quem é o morto?

— Era bom homem!

— Deixa família?



ALTINO FLORES. Nasceu a 4 de fevereiro de 1892 no "arraial" das Capoeiras, (Município de São José). Estudou as primeiras letras no Colégio das Irmãs da Divina Providência e na escola pública do Professor Luís Pacifico das Neves. Matriculou-se em 1906 no Ginásio Santa Catarina, onde ficou até o 5º ano, não tendo podido concluir o curso, em vista das condições econômicas em que se debatia a sua família por morte de seu pai. Esteve como encarregado da correspondência da firma Eduardo Horn de 1911 a 1916. Ingressou no magistério público, em que foi inspetor escolar, diretor de Grupo e Escola Complementar, professor de português e francês, Diretor Geral da Instrução e catedrático de história e geografia do Instituto de Educação de Florianópolis, cargo este em que se aposentou em 1936. Fundou e redigiu os jornais *O Estudante* (com Haroldo Calado); *Argo* (com J. D'Acâmpora); *Dum-dum* (satírico, guerra 1914-1918); *A Semana* e a revista *Terra* (com Ivo D'Aquino e Othon d'Eça), colaborando também em diversos periódicos deste Estado e de fora. Dirigiu o *Anuário Barriga-Verde* em 1921 e 1922, e o *Jornal do Estado* de 1925 a 1944. Escreveu com Haroldo Calado a revista-opereta *Cadê o Bastião?*, e é autor de vários opúsculos polémicos (*Pela memória de Renan*, o "caso" *Renan*, *No mundo das coisas pequeninas*... etc.) e do livro inédito *Bazar da Província*, tendo ainda traduzido *Souvenirs de la vie littéraire de Ant. Albalat*. No 1º volume dos *Anais do IX Congresso de Geografia*, figura a sua conferência sobre a *Evolução Literária de Santa Catarina*.

— Afinal, felizes os que morrem!

De longe em longe, uma parada em que se revezam os que carregam o esquite.

Chegam por fim ao Cemitério, donde se descortina um panorama imenso e luminoso. As duas baías resplendem ao sol da tarde. No canal, o nordeste zebra de branco as águas empoladas.

Montículos de terra cobrem mortos pobres, sem nomes, apenas com um número numa estaca; mausoléus de mármore guardam carcaças ricas; há sepulturas que são canteiros cercados de grades azues, verdes, brancas, amarelas através das quais surdem ramos de rosas, palmas de Santa Rita, saudades, perpétuas, cravos mais rubros que brasas.

O coveiro, ao fundo dum caminhezinho estreito, chama e o silencioso préstito para lá envereda.

DOIS DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTORIA CATARINENSE

OSVALDO MELO

Um dos documentos mais interessantes que consta do Livro nº 1 das Anotações e Ordens da Mesa do Paço e que diz respeito à administração da nossa então Capitania, vai ser motivo desta ligeira crônica. Vários e intrincados problemas políticos e administrativos estavam exigindo imediata solução. O "Ouvidor da Comarca de São Pedro de Alcântara", Antônio Monteiro da Rocha, havia feito uma representação à Côrte, contra a **usurpação de jurisdição, abusos e violências**, que estavam sendo cometidas pelo irrequieto Juiz de Fôra da Ilha de Santa Catarina. Este, também por sua vez remetera à Côrte uma pesada queixa pulverizando as pretensões de seu contendor. Por outro lado vejam só os nossos leitores — "a Câmara da Vila do Destêrro" queria para si o título pomposo de Senado! Encrencadas também estavam as coisas à cêrca da Correção que se fazia na Comarca, pois ainda o Juiz de Fôra negara ao Ouvidor o exame dos "Livros das distribuições de crimes, rol dos culpados, etc."

Para complicar mais a situação, saiu-se o Juiz de Orfãos da Ilha com uma inovação... a de "se passar um mandato separado para citação de cada um dos interessados nas partilhas". Houve protestos e mais protestos e até quem subisse à Côrte com um formidável libelo, condenando o "novo estilo do Juiz"... Estílo!... vejam só Protestos, queixas, reclamações e até a pretensão da Câmara que desejava para si, o título de Senado. Tudo isso subiu à consideração dos Ministros do Conselho Real e por êstes foram remetidos a D. João, Príncipe Regente de Portugal, Algarves, etc. Naquela época (1814, portanto há 134 anos) Santa Catarina especialmente a Vila do Destêrro representavam um caso muito sério e complicado para a corôa distante. Em todos os

despachos da época, lá vinha um que se referia a um caso... catarineta.

D. João tudo leu, ouviu e estudou, sentenciando. O documento que encontramos às folhas 101v. e 102 do Livro I das Anotações é muito extenso e por isso limitamo-



OSVALDO MELO (Luiz Osvaldo Ferreira de Melo). Nasceu em Florianópolis a 21 de Junho de 1893. Filho de João Adolfo Ferreira de Melo e Zélia Souto Ferreira de Melo. Ocupou vários cargos públicos entre os quais o de Diretor da Secretaria da Assemblêa Legislativa do Estado, que atualmente exerce. Durante todo esse tempo dedicou-se ao jornalismo, ocupando por várias vezes o cargo de Redator-Chefe dos Jornais "O Estado", "A Gazeta" e "Diário da Tarde", todos desta Capital. Colaborador efetivo de todos os periódicos e revistas literárias da Capital e do Estado, possuindo a Carteira de Identidade, como jornalista profissional, fornecida pelo Ministério do Trabalho. Membro efetivo da Academia Catarinense de Letras, sendo o primeiro a ser recebido. Tem como seu patrono, o jornalista Lúcio Barbosa. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Membro efetivo da Associação Catarinense de Imprensa. Publicou os seguintes livros: 1º) — A Verdade Revelada — Com prefácio do professor Altino Flores; 2º) — Heroísmo da Humildade — Novela — Publicada em 1926; 3º) — Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos — Edição de dois mil volumes impressos na livraria da F. E. Brasileira — Rio de Janeiro — edição esgotada; 4º) — Epístolas aos Espíritos — Edição da livraria da Federação Espírita Brasileira — de 1940 — esgotada; 5º) — A Lei da Reincarnação e o Dogma do Inferno — Polêmica Religiosa.

lo a certos tópicos mais interessantes. Com referência às queixas recíprocas do Ouvidor e do Juiz de Fôra da Ilha, El-Rei, por seus Ministros deu razão ao Ouvidor da Comarca de São Pedro, acrescentando no despacho que "extranhava o excesso de ambos, quanto à língua" — taxando o caso de **conflitos perniciosos**. Quanto ao **novo estilo** do Juiz de Orfãos, ficaria êle sabendo "Que as citações dentro da Vila, não seriam feitas por mandatos".

E que diria o Príncipe Regente Nosso Senhor, sôbre as pretensões da Câmara da Vila do Destêrro, que queria ser Senado? A sentença foi a seguinte: "Que a Câmara não use do título e denominação de — Senado — e sim, que deverá usar sómente aquele título que lhe compete: Câmara". À cêrca da Correção foi mandado que os Livros deveriam ser entregues ao Ouvidor, para que bem e sabiamente os examinasse... Mas, de tudo isso, o que mais atenção chamou naquela época, foi a pretensão da Câmara, há mais de cento e trinta e quatro anos, de querer transformar-se em Senado

O segundo documento trata da indústria da pesca de nosso Estado. Isto foi há mais de cento e quarenta anos...

Justino José da Silva, foi um conterrâneo nosso, que iniciou regularmente no Estado, a indústria da pesca. Animado pelos resultados fabulosos da maneira de se vender o pescado no "Reino do Algarves", subiu à Côrte com uma petição propondo o grande empreendimento. O Reino aplaudiu a idéia de Justino e deferiu-lhe a petição. O lugar destinado para o início da indústria da pesca, foi a "Enseada das Garoupas, rico na espécie desses peixes da família dos **percidas** e oriundos da costa da Africa Ocidental".

A pesca iniciou-se e generalizou-

O vento arranca dos ciprestes um choro lento e contínuo. Pousam em terra o caixão. Lesto e prático, o coveiro prende-lhe às alças as cordas de descer.

Quatro homens seguram-nas de rijo, vão baixando... baixando... baixando... O fêretro bate no fundo da cova com o ruído de trovão

longínquo.

A pá de cal passa de mão em mão; alguns esfarelam torrões de barro para dentro da cova, sussurrando:

— A terra te seja leve!

*
* *

Então como quem cumpriu um

dever penoso, todos se dispersam, consoladamente, acendendo cigarros, parando à sombra das árvores, — olhando uma embarcação que veleja distante, indecisa, para as bandas de São Miguel.

Os ciprestes, batidos pelo vento, não descontinuam o seu magoado choro...

PESCADORES

OTHON D'EÇA

Canasvieiras. — 1942. — Manhã.
Espumas de nuvens diluem-se no azul tépido do céu.

A luz sobe das sarças de água como um fumo vivo e quente.

E o cheiro adocicado dos limos e das algas desperta saudades de mundos entrevistados nos lentos roteiros da imaginação.

Os barcos vêm chegando, cheios de peixe e com nomes na proa.

Guardo-lhes a grafia errada em letras floridas: CEMPRE COM DEUS; AVANSA AO MAR; NÓSSA SENHORA DOS AFLITUS; ISTRELA DAS ONDAS...

Mulheres trigueiras, algumas de olhos bem azuis, de saias escorridas, que o vento faz panejar modelando-lhes os ventres amplos, correm em grupos, com enormes balaios à cabeça; outras, de cócoras, entre balieiras emborcadas, esperam os batéis curvados para o mar, à bolina, ainda ao largo.

No areal tostado, onde apodrecem cabeças de arraia e pedaços de cabos de arrasto, secam redes e mariscam bandos de patos mansos.

A peixama vai sendo atirada para a praia: montes e mais montes que reluzem e que ainda se movem.

Velhos e crianças, casadas e solteiras, todos trabalham: empurram sobre os róis os barcos enxarcados, catam o peixe miudo, metem os dedos nas guelras duras dos meros vorazes, escamam, fendem os ventres das anchovas ainda vivas e que fedem a marezia e a intestinos fosforescentes.

Mas as balieiras e os saveiros continuam a chegar, carregados de peixe: os homens pulam n'água, satisfeitos: todo o mundo fala, grita, gesticula: — e o vozerio se mistura ao lento rumor do mar amigado, donde a vida brota, todos os dias, incessantemente, sem parar nunca, sem nunca se esgotar!

A luz vai caminhando devaga-

OTHON DA GAMA LOBO D'EÇA. Nasceu a 3 de agosto de 1893, em Florianópolis. Filho de Nuno da Gama Lobo d'Eça e de D.^a Maria Luiza Crespo da Gama Lobo d'Eça. Juiz de Direito avulso. Professor Catedrático de Direito Romano na Faculdade de Direito de Santa Catarina, 2.^o vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Presidente da Academia Catarinense de Letras. Secretário de Estado da Segurança Pública. Publicou: Cinza e Bruma, Ed. Apolo, Rio; Vindicta Braba, novela de costumes, Revista do Brasil, S. Paulo; Os Hespanhoes Confinantes, Livraria Moderna, Florianópolis. A aparecer: Homens e Algas e Outono. Militou no jornalismo e dirigiu: República, O Estado, Terra, revista de arte; Capital, Flama e Semana. Colaborou em Fon-fon, Gazeta de Notícias e Rua, do Rio de Janeiro e na Revista do Brasil e Revista Moderna, de S. Paulo. Ocupa na Academia Catarinense de Letras a cadeira que tem por patrono Cruz e Sousa.

rinho, na ponta dos pés, para não desmanchar aquela ilusão de alegria e de abundância!

Saturado de pólen e de calor, o vento passa, levando para longe o canto das águas e o canto dos homens: borbulhas que se esfazelam e se fundem no tempo.

A praia é um fervedoiro de bênçãos e de preces.

Barcos regressam; outros partem, abrindo as velas, levando esperanças e deixando inquietações!

— Louvado seja o Pai do Céu! Estão em terra!

— Deus vos traga, no seu Santo Nome!

— Nossa Senhora, olhai por êles!

E todos os barcos voltarão?

Quem pode lá prever!

O mar! o grande mar! o mar amigo e bom!

Todos os pescadores sabem disso: êle lhes dá a mantença e a fatura, às vêzes a alegria.

Mas também lhes tira a vida quase sempre!

se logo depois, movimentando a Enseada, que foi se tornando uma povoação. Data de 1817 a pesca industrializada em nosso Estado.

O manuscrito autêntico de 18 de outubro de 1817, com a respectiva rubrica de El-Rei Nosso Senhor é o seguinte: "Querendo auxiliar o estabelecimento que Justino José da Silva se propõe formar no sítio denominado de Enseada das Garoupas na Capitania de Santa Ca-

tarina, de que deve resultar grande interesse a êste Reino, pelo aumento da povoação e das pescarias, que ali se pretende promover à maneira do Reino de Algarves, hei por bem, que pela Mesa do Desembargo do Paço, se mande medir e demarcar uma légua de terra no referido sítio ou nas suas vizinhanças, onde melhor convier à especulação que tem em vista o sobredito Justino José da Silva, e que lhe seja dada e de sesmaria,

com a obrigação de repartir parte dela sem fôro a pessoas que vierem para ali estabelecerem-se, ficando desde já separadas quatrocentas braças, para passal do Capelão da Capela que há de haver ali, e que se há de erigir em Vigarraria quando houver formada a povoação em número suficiente".

Agora uma frase nossa, saudosa e muita da época... Como são raras e caras as Garoupas de hoje!

O POVOAMENTO DA CAPITANIA DE SANTA CATARINA

HERMÍNIO MILIS

Não sou historiógrafo, nem tenho pretensões a doutrinador de assuntos históricos. Todavia, como estudioso da Língua Pátria, não me seria possível desconhecer, de todo, estoura matéria, que Aulete assim define: — "Narração e conhecimento dos acontecimentos sociais cujo conjunto constitui a tradição".

Dá, a explicação que dou da minha ingerência, de quando em quando, nos assuntos relacionados com a História.

Assim, nesta estirada, quero lembrar à nossa gente, habitante do extremo Norte de Santa Catarina, algo do que se deva entender por "colonização açoriana" e madeirense", cujo segundo centenário de sua efetivação vai ser condignamente comemorado, por meio do Primeiro Congresso de História Catarinense, a realizar-se no mês de outubro, em Florianópolis, sob a esclarecida orientação do Desembargador Henrique da Silva Fontes — Mestre ilustre da nossa Língua e da nossa História.

* *

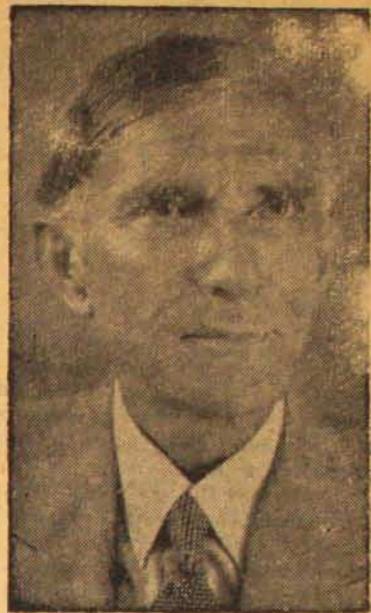
Criada a Capitania de Santa Catarina, em 1739, e tendo D. João V (25º Rei de Portugal, que governou de 1706 até 1750) pretendido colonizá-la convenientemente, foi, sobre isso, ouvido o seu Conselho Ultramarino, o qual, em agosto de 1746, lhe deu resposta aprovadora.

Assim, no último dia daquele mesmo mês (agosto), ordenou D. João V que fossem transportadas das ilhas dos Açores e da Madeira 4.000 famílias, "afim de povoar Santa Catarina e o continente de S. Pedro" (Rio Grande do Sul).

Escutemos, nesta altura, ao grande historiador Lucas Alexandre Bolteux, nas suas prestantísimas "Notas para a História Catarinense" (ed. de 1912, pág. 217):

"Foram, então, afixadas naquelas ilhas, editais nos seguintes termos:

"El-Rey Nosso Senhor attendendo às representações dos moradores das ilhas dos Açores, que têm pedido, mande tirar dellas o número dos casaes que fôr servido, e transportal-os à America, donde resultará às ditas Ilhas grande alívio em não ver padecer os seus moradores, reduzidos aos males que traz consigo a indigência em que vivem, e ao Brazil hum grande benefício em povoar de cultores alguma parte dos vastos domínios do dito Estado, foi servido por Resolução de 31 de agosto do presente anno, posta em consulta do seu Conselho Ultramarino de oito do mesmo mez fazer mercê aos casaes das ditas Ilhas, que se quizerem hir estabelecer no Brazil de lhes facilitar o transporte, o estabelecimento, mandando-os transportar à custa da sua Real Fazenda, não só por mar, mas também por terra até aos sitios que se lhes destinarem para as suas habitações, não sendo homens de mais de quarenta annos, e não sendo as mulheres de mais de trinta; e logo que chegarem a desembarcar no Brazil a cada mulher que para elle fôr das Ilhas de mais de doze annos, e de menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se darão dous mil e quatrocentos de ajuda de custo, e aos casaes que levarem filhos se lhes darão para ajuda de os vestir mil réis por cada filho, e logo que chegarem aos sitios que hão de habitar, se dará a cada casal huma espingarda, duas enxadas, huma enxada, hum martello, hum facão, duas facas, duas thesouras, duas verrumas, e huma serra com sua lima, e, travadeira, dous alqueires de semente, duas vaccas, e huma égoa, e no primeiro anno se lhes dará a farinha que entender basta para o sustento, que são tres quartas de alqueire da terra por mez para cada pessoa, assim dos homens, como das mulheres, mas não as crianças que não tiverem sete annos, e aos que tiverem até aos quatorze se lhes dará quarta e meia para cada mez.



HERMÍNIO MILIS. Nascido em Florianópolis, a 24-XII-1893. Reorganizador da Biblioteca Pública do Estado, no governo Adolfo Konder, ex-Inspetor da 3ª Circunscrição Escolar do Estado, fundador do Centro Catarinense de Letras, dos periódicos A Voz do Oeste e O Comércio, da Sociedade Musical "Lira do Iguaçu", do Centro Cultural "Professor Cleto", de Porto União da Vitória, e serventuário de Justiça, aposentado.

"Os homens que passarem por conta de S. Magestade, ficarão isentos de servirem nas Tropas pagas, no caso de se estabelecerem no terno de dous annos nos sitios que se lhes destinarem, onde se dará a cada Casal hum quarto de legua em quadra para principiar a sua cultura, sem que lhes levem direitos, nem salario algum por esta sesmaria: e quando pelo tempo adiante tenham familia com que possam cultivar mais terras, as poderão pedir ao Governador do Districto, que lhes concederá na forma das Ordens que tem nesta materia.

"E aos casaes das Ilhas que quizerem hir deste Reino (por se acharem nelle) se lhes darão as mesmas conveniencias, como tambem aos casaes de estrangeiros, que não forem vassallos de Sobe-ranos, que tenham Domínios n'America a que possam passar-se, aos que forem Artifices se lhes dará huma ajuda de custo, conforme os requisitos que tiverem, etc."

* *

Por tal forma, em setembro do mencionado anno de 1747, estavam inscritos, para se passarem à America e com as vantagens descritas naqueles editais, 2.585 açorianos, de cujo número chegaram a Santa Catarina, como seus primeiros colonizadores, no segundo mês do anno de 1748, 461 pessoas, conforme esta notícia, que nos oferece o

A MISSÃO DO PROFESSOR

IVO D'AQUINO

A semente da nossa nacionalidade foi plantada pela mão áspera e tenaz daqueles navegadores, que, mordidos pelo sol de dois hemisférios e flagelados pelos ventos de todos os quadrantes, desafiaram e domaram o Oceano, que era o inviolado símbolo das cóleras máximas da Natureza.

A nacionalidade brasileira despontou à sombra gazalhosa de uma cruz, que lhe ensinou a ter fé no seu destino, e se ditou diante de uma natureza bravia e caudalosa, que clamava, pelas suas vozes indômitas, que o Brasil devia ser forte, grande e generoso.

E, sob o dilatado pano do seu céu, foram acolhidos sem reservas representantes de todos os povos, e aqui se caldearam a audácia de uma raça conquistadora, a altivez de uma raça formada nas livres lições da Natureza e a força abnegada e triste de uma raça sofredora.

O Brasil foi cumprindo o seu rumo histórico, sem lutas de raças, de classes e de religiões.

Mas sempre o inspirou uma profunda e insubjugável consciência da sua nacionalidade.

Ainda colônia, a luta contra os holandeses, à revella da Metrópole, é documento de sangue, em que, muito antes da sua independência política, já a gente brasileira sentia o irreprimido ímpeto de ser livre.

E assim o demonstrou, diante de todos os invasores, que lhe romperam as fronteiras.

A proclamação de 1822 encontrou a consciência do Brasil temperada para recebê-la.

E, dois anos depois, a Constituição Imperial declarava que quem tivesse nascido no sólo nacional era brasileiro.

ceu outro princípio de nacionalidade, se não aquele.

Quem, por conseguinte, emigrou para o Brasil e aqui se estabeleceu, velu sob a égide daquele preceito.

Dentro do território nacional, não se reconhecem, portanto, minorias políticas estrangeiras, nem a nossa lei se compadecede das duplas nacionalidades.

Dentro do Brasil não há meio-térmo em assunto de nacionalidade.

Quem nasceu no Brasil é brasileiro, sem subordinação a origens raciais. Deve, por isso, ser ensinado e educado como cidadão brasileiro e, como êle, falar e sentir.

Não temos motivos nenhuns, nem biológicos, nem psicológicos, nem morais, nem históricos, para reconhecermos superioridade de raças, fundada na pureza de suas origens.

Não são mais civilizadas as raças realmente mais puras.

Se passarmos aos velhos continentes, veremos tristes farrapos de povos, que conservam inviolados, há mais de dez séculos, o tronco ancestral, como uma ironia às velezidades arrianistas.

Não há raças superiores; há sim povos com saúde, bem nutridos, com alto índice econômico, armados e convictos do seu valor moral e cívico.

Mas isso não são benefícios ingêntos à raça, se não patrimônio social adquirido por um esforço disciplinado.

E essa organização só se lucra educando. E educar é preparar as gerações novas, apercebendo-as dessas virtudes. E esta é, exatamente, a missão do professor.

(Do discurso de paraninfo, proferido no Colégio Coração de Jesus a 3 de Dezembro de 1938).



E este postulado nos rege há cento e vinte e quatro anos, por isso que, sem solução de continuidade, foi reproduzido nas Constituições Republicanas de 1891, de 1934 e de 10 de Novembro de 1937.

Nunca o Brasil, por lei, tratado ou acôrdo com nação estrangeira, reconhe-

Departamento de Estatística, nas Principais Efemérides da História Catarinense. (Publicação número 2): — "20-II-1748 — Ciência à Corte, pelo governador Silva Pais, da chegada de 461 pessoas, destinadas ao povoamento da Capitania".

De passagem, lembrarei que o Brigadeiro José da Silva Pais foi o primeiro Governador da Capitania de Santa Catarina, e o involvidável organizador do heróico Regimento "Barriga-Verde".

E aí está, em traços rápidos, o fato histórico, que, estreitamente ligado à velha e nobre Pátria de Camões, através dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira — êsses

metidos sôbre as águas do mar-oceano, cuja multidão fórma o Atlântico — comemoramos neste 1948, e ante o qual, se atentarmos, como dever é nosso, na grandeza do Brasil, tomando-se por base o crescimento da terra heróica de Fernando Machado, Lauro Müller, Hercílio Luz, Adolfo Konder e Nerêu Ramos, bem podemos fazer nossas estas palavras do imortal autor do "Rei Negro":

"Foram êles (os Portuguezes) que receberam de Deus a Pátria e nó-la deram; foram êles que a defenderam esforçadamente das ambições que, sôbre ela, competiram; foram êles que primeiro a explo-

raram com heroísmo admirável: foram êles que a demarcaram e povoaram.

"Erraram, por vezes, excederam-se em violências, mas não fôsse a bravura com que se portaram os seus heróis e hoje, talvez, o território imenso que a nossa bandeira cobre, teria a dividirem-no pavilhões diversos e a língua que sóa desde as cabeceiras dos rios amazônicos até a beira do arroio Chuí, seria apenas falada num canto minguado da terra onde, em pouco, morreria, como morre o arbusto cercado de árvores frondosas".

Pôrto União, 24-8-1948.

A «ILHA VERDE» E AS OUTRAS ILHAS

ILDEFONSO JUVENAL

A primeira impressão do açoriano e do madeirense ante o majestoso panorama da "ilha verde" de Santa Catarina, foi, sem dúvida, de verdadeira estupefação e indizível contentamento.

Após três longos meses de penosa travessia por mares para eles desconhecidos, à mercê dos ventos por vêzes desabridos e ao capricho das calmarias imobilizadoras, vendo cheios de inquietação muitos sucumbirem vítimas de doenças, de tédio ou nostalgia, ou por não suportar tão longa viagem, — exclamações ruidosas de expressiva alegria, tais como as externaram os insofridos marinheiros de Colombo, ao avistarem as terras da América, — ter-se-iam expandido de todos os lábios, — pois, não há quem demandando outros lugares, ao passar por esta maravilhosa ilha, ou em vindo habitá-la, não se sintam logo deslumbrado, a alma enlevada diante da magnificência dos seus estupendos panoramas.

Desembarcando, deixaram-se ficar absortos, por momentos, na contemplação de tantas belezas.

Ficaram logo querendo bem à nova terra, porque, como as suas ilhas, tinha o mesmo oceano a seus pés, embalando-lhe o sono com o ritmo cantante de suas vagas rumorosas.

Debalde procuraram demover alguns a deixar a "Ilha Verde", afim de colonizarem terras do continente de São Pedro, longe, bem longe do mar.

O açoriano e o madeirense, eram inseparáveis do mar, que os embalou no berço com a litania cantante de suas vagas; que lhes fôra brinco na infância descuidosa, e representava página viva do livro da história portuguesa, onde os seus valorosos antepassados prati-



ILDEFONSO JUVENAL. Natural de Florianópolis, nascido a 10 de abril de 1894. Graduado em farmácia pelo extinto Instituto Politécnico de Florianópolis. Membro dos Institutos Históricos do Estado de Santa Catarina e de Santos, Estado de São Paulo; membro correspondente da Academia Sul-riograndense de Letras e do Centro de Letras do Paraná. Autor dos livros: *Contos Singelos, Páginas simples, Páginas singelas, Relevos* (prosa). *Palmeis* (prosa, versos, teatro), *Contos de Natal, Teatro* e os seguintes folhetos contendo discursos e conferências, apologias e proposições: *O mais glorioso de nossos feitos d'armas, O mais empolgante feito de nossa Marinha de Guerra, A Ilha verde de Santa Catarina e os seus poetas do Passado, Nestor Vitor e Cruz e Souza, Laguna engrandecedora da História Catarinense, Lajes e o seu desenvolvimento cultural, Os valores culturais do Itajaí de ontem e de hoje, Ensinando a ensinar errado, Falando à alma gaúcha, Eduardo Dias, o mágico do pincel, A nossa gloriosa Marinha de Guerra no dia maior de sua história, Cruz e Souza e a sua gloriosa Via Crucis, o negro civilizado na voz imparcial da História e Culto da Bandeira.* Colaborador de jornais e revistas de Santa Catarina e de outros Estados.

terra firme, cuja preocupação é regressar para bordo do navio, onde, debruçado à amurada, possa contemplar, embevecido, o oceano vasto que o rodeia, a perder-se de vista e a confundir-se ao longe com o horizonte.

Por isso, a "Ilha Verde" de Santa Catarina tornou-se o enlêvo daquelas almas cheias de poesia, afeitas à contemplação dos deslumbrantes panoramas marítimos.

Tirá-los de uma ilha tão semelhante e que lhes dava a ilusão de estarem na terra que os viu nascer, seria roubar-lhes toda a alegria, toda a satisfação da alma simples, boa e afetiva.

Quando já não lhes era mais possível dissimular, esquivando-se ao cumprimento da imposição de abandonar a ilha maravilhosa, eis que, providencialmente, os transferiram para o litoral, não muito distante do mar, de onde poderiam ver a todo o instante o salso elemento, encanto de suas vidas, e em cujo dorso poderiam brincar, como o faziam nos mares do país natal.

E, satisfeitos, localizaram-se, quer em lugares do litoral sul-riograndense, quer na costa catarinense, em São Miguel, São José, Enseada de Brito, Vila Nova e Laguna, em sítios que lhes davam a impressão de se acharem habitando em um pedaço de suas ilhas.

Ficaram bem junto do mar, dêsse mar por vêzes impiedoso, mas sobretudo pródigo de benemerências, o qual não somente lhes recreava o espírito, como lhes proporcionava meios fáceis de subsistência, enquanto aguardavam que no fértil sólo das baixadas e das encostas dos morros, as searas amadurecessem e os frutos sazanassem, sob os afagos quentes do Sol, — eterna benção do Creador.

caram feitos grandiloquentes, dilatando pelas conquistas o pequenino reino.

Os insulanos são tripulantes de navios ancorados eternamente pelo Creador, no meio dos oceanos; porisso, sentem-se estranhos e saudosos quando em outros lugares, tal como o marujo profissional em

Língua e Nacionalidade

CARLOS GOMES DE OLIVEIRA



CARLOS GOMES DE OLIVEIRA. Nasceu em Joinville, Santa Catarina, a 12 de outubro de 1894. Fêz estudos primários em sua cidade natal e secundários no Ginásio Catarinense. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1918. Advogou em Joinville, onde, também, se iniciou nas atividades jornalísticas. Foi deputado estadual e, nesta qualidade, membro de várias comissões importantes, notadamente da que elaborou o Código do Processo do Estado de Santa Catarina. Eleito deputado federal, tomou parte na Assembléa Constituinte de 1934, tendo sido membro da Comissão de Constituição e Justiça na legislatura seguinte. Ocupou outros cargos de importância: Secretário de Estado, Diretor e Presidente do Instituto Nacional do Mate e Diretor Geral do Departamento das Municipalidades, cargo que ainda exerce. É membro do Instituto Brasileiro de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Tem várias obras publicadas, notadamente "Sociedades Irregulares" e "Nacionalização e Ensino".

O português, com os traços vigorosos da sua individualidade de povo, na fase áurea da sua existência, quando, por toda a parte os descobrimentos alargavam os seus domínios e a sua influência; o português, senhor primeiro do Brasil, não podia deixar de imprimir nos destinos raciais do brasileiro o sinete da sua nacionalidade.

O negro africano, o indígena, o holandês, que em maior percentagem entram para o amálgama de que saiu o povo brasileiro, foram absorvidos pela raça portuguesa, nas tendências e na língua. Predominou, com esta, o tipo que Portugal fizera emigrar para este lado do continente sul-americano, naturalmente diferenciado pelas condições do meio e pela influência dos tipos raciais que aqui o defrontaram.

Mas, se hoje não há ainda um tipo social fixo, habitando esta parte do nosso continente, como o diz Oliveira Viana, porque a extensão do território, com os climas e condições físicas mais diversas, influenciaram a sua formação, determinando nuances várias; se não há um tipo único, é inegável que o povo brasileiro constitui já, pelas suas tradições e pela sua história, pela própria religião e, sobretudo, pela língua, uma nacionalidade de contornos definidos.

Há, do norte ao sul do país, uma só consciência em que se fundem as aspirações, as tendências e os melindres nacionais.

Apertado entre povos de procedência espanhola, o brasileiro das regiões mais distantes se solidarizou, para manter a unidade terri-

sil tem, mais imperioso se torna a bem da unidade nacional.

A nacionalidade pode fixar-se pela influência da religião, das tradições históricas, das tendências raciais de um povo, mas a língua é o elemento que lhe dá coesão, que, formando a literatura nacional e estabelecendo a compreensão mútua entre os indivíduos, cria entre eles essa simpatia de que fala Stuart Mill.

Foi por terem uma só língua e uma só literatura que a Itália e a Alemanha conseguiram fazer a sua unidade política, porque na literatura e na língua tinham os traços da fisionomia nacional.

Se há povos que falam dialetos, como o italiano, o espanhol, o belga, e outros que falam não apenas dialetos mas línguas várias, como o suíço, é porque, naqueles, os dialetos não passam de variantes da língua de que todos são afins, e, nestes, a comunhão de tradições históricas, de interesses políticos são já elos bastante fortes a manter íntegro o espírito da nacionalidade.

Ora, no Brasil, como já sucedera em Portugal, cuja formação étnica é um amálgama dos mais variados elementos raciais; no Brasil é a língua que tem mantido o espírito da nacionalidade e é por meio dela que havemos de atrair para a comunidade brasileira e fundir nela os núcleos de populações estrangeiras, que a imigração tem carregado para o nosso território.

(De um discurso proferido na Câmara dos Deputados, em 1937).

torial e formar, autônomo já, com características próprias, embora muito afim do português, o espírito de uma nação única. E esse espírito pode evoluir, tomar feições novas, com o correr dos tempos, mas não se fragmenta, é uno, constitui a consciência coletiva, que é o *substratum* da nacionalidade.

Contudo, o progressivo aproveitamento espiritual do homem, orientado num sentido só, pela educação, deve ser a preocupação dos estadistas, para que essa consciência mais se revigore. É o que, num país da extensão que o Bra-

SANTA CATARINA, SEGUNDO WAPPÄUS

CUSTÓDIO DE CAMPOS

O Dr. J. E. Wappäus, professor na Universidade de Göttingen, publicou em 1871 o seu afamado **Compêndio de Geografia e Estatística do Brasil**, precioso repertório da situação do Brasil há um século. Como a parte referente ao nosso Estado, ao que sabemos, ainda não tenha sido traduzida, supomos ser interessante lançar um olhar retrospectivo sobre o que era Santa Catarina há um século pelo que relata o sábio teuto, a cuja obra nos reportamos colhendo das páginas 1803 a 1827, em duplas colunas, tipo miudo, formato de dicionário, os seguintes dados: "A população da Província constava, segundo um censo do ano de 1810, somente de 31.534 almas, a saber: 26.680 brancos (11.173 do sexo masculino e 12.507 do sexo feminino), 1.651 índios livres (293 do sexo masculino e 358 feminino) e 7.203 escravos (4.633 masculinos e 2.570 femininos). Desde então a população tem aumentado, sem dúvida, com relativa rapidez. Se entretanto Pompeo a estima em 130.000 e Almeida em 200.000, tal cálculo é com toda a certeza muito exagerado. A distribuição da população, segundo as raças, não é exatamente conhecida, mas, sem dúvida muito favorável para as circunstâncias brasileiras. Tal observação é explicável pelo motivo de que, não tendo

os missionários protegido os índios nesta Província contra o extermínio por parte dos brancos, poucos remanesceram, e daí ter havido mescla com sangue de índio em proporções diminutas. Também como fôsse aqui sempre reduzido o número de escravos negros, os mestiços deles descendentes não constituem aqui uma parte tão preponderante da população como nas províncias tropicais do litoral brasileiro. Além disso, a colonização pelos açoritas, que traziam espôsas e filhos, contribuiu também para a conservação da pureza da raça, por isso que não se verificavam muitas oportunidades de casamentos mixtos.

Importação da Província (em contos de réis); anos 1863/1864, das Repúblicas Platinas — 150; das cidades Hanseáticas — 3; total — 153. Exportação para as Repúblicas Platinas — 115, para a Grã Bretanha — 130, Cidades Hanseáticas — 147, diversos — 52; total — 444.

No ano de 1866, tinha a Província 70 escolas elementares sendo 48 para o sexo masculino com a matrícula de 1602 alunos, e 22 para o sexo feminino com a matrícula de 610 alunas. Na Capital há um liceu com 23 alunos. O orçamento do exercício financeiro de 1866/1867 prevê uma receita de



CUSTÓDIO FRANCISCO DE CAMPOS. Nascido em 12-11-1895 em São José, filho de Francisco Custódio de Campos e D^{na}. Júlia Duarte de Campos. Estudou as primeiras letras na escola de D^{na}. Cândida Born de Sousa, depois no colégio dirigido pelo Vigário P. Manfredo Leite e Professor João Peixoto. Posteriormente teve como professor Frel Herculano, então vigário da Paróquia. Em 1908, por interfe-reência de Frel Domingos ingressou no Colégio Seráfico de Santo Antônio, em Blumenau. Em 1913, abandonou os estudos. Em 1914, foi nomeado escriturário do Tesouro do Estado, havendo servido em quase todo o interior do Estado como exator. Em 1919, foi para o Rio de Janeiro, trabalhando no comércio, principalmente como representante de firmas fornecedoras ao governo, tendo sido durante 2 anos 1^o secretário do Centro dos Fornecedores ao Governo. Regressando ao Estado em 1936, exerceu a advocacia como provisionado em Curitiba, Rio do Sul, Cruzeiro, hoje Joaçaba, tendo sido nomeado por concurso em 1935 lente de Latim e Alemão do Instituto de Educação de Lajes, havendo sido transferido em 1937 para o Instituto desta Capital. * autor da Pequena Gramática Latina.

198.635 e uma despesa de 184.796. A população da Capital, segundo Almeida, era de 12.000 almas; segundo outras fontes, porém, era de 6 a 7.000".

O País do Sonho

ALVARO AUGUSTO LOPES

Nós, os nascidos neste lado pro-sálico do Atlântico, descendentes remotos dos índios bronzeados de cocar e tanga, vivemos desde crianças voltados para as regiões fabulosas do Oriente. Cedo nos impregnamos com o perfume daquelas paragens longínquas, de onde nos vinha tudo que nos falava à alma, na linguagem maravilhosa do sonho e da fantasia... Pequenos, começamos a ler, na

Bíblia de fechos dourados e iluminuras coloridas, as histórias fantásticas de Moisés, a falar com Deus numa sarça de fogo, a pisar a areia enxuta do Mar Vermelho, a fazer jorrar água de rochedos duros e agrestes... Salomão nos encantava com sua barba em forma de léque e sua sabedoria em forma de provérbios. Vimos Ezequiel com uma brasa ardente nos lábios, Daniel acariciando leões

numa cova, Elias arrebatado aos céus num carro deslumbrante. E Jesus subia à montanha para entoar o poema da Bemaventurança, percorria as várzeas da Galiléia contando parábolas poéticas, ou se assentava nas margens do Lago de Tiberíades para acariciar os cabelos dos pequeninos...

O Oriente era o cenário das "Mil e Uma Noites", onde Bagdá repetia o esplendor de Babilônia,

A PENA E A SUA APLICAÇÃO

JOSE ROCHA FERREIRA BASTOS

A pena deve ser aplicada como um mal necessário àquele que delinuiu; mas esse mal corpóreo, essa restrição às expansões da liberdade integral na esfera do mundo externo, deve ter como resultado o levantamento do espírito, o fortalecimento das energias morais, a regeneração do delinquente, isto é, o arrependimento do mal do crime pela eficácia do mal da punição. E o regimen penitenciário resolve, a contento, o problema. Foi nos Estados Unidos da América do Norte que se estabeleceram com verdadeiro caráter prático os dois sistemas penitenciários que por muito tempo dominaram as opiniões e atraíram os estudos dos competentes: o **pensilvânico**, ou da Filadélfia, segundo o qual os criminosos viviam isolados nas células durante o dia e durante a noite, e o **auburniano**, ou de Nova York, em que havia o isolamento noturno e o trabalho comum durante o dia com a obrigação de rigoroso silêncio. Cada um desses sistemas tinha grandes inconvenientes. O isolamento absoluto, sequestrando o condenado do convívio de seus semelhantes, não lhe dava impulsos para o bem, pelo conselho, pelo conforto da moral e da religião.

O sistema de **Auburn** isolando o criminoso somente à noite e dei-

xando-o em comum durante o dia, não tirava resultados nem do isolamento, porque este, à noite, em regra não tem eficácia repressiva, nem do trabalho em comum, porque todos os meios que a malícia e a astúcia podem engendrar eram



JOSE ROCHA FERREIRA BASTOS. Nascido em Salvador, Bahia, a 13 de maio de 1897. Diplomado a 8 de dezembro de 1917 pela Faculdade de Direito da Bahia. Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, juiz do Tribunal Regional Eleitoral, docente-livre de Direito Penal da Faculdade de Direito e professor da Faculdade de Ciências Econômicas.

postos em prática para a comunicação dos condenados uns com outros, sendo mister, para manter o silêncio, o emprêgo de bárbaros castigos que mais de uma vez acabavam com a morte do castigado.

Felizmente pra nós, e em particular para Santa Catarina, o problema da penitenciária está resolvido a contento, e bem sabemos de sua importância como fator social.

Entregue o delinquente aos cuidados da direção do presídio, ele, que se sentia um repudiado de todos, que odiava a sociedade, exasperando-se contra ela, vai se deixando influenciar pelos benefícios que recebe, já de ordem moral, já de ordem material.

É o analfabeto que se ilustra, é o sub-alimentado que se revigora... Obediente aos preceitos regulamentares, obtém ele os favores que lhe são outorgados em razão de sua conduta, e o que ingressou porque transgrediu a lei procura o momento para afirmar a sua completa regeneração.

Bem haja, pois, o Governo, que com tanto carinho atentou para a solução de tão grave problema, e aplausos para os que, compreendendo a espinhosa missão, exercitavam-na como verdadeiro apóstolo...

Harun-al-Raschid mandava presentes régios a Carlos Magno, e a perturbadora Scherazade, com a sua malícia feminina, era uma réplica de Salomé que entontecia a volúpia de Tetrarca, depois da Dansa dos Sete Véus...

Mais tarde, com a idade e a cultura, nossas impressões se tornavam eruditas... Líamos as viagens de Gerard de Nerval, Gautier, Pierre Loti, Flaubert, Renan, Eça de Queiroz. Tornávamos familiarizados com o Bósforo, Estambul e o seu Corno de Ouro. Conhecíamos as paisagens típicas, os minaretes pontudos, as mesquitas quadradas, os desertos calcados pelas patas dos corcéis de puro sangue, os beduinos de albornoz alvíssimo, as caravanas imensas, originárias das terras dos ca-

lifas e das "huris" de olhos cintilantes em rostos velados...

Do Oriente nos vinha a inspiração mais fecunda, com as musselinas, o sândalo, o cinamomo, o alôes, a mirra, o "moka" excitante, o fumo de ópio entorpecente, as bagas assucaradas das tâmaras gostosas. Dali nos vinham a religião e o "haschich", o alívio para o espírito e o esquecimento para a carne...

Mas tudo isto agora se desbarata, se dissolve, se abrasa sob a luva de ferro duma demência guerreira... Naqueles sítios troam os canhões agora, os carros blindados trituram corpos, os aviões de combate arrazam monumentos e cidades ilustres...

Na terra do sonho, hoje reina a mais espantosa desolação... E

Alvaro Augusto Lopes. Filho de Roberto Augusto Lopes. Nascido em Florianópolis, em 1896. Fêz estudos primários na Escola de Eduardo Schutel. Transferido para Santos, em 1905, em companhia de seus pais. Fêz o curso completo do Ginásio Santista. Diplomado em 1912. Fundou os jornais literários *Via Lactea*, em 1913, e *O Riso* em 1914. Trabalhou no jornal *Comércio de Santos*, com Nilo Costa, Bruno Barbosa, Afonso Schmidt, Paulo Gonçalves, de 1920 a 1924. Em 1925 ingressou na *A Tribuna*, onde fez a crítica teatral até 1937, sendo também encarregado da crítica literária desse jornal desde 1928 até esta data. Em 1929, foi pelo Prefeito de Santos incumbido de organizar a Biblioteca Municipal de Santos, exercendo o cargo de seu administrador até 1946, data em que passou a secretária do gabinete do Prefeito de então, dr. Edgardo Boaventura. Foi secretário da Comissão Municipal de Cultura de 1940 a 1946. Atualmente está na chefia do expediente da Diretoria de Serviços Públicos da Prefeitura de Santos.

sob o clangor dos clarins e o estourar dos petardos, as vozes doces de Hafiz e Kayyham não cantam mais a beleza da Vida...

Santos, Agosto, 1948.

PARÁBOLA

A meu filho Rogério

JOSÉ CORDEIRO

Um monge budista experiente e sábio,
disse uma vez
a um peregrino que o procurava:

— Tu és homem, meu filho;
e o homem é como o espelho:
tanto pode refletir a luz do Sol,
que ilumina,
purifica,
fecunda
e dá vida,
quanto a lama dos pântanos,
que suja,
enegrece
e contamina.

Ora,
se o Sol se esconde por trás das nuvens
e o pântano aí está à tua vista,
espera que as nuvens se dissipem
para, então, refletires a luz solar.
Deixa o lodaçal com sua impureza,
porque o calor do Sol também o purificará,
secando-o...

O peregrino
não compreendeu bem,
e perguntou:

— Mestre, eu sei que falas em termos figurados;
é por isso que te pergunto:
Que é o Sol?
Que são as nuvens?
Que é o lodaçal?

E o velho monge budista
respondeu,
a sorrir:

— O Sol é tua mente.
As nuvens são os preconceitos, os hábitos e as tradições.
O pântano é teu egoísmo.

Se o Sol não pôde brilhar
é porque as emanações do pântano produzem nuvens,
e as nuvens encobrem o Sol...

Eis aqui meu filho,
uma diretriz,
que será como um guia
para o caminho de tua vida:

Que brilhe sempre a luz pura de um Sol sem nuvens!

SONETOS

QUADRO VIVO

J. BATISTA CRESPO

Na "varanda" de estilo, entre flores e arcadas,
brinca no pavimento um casal de crianças.
Vem de fora, sutil, o aroma das latadas...
A frescura do campo ensombrado de franças..

Vê-se, perto, do arado as lâminas curvadas
rasgando a terra. Alguém enxota pombas mansas.
Mais longe o rio reflete as margens pontilhadas
de chalés de madeira e esboços de faianças!

Quente, longa, imprevista, uma réstea de sol
faz piscar na gaiola o "louro" verdegaio
e doura de improviso a trama do aranhol.

Na cadeira que, lento, aos cochilos, embala,
o Vovô pigarreia olhando, de soslaio,
o Papai e a Mamãe abraçados na sala!

TORTURA

A tortura que eu sinto, essa tortura, enfim,
que não é minha só e se torna um consôlo
— pois o sonho em si mesmo é uma ilusão sem fim —

De por em cada rima uma centelha viva,
quando a idéia, inspirada, ascende em áureo rôlo
porque o estro imortal a forma não cativa.

Esse afã de gravar no livro, numa tela,
no mármore ou no bronze, em resumo, a emoção
de ser, — raio de luz nessa humana procela
que ruge sempre mais dentro do coração —

Irradia o esplendor que o mundo todo estréla!
É tão grande e produz tão profunda impressão
que imortaliza a dor de D. Quixote, — aquela
que fez da própria vida um símbolo de ação!

JOSÉ CORDEIRO. (José Borges Cordeiro da Silva). Nasceu no Distrito Federal, em 26 de março de 1897. Fêz estudos primários e preparatórios em sua cidade natal. Frequentou a Escola Naval até o terceiro ano do curso, passando-se à Marinha Mercante, como oficial. Viajou por quase tôdas as partes do mundo. Deixando a vida do mar, iniciou-se no jornalismo, em "O Imparcial". Trabalhou no "Correio da Manhã", "Gazeta de Notícias" e em outros jornais do Rio, enquanto cursava a Escola Politécnica. Em 1926, já engenheiro geógrafo, veio para Santa Catarina, e aqui se radicou e constituiu família. Cultiva tanto a prosa quanto a poesia. Explora quase todos os gêneros literários. É membro do Instituto Histórico e do Centro Catarinense de Letras.



Dom Daniel Henrique Hostin

TRAJANO SOUSA

Que de reminiscências dulcíssimas me não evoca à mente, em borbotões, a lembrança inapagável dêste nome profético e saudoso!

É que a formação moral, tanto quanto a intelectual, se me foi ali-cerçando, em parte, sob o influxo benéfico desta individualidade marcante de predestinado.

Desde os bancos escolares do vetusto Colégio Seráfico, de Blumenau, em dias que já vão longe, que se me deparou o ensêjo feliz de entrar em contacto, de entabular as relações primeiras com o jovem Henrique Hostin, de quando estudante de humanidades.

Filho da então vila e atual cidade de Gaspar, oriundo de famílias brasileiras de ascendentes belgas, constituiu-se ali, naquele ambiente dulçuroso de saber e misticismo, onde o elemento teutônico predominava, pela prudência, pelo tino, pelo temperamento dado e expansivo, um como cónsul ou cicerone dos luso-brasileiros que, inexperientes e bisonhos, ingressavam no tradicional educandário.

Sempre jovial, com o sorriso a bailar-lhe na flor dos lábios, êle, o senior, com uma paciência beneditina e uma prontidão admirável, iniciava os novatos nas lides de estudante franciscano.

E fazia gôsto vê-lo liderando os colegas no jôgo da bola ou estimulando-os nos ensaios da banda colegial, de que era um dos componentes.

E foi desde a época a que me reporto, que o atual bispo de Lajes vinha revelando a vocação pronunciada para condutor de almas.

Pois que de par com o gênio franco e comunicativo, que lhe admiramos na alma de escol, característico lhe era o empenho decidido, o zêlo ardente em servir ao seu semelhante e torná-lo mais feliz.

Demais disso, profunda lhe era a piedade e sincera a devoção.

O entranhado amor ao Estado natal e o interêsse pela sorte dos

conterrâneos dir-se-ia a sua preocupação constante.

Em carta endereçada de Curitiba ao autor destas linhas, escrevia textualmente:

Tenho esperança de percorrer mais tarde, contigo, lnda que montado em dura cavalgadura, os vastos sertões catarinenses para con-



TRAJANO JOSÉ DE OLIVEIRA E SOUSA. Nasceu em 16 de abril de 1897, em Lajes, Estado de S. Catarina. Filho de José Mariano de Sousa e Da. Maria Januária de Oliveira e Sousa. Fêz os estudos primários no antigo Colégio São José, de sua cidade natal. Frequentou o Colégio Seráfico dos Padres Franciscanos em Blumenau, onde completou o curso ginasial na Ordem Franciscana, fêz o noviciado em Rodeto e os estudos superiores em Curitiba e Petrópolis. Interrompeu os estudos e passou a residir temporariamente, primeiro no Rio, depois em São Paulo, Curitiba e Florianópolis. Publicou uma coleção de poesias sob o título "Fôlhas Esparsas", a tese "Sôbre a necessidade da uniformização da ortografia nas escolas" e uma monografia: "O ensino religioso na diocese de Lajes", tirada a lume na Revista Pedagógica.

verter tantos pobres barrigas-verdes, que vivem afastados do bom pastor.

Em assim se expressando, D. Daniel parece já estava adivinhando, naqueles tempos remotos, a futura missão que lhe ia ser confiada pela Providência.

Vasto o campo de ação que lhe fôra reservado.

Desenvolveu sua atividade apostólica na paróquia de Blumenau, onde adquiriu sólidas amizades e granjeou incontestemente popularidade, reconstruindo e reformando completamente a matriz daquela cidade.

Os superiores hierárquicos, reconhecendo-lhe os méritos e a grande soma de serviços à Ordem, removeram-no para Curitiba, afim de superintender o convento da capital paranaense. Mais tarde necessário se fêz o pusessem à frente dos destinos da comunidade de Petrópolis, no Estado do Rio, onde havia mister um guardião de comprovada idoneidade.

E foi justamente dêste último pôsto, da humildade de sua cela de franciscano, que a Santa Sé houve por bem arrancar Frei Daniel, exalçando-o à dignidade de príncipe da Igreja, para presidir aos destinos do bispado de Lajes.

Como tem sido a atividade episcopal do nosso prelado à testa daquela vastíssima circunscrição eclesiástica, que o digam os seus diocesanos, que o julgue o povo catarinense.

E deveras, D. Daniel Hostin tem correspondido plenamente às expectativas de seus coestaduanos.

Pastor de almas seguro e experimentado, em o qual a vocação missionária se lhe evidencia o traço predominante; extremamente acessível e de encantadora simplicidade e modéstia, sacerdote virtuoso, culto e dotado de extraordinários dons oratórios, é com tino acertado, firmeza inquebrantável e abnegação evangélica que o estimado Antístete vem conduzindo a grei serrana a contento geral e norteando os destinos de sua futura diocese.

Pois que D. Daniel Henrique Hostin tem sabido ser não só o continuador admirável das grandes figuras do nosso púlpito, mas vem honrando sobremaneira as tradições gloriosas do episcopado conterrâneo, como um dos mais simpáticos e benquistos representantes do clero catarinense.

A CAPITAL CATARINENSE

EDMUNDO DA LUZ PINTO

Florianópolis, a antiga Destêro, busca a sua denominação atual na fidelidade política que em 93 e 94 manteve com os ideais republicanos, encarnados na resistência do Marechal Floriano.

Durante aqueles sangrentos e agitados dias, pode dizer-se, a formosa capital sulina foi o mais movimentado cenário da nossa História.

Ali chegou a instalar-se revolucionariamente um governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, com Presidente, Ministros de Estado e até um Supremo Tribunal Federal, que abolveu, em grão de recurso, o governador federalista, permitindo-o reassumir o cargo, que passara ao vice-governador, em virtude de processo e condenação.

Ali, com a derrota do Aquidaban, capitânea da esquadra revoltada, se celebrou a virtual vitória da causa republicana.

Depois dela vieram os trágicos meses de vinganças, de equívocos, de delações e de intrigas, seguidos de terror, prisões, fuzilamentos... Florianópolis lembraria todo esse passado, cheio das sombras da morte, de divórcio e de luto, se a sua fisionomia alegre e louçã, recortada pela espuma do mar, não sugerisse antes um meigo sorriso de criança... Daí, embora sem as galas e os artifícios das cidades modernas e tentaculares, ninguém poder dela aproximar-se sem amá-la, nem nela chegar sem prender-se para sempre.

Vêde-a: as suas ruas, mais ou menos estreitas, ostentam um casario simples, ora de aspecto colonial, como na zona do comércio, ora como nos bairros de residência, com os seus jardins floridos. De um lado, sobre um outeiro, o benemérito Hospital de Caridade, o cemitério ilustre da terra, a capelinha da imagem milagrosa de Nosso Senhor dos Passos, cuja procissão, talvez a mais bela de todo o Brasil, dali desce, à noite, invariavelmente todos os anos, entre uma alameda movediça de luzes, acompanhada de devoção, de súplicas e de promessas. De outro, a monumental ponte "Hercílio Luz", que n'uma verdadeira avenida suspensa sobre as águas, liga a cidade ao continente. Agora, olhai o centro, com uma praça magnífica, onde se reúnem, nos cafés e nas calçadas, as rodas e os grupos, dando a ilusão de um grande movimento urbano. Nela



EDMUNDO DA LUZ PINTO. Nasceu a 5 de janeiro de 1898, em Santa Catarina. Filho de Edmundo Brugger Pinto e de D^{ca} Maria Isabel Ancora da Luz Pinto. Aluno do Colégio Militar. Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Deputado ao Congresso Estadual de Santa Catarina. Deputado Federal pelo mesmo Estado. Professor de Direito Constitucional da Universidade do Distrito Federal e Diretor da Escola de Economia Política da mesma Universidade. Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário do Brasil nas festas centenárias de Portugal em 1940. Delegado Plenipotenciário nas Conferências da Paz do Chaco, Interamericana da Consolidação da Paz em Buenos Aires, Oitava Interamericana de Lima e Primeira das Comissões Nacionais de Cooperação Intelectual. É membro de muitas associações literárias, jurídicas e científicas nacionais e estrangeiras. Tem muitas condecorações de países estrangeiros. Dentre os seus trabalhos publicados, destacam-se: O Papa como pessoa de Direito Internacional, A Liga das Nações Americanas e o artigo 21 do Pacto de Versalhes, O direito de voto dos Acreanos, A prescrição quinzenal e os privilégios da Fazenda, Os honorários dos advogados e a reparação do dano, Discursos de Minha Terra, Os principais Estadistas do Segundo Império e A Gratidão do Brasil.

estão os principais edifícios públicos, alguns soberbos, a Catedral e também, já cançada e amparada por vigas de ferro, tôda enfeitada de orquídeas raras, a secular e gigantesca figueira, a cuja sombra gerações e gerações conversaram e meditaram, confidente discreta de todos nós — árvore veneranda, braço da terra querida!

Pela manhã, as rendeiras da ilha invadem os hotéis e as casas de negócio, oferecendo rendas finas, verdadeiras obras primas da arte manual. Falam cantando... Ao ouvi-las, pobres mulheres retardatárias, que às vezes dão ao idioma um legítimo timbre quinhentista, fica-se a pensar nos ditosos tempos em que não havia a máquina, a vida era fácil e solidária e o trabalho creava, com a abastança, outros e muitos daqueles poemas de paciência, beleza e vagar...

Florianópolis — terra ilha — é cercada de praias. As pescarias que nela se realizam são bíblicas pela abundância e as de tainhas e enxovas, nas praias dos Inglêses, Campeche e Canavieiras, em certas estações, são de tamanha fartura que, não raro, constituem uma calamidade local pela dificuldade em dar destino a tanto peixe. Aliás, tôda alimentação é barata naquela terra abençoada, escolhida por aposentados e reformados de todos os pontos do país para moradia, dispostos a terem nela o tumbulo ainda os que não tiveram a dita de lograr o berço.

O povo de Florianópolis é expansivo, ardoroso, irreverente, epigramático, com a mesma psicologia de todos os que vivem à beira-mar. O mar é um professor de democracia e, até certo ponto, um subversivo desvalorizador de quaisquer grandezas humanas. Ele sabe bem, "ancião sempre na flôr da idade", que "é a mais antiga expressão do verbo de Deus sobre a face da terra". Ele viu perecerem esquadras invencíveis, nações poderosas, ídolos intangíveis, dominadores arrogantes... Por isso, com a sua ressonância e o seu marulho, ensina aos que lhe sentem, com os nossos ilhéos, diariamente o contacto, a não terem nem espantos, nem decepções, mas confiança em si mesmos, pretenciosos, quem sabe, porque nascida de forças interiores, acordadas em cada um pela sua empolgante presença...

Ainda outra maravilha da minha encantadora Florianópolis são os seus crepúsculos, que desafiam, multicores, imprevisos imaginários, nas suas tonalidades, a palheta dos pintores clássicos e futuristas e a inspiração de poetas e escritores.

Para mim a musa de Cruz e Souza, de que ali felizmente existem descendentes espirituais, tirou da contemplação daqueles espetáculos inesquecíveis a emoção renovadora dos seus símbolos na poesia brasileira. E foi, com certeza, sentindo o mesmo deslumbramento do nosso excelso poeta que, de uma feita, em Florianópolis, um tipo de rua, cuja curiosa paranóia é digna de um estudo, me perguntou com o olhar como que boiando, enamorado, nas perspectivas do pôr do sol:

"Porque será que aqui o céu todo dia dá festa?!"

Rio, 1936.

SANTOS LOSTADA

(FRAGMENTOS DE MEMÓRIA)

GUSTAVO NEVES

Vive em mim, a respeito de Manoel dos Santos Lostada, mais do que a admiração intelectual de quem lhe sentiu de perto o halo do espírito. Fui seu íntimo e na desproporção de idades, eu, então ainda um jovem inflamado de entusiasmos que mais crepitavam à presença das incentivadoras emoções daquele homem de eleição para mim, lhe queria surpreender, a cada momento, os segrêdos de sua superioridade evidente, no paradoxo da sua simplicidade tocante. Fôra um autodidacta. E nas minhas lucubrações ansiosas, à hora roubada ao repouso, o moço que eu era se agradava de discreta emulação, quando percebia que, ao contemporâneo vigoroso e entusiasta duma plêiade de valores mentais patrocinados por Gama Rosa, não fôra impossível atingir a serena quietude duma consciência iluminada e duma individualidade espiritual marcante. Foram seus companheiros, entre outros, Virgílio Várzea, Cruz e Sousa e Araujo Figueredo. Com êste também tive a felicidade de privar, em comum com o meu inesquecível patrono, Santos Lostada, porém, fizera-se retraído olhando o mundo através das lentes que, até certo ponto, lhe deformavam a realidade e lhe ensombrevam as perspectivas. Tornára-se espiritualista, não no sentido de mera concepção filosófica, senão nas suas esperanças, na sua atitude, na prática de sua convivência. Para êle o mundo, simples estágio de aprendizado da alma, não valia o estímulo às glórias prometidas ao artista, ao homem de letras, ao poeta. Araujo Figueredo, não obstante as suas convicções espiritualistas idênticas às de Lostada, não descreôra das emoções que o impeliam a versificá-las imorredoiamente, como o fazia em **Praias** e em **Novenas, em maio**. Santos Lostada, ao contrário, sensibilidade vibrátil às belezas poéticas que o poeta apreendia em versos de sabor espiritual e de sutileza estética incomparáveis, não se deixava tentar pelo demônio das próprias inspirações, que, entre-

tanto, expressava na prodigalidade das suas palestras íntimas, onde a estatura rija do seu espírito e os toques humanos do seu coração se refletiam inconfundivelmente.

Fôí um bom. Descendente de caboclos, tendo iniciado sua adoles-



GUSTAVO NEVES. Nasceu em Florianópolis, a 10 de abril de 1898, onde fez estudos primários. Tem o curso de Comércio, sendo diplomado pelo Instituto Comercial do Rio de Janeiro. Cedo iniciou-se no jornalismo, carreira em que revelou invulgar talento. É membro da Academia Catarinense de Letras. — cadeira que tem por patrono Manoel dos Santos Lostada —, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Associação Catarinense de Imprensa. Tem dirigido revistas e jornais. Exer. o cargo de Diretor da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde. Tem colaborado em inúmeros jornais e revistas e é Diretor de redação do diário "O Estado".

cência num balcão de varêjo, quando veio de seu ignorado rincão palhocense para a capital, tinha algo de sertanejo na presença, conservando um grande apêgo às tradições maiores e uma doce admiração, quase devoção, à simplicidade rústica dos homens da roça. O seu esforço para abrir caminho na existência foi heróico mesmo ao tempo em que a competir com o mérito das conquistas próprias não havia o prestígio da riqueza, o qual costuma abrir as portas da

fama a tantos pedantes votados a mediocridade. Manoel dos Santos Lostada foi caixeiro de armazem de secos e molhados. Poliu-se, pagou o preço de austero autodidactismo, frequentou às rodas dos intelectuais contemporâneos, dentre os quais alguns ganharam celebridade fora da rotina provincial. Escreveu para os jornais do tempo, entre êsses, a **Tribuna Popular**. Isto o fêz reconhecer a algumas almas acessíveis, com poderes bastantes para o auxiliarem a escalar degraus mais elevados da sociedade e da vida pública. Fêz política. Foi Promotor em Blumenau, professor primário em Itajaí. Pobre sempre, nunca deshonrado. Sóbrio até no direito de ser ambicioso.

Lembro-me de havê-lo encontrado um dia a ler uma das minhas barbaridades literárias, publicadas na imprensa local; nunca lhe esqueci a indulgente admoestação que me fêz, então, à cerca de processos literários a que eu não me conformava, porque, na verdade não os conhecia nem dêles ouvira antes falar. Lostada, se hoje vivesse e lhe fôsse oferecida a ler uma dessas páginas que se gabam de originais, por se dizerem modernistas, bradaria aos céus de angústia e decepção. Era cioso das formas clássicas, correto no linguajar, pensando com a elegância do "snob" a quem parecesse irreverência social uma prega relaxada na gravata ou a ausência do brilho no colarinho. E quando, já àqueles dias, se preconizavam as excelências de certa literatura desenvolva e infiel aos cânones da gramática, era seu costume chamar-nos a atenção para o caso, como para um fenômeno a mais depondo contra a segurança das diretrizes filosóficas, mercê das quais o que a nossa geração já advogava era, sim, a indisciplina mental, a negação do esforço, a quebra de todos os padrões respeitáveis.

Manoel dos Santos Lostada pensava assim. Teria a sua razão?

DE JOELHOS

ANTONIETA DE BARROS



ANTONIETA DE BARROS. Nascida a 11 de julho de 1901, em Florianópolis. Coursou a Escola Normal Catarinense, diplomando-se em 1921, com notas distintas. Em 1922, fundou o Curso Antonietta de Barros, que dirige, ainda, e onde lecionou até dezembro de 1933. Em 1933, a 8 de dezembro, assumiu o cargo de professora da Escola Complementar, anexa ao Grupo Escolar Lauro Müller. Em 1934, foi nomeada Lente da cadeira de Português e Literatura da Escola Normal Catarinense. Neste mesmo ano, foi indicada à deputação estadual, pelo Partido Liberal. Eleita, fez parte da Constituinte de 1935. De 1937 a 1945, lecionou Português, Literatura e Psicologia, no Colégio Coração de Jesus, desta Capital. A 1º de julho de 1944, convidada pelo Interventor Nerêu Ramos, assumiu a direção do Instituto de Educação Dias Velho. Em 1945, concorreu às eleições para deputado estadual, pelo Partido Social Democrático, tendo alcançado a 2ª suplência. Em junho de 1948, deixou a direção do Instituto, para, na Assembléa Legislativa substituir o deputado José Boabaid. Dirigiu, nesta cidade, o semanário A Semana e a revista A Vida Ilhoa. Colabora em diversos jornais. Publicou Farrapos de Idéias.

Bem hajas Tu, Senhor!

A bênção do Teu olhar, meigo, manso e humilde, palpita e vibra no meu caminho; vive, dentro em mim; abre-me os olhos para um horizonte sempre deslumbrante e põe-me, nalma, os cânticos dulçorosos dos que chegaram ao Sinai dos seus sonhos!

Bem hajas Tu, Senhor, que, na Tua infinita bondade, me fizeste Mestra! Deante de Ti, o meu coração de joelhos, pela graça da Tua escolha!

Mestra, Senhor! Bendito sejas!

E, para que cumpra, integralmente, o extraordinário destino que quiseste fôsse o meu, deixa que eu perceba, sempre mais, a prodigalidade do Teu Amor, que me elegeu, para trabalhar o material que trabalhaste.

Dá-me luz, Senhor, para sentir a grandeza da Tua misericórdia, por me abrires as portas do santuário da escola!

Dá que eu saiba emprestar à singeleza da sala, onde serei Mestra, a santidade mística dos templos, a operosidade santa das oficinas e a alegria abençoada dos lares!

Que eu tenha, Senhor, a mansidão dos fortes, e a intrepidez dos que querem vencer! Enche-me as ações da grandeza da Tua serena Justiça, e dos esplendôres do Teu divino Amor, que irmanou e acolheu todos e a todos perdoou!

Que o meu coração seja imã poderoso e, livre de todos os preconceitos, saiba agasalhar, com carinho e sem distinguir, o coração daqueles de quem me fizeres Mãe!

E dá-me sabedoria, Senhor, para que, por Teu Amor divino, modele e aprimore os filhos de minha alma, para Te glorificarem, enobrecendo a Humanidade, nesta Pátria, que me deste, e "cujo destino a luz de Tuas estrélas em cruz", ilumina e abençoa, eternamente, Amen.

Um catarinense na fogueira de Bogotá

TITO CARVALHO

Fendem a manhã grisalha e fresca dêste 9 de abril lufadas de clamores distantes. E vêm vindo pela Carrera Sétima, onde nos encontramos, próximo à sede presidencial — o Palácio Narinõ, edifício róseo, sem relêvo, dois pisos, largo e acachapado entre "almacenes". Como num sábado de Alelúia, passa aos pinchos sôbre as pedras do calçamento, arrastado por uma perna, o tronco nu e grotesco de Juan Roa Sierra. Não o malham, a jeito do rapazio belicoso da Figueira com os enchumaçados judas, ou dos mangualeiros nos enterreirados da nossa doce Orleans, em debulha do feijão preto. Pisoteiam-no, chorando, algazarrentos, primários, como num bárbaro ritual religioso. Matou Gaitán pelas costas, com três trabucadas, à porta da Sombrieria San Francisco, quasi à esquina da Avenida Jiménez de Quesada. Firmara-se Gaitán prestígio insolapável entre a mes-

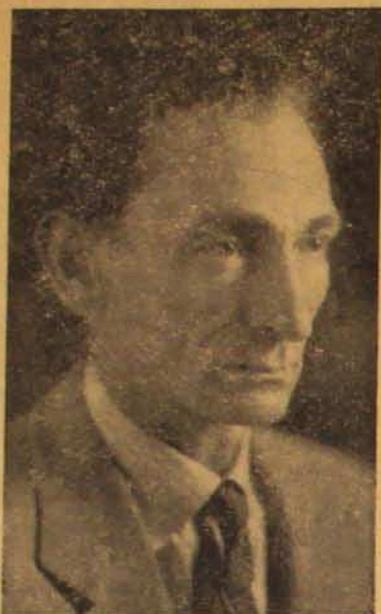
tiçagem e a indiada, num país onde não existe classe média. Também mestiço, "El Negro" se fizera incômodo aos companheiros liberais, pela coloração café-com-leite do Partido, que os inferiorizava "vis-à-vis", aos gôdos, leite puro, arianistas, vizinhando do franquismo, ao bridão reacionário de Laureano Gómez. Desnordeada pelo golpe violento, a multidão sem condutor, a "chusma" — na denominação sarcásmica dos governistas — desemboca de roldão, por trás do Capitólio e refluída da Praça Santo Agostinho, no quarteirão do Palácio. Tenta arrombar portas, com taboinhas de caixotes de frutas tornadas arietes. Sem armas. Um que outro "machête" de lâmina larga, sem rasgar feridas ou abrir ventres. Perez Ospina encrua na resistência: morto, mas não depositado. Não se rende. Mas, neutraliza o arranque liberal improvisado, com a fisga do adversário liberal

Echandia, para cabeça do novo ministério. E reforçadas, pouco a pouco, as forças minguadas do Exército, compostas de conscritos bisonhos, que mal sustêm as carabinas antiquadas, operam a repressão à desordem, já generalizada. Nessa altura, a reduzida minoria comunista se infiltra na onda da pilhagem, do saque e do incêndio, que açula em "slogans" entusiásticos. Dita pelo rádio instruções para o preparo dos "cock-tails" Molotov. Em nosso Hotel, guardado pela soldadesca, a fuzilaria recrudescer à noite. Prendem-se incendiários que tentam pregar fogo ao prédio, com derrame de gasolina, para que morramos como bugios moqueados e a quadra vire fogueira propagando-se ao Palácio da Presidência...

Sacode Bogotá o delírio do incêndio. Contra os morros de leste se aviva o clarão das chamas, que devoram Palácios que são riquís-

CARTA A UM HOMEM QUE NÃO NASCEU

JOÃO FRAINER



JOÃO FRAINER. Nascido em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, R. G. do Sul, aos 8 de dezembro de 1900. Depois das primeiras letras em escola pública, fez seus estudos no Seminário Provincial de S. Leopoldo, naquele Estado, onde absorveu o curso ginasial, 6 anos, e o curso filosófico, 3 anos, além de um ano de teologia. Iniciou suas atividades na imprensa em 1917, com colaborações para O Eco, revista editada pelo Ginásio Anchieta de Porto Alegre. Foi secretário do Correio da Serra e do Sul Brasil, diários ambos de Santa Maria, o último então dirigido pelo dr. Walter Jobim, atual Governador do Rio Grande do Sul. Mais tarde dirigiu O Boavistense, de Erechim, no mesmo Estado, transformando-o de semanário em diário. De 1937 a 1939 foi redator político de A Gazeta do Povo, Curitiba, quando era seu diretor o jornalista Acir Guimarães. Em Florianópolis, foi redator de A Gazeta e de O Estado. Atualmente, além de pertencer ao corpo redatorial do primeiro desses matutinos, dirige a revista mensal ilustrada Leia-me!, de que é fundador. Exerceu, também, o magistério particular, tendo ocupado a cadeira de português dos Colégios Fontoura Ilha e Centenário de Santa Maria e do Liceu Rio Branco, de Curitiba. Dedicou-se, principalmente, à literatura dramática, tendo escrito: O Imigrante — publicado — drama em 3 atos; O Celibatário, A Defensora dos Namorados, A Virgem dos Lábios de Mel, comédias em três atos, A Voz da Inocência, O Colar da Gratidão — dramas, além de diversas outras peças em um ato, todas representadas mas não publicadas. Está particularmente ligado a Santa Catarina, pois foi neste Estado que residiram e contraíram matrimônio seus pais e que nasceram os seus irmãos, em número de 11, um dos quais — a única irmã falecida repousa em terras catarinenses. Foi designado, a 1º de se-

Ao te reclinarem num berço pobre mas feliz como o que me deram ao entrar no mundo, terás, ao teu redor, uma festa de beijos e carinhos.

Depois, crescerás.

Estenderás os bracinhos irrequietos para te apoderares de tudo quanto esteja ao teu alcance, num primeiro gesto de egoísmo e de ambição, e lavrarás um protesto de lágrimas se te não permitirem a mais ampla liberdade ao teu instinto. Mas tudo esquecerás e continuarás crescendo.

Infância!

Ela será o teu paraíso na terra.

Ainda ignorando o valor das cousas e os enganos dos homens, as tuas aspirações, nessa quadra ditosa, não passarão de um corre-corre despreocupado atrás de mil quimeras, ora entretido com os encantos das bolhas de sabão, ora soltando pandorgas que desafiam o vento e o espaço, ora construindo castelos de areia.

Virão as aulas, os livros, os deveres. E continuarás crescendo. E entrarás na adolescência. E passarás à mocidade.

Mocidade!

E aqui transbordarão teus olhos, do entusiasmo vivificador que te borbulhar no peito.

Nessa época, o teu mundo não será o mundo em que eu vivo.

Muito se terá transformado a fisionomia social das gerações. O progresso, em sua vertigem asso-

tembro do corrente ano, para o cargo de Diretor, em Comissão, da Secretaria da Câmara Municipal de Florianópolis.

simos museus de arte mourisco-espanhola, como o de San Carlos, séde da Chancelaria, onde os afrescos se fracionam e se enroscam nas paredes, esturricados como folhas secas. Bogotá desmorona dentro do luar noturno. E há recontros ferozes, portas e gradis empastados de sangue, corpos espalhados, em posições confrangedoras, decompondo-se, insepultos.

Pouco, a pouco, triste, recolhida, a bela cidade da montanha retorna à quietude. Ainda assim, contudo, o grande e dolorido silêncio é picotado, de pontos simultâneos, pelos estalidos das pistolas dos franco-atiradores, seguramente comunistas, postados nas tôrres das igrejas, nos edifícios em construção e até mesmo nos escombros

amontoados. Sentam-se à mesa do Hotel Granada, à Praça Santander, para onde nos transferimos, cessado o cerco de mais de uma semana, e onde voltam a reproduzir-se os duelos de fusilaria...

Perez Ospina brada ao microfone das "broadcastings" retomadas aos rebeldes, que o motim tem natureza bolchevista. E, ao contrário, nascera como oportuno e espontâneo desbordamento da tortura e da desesperança populares contra as "razzias" políticas, o ambiente abafado e estrangulador imposto longamente pelo situacionismo. Nascera para marcar a transformação dos costumes, já em progressão. Marshall, porém, vale-se do ensejo — que era seu objetivo essencial na IXCIA, segundo o batis-

berbante e alucinadora, há de despertar a tua compaixão, quando o estudo da história te revelar o tremendo atraso em que hoje vivemos, compaixão como a que também nós a sentimos hoje, pelos povos do passado, pelos costumes ridículos de outras éras, antes da máquina, da luz elétrica, do rádio, dos aviões, da bomba atômica!

Sim, estará tudo mudado. Tudo. Menos o coração. Porque também tu, um dia, has de estremecer em palpitações, pela mulher que te impressionou. Has de os ter os teus idílios e os teus arroubos, numa revoada de sonhos felizes e deslumbrantes. E os terás, também, os teus momentos de receio e de dúvidas. As tuas esperanças e as tuas desilusões. E o sentirás o ciúme que rói e a saudade que crucia...

Abre-a, então, esta carta.

Ela te dirá que o mundo progride, que de século em século se transmuda a face da terra, que a inteligência humana amplia cada vez mais a força de sua penetração nos segredos do cosmos, mas que no meio de tudo... o coração não muda. E não muda porque o seu destino é amar. É sacrificar-se pelo amor. Sofrer pelo amor. Viver pelo amor. Glorificar-se no amor, ainda que esta glória se erga sobre alicerces de espinhos e pedras. Ainda que contra ela invisista o sarcasmo da incompreensão.

E depois de a leres — esta carta — continua a lutar pelo amor. Porque o amor é vida. O amor é felicidade!

mo bogotano à Conferência — para a aprovação da declaração anti-comunista. Bramuglia, da Argentina, apavorado, sugere a mudança da séde da nona reunião para outro país. João Neves, pequeno e valente, se opõe, pois, embora com riscos de vida, é indispensável uma atitude de franca solidariedade ao governo colombiano.

E as sessões prosseguem no Ginásio Moderno, para os lados de Chapinero — o bairro das legações e embaixadas — com os seus debates fogosos, mas inúteis como aquela tentativa de Jorge Eliécer Gaitán, mestiço morto por outro mestiço, de unificar numa força partidária indestrutível, o arianismo basco e a mestiçagem andina...

Encanto ou Sedução

Pe. ALVINO BERTOLDO BRAUN S. J.

Tema que nos conturba e que nos seduz: A MULHER, o respeito que lhe devemos a ela e à sua purificadora excelência de virgem e de mãe!

A pureza encantadora da virgem atrai o homem e o eleva ao sublime... a excelência da maternidade purifica o sentimento de cada homem que ainda em si conserva alguma centelha de nobreza e dignidade humana!

Veneramos na mãe o símbolo da humilde excelência! Veneramos na mãe esta constelação de virtudes ternas, perseverantes e escondidas, que fulguram em torno de uma estrela de primeira grandeza: a pureza e que em feixes esplendurosos emitem a luminosa mensagem de: **sacrifício**. Jamais poderíamos associar ao pensamento de reverência à nossa mãe algo que lhe maculara a sua beleza substancial, algo que nela negara a essência de sua abnegação! O mero fator fisiológico necessita ser nimbado com as fulgurações do espírito! Veneramos em nossa mãe, não a mulher, mas a senhora!

E para que esta sublime excelência da mãe, flor tão querida e bela, se arraigue e cresça cada dia mais viçosa, nos cumpre defendê-la das mãos que a arrancam, dos espinheiros que a afogam, do bafo pestífero que a cresta!

Vejamos em cada mocinha de hoje, a mãe de amanhã.

Respeitemos nós nelas, e respeitem elas em si mesmas, a dignidade que as espera no dia de amanhã.

Guardem ilibado o nimbo de sua pureza. Possam essas mocinhas oferecer amanhã aos beijos de seus filhinhos, uma fronte radiosa e sem a nódoa do despudor! Mereçam elas hoje, mereçam amanhã e mereçam sempre a veneração que lhes é devida e que as aguarda!

O célebre protestante Guizot saudava e rendia homenagem à Igreja Católica como a "grande escola de respeito".



Pe. Alvin Bertoldo Braun, S. J. Natural de Estrêla, Rio Grande do Sul, nascido aos 21 de Setembro de 1901. Filho de Pedro Braun e D. Maria Wagner. Fez os estudos primários na sua cidade natal e os preparatórios no Seminário de São Leopoldo, onde, prosseguindo os estudos ordenou-se Sacerdote. Exerceu de 1938 a 1940 o cargo de Prefeito Geral do Ginásio, hoje Colégio Catarinense; de 1940 a 1946, o de Diretor do referido estabelecimento de ensino; e de 1947 a 1948 o de Diretor espiritual do Internato. Foi eleito da Congregação Geral em 1946, seguindo para Roma, afim de exercer na cidade eterna o direito de voto na eleição do Superior da Ordem. É capelão da Base Aérea de Florianópolis, desde 1945. Escreveu "Santo Inácio" e "B. Maria Goretti, apologetas sacras, já em 2ª edição. Pertence à Congregação Mariana do Internato do Colégio Catarinense, de Florianópolis.

Nobre palavra e tão esquecida!

Respeito à mulher! Norma de civilização.

Respeito à mulher! Lema de cavalheiro.

Porém será difícil respeitar àquela, se ela mesma se menospreza, se desrespeita!

E no atual século a falta de pudor e o desrespeito se vão vulgarizando num ritmo aterrador: O trato mútuo entre os jovens desconhece as distâncias essenciais; as familiaridades postergam a cortezia; a fácil freqüência mata a ilusão; o material impera toscamente sobre o espiritual! E num menosprezo inqualificável a própria mulher se amesquinha e se malbarata...

Respeita a ti mesma, oh mulher!

Valoriza-te, oh moça!

Opõe-te à corrente e procura antes passar por exquisita que por moderna.

Pratica a virtude sorridente e a distinção recatada! Assim te valorizas! Todo o moço, quer ter uma esposa boa e virtuosa. Todo o moço, mesmo o mau, rejeita a moça que é "fan" de todos.

Por isso, oh jovem, coloca-te a ti mesma no teu lugar na sociedade, lugar de honra, e isso por tuas atitudes graciosas, sim, mas recatadas; elegantes, sim, mas nobres e pudicas; modernas, sim, mas sem o menoscabo de tua dignidade de moça cristã e futura mãe de filhos e filhas? Proceda assim, e se fôr esta a norma de teu agir, verás que a atmosfera em torno de ti se tornará pura, limpa e perfumada; um halo de dignidade afastará de ti todo o bafo quente, que vem, atijado pela paixão, e não pelo amor santo e santificador!

Procedendo assim verás que o amor e o respeito serão companheiros inseparáveis de tua vida.

O encanto da mulher e da moça é a centelha de seu valor moral: homenagem à sua graça e à sua formosura; é a galanteria com o sorriso espiritualizado, e este encanto jaz, no mundo moderno, murchado ou vegeta atrofiado, empestado pelo bafo da sensualidade sômente! E umas maneiras chatas e insossas, bem estranhas à nossa índole nacional, uma manifestação da baixa sensualidade, o silvo sedutor da sereia começa a se fazer ouvir, tudo sob o influxo nefasto do cinema vilificador, secundado pela literatura baixa e indigna do papel borrão em que é impresso!

Jovem encantadora ou sereia sedutora?!

Moça reage! Não te aviltes a descer do trono de tua dignidade para a rua do desprezo e da degradação!

Jovem encantadora ou sereia sedutora?

Encanto ou sedução?!

Ilha Verde

Melodias na viração mui branda
De tardes esplendentes
Perpassando por ermas solidões
Onde se esquece a vida de aflições
Nas cantigas dolentes...

No piso dêste chão sul-brasileiro
Da terra onde nasci, no alviçareiro
Ninho dos meus pagos
O espreguiçar do dia vai dourando
Montes e vales; pássaros em bando;
Praias... dunas... lagos...

Vergel feito fanal todo esperança
Na opulência do belo que não cansa,
Em águas de cristais
Falando altissonante da grandeza
Do quanto pôde a mão da Natureza
Nos seus feitos reais!

DESTERRO foi seu nome por engano,
Porque é jardim suspenso do oceano,
É joia do Universo
Este berço de tantos sonhadores
O meu Vale de Escól com seus primores
Numa altivês imerso!

Meu lar! ó panorama que se expande
Em meio a vastidão do mar tão grande,
Ó verdejante Ilha:
Nas muralhas da rocha e do granito
Debruçada de frente p'ra o Infinito
Na excelsa maravilha!

Baloçante nas águas do Atlântico
Feita um hórto encantado
Tens tu, ó Ilha, a música constante
Das vagas, num vai-vem rumorejante,
Sempiterno... idomado...

Nas noites, quando a lua se revela
Vestindo-te de prata,
Ah! como ostentas tanta majestade!
Que lampejos de luz minh'alma invade
E a poesia desata!

Ilha! tu tens doces trovas de amor:
Cantilenas sem fim
Urdidas nos engenhos trabalhados
E nos antigos cafezais vergados
De fruto carmezim!

Vozes admiráveis de outro tempo
Envolvendo saudade
Dos vagidos da vida em seus albores
Do belo que fulgiu nos esplendores
De leda mocidade!

Vozes que entoam velhas chamarritas
Onde mora a rendeira
A esticar sua renda tão bonita
No chão sentada à esteira.

ILHA VERDE cingida pela forte
Sentinela do mar!
Com que de extraordinário, imenso, grande,
Ostentas êsse belo que se expande
Em noites de luar!

Ilha beijada aos ímpetos brutais,
Espumantes de vagas procelosas,
Ao Léste, nos costões
Onde alcantís afundam nos abismos:
Insondáveis de rochas escarpadas
De misteriosos sons...

Ilha onde o sabiá às bordas dos caminhos
Pelo tempo do aroma das laranjas
Seu gorgeio desata
No segredar oculto da floresta
No ritmo de trechos parecidos
Com o cantar da cascata...

Ilha das franjas nas recurvas tantas
Dos monótonos abrigos povoados
Por ranchos e palhoças
Onde o mugir do boi ao pôr-do-sol
De quebrada em quebrada vai morrer
No silêncio das roças...

ILHA VERDE cingida pela forte
Sentinela do mar!
Com que de extraordinário, imenso, grande,
Ostentas êsse belo que se expande
Em noites de luar!

Setembro, 1948.



MANOEL FELIX CARDOSO. Natural de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, filho de Emídio Tertulliano Cardoso e D. Basileia Souza Cardoso. Nascido aos 23 de março de 1901. Escreveu artigos filosóficos na imprensa de Florianópolis, sob os pseudônimos de Barnabé Lucas e Polícarpo Simplicio de Assunção. Tem participado desde a infância pendoroso poético. Colaborador de "Atualidades" e outras publicações florianopolitanas, nelas inserindo de quando em vez apreciadas produções em prosa e versos.

Aspecto Fitogeográfico do Município de Laguna

RUBEN ULYSSÉA

O revestimento florístico das terras do município, por força da própria formação geológica, apresenta dois aspectos distintos: a vegetação dos morros e a vegetação da planície. Esta é constituída de plantas que facilmente se desenvolvem em terreno arenoso, no sólo rico em cloreto de sódio ou nos alagadiços sujeitos à influência das marés; aquela forma esse tipo de mata espessa, fechada pela trama de cipós rasteiros, de trepadeiras, de samambaias e bromelíneas, que recobre os flancos dos montes do litoral.

Para usar de uma linguagem mais adequada ao assunto e adotando a classificação de Engler, diríamos que nas terras da planície dominam as formações halófilas; nos morros, as formações higrófilas megatermais.

Sofre o revestimento florístico de toda esta zona a atuação decisiva de um agente que devemos logo assinalar: o vento de nordeste. Soprando, quase constante, dos lados do oceano, leva para o interior a umidade e o ar impregnado de sal marinho, favorecendo, assim, o desenvolvimento de algumas espécies vegetais e impedindo o crescimento de outras. Observa-se ainda que, por sua influência, as árvores multiplicam de modo considerável a sua ramificação e não crescem livremente senão nas revessas. A vegetação, por isso mesmo, não atinge a maior altura nos pontos muito castigados por essas correntes aéreas. Nos descampados, as árvores crescem a custo, vergadas à pressão do vento, estendendo invariavelmente para sudoeste a ramagem quase despida de folhas.

Mas, os aspectos que a paisagem botânica oferece, podem ser apreciados em seus detalhes. Nos largos areais das praias e dunas que acompanham a orla marítima, vivem as plantas de longos barraços rasteiros, de folhas geralmente carnudas, como a ipoméia pé-de-cabra, o perrixil, a japican-



RUBEN ULYSSÉA. (Ruben Lima de Ulysséa). Nasceu em Laguna, a 17 de março de 1902. Filho de Saul Ulysséa e d. Francisca Lima de Ulysséa — Primeiros estudos em sua terra natal. Preparatórios no Ginásio Catarinense e no Colégio Pedro II. Militou na imprensa do Rio de Janeiro como redator d'O Rebate e auxiliar de redação d'O Jornal. Redatoriu o diário A Cidade, de Laguna. Dirigiu a revista Mundo Infantil, do Rio de Janeiro, editada pela "Casa Editora Vecchi". Para essa mesma casa, da qual foi diretor literário, traduziu O Experimento de Pott, de Pittgrilli, e Meu coração em câmara lenta, de Maurice Dekobra. Em 1933, ingressou no magistério catarinense. Exerce, hoje, as funções de diretor do grupo escolar "Professora Ana Gondin", de Laguna, e é lente de História e Geografia do "Ginásio Lagunense".

ga e outras espécies psalmófilas. Transposta a linha das dunas, vêm os campos da planície arenosa. Observa-se, aqui, a vegetação típica das restingas: são pastagens pobres, grandes capões já muito desbastados pelo machado dos lenhadores, banhados impenetráveis cobertos de taboá, piri e tiririca, e, nas terras mais enxutas, capueiras e ondeantes vasourais que, de regra, retomaram o espaço das roças abandonadas. De onde em onde uma quadra de terreno cultivado: roças de mandioca, na maioria.

É o que nos mostra o revestimento florístico da planície, da raiz do morro da Penha para o

sul. Contudo, no distrito de Mirim, à proporção que avança para o rio d'Una, essa vegetação vai tomando força para ostentar uma relativa pujança nas terras fertilizadas pelo rio, as mais ferazes do município.

Nos alagadiços, que ocupam grandes áreas à margem das lagoas, como na planície sedimentar ainda mal formada, por onde correm, nos seus meandros, o rio da Madre e o Tubarão, vamos encontrar essas formações halófilas dos banhados lodosos que caracterizam os mangues. Por vêzes, terreno, aí, adquire mais solidez. Recobre-se, então, de viçosas pastagens, aproveitadas como excelentes campos de criação.

Nas formações dos mangues, a espécie mais comum e mais característica é a corticeira (Anona palustris), convindo lembrar que o fundo lodoso dos rios de pouca correnteza favorece o desenvolvimento do aguapé, o que obriga os canoeiros e a "Fiscalização do Pôrto" a um freqüente trabalho de desobstrução.

Dentre os vegetais de maior porte encontrados nas formações da planície, podemos destacar a figueira brava, a caúna, a caporoca, o sabugueiro, o cambará, a carobeira, o ipê-batata, a maria-mole, algumas espécies de espinheiro, palmeiras e, nas margens mais firmes dos rios, a vulgaríssima aroeira e o chorão.

A família mais bem representada nesta vegetação de baixada é, sem dúvida, a das mirtáceas. Muito embora prefira os morros, encontramos, nos capões, o camboim (Myrcia crenata) que fornece lenha de excelente qualidade. Disseminadas pelas moitas dos campos há a gabirobeira, a murta, e, importante pela quantidade e pelo fruto, o araçá-do-campo. Muito comum é também uma mirtácea que dá um frutozinho negro, conhecida por papa-goéla.

Interessante é notar-se que, nos campos da Garopaba, que apre-

O Conselheiro

OSWALDO

Nascido na minha pequenina e risonha terra natal, a heróica Laguna, que foi o marco lusitano da brava e inigualável epopéia da conquista do solo pátrio, e que dentre as póvoas catarinenses é aquela que pode ostentar, sem perigo de impugnação, as côres mais nobres da heráldica, aprendeu a amá-la de longe, a olhar o solo catarinense com a ternura da saudade, afastado que foi com três anos apenas de idade, das doçuras de seus panoramas deslumbrantes.

Bons fados presidiram o seu advento, pois veio a ser o catarinense mais notável do século XIX, a cabeça mais culta da Província, a sua inteligência mais fulgurante.

Aos dezoito anos de idade, tendo já passado pelo infortúnio de perder pai e um tio, que lhe amparavam a infância, era engenheiro militar e, sem outros méritos que os legítimos, de seu preparo intelectual, trazia sobre os punhos os dourados de capitão.

Daf para diante, impedia-lhe o verdor da idade acesso aos postos mais elevados, para os quais se exigia, na época, também, um pouco de barba, fôsse pêra, suíça ou passa-piolho, conforme a patente, e que era assim como que peça do uniforme.

Criou-se assim a oportunidade de tentar a escalada da glória por outro caminho: o da política.

O sete de abril atirou-o em Santa Catarina, para iniciar, nos postos provincianos, os primeiros passos da ascensão. Momento propício, certamente, que lhe abria as possibilidades com o afastamento, ou, pelo menos, retraimento, do elemento lusitano dos postos de



OSWALDO RODRIGUES CABRAL. O Dr. Oswaldo R. Cabral nasceu na cidade de Laguna, a 11 de outubro de 1903, sendo filho de Ary Cabral e de D. Luíza Rodrigues Cabral. Doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929, defendendo tese sobre Problemas Educacionais de Higiene, aprovada com distinção. Foi Diretor do Hospital Municipal de Joinville, Diretor da Assistência Municipal de Florianópolis e atualmente é chefe dos serviços médicos, no Estado, do Instituto dos Comerciantes. Jornalista combativo e orador, é também autor de numerosas obras históricas, tendo estreado nas letras com o livro Santa Catarina, incluído na Coleção Brasileira. Dentre os seus livros mais destacados como estudos históricos podem ser citados Laguna e Outros Ensaios, Medicina, Médicos e Charlatães do Passado, Os Jesuítas em Santa Catarina, A Ordem Terceira da Penitência no Destêro. Publicou também um livro de impressão de viagem aos Estados Unidos, intitulado Terra da Liberdade. Pertence aos Institutos Históricos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pernambuco, à Sociedade Paulista de História da Medicina, aos Institutos Heráldico Genealógico Brasileiro e de São Paulo. É membro das Academias de Letras de Santa Catarina, Piauí e Paraná e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi membro do Conselho Penitenciário do Estado, da Liga de Defesa Nacional e Presidente da Cruz Vermelha Brasileira em Santa Catarina. Foi deputado à Assembléa Constituinte Estadual e ocupa uma cadeira na Assembléa Legislativa do Estado, como deputado pela União Democrática Nacional.

destaque, depois da abrilada, que deu por terra com o Presidente Melo e Alvim, embora nome respeitável e digno; momento que Jerônimo Coelho não desdenhou,

Jerônimo F. Coelho

R. CABRAL

inscrevendo-se entre os nacionalistas exaltados, para ocupar um dos postos à testa de suas fileiras.

Escolheu o melhor partido — não o devemos dizer porque renequemos a nossa heróica ascendência portuguesa, mas porque jámais poderíamos desejar encontrasse o saudosismo éco no coração da pátria.

Não encontrou, de fato; e Coelho, da mesma sutil maneira com que escolheu partido, elegeu as armas que havia de usar. Alguns meses após a sua chegada à Província, a 28 de julho de 1831, precisamente, lançou fundamentos à imprensa da nossa terra, dando à publicidade o número inicial d'O CATARINENSE.

Não me posso furtar, para ser exato, de repetir algo do que disse, no Dia da Imprensa, na casa dos jornalistas catarinenses, sobre este primeiro jornal, e que constituiu uma página da vida social da nossa terra.

Era O CATARINENSE um jornal de formato pequeno, de quatro páginas, vendido a três vintens o número, ou a um mil réis por trimestre. Imprimia-se em oficina própria, que o seu redator instalara na sua casa de morada, à rua do Livramento, hoje Trajano.

A redação, não obstante, deveria ter sido pelas boticas, onde se fazia a política do tempo, onde se teciam os comentários sobre tudo e sobre todos, enquanto se ia mascando alcaçuz ou dissolvendo à bôca, com prazer, cristais de açúcar cãndi. Nelas se tomava assinatura: na de José Caetano Pereira, à rua Augusta, hoje João Pinto; na de Francisco de Paula Lage, na

senta a mesma fisionomia botânica dos campos do município, Saint-Hilaire assinalou a presença de uma mirtácea muito abundante, classificada em sua "Flora Brasiliae" como "Myrcia Garopabensis". Em vão procuramos identificar esta planta, que supomos tratar-se do araçá-do-campo.

Também ali o naturalista francês conheceu o butiá (Cocus erisopatha), palmeira anã que é outra espécie característica da vegetação desta planície, muito comum, associada à vassoura, no so-

lo mais enxuto das lombas. Era o butiá abundantíssimo nesta zona, mas uma imprevidente e desordenada extração das suas palmas para o preparo da crina vegetal, indústria que há trinta anos aqui tomou grande impulso, reduziram os butiazais a proporções diminutas, extinguindo-os, mesmo, nalguns sítios.

Além do butiá, uma outra palmeira aqui se encontra, fartamente espalhada, sobretudo nos banhados do continente: é o jerivá. Também conhecida como coquei-

ro de cachorro, ora aparece em grandes agrupamentos, como no saco de Santiago, ora isolada, suspendendo o seu penacho verde por sobre a rama dos mangais.

Nas formações dos campos é muito comum uma cactácea de longos e rijos espinhos: a urumbéva (Nopalea coccinellifera), largamente aproveitada; outrora, pelos açorianos de Vila Nova, para o cultivo da cochonilha.

(Da monografia sobre a Laguna, que tem em preparo).

do Príncipe, atual Conselheiro Mafra. Nas lojas de José Maria da Luz e de Joaquim Machado de Sousa também se subscrevia para o jornal.

Trazia êste, de acôrdo com o estilo de então, um lema ou divisa em que se definia a atitude do jornal. O nosso era profundamente nativista e se resumia em quatro palavras: "União e Liberdade — Independência ou Morte".

Esta segunda parte tem reflexos das águas do Ipiranga; a primeira traz a data de sete de abril. E tão forte era êste sentimento anti-lusitano que, ao grito heróico da liberdade, se antepunha o desta segunda Independência, como era considerada a jornada da abdicação.

Como em terra pequena não faltam em geral os incréus e os apáticos, capazes de achar demais o jornal, indagava-se dêles:

"Si o crítico mordaz censura a imprensa.

Quem não escreve, então, que faz, que pensa?"

Apresentava Jerônimo Coelho, no primeiro número d'O CATARINENSE, as suas credenciais, afirmando:

— "Nascido entre vós, pôsto que educado ao longe, sempre conservei no fundo do coração um sentimento oculto que me chamava para vós; embora eu não tivesse idéia alguma de nossa terra, minha imaginação constantemente má pintava como a mais bela de todo o Brasil; muitas vêzes intentei vir visitar os lares pátrios, porém minhas circunstâncias o impossibilitavam, até que finalmente oferecendo-se agora ocasião favorável, voluntariamente me apressei a voar para a terra que me viu nascer; esta minha deliberação não foi movida pelo sordido interesse, e sim pelo amor pátrio, pois deixei a Côrte, onde fui educado, onde vivi por mais de vinte anos, e onde finalmente deixei grande número de amigos".

Teve curta vida êste jornal, que foi o primeiro aparecido em nosso Estado, mas não haviam terminado com êle as iniciativas do ativo engenheiro. Já no segundo número d'O CATARINENSE apareciam os estatutos de uma sociedade que **deveria ser criada**, sociedade que, com efeito, tomou corpo em outubro, recebendo o nome Patriótica Catarinense e por primeiro Presidente o seu fundador.

O que representou na vida da nossa pequena Província e da nossa sossegada Capital esta sociedade, faz bem pouco tempo, tive oportunidade de relatar em sessão

do nosso Instituto Histórico, destacando-lhe as principais atividades, que foram de ordem político-partidária, social e cultural, aquelas consubstanciadas na decisiva influência que exerceu junto aos poderes públicos a respeito de vários problemas administrativos, influência que se fêz sentir através das colunas de outro jornal, redigido a comêço pelo próprio Presidente da Sociedade; e esta pelas iniciativas de amparo aos necessitados e pela criação da primeira biblioteca pública que existiu em Santa Catarina.

Em agôsto de 1832, Patrício Antônio Sepúlveda Ewerard, também engenheiro militar, propôs a compra da tipografia que foi d'O CATHARINENSE para que pudesse a Sociedade cogitar da publicação de um periódico, tendo em outubro o Conselho aprovado a compra referida e escolhido os redatores do jornal, recaindo esta escolha em Jerônimo Coelho, Diogo Duarte Silva e Antônio José Falcão. Não se conhece a data exata do aparecimento dêste novo jornal que substituiu O CATHARINENSE e se chamou O EXPOSITOR, sabendo-se que se verificou nesse mesmo ano de 1832.

No ano seguinte, em março, o fundador da imprensa catarinense deixou a redação, alegando que o fazia **em consequência de suas moléstias**, e se pediu então que se lhe desse substituto. Havia certamente algo que desgostara o capitão, não pudemos apurar o que tenha sido ao certo, apesar das nossas pesquisas. Alguns sócios da Sociedade Patriótica preferiram deixar aberta a vaga, pois diz o livro de atas da Sociedade, da maneira pela qual se pedia substituto **"parecia que de algum modo se despedia como por ataque ao sr. Coelho"**. Nunes Pires, que era Presidente da Província, tentou mesmo adiar a discussão do assunto, mas ficou evidentemente clara a intenção dos primeiros de não deixar passar a oportunidade. Alegou-se que Diogo Duarte Silva deveria seguir imediatamente para a Côrte, afim de assumir a sua cadeira de deputado e que o jornal não poderia ficar reduzido a um só redator — e, sob êste pretêxto, elegeu-se o substituto, recaindo a escolha, entretanto, no nome de José da Silva Mafra, velho amigo de Jerônimo.

Mas, não eram evidentemente as moléstias que impediam a permanência do fundador à frente d'O EXPOSITOR. Havia incompatibilidade certa e, mal deixando o seu lugar, passou Jerônimo Coelho

a criticar a orientação que lhe davam então, apesar dos laços que o uniam àquele velho e sincero companheiro que haviam feito seu substituto.

Foi também a Sociedade reflexo dos sentimentos locais acentuadamente nativistas. O EXPOSITOR não poupava mesmo adjetivação aos adversários, aos pretensos restauradores, chamando-os de "escravocratas", "caramurus", "retrógrados partidários do Duque de Bragança", quando não por qualificativos mais contundentes. Possivelmente, Jerônimo Coelho, passados os primeiros meses da exaltação consecutiva ao sete de abril, mudara-se para campo menos intolerante, abandonando o exagerado partidarismo de muitos.

E, por isso, dois anos exatamente do aparecimento d'O CATARINENSE e alguns meses da sua safda da direção d'O EXPOSITOR, criticava a sua ação, requerendo "que a folha da Sociedade não continuasse a publicar comunicados como os últimos que têm saído, os quais **"axava imoderados e indecentes"** (textual), justificando o requerido na sessão seguinte, por ter sido adiada a discussão. Mas os seus adversários estavam armados. À frente dêles, Carlos Maria Duarte usou da palavra e alegou que "não sendo a Sociedade restauradora, consequentemente não cumpria ao Conselho defender a causa dos **"caramurus"**; que todos os periódicos, tanto moderados como exaltados, apelidam os caramurus com os mesmos termos de escravos e sevandijas; que o mesmo sócio que agora estranhava tais expressões no tempo em que redigiu O CATHARINENSE, números 6, 18 e 19, com mais acrimonia e imoderados termos falara contra o ex-imperador e seus conselheiros".

*
* *

Em 35, Jerônimo Coelho pôs o pé sobre o primeiro degráu da sua carreira política, fazendo-se deputado provincial e secretário da Assembléia; dois anos depois passava para a Câmara, por ter desistido em seu favor, sacrificando a própria candidatura, o mesmo velho amigo Tte. Cel. José da Silva Mafra.

Daí a sua ascensão foi rápida e decisiva.

Parlamentar, foi sóbrio, elegante, severo; foi vigoroso nas discussões, nobre nas polêmicas, seguro nos conceitos, justo nas apreciações, sereno nas controvérsias. Subiu pelo volume da sua inteligência e tanto mais lhe crescia o

Que desusado movimento seria esse, pela rua do Príncipe a dentro, nas proximidades da casa de modas de Madame Maria de Albuquerque?

Passavam, iam e vinham, cinturinhas-de-vespa, vestindo côres de alfarrobeira, murta e heliotrope, que faziam fundo em vistosos emaranhados de "arco-iris", — designação dada ao nosso atual escocês —, encimadas as elegantes da época pelos tóques de tafetá, armados, em veludo, dispostos como lenços, bem para trás...

Pois não sabiam então?

Aproximava-se a Festa do Divino Espírito Santo e o largo da Matriz prometia surpresas de iluminárias!

Destêrro dos dias da Abolição...

O tradicional Clube Doze de Agosto regorgitava de gente.

Caleças estacionavam à frente do velho prédio.

No borbórinho amável dêsses salões, a tafalaria e a garridice das nossas moças emprestavam ao ambiente a nota encantadora de alta elegância da província.

E, acompanhadas dos papás, vigilantes e enérgicos, ou dos manços, graves e sisudos, davam entrada nas salas, que os bicos Auler iluminavam, as ligeiras figu-

mérito, por serviços de toda ordem, políticos e administrativos, prestados ao país, mais o apontavam à estima e distinção públicas, ornando-se-lhe os ombros com as dragonas de sucessivas promoções e o peito com as veneras do reconhecimento pátrio. Não tardou que ascendesse aos Conselhos da Corôa, convidado pelo Marquês de Macaé, em 1844, para ocupar, no gabinete de 2 de fevereiro, as pastas da marinha e da guerra, esta interinamente.

Neste pôsto, narra Lucas Alexandre Boiteux em recente biografia, coube-lhe a glória de redigir do próprio punho, a 18 de dezembro de 1845, as instruções necessárias para que pudesse a nobre espada do grande Caxias pacificar o Rio Grande do Sul, pondo termo à revolução farroupilha.

Prestou notáveis serviços à sua Província e ao Brasil, o que não impediu fôsse derrotado na campanha eleitoral de 1847, a mais renhida e disputada da primeira metade do século, em nossa terra, tendo-se

rinhas de sêda, — breves bonequinhas da época da Abolição...

RENATO BARBOSA. Filho do republicano histórico e jornalista político Lídio Martins Barbosa e de D. Maria-Lucilla de Medeiros Barbosa, nasceu na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, aos 27 de Agosto de 1904. Fêz o curso primário e secundário no Ginásio Catarinense, matriculando-se, em 1921, na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Desde muito cedo, militou na imprensa catarinense e paranaense. Diplomado em Direito, exerceu as funções de promotor público nas comarcas de Tibagi e Castro, no Paraná, e nas de São Bento e Palhoça, em Sta. Catarina. Em 1928, advogou na comarca de Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul, de onde se transferiu para a Capital da República, passando a ter destacada situação no jornalismo político, notadamente através das colunas do antigo diário "O PAÍS". Depois da revolução de 1930, fixou-se com escritório profissional na cidade de Tubarão. Em 1934, foi eleito deputado estadual à Assembléa Legislativa, onde lhe coube relatar, na Constituinte, a parte referente ao Poder Executivo. Na legislatura subsequente, teve muito destaque em diversas comissões, especialmente na de Educação e Cultura. Com o advento do Estado Novo, foi nomeado membro do Conselho Técnico de Economia e Finanças e, depois, auditor da Justiça Militar de Sta. Catarina. Em 1939, prestou concurso para catedrático de Direito Internacional Privado, na Faculdade de Direito de Sta. Catarina, apresentando uma tese, intitulada A solução do Direito Brasileiro, na luta entre os princípios de nacionalidade e de domicílio, trabalho que, apreciado pelo plenário da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, do Rio de Janeiro, lhe valeu a honra de haver sido aclamado membro titular da referida sociedade, por proposta do relator Dr. Haroldo Valladão, catedrático de Direito Internacional Privado na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Publicou ainda Geração Abolicionista, livro em que enfeixou palestras feitas no Instituto Histórico e Geográfico de Sta. Catarina, Cristo no Tribunal do Juri (discurso, 1934); As extremas na realidade nacional (discursos proferidos na Assembléa Legislativa), além de numerosos ensaios e estudos em revistas especializadas nacionais e estrangeiras.

digladiado os partidos que se tornariam tradicionais em nossa história política, conservador e liberal — CRISTÃO ou JUDEU, conforme a alcunha coeva — tendo a insignificante e localíssima questão das barraquinhas apeado do seu legítimo lugar o insigne lagunense, embora elevando a êle outro barriga-verde de reconhecido merecimento. Foi, então, nomeado Presidente da Província do Grão-Pará e, sucessivamente, para os cargos de diretor da Fábrica de Pólvora da Estrêla, diretor do Arsenal de Guerra, diretor da Escola de Aplicação do Exército e Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Nunca fracassou. Foi um grande e leal servidor da Nação. Recebeu os bordados de brigadeiro-general e a Ordem da Rosa.

Da Presidência do Rio Grande do Sul saiu para o Parlamento, novamente sufragado pela sua terra natal, que não o via sem que o cobrisse de flôres e se engalanasse de alegrias; e, em 1857, foi o Marquês de Olinda buscá-lo para nova-

As nossas vovózinhas, ao certo, e a mocidade dos nossos pais, si le-rem tão grata e tão doce recordação, hão de ficar com olhos empanados de saudade, de indescritível e acinzentada saudade, tecida na dourada talagarça das emoções.

Quem não assistira pelo tempo, e em se prezando, na nossa burguesíssima e colonial Destêrro, aos bailes, festas, quermesses e saraus, no clube granfino da Rua Augusta?

Inesquecíveis saraus, onde, entremeiados com as valsas, polcas, lanceiros e quadrilhas, deliciavam-nos esplêndidos trechos de música clássica, executados pelas alunas do professor Guilherme Hautz.

Austriaco de nascimento, mas radicado na terra, onde constituiu ramo distinto na genealogia catarinense, era Hautz o animador do movimento artístico da cidade, nos derradeiros decênios do século dezenove.

Pelas suas aulas de música, lecionada com a energia quase marcial da raça, irritando-se o Professor, horrivelmente, com uma lição não sabida ou com um compasso não marcado, passaram as nossas sinházinhas desterrenses, preocupadas com o apuro e o esmêro da educação.

Quase não faltavam, acompanhados das famílias, às belas festas do Doze, o velho Jacinto Pinto da

mente confiar-lhe a pasta da guerra, no gabinete de 4 de maio. Foi combatido, combateu e, como político, jamais se furtou aos debates. Nem poderia ter sido de outra forma. Tanto valor não passaria incólume pela vida. Só os medíocres não conhecem adversários e é ao fogo da luta que se tempera o aço da personalidade.

*
* *

Poucos anos lhe restavam de vida. A saúde, já atingida, obrigou-o a um retiro em clima de maior amenidade e a um repouso que os grandes centros não permitiam.

Finou-se em Friburgo. Começava apenas o ano de 1860, e apesar da longa e brilhantíssima vida pública, não fugiu à contingência de morrer pobre.

(Do discurso de recepção na Academia Catarinense de Letras, a 17 de dezembro de 1938).

O pintor Sebastião Vieira Fernandes

ALEXANDRE KONDER

Vai para cinco anos que deixou de existir Sebastião Vieira Fernandes, o pintor magnífico da "Meditação de São Jerônimo", o restaurador insubstituível da nossa Escola de Belas Artes. Sim, precisamente a 29 de março de 1943 ele nos deixou para sempre, após uma vida inteiramente devotada às artes, à sua cátedra no Liceu, aos seus alunos.

Sebastião Vieira Fernandes era catarinense. Nasceu em Florianópolis, na antiga Destêrro, em janeiro de 1866, e teve a guiar-lhe os primeiros ensaios artísticos o Prof. Manoel Francisco de Oliveira, êsse São Francisco de Assis do ensino público de Santa Catarina, de quem ainda hoje todos se recordam com ternura e respeito. Foi no curso gratuito de desenho do velho mestre Maneco Margarida que Sebastião Vieira Fernandes encontrou a sua paixão definitiva pela pintura, arte que êle engrandeceu como poucos com a sua emoção de artista perfeito.

Vindo para o Rio e entrando no Liceu, aí conseguiu sem dificuldade lançar o seu primeiro trabalho, trabalho êste que êle ofereceu ao

seu antigo professor, em sinal de gratidão pelo muito que aprendeu no modesto curso de desenho de Florianópolis. Conta-nos o illustre patricio almirante Henrique Boiteux que o velho Maneco Margarida ficou de tal maneira sensibilizado com o gesto do seu ex-aluno, que diàriamente apresentava o referido trabalho à classe, exclamando com os olhos rasos d'água de emoção:

— "Olhem para êste quadro, obra do meu talentoso e prezado aluno Sebastião Vieira Fernandes!! Sirva-lhes de exemplo, meus amigos. Êle será uma glória nacional, como o é Vitor Meireles"...

Do Liceu passou êle para os bancos da antiga Academia de Belas Artes, onde era professor e recebeu-o de braços abertos o gênio imortal d'"A primeira missa".

Em 1888 recebeu Sebastião Vieira Fernandes a "medalha de ouro" e, pouco depois, a comenda da Ordem de Cristo e o prêmio de viagem à Europa. Os acontecimentos políticos de 1889, entretanto, privaram-no de receber a comenda e a passagem para o Velho Mundo. A República estava nova de-

mais para tolerar os que haviam recebido prêmios da Monarquia...

Sebastião Vieira Fernandes, porém, vingou-se dos concursos anuais, com grande júbilo de todos quantos viam nele o candidato mais sério às suas pretensões. O artista retirou-se dos cenários das competições para a quietude do seu "atelier" da rua dos Inválidos. E aí transformou-se no maior pintor de retratos que possuímos e no mais illustre dos nossos copistas. "Para dar medida do seu valor artístico cumpre dizer — escreveu a "Mala da Europa", de Portugal — que andam por aí quadros de notáveis pintores flamengos, italianos, espanhóis e portugueses que, em verdade, outra coisa não são senão reproduções do pincel brasileiro, saídos do seu "atelier".

Em 1901, uma tela sua chamou a atenção do público e da crítica. Representava uma menina trajada à oriental. Adquiriu-a o Visconde de Sande. Nêsse mesmo ano de 1901 obteve êle, entre 54 artistas, a Menção Honrosa de Primeiro grau.

Em 1913, Zeferino da Costa, como chefe dos serviços de restau-

Luz, com a respeitabilidade de sua estirpe; muito fino e maneiroso, José Feliciano Alves de Brito entretinha, em um ângulo do salão, um grupo preso à sua palestra, realmente encantadora e viva; realçando a reunião, em companhia da formosíssima esposa, ali se notava a presença de José Lino Alves Cabral, que, nas recepções em sua chácara, posteriormente conhecida pela denominação de chácara do Espanha, marcara páginas inesquecíveis na vida social de então; e era o Dr. Duarte Schutel, meio bicho-de-toca, retraído e de poucas conversas, mas dono de um desses imensos corações, capazes de conduzir o homem ao apostolado; o Boaventura Vinhas, elegantíssimo e correto, e que sempre se constituíra uma das figuras centrais das atenções femininas, quando recebia na antiga mansão dos seus, — naquela chácara coalhada de imensos e arroxeados volumes de sombra, situada na Praia de Fora, cortada, mais tarde, pela atual Avenida Trompowsky, e reduzida, agora, ao terreno onde se situa a residência Wendhausen, habitada, durante muito tempo, pelos cônsules da Alemanha; eram, enfim,

os Vilelas, os Paranhos, Malheiros, Medeiros, Luz, Costa, elementos de destacada atuação social, e que vinham conviver no encanto desses salões.

Defrontavam-se, por ali, os mesmos chantecleres e as mesmas criaturinhas de Sèvres, que emolduravam as elegantíssimas recepções em Palácio, culminadas ao tempo do sr. Visconde de Taunay, entre 1876 e 1877.

Muito namorico, — muito mesmo... —, entretecidos pelos salões dessa casa, em uma alegria sadia e inocente, floresceu, na união de velhos ramos da árvore desterrense, legando à nossa terra varões ilustres e incorruptíveis, que se exalçaram em vários setores de atividade.

Destêrro andava pelas ruas até tarde...

No dia 13, às 10,25 da noite, o Conselheiro João Alfredo transmitia ao Presidente da Província, Dr. Francisco José da Rocha, o seguinte telegrama:

"Já é lei do Estado, contra 9 votos na Câmara e 5 no Senado, a Resolução que extingue a escravidão. Imenso júbilo popular. Entu-

siásticas manifestações à Princesa Imperial Regente. A cidade em festas".

Em seguida, o Presidente da Província expediu aos juizes de direito, juizes municipais e promotores públicos a seguinte circular telegráfica, para execução plena da lei: "Sancionado decreto abolição escravatura. Governo Imperial ordena seja executado desde já".

Na nossa Destêrro, felizmente, já a Câmara Municipal, com Elizeu Guilherme à frente, decretara, em 25 de março de 1888, a liberdade dos escravos.

Lestada terrível, dessas prolongadas chuvas prenunciadoras de inverniãs impediu festejássemos naquele dia 13 tão importante acontecimento.

Mas a peça que o tempo nos pregou foi, em compensação, comunicada pelo governo ao Presidente do Conselho, para ressaltar responsabilidades...

Só a 28, a chuva, amaldiçoada por todos, e que insistia em desmanchar prazeres, deu folga aos nossos festejos...

O CENTRO CATARINENSE E O SEU PRESIDENTE

ANTÔNIO GALLOTTI

(Trecho do discurso pronunciado no "Centro Catarinense", em 1931, saudando o Presidente re-eleito).

No dia da posse do Cte. Teófilo Nolasco de Almeida, entenderam os demais membros da Diretoria que a palavra de um devia exprimir os sentimentos de todos.

Cabe-me, pois, significar, neste momento, quanto compreendemos os propósitos dêste grande filho de Santa Catarina, que é o nosso devotado Presidente.

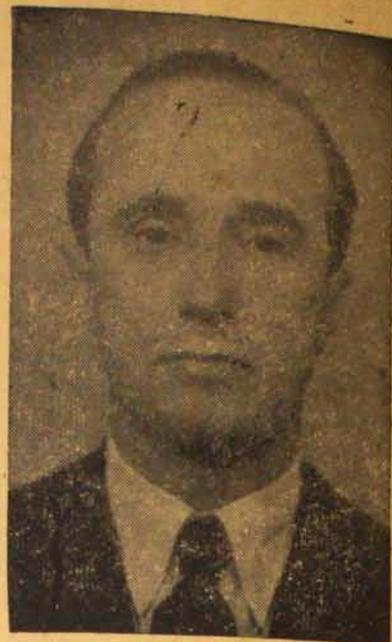
Nele ressaltam, logo ao contato da mais breve aproximação, o seu espírito de renúncia e o seu vigoroso amor pelo Estado Natal. Tem da nossa terra um sentimento que, pairando em clima de alto e legítimo orgulho, se compraz no exercício das mais duras provas de abnegação — a que êle se submete sempre sorridente, confiante e feliz, como que num canto eterno de enamorado romântico.

Patriota em tôda uma existência cheia de rara beleza, arrancado da terra querida pelos pendores irresistíveis da sua formação, que o atraía para servir ao País na Marinha Nacional, êle jamais se conformou com o viver uma vida inteira longe do seu recantô tão amado e idealizou, então, êste Cen-

tro, que, pelos poderes mágicos inerentes a certos fenômenos espirituais, passou a ser considerado Santa Catarina no Rio, pedaço estrelado do céu catarinense, na Capital da República, procurando desenvolver e aprofundar, também aqui, nos seus naturais, aquele feitiço próprio e as grandes qualidades que aprimoram todo filho da nossa santa terra, fisionomia bela, moça e louçã do mapa brasileiro, na palavra fascinante de Luz Pinto.

Não se veja no estremado amor de Teófilo Nolasco de Almeida pelo nosso Estado, uma manifestação de espírito regional. Pelo contrário, justamente nisso repousa a afirmação do seu ardente patriotismo, no desejo iluminado de que o grupo de onde veio se projete vigoroso, esplêndido de força na unidade sempre maior da Nação.

Por isso, o Centro é na sua vida o ideal que renasce todos os dias. Ideal que não esmoreceu, antes sempre mais se avigorou; ideal que ao encontro de uma adversidade sabia como agigantar-se para reuzí-la e abatê-la; ideal que, negado ou discutido, multiplicava o esforço do idealista, redobrava as faculdades do lutador, expandia-se na ação de quem não teme inimigos, nem dos que buscam as



ANTÔNIO GALLOTTI. Nascido em 26 de Agosto de 1908, em Tijucas, Sta. Catarina. Curso secundário: Ginásio Catarinense de Florianópolis. Curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Curso de Doutorado na mesma Faculdade. Membro do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil. Membro da Ordem dos Advogados do Brasil. Membro do Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Columbia, Nova York, Estados Unidos. Professor de Teoria Geral do Estado da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sub-diretor do Departamento Jurídico da "Light" e Companhias Associadas no Rio de Janeiro. Ex-Juiz da Junta de Lucros Extraordinários.

armas agudas e cortantes do ridículo, nem dos que ironizam, nem dos que descrêm, nem dos que mal dizem, nem dos que não compreendem, minados pelo cepticismo ou pela impotência.

ração da Candelária, chamou-o para perto de si. Êle aceitou o honroso convite e saiu-se da sua difícil tarefa excedendo as expectativas mais otimistas. Êle e Evêncio Nunes, seu companheiro do Liceu.

Em 1918, o govêrno da República, nomeou-o para o cargo de restaurador da então Escola de Belas Artes. E neste pôsto Sebastião Vieira Fernandes impôs-se à admiração de todos os brasileiros, salvando um incalculável tesouro artístico que havia anos decompunha-se nos porões da referida Escola. Restaurador até hoje insubstituível, só o que êle realizou nesse pôsto bastaria para consagrá-lo ante a opinião pública.

Mas êle não foi apenas um resuscitador de telas alheias. Êle foi um professor inteiramente devotado e, antes de tudo, um dos nossos mais ilustres pintores, como bem atestam as suas "Meditação de São

Jerônimo", "Flagelação de Cristo", "Traição de Judas" — estas duas na E. N. B. A. — obras de verdadeira criação, incomparáveis pela beleza dos seus coloridos e pela perfeição dos seus acabamentos.

Em homenagem ao seu mestre e coestadano imortal, Vítor Meireles, fêz êle as cópias da "Primeira Missa" e da "Batalha dos Guararapes", atualmente no Palácio do Govêrno do Estado de Santa Catarina. Como retratista, vastíssima é a sua bagagem, notando-se entre os seus melhores trabalhos os retratos do saudoso cardinal D. Sebastião Leme, na Igreja de São José; do cônego Benedito Marinho, na mesma Igreja; de Zeferino da Costa, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; do general Lauro Müller; do conselheiro Manoel da Silva Mafra; etc. No saguão da entrada do Liceu de

Artes e Ofícios há uma soberba tela de Sebastião Vieira Fernandes representando "A senhora Rubio fazendo flores artificiais", além de um retrato a óleo de Bethencourt da Silva.

Os quadros dêsse ilustre pintor patricio encontram-se hoje espalhados por todos os Estados do nosso Brasil e, dia a dia, são êles disputados por preços cada vez mais elevados. Outros foram parar na Europa e nos Estados Unidos.

Sebastião Vieira Fernandes, que em vida tanto fugiu da fama, começa agora a receber a consagração definitiva dos seus compatriotas. Nada mais justo, pois o seu nome pode e deve figurar, sem favor, entre os maiores pintores que já tivemos.

A valorização assombrosa que estão tendo as suas telas são bem a prova de que o seu nome ficou.

Um episódio da vida de José Boiteux

Da Secção "Reminiscências" de 9-12-939, do jornal desta capital "Dia e Noite", por Hermes Guedes.

A efeméride de hoje é assinalada pelo nascimento, na então vila de Tijucas, no ano de 1865, do saudoso desembargador José Artur Boiteux, incontestavelmente uma das mais úteis existências catarinenses.

Sendo esta Secção destinada a inserir fatos que recordem episódios ocorridos em Santa Catarina, incumbência de que ninguém com mais brilho e amor do que Boiteux, sob o pseudônimo de Cantú-Mirim, se desobrigava, julguei oportuno fazer hoje o relato de um episódio íntimo da vida dêsse catarinense ilustre, que bem define o seu acendrado amor às mais pequeninas coisas de Santa Catarina, ocorrido justamente ao primeiro contacto que com êle tive.

Tinha eu então, talvez 14 anos, e, como era próprio da idade, brincava de saltar de um andaime do extinto Instituto Politécnico, num monte de areia carreada para a sua construção, quando ouvi que, da avenida Hercílio Luz, alguém me chamava. Voltando-me, notei, nêsse alguém, a pessoa veneranda do desembargador Boiteux, que eu me acostumára a ver cruzar todas as tardes o Largo General Osório, de caminho para casa.

Trajava um jaquetão fitado de casemira preta e umas calças listadas. Numa das mãos uma pasta e na outra a indefectível bengala de castão de prata.



HERMES GUEDES DA FONSECA. Nascido em Itajaí a 1º de Outubro de 1909, filho de João Guedes da Fonseca e D. Juliana Viana Guedes da Fonseca, iniciou o curso primário nessa cidade, concluindo-o na capital do Estado. O curso complementar, a que deu início aos 13 anos de idade, foi logo interrompido em virtude de dificuldades financeiras de sua família, para ingressar numa marcenaria como aprendiz de marceneiro. Profissão em que permaneceu até a idade de 20 anos, quando foi nomeado amanuense-conservador da Biblioteca Pública do Estado. Nessas funções e já casado, preparou-se para um curso de madureza que, por circunstâncias independentes de sua vontade, não concluiu. Promovido ao cargo de Oficial-administrativo, em 1945 foi comissionado pelo Governo do Estado para, no Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo, coligir e copiar, documentos originaes, inéditos referentes a Santa Catarina, missão de que se desincumbiu em cerca de um ano. Por várias vezes ocupou, em caráter interino o cargo de Diretor da Biblioteca Pública do Estado e a sua produção que consta de versos e prosa, está dispersa, em diversos jornais e revistas da capital. Ingressou na imprensa como revisor do jornal *A República*, em 1935 e atualmente é redator do diário matutino *O Estado*.

Passando a bengala para a mão esquerda em que trazia a pasta,

puxou-me levemente uma das orê-lhas, repreensivo, mas em tom de troça:

— Espalhando a areia hein?

Meio enfiado, respondi-lhe que estava brincando... Percebendo êle o meu embaraço, atalhou a minha desculpa, perguntando-me com aquela indulgência que o caracterizava:

— Como se chama?

Dei-lhe o meu nome.

— Pois seu Hermes, disse-me êle vamos prestar um servicinho à nossa terra.

E apontando para uma tira de embira que havia junto a umas barricas vazias.

— Alcance-me aquela embira que ali está.

Eu atendi solícito, ignorando porém o que iria êle fazer com aquele pedaço de embira.

— Venha cá... faça o favor de segurar isto.

E passando-me a pasta e a bengala, conduziu-me para junto de uma árvorezinha da avenida, que caíra, por se ter desprendido da estaca ali fincada para ampará-la, curvou-se, levantou-a e amarrou-a com carinho.

Em seguida tirou de um dos bolsos um lenço, e enquanto limpava as mãos dizia-me:

— Está vendo, já fizemos alguma coisa útil! não perca nunca uma oportunidade de prestar a nossa terra um servicinho, ainda que pequenino como êste.

E tomando da pasta e da bengala, agradeceu-me e lá se foi rumo do largo General Osório.

Na jiría do nosso homem do campo, do serrano principalmente, nota-se uma grande dose da influência espanhola, adquirida na convivência com o gaúcho, que a foi buscar no outro lado da fronteira.

Na zona serrana é comum o ouvir-se um **bueñas**, um **poroto**, um **adios**, um **sombrero** e outros que tantos castelhanismos, da boca de peões analfabetos.

Do Pelotas p'ra cá, todavia, o serrano, no seu linguajar regionalista, mais que a **mistura castelhana**, que usa por gauchada, deixa patente a influência lusa.

Assim, **alavanca** é sempre **labanca**; vamos passa a **bamos** — **bamos simbora**. O pelo amor de, que o português tanto gosta, passou a ser dito dêste jeito. — **pramode**, na mais simplista de tôdas as corrup-telas, que fundiu uma locução num

Um poeta analfabeto

JAIME ARRUDA RAMOS

só vocábulo, com significado de para, preposição. — **Me dá o fumo e a paia pramode eu fazê um cigarro.**

O meu fito aqui é sòmente render u'a homenagem à minha própria burrice poética, que nunca passei de um que outro soneto, muito bem feito... pelas sucessivas correções do mestre padre Leopoldo Brentano e cuja assinatura era muitíssimo minha.

Escrevi, há anos, babado de inveja, ditado por um rude peão de fazenda, que nem o nome sabia assinar, um **pisquim** ou **décima**, de que guardei na memória algumas quadras:

O tio Cesa sempre diz que oito não são nove. Na Capela do Rapôso troveja mas não chove.

A idéia do poeta, trocada em miúdos é mais ou menos isto: o tio Cesa é uma espécie de **soba**, velho patriarca, cuja palavra tem força de lei, ouvida sempre e sempre obedecida. Capela do Rapôso é lugarejo pacato, numa curva do Pelotinhas, onde nunca havia acontecido nada além de simples **bulha**. Onde trovejava mas não chovia...

E quando, para espanto de todos, pela primeira vez houve sururú grosso, o poeta assim o descreveu:

Mas, nesse dia choveu, trovejou e caiu raio, de negro rachou a **cuia**, de pinheiro quebrou **gaio**. Houve, como se viu, briga e ba-

SOB O PALOR DAS ESTRÊLAS

JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

A noite estava bela, calma, acariciada pela brisa leve e vadia, preguiçosamente caminhando dentre o verde-escuro das árvores. No céu os rubis coruscavam em torno da lua clorótica e... as prateadas franjas do luar afagando o bôjo cinzento da noite, vinham de mansinho, oscular os pequeninos grãos de areia dos caminhos. Eram beijos macios como o cetim das orquídeas, suaves como a fragrância delicada das rosas.

O celeste lampadário, lá no alto do balcão azul do céu, sôbre o alvo arminho das nuvens, onde a pálida lua boiava, clareava o pó das sargetas e... o gemido das árvores, no ranger das folhas secas, fundia-se à prece da brisa que passava soluçando, qual um triste violino, no silêncio aveludado da noite, sob o palor das estrêlas.

Era como se estivera eu ouvindo ao longe as canções melancólicas e doridas que brotavam numa divinal síntese da arte, das plangentes cordas do violino do grande Ernesto Emmel.

E... rasgando a cortina do passado, através da lente da saudade, pude ver o músico do povo, aquele que levava nos seus cabelos revoltos o ouro do sol; no peito, um coração soluçando e sofrendo; no canto dos olhos, uma lágrima pisada que o seu violino enxugava com carinho.

A natureza, no conjunto harmônico dessa noite pintalgada de estrêlas, recostando-se na branca almofada das nuvens, tinha o colorido suave das telas de um pintor como Eduardo Dias, que viveu para encaixar na preciosa moldura da arte catarinense, jóias sublimes feitas de retalhos dourados do seu talento brilhante.

Tinha essa noite a música e a

rulho feio, muita cabeça quebrada e muito galho de pinheiro partido, na enormidade da peleja...

Na festança dêste ano
festeiro foi o Simão
e o leilão afreqüentaram
a pau, pistola e facão.

Aquêles "afreqüentaram" é o diamante da estrofe.

Sem que se saiba porque
baruio feio se deu,
a curpada foi a Lina
dá um carão no Aristeu.

Simão, o festeiro, é muito meu conhecido. Siá Lina, a mulher enciumada de Aristeu Marcos da Sil-



JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA. Nasceu em Florianópolis, em 9 de fevereiro de 1909. Depois do Grupo Escolar "Lauro Müller", matriculou-se no curso médio do Ginásio Catarinense. Na Capital da República, em 1925, por absoluta falta de recursos financeiros, abandonou o Ginásio "28 de Setembro", já cursando o quarto ano. Tem colaborado na imprensa catarinense e em alguns jornais da capital do país. É um dos colaboradores permanentes da revista "Atualidades", órgão literário catarinense. Já publicou dois romances: — "Fronteiras da miséria" e "Esquecido dos Deuses". A sair brevemente, tem preparado outro romance, que intitulou "A distância do passado".

magia dos versos de Trajano Margarida, o poeta dos humildes e dos tristes. Aquêle que, para os seus poemas humanos, foi buscar beleza e arte no esquife da miséria. O poeta que nos farrapos da desdita, no olvido do anonimato, descobriu uma heroína — A CAPITOA.

Essa noite bordada de lantejoulas douradas, repleta de estrelinhas brilhantes e trementês, que espiam para a terra, é mais uma página ilustrada do drama da natureza.

Pareceu-me que as estrelinhas piscavam, porque vexadas coravam

va, o pirata malgrado, pegado em flagrante na conquista, veio a falecer em consequência dos ferimentos recebidos no entrevêro, que ela também brigou.

Não tenho de cór os versos em que o poeta rude descreve a luta e na qual o Aristeu, a um por um, foi botando **nocaute** os adversários, parentes todos da dama de seu amor proibido.

Guardo, porém, na caixa do pensamento, o final daquela décima:

Aristeu Marcos da Silva
já deu amostrá do pano,
na Capela do Rapôso
é o touro do Mariano.

Dar amostra do pano é provar as qualidades.

diante da humanidade. E... toda vez que as estrêlas no céu empalideciam, eu me esforçava por divisar nas linhas do horizonte o que os astros gravavam e conclui que elas, as estrêlas inquietas, compunham páginas tristes e vivas.

Julguei que seriam páginas como as que escreveu Zedard Perfeito da Silva em seu livro "Até que surja a alvorada" — linhas fartas de elementos para uma análise precisa dos vários estados da alma. Folhas cheias dos dramas quotidianos, repletos de dor e alegria, de riso e de lágrimas. Frases impregnadas do suave odor da moral, da honra e do amor; trechos exalando o cheiro pútrido que exala dos corações purulentos, compondo assim um conjunto dos sentimentos humanos. Livro que é uma combinação perfeita de arte e vida, cheio de admiráveis conceitos, repleto de preceitos irrefutáveis, axiomáticos. Palavras transsubstanciadas em gotas de vida, verdadeiras pérolas que o autor nos oferece no seu grande livro já a caminho do triunfo.

Páginas lindas, claras, cheias de luz, como essa noite repleta de estrêlas a brilhar. Noite que permanecerá na moldura triste da minha retina cansada, até que pelo chão haja rolado a derradeira conta do colar do meu destino.

Súbito, nessa noite, uma estrêla se desloca, como a dizer-me: — "Inútil é tentar desvendar os mistérios siderais". Acompanhei com o olhar o semi-círculo descrito pela estrêla candente e... fugindo da floresta emaranhada das minhas conjeturas, libertei-me das divagações e, cerrando a janela, atirei para o céu a última fumaça azul do meu cigarro.

O touro do Mariano é figura legendária de touro que derrotou todos os outros touros dos rodeios circunvizinhos, que adquiriu fama de invencível e que se tornou, por isso, respeitado pelos touros dos mais longínquos rincões até onde chegou a sua fama.

Ser touro do Mariano é ser bravo, é ser forte, é ser big, é ser macho.

Segundo Schiller, a essência da poesia está "na força que age dum maneira divina e inaprendida, além e acima da consciência"...

Por isso eu confesso que grande foi a minha mágua em saber poeta êsse peão, analfabeto dumafiga, que eu, por várias vezes, tentei fazer eleitor e não pude.

Voto de Obediência

RUBENS DE ARRUDA RAMOS

Do eminente amigo e judicioso mestre Desembargador Henrique Fontes, em carta expressa, recebi a ordem, também expressa, de um escrito meu para este número de **ATUALIDADES**.

Acolhendo-lhe, à pressa, o mandado, ponho-me em velho voto de obediência, professado quando a nossa hoje vitoriosa Faculdade de Direito deixava o colo macio da fantasia para engatinhar, choramingona e raquítica, pelas salas alugadas de um prédio da Felipe Schmidt. Matriculei-me na **Alfaiataria do Didico** na vigência aguda do apelido com que lhe saudavam a fundação e o habitat a descrença chasqueante e o sarcasmo tropical dos netos de Dias Velho. Os professores Fontes e Boiteux, à época enfeitados pelo ideal de legarem a Santa Catarina o seu primeiro curso jurídico, carreavam para o bisonho estabelecimento tudo quanto de utilitário lhes surgisse aos olhos e à ambição: livros de Direito, bons ou maus; estantes, novas ou antigas; mesas, altas ou baixas; carteiras-escolares, com ou sem conforto anatômico; tinteiros e canetas e etc.... No caderno dos **donativos**, tantos arrebanhados **manu-militari**, coisas e trastes havia que não pagavam a pena do registro. A **matéria-prima** supervalorizada, por mais escassa, eram os alunos, que as exigências amargas desse nosso doce ensino limitavam a mínimos. O **achado** de um ginasiano com todos os preparatórios em dia, a par de conferir ao **descobridor** assinalados ares de benemerência, era motivo de bandeira ao mastro e nota em jornal. Esquivo bacharel em ciências e letras e desconfiado das confianças que planavam por sobre o novel instituto, as alegrias de me haver **caçado**, dei-as à catequizante doutrinação desse notável jurista e experimentado líder cinético, que é o meu venerando e querido mestre Sálvio Gonzaga. Os exames vestibulares, fí-los com grandes facilidades. (Não há falsa modéstia nessa afirmação, porque as facilidades a que me refiro estavam menos em meu saber, e mais na razão direta da ausência dos examinadores, nas provas escritas). No exame oral de Higiene houve, entretanto, um incidente. O Prof. Botini acreditou que eu estava **cismado**

com êle. E eu acreditei que êle estava **cismado** comigo. Fez uma crítica áspera e demolidora à minha prova escrita. Depois mandou que dissertasse sobre o valor das unhas, na categorização social da espécie masculina do gênero humano. Trincou nos caninos a ponta de um charuto burguês, projetou-a longe, fumegou o havana, virou de banda, gargalhou sinistro e a tamborilar com os dedos sobre os vidros da mesa ficou à escuta.



RUBENS DE ARRUDA RAMOS. Nasceu em Lajes, a 3 de janeiro de 1912. Filho de Vidal Ramos Neto e D. Maria Arruda Ramos. Fez preparatórios em Curitiba, completando-os no Ginásio Catarinense. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Santa Catarina, em 1937. Funcionário do Ministério do Trabalho até 1938. Sub-diretor da Penitenciária até 1942, quando foi nomeado diretor, cargo que ainda ocupa. Jornalista brilhante, atual diretor de "O Estado", e notável pelo fino humor com que impregna seus trabalhos literários e pela ironia voltairiana com que escreve.

Cuidei mentalmente, em alguns instantes, das excelências do **self-help**, e, observando que o ilustre clínico exhibia unhas longas, bem polidas e tratadas, iniciei a contra-ofensiva com a solene afirmação de que todos os sábios usavam todas as unhas muito curtas, mal aparadas e pior cuidadas. Com esse **ponta-pé** eu empatára a partida. Só mais tarde vim a saber que o desampate — no caso, a minha aprovação — fôra decidido em uma conferência médico-legal. Quando, com o tempo e a convivência,

percebi que **aquele jeito** do dr. Botini era **feitio pessoal**, tornei-me amigo seu e admirador da opulência de sua bondade e da inteireza de seu caráter.

As aulas, no primeiro ano, tinham horários combinados, com os quais os professores atendiam às conveniências dos alunos. **Eramos seis**, como no romance da Sra. Leandro Dupré. O Prof. Fontes lecionava, como ainda hoje, Economia Política e Ciência das Finanças, das 7,10 às 8 horas. Fui acadêmico dos mais assíduos, embora durante o dia desempenhasse cargo no Ministério do Trabalho e à noite na revisão do jornal **A República**, cuja prova de página, muitas vezes, só podia ser feita às 2 horas da madrugada. No inverno, em dias frios e chuvosos, com menos de três horas de sono, chegava à Faculdade rezando por encontrar a porta fechada. Jamais, entretanto, isso ocorreu. Exausto, mal sonhado, subia as escadas a repetir Dante: **Lasciate ogni speranza, voi ché entrate**. É que, mesmo sendo o único presente, ao chegar da hora, o Prof. Fontes repelia **in limine** a insinuação de os demais estarem ausentes, sentenciando: — **Cumpramos o nosso dever!** E ali, obediente como Jacó, entorpecido de sono, cotovelos fincados na estante e mãos ambas ao queixo, durante quarenta infinitos minutos, por meses a fio, ouvi, passadas e repassadas, nas aulas de Henrique da Silva Fontes, as teses de Almeida Nogueira, as doutrinas de Simondi de Sismondi, os princípios de Leroy Beaulieu, os preceitos de Adam Smith, as ensinanças de Charles Gide, as emendas de Karl Marx, os métodos de Macleod, as opiniões de J. B. Say, as lições de Molinari e de não sei quantos mais, inclusive um M. Chevalier que, na tradução de meus apontamentos, aparecia associado ao **partenaire de Jeanette Mac Donald**, nos filmes da época, com evidente desprestígio para o autorizado Michel Chevalier, sumidade francesa em questões de moeda...

A estas alturas devo ainda nova obediência ao ilustrado citador de tanta gente sabida. Manda-me êle que não vá além de meia página. Pelos meus cálculos... ponto final!

«NOTAS PARA A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DE LAJES»

ZEDAR PERFEITO DA SILVA

Sob o título acima, acaba de aparecer o livro em que o ilustre e venerando Coronel Vidal Ramos reuniu documentos e apontou fatos que esclarecem cabalmente pontos controvertidos da história da fundação de Lajes, que é o seu cêspede natal.

A valorosa figura de Antônio Correia Pinto, que em muitos pontos estava sendo erroneamente julgada pela tradição oral e escrita, sai dêsse utilíssimo trabalho mais humanamente engrandecida, graças ao carinho e ao cuidado com que fôra estudada pelo Autor, diante de autênticos documentos.

Prova, por exêmplo, que o fundador de Lajes é português e não paulista, equívoco em que alguns historiadores incorreram por desconhecimento do testamento de Antônio Correia Pinto, transcrito no livro em aprêço.

Prova, ainda, que a "bandeira" de Correia Pinto foi organizada com objetivo principalmente político e não para descobrir ouro e caçar índios. Povoando-se o planalto catarinense, as pretensões de nossos inimigos potenciais sofreriam rude golpe... E politicamente o intrépido bandeirante soube alargar o território sob a sua jurisdição, graças naturalmente à sua clareza e ao seu proverbial destemor.

Outra prova documental importante do livro do Coronel Vidal Ra-

mos é a morte e o entêrro de Antônio Correia Pinto ocorridos em Lajes e não em São Paulo, como sustentaram alguns historiadores.

"Notas para a história da fundação de Lajes", é um livro que se lê com interesse até o fim. Poderia, também, sem exagero, ser intitulado "Biografia de Antônio Correia Pinto". Seu autor, Coronel Vidal Ramos, que governou por duas vezes o nosso Estado e o representou em diversas legislaturas no Senado Federal e na Câmara dos Deputados, é bem uma figura singular de nossa vida pública. Ao fim da vida, depois de tão relevantes serviços prestados à sua terra e ao nosso Estado, ainda se sente entusiasmado, apesar de doente, para documentar o palpitante assunto da história da fundação de sua cidade natal. E o faz de uma maneira brilhante. Seu estilo é simples, límpido, fluente e es-correito. A figura de Antônio Correia Pinto aparece em suas páginas em carne e osso.

O Coronel Vidal Ramos, nada obstante a idade avançada, escreveu "Notas para a história da fundação de Lajes" com espírito jovem e ardoroso, que incontestavelmente ainda conserva para admirar e fazer justiça aos homens que lutaram pelo progresso e pela glória de Santa Catarina e do Brasil.

Fpolis, 14/9/48.



ZEDAR PERFEITO DA SILVA. Nasceu em Laguna, a 2 de maio de 1912. Filho de Eduardo Silva e de D^{ca}. Jovelina Perfeito da Silva. Fez o curso primário no Grupo Escolar "Jerônimo Coelho". No Instituto Politécnico cursou comércio. Em 1938, em Natal, no Ateneu Norte-Rio-grandense, diplomou-se em ciências e letras. Em 1939, em Recife, no Ginásio Pernambucano, matriculou-se no curso pré-jurídico, logo interrompido por motivo de força maior. Em 1943, após prestar os exames vestibulares, matriculou-se na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro, sendo o curso também logo interrompido por motivo de saúde. Pertence à Associação Brasileira de Imprensa e é sócio correspondente do P. E. N. Clube do Brasil. Tem escrito para jornais, revistas e agências de notícias, principalmente do Rio de Janeiro e do Estado de Santa Catarina. É autor de três livros: *Nem tudo está perdido*, contos; *Até que surja a alvorada*, romance; e *Perfis de alguns catarinenses ilustres*, perfis e comentários.



ANDREINO NATIVIDADE DA COSTA. (André Nilo Tadasco), filho de Coriguasi Austríclano da Costa (falecido) e Odetete Natividade da Costa, nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, em 18 de outubro de 1912, onde fez estudos preliminares e complementares. Colaborador de jornais e revistas locais, onde escreve sobre assuntos de história geral e história militar do Brasil. Mantém no diário "O Estado", duas seções intituladas "Vultos da História Pátria" e "Hoje no Passado".

Brasilidade e Civismo

ANDREINO NATIVIDADE DA COSTA

Ao realiza-se, em a nossa modesta Capital, o Primeiro Congresso de História Catarinense, promovido pelos nobres e sinceros brasileiros que integram o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, com o necessário apôio dos Poderes Constituídos, bem reconheço, na minha humildade, não existir conhecimento algum que se preste para educar, cívica e moralmente, tanto como a História.

Em sendo o Brasil, como toda a América, consequência da época das descobertas, sendo conhecidas as suas primorosas riquezas naturais e a fertilidade de seu solo grandioso e exuberante, provocou ambições e todos o queriam e ainda o querem.

Eis porque não nos devemos iludir. Sejamos devotados inteiramen-

te ao serviço da Pátria, como perfeitos cidadãos, apaixonados cultores de sua História, que não é fictícia, porque realmente os nossos antepassados escreveram as epopéias de sua formação, com o pensamento voltado para o grande ideal de Liberdade que sempre norteou os principais fundamentos de nossa Nacionalidade, como obreiros de uma Pátria que foi grande para ser ainda maior.

Brasilidade e Civismo é a comunhão do Povo, com tôdas as energias, no conhecimento da História da Pátria!

Quem é brasileiro sentirá, no decorrer do Congresso, como em todos os outros dias, que se descortinará ao pensamento, um mundo como que estranho, povoado de entes que já não existem e que, no-

Igualdade e Educação

HENRIQUE STODIECK



O Professor HENRIQUE STODIECK nasceu em Florianópolis, em agosto de 1912, onde cursou as escolas primária e secundária. Estudou dois anos de Engenharia em Itajubá (1931 e 1932), iniciando o curso de direito em São Paulo, onde estudou dois anos (1933 e 1934), terminando-o em Niterói, em 1937. Em 1945 cursou Sociologia na Universidade de Chicago. Por concurso realizado em 1942 obteve o título de Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Santa Catarina, função que ainda exerce. É também, lente por concurso do Instituto de Educação de Florianópolis, onde leciona Sociologia e Filosofia da Educação. Membro do INSTITUTO DE DIREITO SOCIAL DE SÃO PAULO, e de várias instituições culturais estrangeiras. Escreveu "Convenção Coletiva do Trabalho" (1940 — Tese de Concurso); "Processo de elaboração de um Código do Trabalho no Brasil" (1941 — Tese apresentada ao primeiro Congresso Brasileiro de Direito Social, realizado em São Paulo) e artigos de revista, sendo os principais os seguintes: "Uma interpretação Sociológica da escola" (Sociologia, vol. II n. 2, São Paulo), "Perspectivas do Direito Social" (Revista Forense — junho de 1943, Rio) e "Bergson e a Sociologia" (Estudos Educacionais, dezembro de 1943, Florianópolis). Nas suas aulas de filosofia procura conciliar a intuição com a razão, fundamentando-se em Bergson, Ortega y Gasset, Husserl e Whitehead.

Todos sabemos que não há diferenças raciais que se manifestem em diferenças morais e intelectuais. Mas há modalidades individuais das qualidades físicas, morais e intelectuais. A democracia social trata os indivíduos diferentes de forma desigual, afim de estabelecer igualdade social, igualdade que não existe de fato; protege os hiposuficientes, suprimindo as falhas da natureza.

Igualdade, para a democracia social, é um ideal a ser alcançado, partindo da desigualdade real.

Numa perfeita democracia, preconceitos raciais não devem existir. Neste particular, o brasileiro é talvez o mais perfeito democrata, pois que o preconceito que entre nós existe, não tem força para impedir que negros e amarelos possam subir na escala social. Temos, portanto uma tradição a conservar e evitar que sejamos contaminados pelos preconceitos vigentes entre outros povos. Cumpramos fazer mais ainda — não somente tratar com igualdade a todas as raças, mas, se contra uma ou algumas delas existirem prevenções, devemos, de acordo com os princípios da democracia social, conceder-lhes certas vantagens, para remediar os males que possam sofrer em consequência desses preconceitos.

Na verdade, este não é problema grave para nós. Temos, porém, outro: a sociedade brasileira, como aliás todas as demais, está dividida em classes. Até mesmo a sociedade

rusa, que pretendeu abolir essas diferenças, é enfêrma desse mal. Lá existem, conforme o depoimento de Timasheff, quatro classes sociais: a dos dirigentes, a dos comunistas que não pertencem ao partido, a dos operários e dos camponeses, e, enfim, a dos antigos burgueses e aristocratas, essa última considerada à margem da sociedade, com direitos reduzidos.

Não podemos pretender abolir, pelo menos de uma só vez, as diferenças de classe. Mas, podemos, sem dúvida, procurar-lhes a redução progressiva, suprimindo as deficiências dos fracos, como acontece, por exemplo, com a legislação trabalhista, que, com meridiana evidência protege os economicamente fracos.

A educação pode contribuir, de forma eficiente, para diminuir as distâncias que separam as classes sociais. Cabe-lhe suprir as falhas econômicas dos fracos, fornecendo-lhes meios para escalam os degraus sociais, facilitando a flutuação das elites. Ao professor compete completar a obra do governante, estimulando, orientando e selecionando os mais aptos para tornar realidade o que John Dewey considera fundamental numa democracia: a cada indivíduo cumprir ocupar a posição que êle, e somente êle, é capaz de preencher.

Dessa maneira concebida a igualdade, eja se enquadra perfeitamente no conceito da terceira liberdade de Roosevelt: a liberdade de viver em suficiência, com satis-

entanto, viveram em outras épocas, entregues às mais variadas dificuldades, em lutas gigantescas buscando sempre a liberdade para a formação de nossa nacionalidade!

Através da História, escrita com fatos e atos de nossos antepassados, fazemos despertar sentimentos nobres, apoiados na consciência de um dever a cumprir, com a noção clara de u'a moral e uma crença religiosa, girando em torno da chula sublime que é a Família.

Na História vamos encontrar o verdadeiro e expressivo sentimento de brasilidade, levando-nos, dentro de um ponto de vista humano, a amar o que é nosso, respeitando o sentir de outros, filhos de outras Pátrias, pois que, mesmo antes de conquistado pelos portugueses, ao mando de Pedro Alvares Cabral, o Brasil já era uma grande

Nação, porque o seu vasto litoral era dominado por um grande povo Tupi-Guarani, que falava uma só língua, tinha uma só crença religiosa, concretizada no ente supremo, Tupã (Deus), vivia com seus próprios costumes e defendeu o território, palmo a palmo, das conquististas estrangeiras!

Contra as fatalidades de possíveis lutas, onde imperará a carnificina, a que nos pode conduzir esta época de vacilações, onde a infiltração comunista é fato incontestável, porque descreem da História, renegando o sentimento de Pátria, proteja-nos o patriotismo de uma grande parte de nossos con-cidadãos, libados nos seus deveres cívicos, uma vez que patriotismo é função do espírito e nunca um privilégio.

Então, os tambores marcarão com o seu ruflar a investida ca-

denciada para o futuro, as cornetas, no clangorar, acordarão os descrentes, as baionetas chisparão luzes de fé no Deus dos bons exércitos, e a Bandeira auri-verde-estrelada desdobrar-se-á em esperanças, confiante no valor inquebrantável de seus filhos diletos, no dia em que o Brasil fôr exclusivamente dos brasileiros!

E a partir de então, na vigília do livro e no aprendizado das armas, na essência exuberante da sabedoria e no espírito reto dos códigos, na palavra que educa, na religião que sublima o caráter, aspirando sempre o supremo ideal de Liberdade, caminharás, Brasileiro, olhos postos no Porvir, sob a sombra da Bandeira e as bênçãos de Deus, crente nos destinos gloriosos da Pátria, estudando, maravilhado e com todo o entusiasmo, a belíssima História do Brasil!!!

A CAMPONESA

BIASE FARACO

Ali, na rocha agreste e escalavrada,
Onde as vagas se quebram em fragores,
À tarde, a camponesa, contristada,
Vai lembrar, tristonha, as suas dôres.

Por todo o espaço vai fugindo o dia,
A luz vai desmaiando, passo a passo,
E o manto flébil da melancolia
Desdobra-se, sutil por todo espaço.

A camponesa cisma pensativa,
Quedada imóvel sôbre a bronca rocha.
Nas mãos apoia a mente apreensivã
E o pranto nos seus olhos desabrocha.

Ela recorda a doce primavera,
Cheia de sol, de encanto, de ventura...
Como ficava longe a azul esfera!
Mas o seu sonho tinha mais altura.

Ela soubera amar, com tanto afeto,
Aquele camponês, rústico e belo.
Fôra seu companheiro predileto
E ela fôra a mulher do seu anelo.

Quantas vezes, naquela longa mata,
Tinham ficado extáticos, sem fala,
Ela, fitando-lhe a feição pacata,
Êle, num longo pasmo, a contemplá-la!

Quantas vezes, de braços enlaçados,
Correndo, sobrestando, prosseguindo,
Êles tinham vencido tantos prados
E outros tantos vergéis, num gôzo infindo!

Quantas noites, também, à luz da lua,
Confessavam o amor que os dominava!
Ela dizia que era escrava sua
E que sempre seria sua escrava.

Pleno de seu sincero afeto, cheio
De comoção, com voz quase sumida,
O jovem repetia o louco anseio
Que tinha, de ser dela tôda a vida.

Mas um dia acabou aquela glória,
Feita tôda das graças da esperança
E, hoje, apenas lhe resta na memória,
De tudo aquilo, férvida lembrança.

Êle, tão novo, afeito ao oceano,
Onde, pela manhã, soltava a vela,
Afrontando o furor do mar insano
E afrontando as ferezas da procela,

Um dia fôra à costumada faina,
Numa manhã risonha, amena e clara,
Mas que o tufão mudou em noite zaina
E desde então, jamais... voltara.

E é desde então que, quando o sol se esconde,
A camponesa vai sentar-se, aflita,
À borda das hisurtas rochas, onde
Cela has mãos os olhos e medita...

E o mar sempre soturno e furibundo,
Levanta a espuma, aos céus, junto ao rochedo.
Volve a donzela o olhar ao mar profundo,
Vacila, cerra os olhos... e tem medo.



BIASE AGNESINO FARACO. Nasceu em Florianópolis, a 14 de outubro de 1914. Fêz o curso primário no Grupo Escolar S. José e o secundário no Ginásio Catarinense. Formou-se em Medicina na Universidade de Porto Alegre em 1937. Foi um dos fundadores da Juventude Católica do Rio Grande do Sul, ocupando vários cargos na secção universitária da mesma organização. Organizou o Serviço de Sífilis do Departamento de Saúde Pública do Estado, em Florianópolis, tendo sido seu primeiro chefe. Tem colaborado em revistas médicas de São Paulo e do Rio de Janeiro. É sócio correspondente da Associação Paulista de Medicina e da Associação Argentina de Sifilografia e Profilaxia Social, de Buenos Aires. Representou o Estado de Santa Catarina, em 1940, na Primeira Conferência Nacional de Defesa contra a Sífilis, defendendo tese. Desde 1939, tem sido o Presidente da Federação das Congregações Marianas do Estado. É Deputado à Assembléa Legislativa, eleito pelo Partido Social Democrático.

vam apenas esboçados os trabalhos científicos sôbre o assunto. Inclina-se uma parte dos autores à defesa do autoctonismo das tribos do Novo Mundo, definindo "a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Central", e erigindo "autônomo entre as raças o homo americanus". Alguns, de imaginação mais bulhosa, como Ameghino e seus discípulos na Argentina, iam ao extremo de indicar a América, e especialmente as plagas sulinas do continente, como o berço da humanidade, em geral. Diante de tudo isso, não se deve estranhar que Euclides tenha aceito a hipótese autoctonista. O seu erro (grave, aliás) consistiu na maneira categórica pela qual deu por encerrada a questão.

Euclides da Cunha não admitia a existência do "homem brasileiro",

de um tipo étnico representativo de nossa população. "Não há — diz êle — um tipo antropológico brasileiro". Não acreditava mesmo que êsse tipo viesse a constituir-se um dia. E é muito provável que o futuro não deixe de comprovar a previsão euclídiana. Embora não seja, por certo, em virtude duma ação preponderante do clima sôbre a diferenciação dos tipos raciais, mas, antes de mais nada, como consequência primordial da dosagem desigual dos elementos componentes, não parece haver dúvida de que a história racial do Brasil tende para a manutenção — pelo menos por muito tempo ainda — de um elevado grau de heterogeneidade somática. Entretanto também aqui é forçoso reconhecer, com o autor dos "Sertões", que foi a ação catalítica dos vários aspectos do ambiente

natural que levou à distribuição desigual dos grupos étnicos que vieram caldear-se nas diferentes latitudes da terra brasileira.

Euclides da Cunha não tinha formação antropológica. Nem podia adquiri-la no Brasil daquela época. Aplicou-se, todavia, como autodidacta, ao estudo das questões raciais e dos fenômenos culturais e conseguiu, até certo ponto, pôr-se em dia com o pensamento antropológico de seu tempo. E é por êste prisma que se devem julgar os resultados a que chegou, embora hoje os consideremos em grande parte insustentáveis. Em todo caso, é preciso não esquecer que durante o meio século que nos separa da época em que surgiram "Os Sertões" houve uma constante redefinição das bases teóricas e das diretrizes metodológicas da Ciência do Homem.

A Casa do Vale do Itajaí

T. C. JAMUNDA

O aspecto feiticeiro do Vale do Itajaí é a sua casa rural.

A terra é toda feita em lotes na filosofia econômica da pequena propriedade. Para que até o estranho veja, as cercas vivas, em maioridade, de bromélias e tangerineiras desenhavam rumos e limites. Os clássicos tangerineiros de todos os pastos do Vale do Itajaí não servem, unicamente, para limitar a vagabundagem do gado, elas dão sombra, perfume, quando na floração, e frutos. Entre elas a vida agrícola crua e pesada, desdobra-se no colorido da policultura construtora.

Mas, o que é belo nas terras do Rio Itajaí que, o italiano, o austríaco, o polonês e o alemão, povoaram é a situação romântica da casa de residência. Fica sempre donde a paisagem, para ver-se ou ser vista, é melhor. E elas próprias no conjunto do panorama são de beleza singular.

Umas, solenemente, rurais ou-



TEOBALDO COSTA JAMUNDA. Nascido em 10 de Março de 1914 em Recife-Pernambuco. Fêz o ginasial em Recife. Coursou agronomia em Passa Quatro — Minas Gerais. Está em Santa Catarina desde 1939. É funcionário público. Casado na família Odebrecht. É diretor do jornal A Comarca de Indaial onde reside e trabalha. Escreveu duas monografias sobre municípios do Vale do Itajaí e um livro de crônicas descritivas. É contista e já foi laureado pelo suplemento literário "Letras e Artes". Concorreu ao 1º Congresso de História Catarinense com História Econômica do Vale do Itajaí.

tras, tipicamente coloniais. Todas porém, atestantes do aspecto cultural e outros elementos para estudos sociológicos. Umas lembrando residências rurais da europa norte — fechadonas e macissas, outras como fugidas de cartão postal europeu de qualquer parte e, por ali a enxertar-se de remendos nativos para esconder a origem. Todas porém denotam a vida do homem seu habitante. Hoje, já são pontos onde investiga-se a formação da tradição histórica — seus balaustros, suas cornijas, suas vidraças, enfim, os traços que acimentou na paisagem: cultural do Vale do Itajaí, merecem investigação histórica ou sociológica de fôlego.

Pela suntuosidade da fachada a casa rural do Vale informa o nível financeiro do seu habitante e, conseqüentemente, a história da família imigrante na colonização. São elas, talvez, os marcos mais sólidos para aquilatar-se o grau de civilização dos povoadores das terras do Itajaí.

L I T E R A T U R A E M O D A

NERÊU CORRÊA

Em matéria de versatilidade, as modas em literatura correm parêlha, nos nossos dias, com as da elegância feminina, variando, umas e outras, ao sabor dos figurinos que nos vêm de Paris ou de New York. A ânsia de mudar, de futilizar e efemerizar é tanta que as gerações literárias surgem da noite para o dia, como cogumelos no campo depois de copioso aguaceiro. Cada ano que passa nos deixa uma geração nova, novinha em folha, exibindo um rótulo novo, portadora de uma nova mensagem. Thibaudet, ao fazer a história da literatura francesa, dividiu-a em gerações cujos ciclos variam entre vinte e trinta anos, mas os trêfegos mensageiros da arte de nossos dias não querem ser herdeiros de coisa alguma, querem ser-êles-mesmos, com as suas extravagâncias e maluqueiras, sempre diferentes da geração anterior, que hoje pode ser a do ano passado, e, amanhã, quem sabe? a do mês que findou. Como se essa questão de gerações se resolvesse formalisticamente, com atas, registros de estatutos e eleição de diretoria, como nas sociedades civís. E parece não tardar o dia em



NERÊU CORRÊA. Nasceu na cidade de Tubarão, em 18 de junho de 1914. Filho de João Corrêa de Souza Neto e Da Bernardina Corrêa de Souza. Coursou escola primária, até o quarto ano. Cedendo a uma natural inclinação para o estudo, procurou suprir essa falta estudando, como autodidata, as principais disciplinas do curso de humanidades. Dal lhe adveio o gosto pelas letras que tem cultivado em artigos esparsos na imprensa catarinense e, esporadicamente, em alguns jornais do Rio. Tem, pronto, um livro de ensaios que pretende publicar, se encontrar editor. Atualmente reside em Itajaí, onde trabalha como assistente da Direção-Geral do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina e é lente interino de português do Ginásio daquela cidade.

que ainda veremos — Deus louvado! — um congresso de poesia com filas de cadeiras divididas por gerações, cada uma empinando uma taboleta com as indicações: Geração de 30, Geração de 40, Geração de 45, Geração de 48 e assim por diante.

Outro hábito que já está criando raízes nos arraiais dos novos, é o de imolar-se, nas aras da publicidade, para invocar as graças dos deuses do Olimpo, um nome consagrado e glorioso, uma espécie de ídolo que se desmonta do seu pedestal ante os olhares estarecidos dos seus adoradores, com a mesma volúpia sádica da mão que incendiou o templo de Diana. É um sestro que vai assumindo o aspecto de cerimônia, de ritual, de profissão de fé sem a qual não se pode entrar no reino da literatura. O essencial é romper com uma grande figura do passado, é fazer uma "vítima". Tome-se por exemplo um Camões, um Rui Barbosa, um Machado de Assis ou um Monteiro Lobato, lapida-se em uma ou duas colunas de jornal e... pronto! a glória jorrará miraculosa-

CARLOS DE LAET

TELMO VIEIRA RIBEIRO

Nas letras, Laet foi um estilista primoroso e um clássico sem jaça, virtudes que raramente andam juntas. Clássicos há muitos; estilistas outros tantos; estilistas clássicos, muito poucos. Seu estilo é claro, suave, harmonioso, honomatopáico, um estilo que prende, que encanta, que empolga, que extasia. Seu classicismo, singelo, isento de de pedantismo, vivo, rico e puro. A rigor não sofreu influência de escolas, grupos ou autôres. Sua linguagem, conquanto escorreita, era sua, unicamente sua. Laet não teve, nem tem sucessor.

Foi prosador, mas também fez versos, como todo bom brasileiro. Na mocidade, em 1873, publicou o livro "Poesias", obra raríssima, hoje em dia. Embora não fôsse o seu gênero, não foi medíocre, como se vê por êstes versos do soneto "Triste Filosofia" em que narra quanto custaram as sedas, marfins e pérolas, com que se ataviava uma donzela:

"Todo sorriso é feito de mil prantos
Toda vida se tece de mil mortes"

Para ridicularizar o futurismo, fez versos futuristas, como êste:

mente sôbre o escriba, cingindo-o com uma bonita corôa de louros e de mirtos. Alguns desses novôes hebreus chegam a chupar, com uma fúria canibalesca, o sangue ainda quente da "vítima", à semelhança dos morcegos e lobishomens. Estranha moda, essa, que vai buscar, na ingênua e vã tentativa do sacrifício do mérito alheio, o "abre-te sésamo" das suas ambições de glória. Estranha, mas não de hoje, porque essa é a glória dos Erostratos.

Acompanhando o mesmo ritmo da vida prática, hoje não se concebe mais em literatura, o escritor boêmio, perdulário e extravagante, como êsses que, nos bons tempos de antanho, malbaratavam como um marajá da Índia os seus tesouros vocabulares, que eram imensos e inesgotáveis. Raros são os escritores de língua portuguesa do século XIX que não sofreram da mania de que, para ser grande na arte de escrever, era preciso carregar um dicionário na cabeça. Foi o período do capitalismo em

"Manhã, Frio. Carroças. Quitandeiros.
Futuristas. Idéias. Maluquices.
Bondes tardos. Gares. Parlapatice.
Aranhas. Automóveis. Gazeteiros"

Mas sua prosa é poesia, é música, em trechos como êste:



TELMO VIEIRA RIBEIRO. Filho de Afonso Ribeiro Sobrinho e de D^{ca}. Alzira Vieira Ribeiro. Nasceu em São Joaquim, a 27 de janeiro de 1915. Fêz estudos primários em Lajes. Bacharelou-se em Direito, pela Faculdade de Direito de Santa Catarina, em 9 de dezembro de 1941. É sócio correspondente do Instituto Brasileiro de Direito Social — São Paulo. Atualmente, é Assistente Jurídico do I. A. P. dos Industriários, em Santa Catarina.

literatura, de que são exemplos frisantes Rui Barbosa, Coelho Neto e o arquimilionário Camilo Castelo Branco. Megalomania que, nos seus excessos de grandeza, chegou a considerar Eça de Queiroz um escritor pobre, quase paupérrimo, cujo espólio vocabular, entretanto, daria para enriquecer muitos plumitivos dos nossos dias. Coelho Neto, não fossem algumas obras realmente notáveis, teria morrido de plectora vocabular, intoxicando-se de adjetivos que hoje só têm servido para comprometer a sua copiosa bagagem literária, à semelhança dêsses nababos que possuem vinte mil contos nos cofres dos bancos, gastam à feita em festas versalhescas (perdõem-me o mau neologismo) e são olhados com amarga revolta pelos que pouco ou nada têm.

A moda, hoje em dia, é a do estilo sóbrio, enxuto, silente, infenso às festas de noite de São João dos adjetivos, com balões e fogos de artifício, tão do agrado da geração a que acima nos referimos.

"...Terieis curiosa impressão daquilo em que desandou a música orquestral. Há nela agora uns guizos, chocalhos, matracas, maracás, instrumentos bárbaros que imitam o coaxar de rãs, o silvo da cobra, o estouro da mina, miáus de onça, berros de feras enraivadas. O povo que com isto se delecta, dormira ouvindo um noturno de Chopin, ou vaiára melodias de Bellini. Todo o meu receio, portanto, é que, viciados pelas distonias da moda, pernóstica, excêntrica, exótica, nevrótica, histêricamente impressionista. Depois que os srs. médicos lhe meteram em cabeça que o gênio é uma nevrose, muitos se fazem de malucos por ver se acabam geniais..."

É pena que Laet não tenha tido seguidores e que, com sua morte, haja secado êsse emanadouro de imagens belas e de formas cristalinas.

(Trecho da conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 3 de outubro de 1947, em sessão solene comemorativa do primeiro centenário do nascimento do Conde de Laet).

Há, contemporaneamente, escritores que parecem pobres em matéria de posses vocabulares, e que, não obstante, já tomaram assento no panteão das letras como autênticos valores. Isso não nos manda concluir que saber muitos vocábulos é carga inútil para um escritor. Pelo contrário, quanto mais rico fôr o seu patrimônio vocabular, tanto maiores serão os seus recursos de expressão, podendo escolher, no opulento tesouro, as moedas de prata ou de ouro que melhor se prestem à cunhagem das suas idéias. O que é condenável, segundo o espírito do tempo, é o desperdício dêsse tesouro, ou por simples prazer de ostentação de riqueza vocabular, ou por gôsto do estilo coreográfico, da exuberância tropical na arte de escrever. Como exemplos típicos dessas duas escolas, isto é, dos excessos de sovinice e esbanjamento no emprêgo dos adjetivos, citamos dois poetas: Carlos Drummond de Andrade e Martins Fontes. Harpagão e Sardanapalo.

Meu canto de amor a Blumenau

PAULO MALTA FERRAZ

Gosto de vê-la, cidade de Blumenau, beijada amorosamente pelas águas do Itajaí-Assú!

Gosto de vê-la nos dias de sol ardente e vivo, esplêndida de luz sob o céu azul-turquesa onde se destacam seus morros verdejantes, cujos contornos lembram a curva macia e cariciosa dum seio de mulher!

Gosto de vê-la, Blumenau, nas nevoentas manhãs frias de junho, quando o sol parece temer acordá-la com o tímido beijo morno dos seus raios!

Gosto de vê-la, espiritual e fantástica, nas claras manhãs frias de inverno, quando a tênue geada cobre as margens do rio e os campos, envolvendo-os sob um véu prateado que fulgura à claridade do sol!

Gosto de vê-la, todos os dias, quando as ruas se enchem com o contínuo fluir e refluir de pessoas cujos gestos, vozes e olhares traduzem a preocupação constante do trabalho, razão primacial de sua grandeza!

Gosto, ó graciosa Blumenau, das suas ruas humildes e obscuras que grimpam pelos morros ou se espriam pelas várzeas floridas de seus ribeirões poéticos e rumorejantes! E gosto, também, das suas ruas elegantes, ricas e largas, de suas casas ajardinadas com cortinas que bailam ao sabor do vento e cujos tetos, de tão escaarpados, parecem aguardar o álgido e veludoso contacto da neve!

Gosto de vê-la, ó bela cidade de meus sonhos, quando o sol descai silencioso para os lados da Velha, criando maravilhosos crepúsculos cambiantes de cores que, num ritmo sereno e mágico avermelham, amarelecem, azulam e purpurejam as suas casas, os seus montes e o seu rio! E gosto muito mais dos seus crepúsculos de verão, tão lentos, tão suaves, mas tão cheios de coloridas cintilações, porque êles simbolizam ao meu olhar, o invencível declínio, o indesejado

esvair-se, o fim inevitável dos desejos inatingíveis!

Gosto de vê-la, Blumenau, nas suas noites calmas e silenciosas, quando as estrêlas no escuro céu sem fim, cintilam irrequietas como se desejassem falar à sua gente! E gosto mais ainda das suas noites tranquilas, quando a lua envolve tôda com a sua luz pálida e fria, como se fôra uma mensagem divina de bênçãos e de esperanças à sua gente adormecida!

Gosto de ver a suas usinas, as suas fábricas, as suas oficinas, porque ali posso apreciar o trabalho de seus filhos e ouvir o rumor bendito de ferragens que se chocam, se cruzam e se entrosam indefinidamente, num incesante criar de riquezas!

Gosto, ó campo maravilhoso de flores, de sua gente boa, generosa e amiga; das suas crianças alegres que concentram toda a esperança; dos seus homens robustos, inteligentes e ativos, cujo labor diuturno criou a sua prosperidade; e enfim, das suas mulheres tão cheias de encanto e meiguice, que recordam as loiras madonas de Rembrandt e resumem a suprema beleza de sua vida.

Amo-a pois, ó Blumenau, em todos os aspectos de sua esplêndida e imortal beleza! E se a amo assim, se a amo tão extremadamente é porque, para o meu coração, Blumenau é o mais amável recanto do Brasil!



PAULO MALTA FERRAZ. Filho do Dr. Francisco José dos Santos Ferraz e de D. Zedê Malta Ferraz, ambos falecidos. Nascido aos 13-1-1916, em Maceló, Estado de Alagoas, onde fez os cursos primário e secundário. Bacharelou-se, aos 19-12-1936, pela Faculdade de Direito do Recife. Trabalhos publicados: "Tomaz Antônio Gonzaga. Aspectos de sua vida e de sua obra", Fpolis. — Imp. Oficial — 1944. "Unidade Política" — (conferência) — Fpolis. — Imp. Oficial — 1944.

N O I T A M A R A T Í

NILSON VIEIRA BORGES

O primeiro cuidado — e êste de ordem doméstica — do novo Chancelier ao assumir a pasta, foi fazer do Itamaratí, prédio de instalações deficientes e mobiliário inadequado, uma chancelaria à moderna, com amplos salões, boa biblioteca e bem organizado arquivo. Uma sala de visitas do nosso país, um ambiente compatível com a tradição da nossa diplomacia. E o velho casarão da Rua Larga se iluminou, suas portas foram escancaradas e suas janelas se abriram para o mundo.

Enfrentou em seguida o problema de nossa representação no estrangeiro e rodeou-se de auxiliares preciosos, aproveitando, para grandeza do Brasil, homens de subido valor como o insigne Rui — que

extasiou a assembléa de Haia — e Joaquim Nabuco e aquele incansável Domício da Gama e uma plêiade de moços a quem Rio Branco iniciou na diplomacia, e com quem repartiu a sua glória. Porque Rio Branco era assim: astro de primeira grandeza, a luz radiante da sua obra genial de esta-

NILSON VIEIRA BORGES. Nasceu a 9 de Março de 1918, em Lajes, neste Estado. Fez o curso primário no Grupo Escolar Vidal Ramos e o secundário no Ginásio Diocesano daquela cidade. Realizou estudos p[re]-jurídicos no Colégio Paranaense em Curitiba. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Santa Catarina. Prêmio "Consul Carlos Renaux" na cadeira de Direito do Trabalho. Funcionário do I. A. P. dos Industriários. Professor do Curso Superior de Finanças da Academia de Comércio de Santa Catarina. Dentre seus melhores trabalhos destaca-se uma conferência que pronunciou no Instituto Histórico sobre o Barão de Rio Branco.



OS AÇORIANOS

ANTÔNIO ADOLFO LISBOA

Eram a experiência de três séculos de lutas contra os inimigos da Religião e da Pátria, e, principalmente, contra a natureza hostil das ilhas. Têmperas de aço forjadas pela adversidade, uma adversidade constante, lenta, implacável. Esses, os homens talhados para firmar o domínio lusitano no Brasil Meridional, onde as incursões bandeirantes não bastavam para conter o castelhano que avançava sempre, confiante ainda, talvez, na lenda imaginosa de Torde-silhas...

Aquí, eles foram os lutadores intemeratos dos "entreveros"; os heróis, da Tranqueira invicta de Rio Pardo, os soldados do Regimento Barriga-verde, os fautores anônimos da epopéia dos Farrapos, num barateamento, jamais visto, de bravura, de vidas, de sangue; quanta poesia, quanta legenda ficaram por aí, rolando em tropel pelas colinas érmicas do Pampa, ou pelas dobras silenciosas da Serra do Mar...

Depois, aplainadas, em trabalho secular, as dificuldades, vieram os colonos europeus para os Estados

do Sul, únicos pontos do território nacional, na orientação esdrúxula de nossa política imigratória, que necessitavam de povoamento. Conhecido o terreno, vieram para os nossos vales férteis o alemão, tra-



ANTÔNIO ADOLFO LISBOA. Nascido em Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul, a 25 de agosto de 1920. Fez seus estudos secundários parte em Porto Alegre, e parte em Florianópolis; é, atualmente, quartanista da Faculdade de Direito de Santa Catarina, exercendo, ainda, as funções de Secretário da Justiça do Trabalho nesta Capital.

zendo consigo, como consequência da Reforma, o fermento do capitalismo, o italiano ambicioso de riquezas... Com eles, também chegava a hora de cumprir-se, mais uma vez, o destino trágico do povo indômito. Os pioneiros foram esquecidos, abandonados completamente pelos Governos, cuja cupidéz de mando os levava, invariavelmente, ao apóio exclusivo às colônias alemã e italiana, quer construindo belos edifícios públicos, quer subvencionando hospitais e outras instituições, quer, ainda, concedendo facilidades de transportes e outras vantagens aos seus municípios, em troca das votações maciças, das vitórias eleitorais retumbantes. Ainda assim, não se curvaram os açomitas e seus descendentes; preferiram ficar pobres e doentes — porém livres nas suas opiniões e nos seus atos — quase isolados nessas póvoas humildes, que são o relicário das nossas melhores tradições.

Receberam, paradoxalmente, em sua própria Pátria, o único prêmio digno dos gigantes morais de sua estirpe — a ingratição!

disto nunca ofuscou seus colaboradores e auxiliares, mas iluminou-os a todos na escalada comum para a consagração da pátria agradecida.

Na ordem internacional, o caso mais urgente que Rio Branco houve de enfrentar foi o do ACRE. Pelo Tratado de 1867, Bolívia e Brasil haviam decidido o limite dessa região, cuja linha geográfica cortava densas florestas, abundantes em seringueiras e caucho.

Ora, com a crescente exigência dos mercados mundiais pela borracha, as atenções se voltaram para aquela zona.

Vítima da terra sáfara, trazendo no sangue o nomadismo e espicacado pela perspectiva de riquezas, ei-lo, o nosso nordestino, cavalgando as ondas do rio-mar, embrenhando-se pelos igarapés, vencen-

do a selva hostil em busca da matéria elástica.

Foi quando a Bolívia tentou firmar os seus direitos pela força. Houve reação, houve luta — epopéias ignoradas do caboclo anônimo — houve heróis e como sempre a opressão nada pode.

Impotente para afirmar sua autoridade, resolveu, a Bolívia fazer concessão dessa área a um sindicato americano. E a América toda inquietou-se com os rumores que vinham dos Andes, prenunciadores de tempestades!

Forte contingente boliviano estava se aprestando para punir os inconformados acreanos, quando o Brasil interviu militarmente, no sentido de garantir a vida e os bens dos brasileiros habitantes da região.

E aí começou a ação de Rio Branco. Escudado apenas nas tradições pacifistas da nossa política exterior, iniciou entendimentos para solução do impasse. O Tratado de Petrópolis — sua primeira grande vitória como Chanceler — encerrou a lide, com honra para as duas altas partes contratantes.

O grande ato inicial fôra, realmente, digno do vencedor de Missões e Amapá e o Brasil novamente grangeou relações de cordialidade com uma nação vizinha a que nos ligam tantos interesses comuns.

(Trecho de uma conferência sobre o Barão do Rio Branco, pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 20 de abril de 1945).

CAMPO SANTO

MARCOS JOSÉ KONDER REIS

Sobre de rosas amarelas a pintura,
Deitado em leito negro e na ventura
De ser no chão do sono imóvel face,
A muda e irrevelada formosura
No ritmo da paz guarda a figura
De íntimo segrêdo e me reveste
Em túnica talar de morta herança.

No lívido repouso da colina,
Voltado para o mar,
Hei de esperar-te o sôpro na tardinha,
Se a brisa freme rosas como agora
E o brando sol resvala nas corolas
Amarelado adeus de vã neblina.

mo estudo para Letras e Artes, o consagrado poeta Murilo Mendes: "O último livro de Marcos Konder Reis, *Menino de Luto*, apresenta novas soluções formais de grande interesse. Contém dois de seus melhores e mais realizados poemas, *Barco a Vela* e seu vizinho *A Torre* — que, sem nenhuma dúvida, alcançam um grau de perfeição lírica poucas vezes observada na poesia brasileira. Neste livro o autor ensala o metro curto, empregando-o, a meu ver, com grande felicidade, libertando os poemas dessa pobreza estática que muitas vezes o metro curto de-

termina. O tema da evasão é montado em roupagens novas (v. g. no notável poema em prosa *A tangerina*). O poeta Marcos Konder Reis é, repito, um jovem ambicioso — embora esteja a léguas do cabotinismo. Após a desordem de seus versos, dessa dispersão barroca, sente-se uma alma viva palpitando; percebo às vezes, aqui e ali, falsas geniais. Sua ambição, finalmente, é a de todos os poetas que assumiram a fatalidade da sua vocação — a de, através de todas as lutas, misérias, desânimos e sofrimentos, arrebatam o céu".



MARCOS JOSÉ KONDER REIS. Nasceu a 15 de dezembro de 1922, em Itajaí. Filho de Osvaldo dos Reis e de D^{ca}. Elisabeth Konder dos Reis. Fêz seus estudos primários em sua cidade natal e o curso secundário no Colégio Santo Antônio, em Blumenau, e no Colégio Santista, em Santos. Transferindo-se para o Rio em 1938, cursou a Escola Nacional de Engenharia, onde colou grau em 1944. Neste mesmo ano, publica seu primeiro livro *Tempo e Milagre*. Em 1946 aparece *David* e, em seguida, *Apocalipse*, todos êles de poesia. Em 1947, *Menino de Luto* veio confirmá-lo entre as figuras mais destacadas da nova geração de poetas do Brasil, tendo sido escolhido, na enquete feita entre escritores pelo *Correio da Manhã*, como o melhor livro de poemas lançado naquele ano. Dêle nos diz, em oti-

Argentinos, mis hermanos!

ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS

Bem podeis imaginar a ventura que é para mim poder saudar-vos neste momento. Ventura sim, porque vos trago o abraço irmão da mocidade de uma nação irmã e, o poderem os irmãos se abraçarem é a coisa melhor do mundo!

Porque, realmente e sem fantasia, neste pedaço da terra em que vivem lado a lado Argentina e Brasil existe uma felicidade pouco conhecida dos países e dos povos, a felicidade incomparável da união, e da amizade, o dom que não tem preço da paz.

Argentinos de minha geração e das outras gerações, a mocidade do Brasil vos abraça e vos quer bem, o Brasil inteiro vos abraça e vos quer bem.

Acontece porém, que essa ventura é muito maior ainda porque o abraço de que sou o portador é o grande gesto cristão da mocidade católica da minha terra, é o abraço mais forte que as distinções de raças ou de fronteiras, o abraço mais universal de filhos da Santa Igreja, o abraço mais irmão de todos no Cristo Senhor, Jesus, a cujo Corpo Místico temos a dita inigualável de pertencer.

E se o Cristão é um outro Cristo, seja êle o abraço de um Cristo em outro Cristo, e por isso mesmo, um abraço de alegria porque êsse corpo é o corpo que ressuscita e vence a morte, é o corpo crucificado, que mesmo na hora tenebrosa da agonia é e, será sempre, a força que não pode ser vencida, o derradeiro pôrto de uma humanidade à beira do desespero, a salvação única.

E, é por tudo isso que êle quer ser e que êle pode ser, um abraço de fé.

Fé na vossa coragem, fé na vossa disposição para a luta, na vossa vida interior intensa, sem a qual nada é possível, fé no vosso amor ao Cristo.

E por isso mesmo, é também um abraço de esperança, esperança que é uma certeza na vossa vitória, na vitória cristã que é a única vitória verdadeira, definitiva... e certa, pois que a conquistou primeiro e para sempre o Filho de Deus no alto do calvário.

E, finalmente, abraço de amor, do grande amor cristão que une e que levanta, do amor que nos faz caminhar juntos, lado a lado, nos auxiliando mutuamente, do amor



ANTÔNIO CARLOS KONDER REIS. Nasceu em Itajaí, a 16 de dezembro de 1924. Ali fêz o curso primário no Colégio S. José, das Irmãs da Divina Providência. Fêz o curso secundário em Santos e São Paulo. Fêz o Curso Superior dos Museus, que é de três anos, no Rio de Janeiro. Atualmente cursa o quarto ano de Direito na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro. Representou o Diretório Acadêmico no VIII Congresso Nacional de Estudantes. Foi Secretário de Intercâmbio da União Nacional dos Estudantes. Representou a sua Faculdade no IX Congresso Nacional de Estudantes, sendo escolhido Secretário Geral do certame e Presidente da Comissão de Teses Políticas. Em 1946, representou o Brasil no Congresso da Juventude Católica, de Buenos Aires, sendo o orador, em nome de todos os países ali representados, na sessão de instalação. É deputado à Assembléia Legislativa de Santa Catarina pela União Democrática Nacional.

sem o qual nada é possível e nada vale, do amor que incendeia e prova e purifica e salva.

Moços da Argentina, meus amigos, meus irmãos, permiti ainda que eu não termine sem vos dizer um pouco daquilo que os irmãos devem dizer aos irmãos, um pouco do que nos vai na alma lá no Brasil, um pouco do que temos vivido e aprendido tantas vezes, com não poucas amarguras.

Estais reunidos num congresso de Ação Católica e para que a vossa Assembléia não venha ser mais um dos muitos fracassos do nosso mundo moderno é preciso, antes de mais nada, que não seja considerado como uma obra que se completa, mas como o início de uma grande e espinhosa tarefa. Tarefa que exige, antes de tudo, uma compreensão teórica e prática, uma compreensão acima de tudo, viva e profunda do que seja a Ação Católica, a grande esperança do saudoso Pio XI.

A hora do mundo é grave, é muito grave mesmo. O que atravessamos é a passagem de uma civilização a uma outra civilização. Sintamos ou não, o que se está passando é a transformação da sociedade capitalista para a sociedade trabalhista, o valor que ontem era o capital, amanhã será o trabalho.

Qualquer tentativa de salvar o que está morrendo é uma tentativa inútil, como a de injetar drogas capazes de prolongar, por alguns minutos, a vida de um corpo moribundo.

Não podemos fazer uma idéia exata do que será o mundo de amanhã mas, o que poderemos saber e do que temos a mais absoluta certeza é de que o seu valor será medido pelo seu cristianismo, é de que quando nada mais sobrar dos quadros a que estamos habituados, e a que tanta gente, infelizmente, se apega desesperada como se fossem essenciais, sobra aquilo que é eterno, aquilo que sempre sobra porque é a única

coisa absoluta no mundo: o Cristianismo, a Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

A hora que vivemos é uma hora de revolução, e uma hora de revolução é sempre acima de tudo, uma hora de luta e de ação, uma hora em que é preciso os homens vivos se prepararem para o heroísmo e o martírio, que estejam dispostos ao mais difícil. E, nesta hora, é preciso, ter presente que o Cristianismo é a grande revolução, a revolução iniciada há dois mil anos e que parece sempre estar começando agora, a revolução diante da qual tôdas as outras não passam de escaramuças — a revolução que só terminará com a ressurreição da carne e a transfiguração.

E é justamente na hora que atravessamos, mais principalmente nesse mundo que surge, que me parece a mim mais necessária e mais essencial, como forma inspiradora de apostolado, a Ação Católica.

Mas, que seja ela, então, bem compreendida e bem realizada, que seja fielmente o que dela pensaram e pensam os Papas. Um conjunto de homens, mulheres e crianças que por vocação se dispõem a agir, não como um exército para com maior ou menor violência chegar a impôr a uma nação ou várias nações seus pontos de vista ou sua crença; não como um partido político, mais ou menos honesto, que por meio de conchavos ou intrigas consegue conquistar aparentes vitórias que na realidade não chegam nem sequer a ser bagatelas e que são na maioria das vezes desastradas ilusões.

Não, não e não!

Já é tempo de mudar de método, já é tempo de ter aprendido alguma coisa.

Ação Católica é ação de vida, é ação de cristãos sinceros e verdadeiros. É ação que começa em cada um dos seus membros e que consiste, antes de mais nada, em vida interior, em transformação

de cada um num outro Cristo para que então forme, realmente, o bom fermento que transforma a massa, o fermento que age sejam quais forem as condições da sociedade e do mundo, o fermento que transforma e cristianiza, que vai de casa em casa, de rua em rua, de bairro em bairro, de cidade em cidade, de nação em nação, levando pela palavra e pelo exemplo o facho luminoso da verdade e da vida.

Intransigentes como ninguém na defesa do Cristo e de sua doutrina mas, com o coração grande e aberto a todos os homens, pertençam a que grupo pertencerem, desde o mais distante budista ou maometano, nas trevas espessas do paganismo, até o nosso vizinho decomposto e burguês, desde o fascista mais farisaico ao comunista mais fanático e ateu.

A todos que nos oferecem a mão estendida que não podemos, infelizmente, aceitar ou, que persistem intrincheirar-se interesseiros na nossa força, abramos os braços na verdade e na verdade respondamos a camaradagem com a fraternidade, estreiteza com a compreensão, e, acima de tudo, vivamos tão fortemente a verdadeira vida, a vida que é o Cristo, que é a maior força e a maior atração o que fará, sem dúvida nenhuma, hoje ou amanhã, o mundo girar em torno do Verbo Incarnado, seu Único e Verdadeiro Centro.

Finalmente, quero desincumbir-me da honrosa missão que recebi, há poucos instantes, das delegações dos outros países irmãos, qual seja a de transmitir-vos o abraço fraternal das mocidades católicas dos seus países.

Com o abraço, vai o agradecimento sincero pela vossa hospitalidade.

No momento em que iniciais este magnífico congresso, recebei, esse abraço fraternal com os votos de maior êxito das mocidades católicas de Bolívia, Chile, Paraguai, Perú, Uruguay e Brasil.



“ROSTOS QUE SE CRUZAM”

MARIA OLYMPIA MOREIRA DA SILVEIRA

A cabeça redemoinha idéias e o olhar não segue o barulho monótono da massa que escorre apressada.

É um olhar concentrado, em contraste com os inquietos e superficiais; um olhar de alguém que está cego e surdo para a desarmonia do vai-vem, dos letrados faiscentes, do céu tocado, por cimentos que arranham estrêlas.

É um olhar para dentro, pensando, ainda, na Conferência que acabara de ouvir — Espírito de três gerações.

Os homens aceitam a fisionomia do movimento, o homem não olha para dentro.

A luta lhes marca a testa, cheia de cuidados — a luta pelo pão, pelo estudo, pela calma e pela conservação de um ideal de trabalho, em que profissão case com vocação.

Suportar a luta é vencer.

Lutam por Deus, pelos homens, por si.

E cada um é “uma longa e solitária história que precisa ser contada.”

O homem se esquece e é esquecido.

* *

*

Quanto moço caminha, atônito, apressado, sem um instante para colher, na meditação, a serenidade profunda de sua vida!

Esta mocidade que nasceu, entre duas guerras que abalaram o mundo, mocidade que conheceu as consequências tremendas de uma invenção poderosa, como a bomba atômica, e encontrou um após segunda guerra mundial, todo cheio de suspeitas, de falta de confiança, no outro que caminha ao seu lado.

Mocidade inquieta, toda delirante, mergulhada nas idéias de um existencialismo sartriano que vem importado, como muitos outros produtos, não do que há de melhor na Europa, na França.

O sentimento da angústia existencialista medrou, não por moda, mas, porque encontrou um terreno propício na real angústia, que é um fato, em face da presente perplexidade em que se vive.

Fala-se de uma terceira guerra mundial e, se ela não romper, nem

por isso os jornais e o rádio deixam de influir na psiquê humana, metralhando-a com a chamada “guerra de nervos”.

E esta mocidade, segundo muitos, é triste.

A nova geração, lembro-me do que afirmou o conferencista, “vem viva, é uma geração profundamente realista, os poetas atuais são graves e as revistas que nascem falam de desespero, de problemas de vida ou de morte.”

Desajustamentos e conflitos são inerentes à vida moça, e lhe dão um cunho social bem significativo. Surgem os grandes problemas de emancipação, maturidade e a escolha de uma filosofia de vida.

Entre a Infância e a Idade Adulta, o moço vive “como Gulliver, mas, ao mesmo tempo, como gigante, no país dos anões, e, ainda, como anão, num país de gigantes”.

Rostos que se cruzam... e por que vivem tão divididos, defendendo em bloquinhos os alarmanes “pontos de vista?”

Vivem dentro de um cenário só e... não se encontram.

Preferem subdividir-se, em escolas e grupos, a convergir para a Unidade.

Para que se trancar em tórris, sem mirantes?

Para que viver, em função de si e do egoísmo?

Participemos e, para os que temem o perigo de se gastar, expliquemos que a participação supõe a existência de um “sanctum sanctorum”, de onde brota a força e onde amadurecem os frutos dessa fecundidade interior.

Os homens, nesse caminhar angustioso, não querem defrontar-se com a Verdade.

Acham-na incômoda e abandonam-na, reforçando a idéia, defendida por Gide, em sua Sinfonia Pastoral, quando desculpa a ignorância consciente: “é preferível permanecer na ignorância, do que enfrentar a responsabilidade, quando se discerne o bem do mal”.

Fogem da Verdade!

Mocidade!

Se te queres afirmar, é preciso que te realizes, no sentido do Total.



MARIA OLYMPIA MOREIRA DA SILVEIRA. Filha de João Egydio da Silveira e de D^{ca}. Maria Augusta Moreira da Silveira, começou seus estudos, em sua cidade natal, São Francisco do Sul, no Colégio “Stella Matutina”. Sua dedicação aos estudos trouxe-a para Florianópolis, onde, no Colégio Coração de Jesus, concluiu o curso de professora normalista. Convidada, pela direção do referido Colégio, ocupou, por vários anos, uma cadeira de professora, neste Educandário. Desde cedo, manifestou seu amor às letras e aos estudos psíco-sociais. É de sua autoria um trabalho em que estuda as personalidades e as obras das intelectuais catarinenses. Oradora, entusiasta, tomou parte em vários comícios políticos e representou, com sua voz, a mulher catarinense, quando da chegada do atual Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, a Santa Catarina. Seus escritos são impregnados de vida cristã. Atualmente, na Capital da República, após rigoroso vestibular, mereceu uma bolsa de estudo, para cursos de aperfeiçoamento e especialização, mantidos pelo I. N. E. P., e cursa a Secção de Pedagogia da Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil.

Lembra-te de que a Verdade, quanto mais negada, mais se afirma.

Somos uma geração, não diremos envelhecida, mas amadurecida, diante de exemplos muito flagrantes, que nos obrigam a tomar uma posição, a encontrar um sentido de vida.

Com elementos de que é feito o nosso mundo, temos possibilidade de sermos uma geração construtiva, e toda essa marca de realismo só nos poderá lançar, na vida total — na Realidade Suprema, em Deus, por Cristo, a Ponte que liga o humano ao divino.

*
* *

Os bondes rolam e gemem, nos trilhos barulhentos.

A noite chegou e são bem poucos os que repousam.

O pensamento entoa, ora grave, ora agudo e, sempre, pleno de esperanças:

Geração Construtiva.

Rio, 4-10-48.

A L T I V E Z

AIGA DEEKE BARRETO

As frases que eu te disse sorridente
nem foram gotas mínimas de um mar;
— não sabes que o que vale é o que se sente,
não sabes que a altivez é uma serpente
que suga a voz e o amor nos faz calar?

Há pérolas no fundo do oceano,
tesouros enterrados sob o chão,
— assim também há muito desengano
no coração que tu julgaste ufano
por não te amar e ter tua paixão.

Pensavas que sabias de mulheres,
pensavas... quanto amor frustraste assim!...
— pois eu só desfolhava mal-me-queres
a perguntar-lhes: — "Queres? Não me queres?",
e não soubeste nunca ler em mim!

.....

Agora muito faz que nos perdemos
e tanto, tanto tempo já se foi...
Jamais eu alcancei os céus supremos,
e nunca ao menos nós nos compreendemos,
mas a saudade tua inda me dói!



AIGA DEEKE BARRETO, filha de Edgar Barreto (advogado) e Da. Christiana Deeke Barreto. Nascida em Blumenau a 1º de março de 1931, frequentou o curso primário da Escola Particular Pedro II, na cidade natal, vindo a cursar o ginásio no Colégio Coração de Jesus, de Florianópolis. Por ocasião de sua formatura, em 1946, editou um opúsculo de poesias, sob o título de Melodias d'Alma, edição da "Imprensa Oficial". Matriculou-se em 1947, no Curso Científico do Colégio Santo Antônio, de Blumenau, cujo 2º ano hoje cursa.

DO CLUBE DE COOPERAÇÃO CULTURAL

O Trabalho Social em Cresciuma

JOSÉ TITO SILVA

Cresciuma, a capital do carvão catarinense, ainda que os homens públicos tenham voltado os olhos para os problemas que a indústria carbonífera tem gerado, insulando grupos sociais sob aspectos culturais e econômicos, exurgiu da terra negra como uma metrópole sulina, apresentando porém tristes realidades.

Múltiplos e complexos fatores têm condicionado o desenvolvimento do município, cujos marcos, alevantados principalmente em função da hulha negra, vêm evidenciando a imperiosa necessidade de uma cooperação humana afim de debelar-se os males, os aspectos negativos da sociedade.

Dentre as perspectivas sombrias da comunidade mineira, destaca-se a mortalidade infantil, que por diversas causas (econômicas, higiênicas, etc) vem alcançando índices elevados.

Circunscrevendo nossas observa-

ções ao elemento humano, visamos através de dados bio-estatísticos comparativos, apresentar, em resumo, um quadro da situação municipal.

Preliminarmente, temos a acentuar que, (de acôrdo com a Sinopse Bio-Estatística, quinquênio 1939/1943), o percentual infantil no obituário geral em Cresciuma, de 36,76 em 1939, subindo para 38,19 em 1940, para 50,00 em 1941, decrescendo para 44,35 em 1942 e ascendendo, em 1943, para 48,61, manteve-se nesses anos, o mais elevado dentre os municípios do 4º. Distrito Sanitário (Tubarão, Araranguá, Laguna, Imaruí, Orleans, Jaguaruna e Urussanga) apesar de menos populoso e de quase igual superfície que muitos deles, numa alarmante e triste perspectiva para Santa Catarina.

Porém, inegavelmente, Cresciuma, se comparada com muitas outras municipalidades estaduais

mais populosas e de territórios aproximados, apresenta espantosos índices de mortalidade infantil.

Mais do que nunca essa edificante terra do carvão que vem adensando contrastes entre a miséria e a riqueza, entre as modernas residências e as habitações anti-higiênicas dos mineiros, necessitava de mais profícuos trabalhos sociais, e o que vai-se concretizando, através de uma bem orientada educação e proteção infantís.

O "Jardim da Infância" da "Casa da Criança", em Cresciuma, nasceu como um símbolo promissor da ação social religiosa. Contudo, fundada e mantida pelo Círculo Religioso São José, tem tôdas as diretrizes voltadas para a socialização e integração do homem, sem olhar distintivos políticos, e já vem prestando, serviços valiosos à comunidade, protegendo a criança sob vários aspectos. Essa entidade tem orientação social e moraliza-

Os mendigos e a luz de Florianópolis

HÉLIO VEIGA MAGALHÃES

A nossa Capital continua presa ao problema da mendicância.

As almas caridosas da terra de José Joaquim da Veiga, não se cansam em prestar auxílio a êsses mortais, para quem a esperança de melhores dias constitue uma quimera perene, traçada com o pincel da ironia.

Os apóstolos de S. Vicente de Paulo e, recentemente, a "Ação Católica", envidam todos os esforços, afim de melhorar, ao menos, a sorte dêsses desafortunados da vida.

Mas o problema dos indigentes é sobretudo complexo para uma rápida e definitiva solução.

A mocidade "barriga-verde", compete secundar essas associações que trabalham, sem esmorecimento, a favor de tão nobre causa.

E não são poucos os meios por que se pode tomar tal iniciativa.

A guisa de sugestão, embora um tanto aberrante, defendo a campanha dos pobres em função da energia elétrica em nossa Capital.

Isto, entretanto, não impede sejam postas em prática outras su-

gestões mais simples e mais fáceis, que de fato existem.

O problema da luz, contudo, poderá resolver o outro problema, que é o assunto a que me reporto.

Uma cidade deficientemente iluminada, não poderá instalar grandes indústrias.

Ora, estas constituem verdadeiras fontes de riqueza, concorrem, de modo assombroso, para o engrandecimento do Estado.

Consequentemente, concorrem, também, para diminuir o número de mendigos.

Não basta, porém, conseguir-se ótima iluminação e bem montadas fábricas.

É preciso que, acima de tudo isto, triunfe o verdadeiro espírito cristão, para que a caridade se realize plenamente.

Do contrário, domina o espírito comercial e permanece o lema: — "Quanto mais tenho mais quero".

Cabe à juventude do presente a tarefa de pugnar com responsabilidade, lealdade e sacrifício, a favor da mendicância.

Se subsistir em todos a vontade

de trabalhar com desapêgo; se o povo, numa só comunhão de idéia, cooperar na campanha de re-estruturação da nossa rede elétrica, e, se forem instaladas fábricas gigantes, com a intenção primacial de acabar com a indigência na ilha, estará resolvida essa terrível questão — flagelo da sociedade.

Um Estado enriquecido pelas indústrias, não viverá, portanto, unicamente da burocracia e dos impostos, estará aparelhado, para combater, de modo eficiente, tôdas as chagas sociais, como o analfabetismo, as epidemias, a ociosidade, a classe desvalida, etc.

Todavia, tal empresa não se realiza mediante reflexões superficiais.

Ela exige muita ponderação e muito estudo.

É necessário, por exemplo, saber qual a importância de que se precisa para concretizar essa inspiração; com quantos contribuidores se pode contar mensalmente; a escolha dos técnicos, e assim por diante.

Mas, todos êsses obstáculos desaparecerão se em nós prevalecer aquêle espírito do suíço que soube construir uma Pátria — grande, pela Cultura! Forte, pelo Direito! Sábia, pela Justiça!

dora. Não se cogita de investigar o credo, político ou religioso, a côr e a condição econômica para que lá sejam admitidos o menino ou menina. Realmente ela se destina a proteger os desamparados.

A "Casa da Criança" que está sendo aparelhada aos poucos, funcionando já com uma matrícula inicial de 80 alunos, terá as seguintes instalações: cozinha, refeitório, instalações sanitárias (inclusive banheiros e chuveiros), salas de aula (inclusive música), salão pa-

ra brinquedos, palco para festas e teatro infantil, gabinete odontológico e médico e laboratório de análises.

Principalmente para os mineiros a instituição será de um valor incalculável, pois que seus filhos permanecendo na Casa desde às oito às dezessete horas do dia, terão alimento abundante e sadio e além disso cuidados médicos, higiênicos, educativos, procurando-se desde cedo aproveitar as tendências e aptidões individuais.

Devem sentir-se orgulhosos os

cresciumenses e as autoridades que vêm apoiando moral e materialmente a instituição, pois que além da obra simplesmente construtiva do trabalho social, basta o ver-se lado a lado, como companheiros de escola, competindo na medida de suas capacidades e aptidões, um pretinho filho de mineiro e um representante da classe abastada, para que se compreenda, imediatamente, quão elevada é a finalidade da escola e como é meritória a dignificação do homem de amanhã, da criança de hoje.

Estátuas quebradas

ANIBAL NUNES PIRES

As mãos não atendem. Os dedos desgovernados tremem e não seguram o objeto. Cai a xícara sobre a mesa amarela, esparramando o café e salpicando a roupa toda. Um guardanapo branco, molhado em água morna, é passado em vários pontos do paletó e da calça. O zumzum, no bar, se eleva, por um momento, enquanto olhares curiosos convergem para a mesa.

As mãos não atendem. Uma corre em socorro da outra. Entrelaçam-se numa carícia mútua, confortadora de início e, progressivamente angustiada, desesperante. Afogados, desejando salvarem-se mutuamente no mar sem limites. Separam-se; os dedos atiram-se do-ram-se e esfregam a palma da mão. As mãos não se entendem mais, os dedos desconhecem-se e movem-se continuamente, rítmicos, e ágeis como se estivessem modelando o nada.

— Até logo!

A mão direita encontra uma outra que a imprensa e aperta. Os dedos contraem-se e distendem-se para tirar aquela sensação de esmagamento e fazem um botão do paletó entrar na casa errada.

As mãos, pendentes e abandonadas, saem à rua, em direção ignorada... e os dedos modelando o nada. A perna esquerda e a dextra à frente, a perna direita e a sinistra atrás, sempre naquele movimento monótono de passo certo, um dois, um dois, um dois ao longo da rua... e os dedos modelando o nada.

• Não há mais sintonização entre que transmite o cérebro e o que executam as mãos.

Estranha sensação nasce no mundo mental: o abandono, o divórcio entre o pensamento e as mãos que oscilam, lá e cá, com os dedos modelando o nada.

O automatismo dos passos apressados sobre os paralelepípedos, mal colocados, daquela rua sem fim; o desespero das mãos desconfiadas, uma à frente outra atrás, parecendo esquivarem-se; o paletó com o botão na casa errada, atrafiam olhares furtivos, olhares críticos, intrometidos e observadores. As mãos estão sofrendo o martírio do desentendimento. Velhas amizades, jogadas pelo destino ao fracasso inevitável. Numa convivência de 30 anos, trabalhando juntas, lavando-se mutuamente, modelando, vivendo, enfim todas as alegrias e todos os desenganos, não era possível a existência da dúvida e da prevenção. Elas se elevam, empalmam-se para o céu e dois olhos vidrados, cheios de angústia, penetram-lhes a carne. Mais rápido que o movimento de um passo, juntam-se nervosas aflitas e desoladas e suarentas. Suor frio. Suor de morte.

— Nossos dedos não sentem mais a matéria, estão indiferentes aos objetos. Ficaram loucos, do-ram-se, e distendem-se, contraem-se, crispam-se e tremem modelando o nada. Eu vi, a xícara quebrou-se sobre a mesa amarela. Tivemos a certeza da nossa morte. Quem dará forma aos blocos de gesso? Quem manejará, com segurança, o buril, os instrumentos?

As mãos afastaram-se e penderam, oscilando no fim do braço.

No mundo mental, o cérebro

construía uma estátua subjetiva. Uma escultura, nunca exteriorizada, inédita, será a obra prima que os olhos do mundo admirarão para o resto da existência.

Um, dois, três, quatro passos apressados e pronto... o prédio do atelier à vista.

Uma batida na porta; mãos no lado de dentro, rodam a maçaneta e a porta se abre. Uma escada, outra escada, outra mais e lá no alto a água furtada, o atelier. Temis, Diana, Júpiter, Netuno, Vênus, o louco, cabeças, pernas e braços povoam o ambiente.

Aos instrumentos, ao bloco amorfo de gesso, à concretização da obra prima subjetiva! O cérebro determina o primeiro golpe e as mãos mortas, os dedos mortos não lhe imprimem a intensidade necessária. O segundo golpe e a ferramenta escapa-se dos dedos e cai no chão amarelado. O cérebro. A xícara quebrada sobre a mesa amarela. Os dedos crispados, tremendo. As mãos em concha para cima e olhos aterrados penetrando-lhes as carnes. Pendem oscilando abandonadas no fim do braço. Vagueiam pela sala. Momentos de tédio e uma angústia invencível termina por dominar o cérebro.

Os olhos aterradores olham a Temis, olham as mãos que alcançam uma ferramenta pesada. As mãos não estão mortas, as mãos não estão mortas. O primeiro golpe e a Temis se espedaça no chão amarelo. O segundo, o terceiro reduzem as estátuas a fragmentos pelo chão amarelo. Eram cacos de xícara sobre a mesa amarela.

A MORTE DO VOVÔ

ANTÔNIO PALADINO

— Deixa de assoviar, Juquinha! Não sabes que o teu avô morreu na sexta-feira?

— Eu sei, mamãe... eu tinha m'esquecido... eu m'esqueço sempre.

— Mariazinha... Mariazinha... Desliga esse rádio menina! Que sentimentos tens tu?

— Mas é uma música tão triste, tão bonita, mamãe... Deixa eu escutar.

— Desliga esse rádio, menina! Olha que eu

— Sim, mamãe

O rádio tocava a Rapsódia Húngara Nº. 2.

O vovô de Juquinha e de Mariazinha escolhera uma época muito imprópria para morrer. Faltavam nove dias para o Carnaval, quando êle morreu. Foi uma falta de camaradagem muito grande do vovô. Devia ter escolhido outro dia para finir... Há tantos dias do ano... Mas o vovô sempre foi assim. Estava sempre brincando com os meninos. Sempre gracejando, sempre gracejando. Ah! o vovô! Que falta que êle faz agora! Já não se pode mais ouvir agora aquele seu gargalhar tão esquisito, tão jovial, tão espontâneo. Êle que gostava tanto de rir, de dizer tantas coisas interessantes e engraçadas. Como o vovô adorava a música! Era um fan entusiasta de Tchaikowski. Como êle gostava da Sinfonia do Quebra-Nozes! Foi bom que o vovô morresse antes dos meninos. A mamãe não o iria deixar rir, nunca mais. Êle nunca mais poderia ouvir Tchaikowski... Ah! o vovô! Êle gostava tanto da Sinfonia do Quebra-Nozes! Muitas vezes, à tardinha, êle levava os meninos ao cinema. Gostava muito de passear com os meninos. Dava-lhes doces, dava-lhes balas, e brinquedos, e beijos, muitos beijos. Era muito bom o vovô. Sempre, todos os anos, quando as férias chegavam, êle levava os meninos ao campo. Lá, êles passavam juntos o mês de novembro, o de dezembro, o de janeiro... até fevereiro, quando elas terminavam. E no campo como eram agradáveis os dias com o vovô! Como era linda aquela casa de campo do vovô! Que belo terreno! As suas pastagens e os bois as galinhas os currais onde os porcos se enlameavam. Como eram engraçados aqueles porcos! Os pastos onde as vacas pastavam. Ah! o vovô. Ah! o vovô. E agora, quando faltavam nove dias para o Carna-

val, o vovô morreu. Os dois meninos ficaram inconsoláveis. Choraram muito. O vovô se foi embora. A mamãe disse que êle foi para o céu.

Foi no Carnaval do ano passado. Êles se divertiram muito com o vovô. O vovô levou-os ao baile infantil. Êles dansaram muito, mas muito mesmo... O vovô também pulou junto com êles. Mariazinha levava uma fantasia de cigana, linda, muito linda. A fantasia de Juquinha era de pirata. Muitas serpentinhas êles jogaram, muito contentes, muita... e que lança-perfume, e até... Ah! O Carnaval do ano passado... Quantas saudades êle deixou... Quanta felicidade, quanto contentamento. Coitada da Julieta! Ela não pôde brincar no Carnaval do ano passado. Estava de luto naquela ocasião. O avô dela tinha morrido poucos dias antes. Ela ficara muito ridícula com aquele vestido preto. E êles zombaram muito dela... E agora, ah! agora... Agora o vovô morreu também. E êles estavam de luto também. E também não poderiam mais brincar no Carnaval. Ah! O vovô, se os visse com essas roupas pretas, como êle haveria de rir-se dos meninos!...

Debruçados no peitoril da janela de sua casa, as duas crianças estavam inconsoláveis. Juquinha tinha quinze anos; Mariazinha dezesseis. Começavam hoje os festejos de Carnaval. E êles que haviam sonhado tanto, que haviam imaginado tantas fantasias bonitas! Era o primeiro ano em que iam dansar nas soirées de Carnaval. Até agora êles só tinham dansado em bailes infantis. Os sonhos se desfizeram e os dois meninos estavam tristes, muito tristes... Na casa de Julieta havia um grande reboliço. Ora, o vovô... foi morrer logo agora, perto do Carnaval!... Devia ter morrido uns oito meses antes... Só assim, hoje, os meninos poderiam se divertir muito, no Carnaval. Êles iriam à soirée... êles nunca foram à soirée... Deve ser uma coisa formidável ir à soirée. A irmã da Julieta diz sempre que nas soirées os pares dansam tão juntinhos, tão agarradinhos. Diz até que os pares se beijam... Ah! as soirées... E os dois meninos vão fazer êste grande sacrifício, hoje... Só por causa do vovô. Ora, por que o vovô não morreu no mês de Maio do ano passado... Mariazinha relanceia de vez em quando, o olhar pelo seu traje de luto. Trajo ridículo, abominável. E sente por den-

tro uma certa raivazinha do vovô. De repente, uma música adorável, muito conhecida dos dois meninos, vem vindo pelo espaço, vem vindo, vem vindo... lá da casa do vizinho, que também admira muito Tchaikowski. É a Sinfonia do Quebra-Nozes. Juquinha, triste, muito triste, fica devaneando. Pela face de Mariazinha correm duas grossas lágrimas... lágrimas... Os meninos sentem saudades do vovô. Êles ainda gostam muito do vovô...

Eram dez horas da noite quando Julieta "foi na casa" dos dois meninos mostrar a sua fantasia. Julieta estava linda. Vestia uma fantasia de havaiana admirável. Do seu pescoço pendia um colar enfeitado de muitas côres. Um colar chic, pomposo, invejável. Os seus cabelos estavam muito bem trabalhados. Uma rosa caríssima enfeitava-lhe o cabelo. Juquinha... Mariazinha... uma pontinha de inveja morava no seu coração. Enquanto a mamãe palrava com a mamãe de Julieta, os dois meninos extáticos, boquiabertos, contemplavam a figura imponente e bela de Julieta. O vovô... Ah! o vovô!... Por que foi êle morrer agora? Se Mariazinha se fantasiasse, a sua fantasia seria mais bela que a de Julieta. Já tinha sonhado muito com ela, muito, muito... E dansaria com o Pedrinho. O Pedrinho gosta mais dela que da Julieta. Êle lhe dissera isto quando as aulas se encerraram. E o Pedrinho é um rapaz muito delicado, muito bonito; tem muito dinheiro o pai dêle. Se não fôsse pelas más línguas, os dois não deixariam de ir a esta soirée de Carnaval. Mas é que a Dona Rosália é muito faladeira. Fala da vida de todo mundo. Também a Dona Acácia, a Dona Josefina, a Dona Eusébia... até o seu Jordelino, que é um "homem"... Nunca se viu uma terra de tanta gente linguaruda. O melhor era que cada um cuidasse da sua vida...

Já eram altas horas da noite. Julieta há muito que se fôra para a soirée. Fôra carregada de serpentinhas, de confete, lança-perfumes e vaidade, muita vaidade. Os dois meninos ainda não tinham conseguido ferrar no sono. Estavam chorando, os dois. Choravam muito baixinho, baixinho... De um lado, Juquinha; do outro Mariazinha... E êles não sabiam que no "céu", lá num cantinho do "céu", o vovô, compadecido dêles dois, chorava muito também...

O VENTO SUL

SALIM MIGUEL

O vento sul é inconstante e sutil. O vento sul é indiscreto, cruel, malicioso... Não perdoa aos que têm a petulância de o afrontar. Seja homem ou mulher, criança, velho ou moço, rico ou pobre, sábio ou ignorante.

Empurra crianças maltrapilhas e trêmulas, derruba velhos doentes e senis, escarnece dos jovens Tarzans... de alfaiate.

Certa noite, não há muito, encontrava-me sentado sob a vetusta figueira da Praça XV. O vento sul se encontrava mais furioso que nunca. Os olhos da cidade mais escuros que nunca. No jardim, nem viv'alma. Só as árvores, múltiplas e diversas, altas e baixas, grossas e finas, pendiam ante a violência do vento, que zunia. Milhares de folhas e flores, em comunhão, revoloteavam, carregadas para longe.

Repentinamente, uma lufada mais forte chega até a figueira, enlaça-a com seus mil braços, sacode-lhe as folhas e os galhos, espantando os passarinhos que dormitavam, toma todo o tronco, as "barbas de velho" são arrancadas, ninhos atirados a distância e cada vez mais de mim se aproxima. Desce sempre mais e mais, sempre roda-rodopiando, repleta todo o banco em que me encontro, até sentar-se ao meu lado.

Fala-me e por mais de uma hora conversamos sobre mil diferentes assuntos. O término da guerra, a política, as literaturas, as artes, as ciências, as viagens...

Conta-me, depois, seu rancor

contra esta cidade, da qual, por um desígnio superior — o vento sul é fatalista, acredita no destino — não lhe é possível fugir. Diz-me, e sua voz fininha treme num misto de ódio e amor.

— Veja, visito cidades grandes, modernas, que não precisam esperar pela luz da lua para se iluminarem, e, no entanto, sou obrigado a voltar, sempre voltar a, esta "Ilha Verde". E, veja, não é de agora que isto me acontece. Já nos tempos coloniais, mesmo antes, nas invasões dos piratas ingleses e franceses, eu aqui estava. Via-os chegar, desembarcar, depredar, matar os selvícolas, enquanto estes olhavam atônitos. Depois vi a chegada dos desbravadores, dos bandeirantes de Dias Velho. Vi a fundação, o crescimento progressivo da cidade. A primeira igreja, a primeira casa de pedra, a primeira mentira, a primeira inveja, o primeiro assassinato... Vi a chegada do célebre viajante francês Saint-Hilaire, que tanto admirou as belezas naturais da Ilha. Vi e palestrei com algumas das maiores personalidades da nossa literatura, política, pintura, escultura, etc. Inspirei Cruz e Souza, fui seu primeiro confidente e primeiro admirador. Quantas vezes, alta noite, ainda à espera da glória, êle me declamava suas poesias! Você já viu algo mais belo do que os "Violões que Choram"? Nunca pude esquecer esta estrofe (o vento sul virava lírico de bar):

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes,
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas"

É belo, não? Cruz e Souza foi

um grande simbolista, igual aos que mais o foram. E então o "velho vento vagabundo"...

Admirei-me de que êle soubesse tanta coisa e lho disse.

— Qual! — respondeu-me — Eu sou um vento culto. O povo ainda não me dá valor. Não faz mal... Esperarei... Vi muitas outras coisas, presenciei milhares de fatos curiosos, pitorescos, cômicos, trágicos... Ri e brinquei nos momentos em que a cidade ria. Chorei e sofri nos em que ela sofria. E é por isto que não a posso abandonar, agora que ela está num momento tão cruciante de sua vida.

— Mas, falei eu: pior, é que ela ainda quer viver no passado, não quer avançar. Falo avançar no bom sentido, progredir pelo estudo, cultura, desejo de saber e avançar. Não por diletantismo. Eu...

— Bem, cortou-me êle, — o vento poeta — de repente — a palestra está boa, mas eu tenho que me ir. Gostei muito de conhecê-lo. Qualquer dia voltarei com mais tempo e então palestraremos bastante. Vou ver o que se passa pelo mundo. Até à vista.

Levantou-se do meu lado, roda-rodopiando, chispou veloz pela figueira e, carregando consigo pequeninas folhas e partículas de ninhos, elevou-se, desaparecendo no céu de ébano, que tudo cobria, e onde uma única estrêla pisca-piscava.

(Tópicos de uma fantasia literária).

Há uma voz que clama na noite

EGLÊ MALHEIROS

O silêncio barulhento de mil pequenos ruídos
Vestido de negro trouxe fantasmas consigo
Há um pouco de medo em cada claridade
E tudo, pequeno ou grande, tem jeito de imensidão

Da noite sem lua, sem estrêlas
Sem namorados a passear
Vem uma voz que pode ser a minha
Mas que é a de todos nós
Começa num gemido
Termina num clamor
É a voz de gerações passadas
De todos que esperaram
E tentaram realizar
É a amargura
De tôda a mocidade
Que quer viver, sentir, amar
Fazer um mundo que é todo seu
Mas tem a energia hipotecada
Aos que monopolizaram a vida

É o grito desesperado
Dos que sentem no viver
A amputação contínua
De tudo que é luta, que é bom, que é amor
É o grito dos sem pão, sem terra
Sem letras e sem sonhar
É o grito dos vagabundos, dos "nada"
É o grito da infância
Que não pode brincar

É uma voz que clama na noite
Que nos envolve, que nos dilue
Não é doce nem suave
É magnífica e linda em seu horror
Tem a amargura da meiguice falhada
E ódio para os que negaram amor
E ao mesmo tempo é suave e bela
Alegra, encoraja e consola
Porque a voz que clama na noite
Tem por éco a AURORA.



Cântico do espírito esquecido

ODY F. E S.

Quando, andando em uma estrada qualquer,
Ou na esquina cosmopolita de uma grande cidade;
Na rua deserta da vila sem vida,
Ouvires um canto cheio de monótona tristeza,
Não te espantes,
É o cântico do espírito esquecido.

Se, no meio de um concêrto,
De entre a harmonia sinfônica,
Ouvires o som dolente de um pífarô,
Ou de um alaúde,
Não te aborreças,
É o espírito esquecido que quer ser lembrado.

O espírito esquecido,
A idéia que não foi realizada,
Muito te perseguirá.
Ouvindo um cântico novo,
Um cântico popular,
Ele tocará, ao mesmo tempo,

Uma canção medieval,
Para te recordares que ainda vive.

Quando soa no espaço um piano,
Ele tocará espineta,
Fará contraponto,
Para que saibas que ainda vive.

Se te pões à declamar moderno poeta,
Ele cantará milenares versos orientais,
Para insistir que ainda vive.

Em todos os momentos de tua vida,
Na harmoniosa polifonia de todos os instantes,
O espírito esquecido fará contraponto,
Lutando desesperadamente,
Para fazer sentir que ainda existe.
Tudo em vão, porém,
Sempre será o espírito esquecido,
A idéia que não foi realizada.

Ubaldo Brisighelli; redatores — Antônio Lisboa e Alfredo Zimmer. 1947 e 1948: diretor — Hamilton Valente Ferreira; secretário — Isaar Carlos de Camargo; diretor de redação — Lídio Martinho Calado; tesoureiro — Lício da Silva Hauer. Houve mudança durante este período, ficando o corpo de direção assim constituído: diretor de redação — Otávio da Costa Pereira; redatores — Hélio Milton Pereira; Renato Azevedo Nascimento, Lício da Silva Hauer, Jovelino Savi. Atualmente, a "Folha Acadêmica" tem como diretor e redator-chefe, respectivamente, os acadêmicos Otávio da Costa Pereira e Hélio Milton Pereira.

O GUIA SERRANO, de Lajes

Foi fundado em 7 de março de 1937, por Frei Arcanjo Moratelli. Em setembro de 1938, assumiu a direção Frei Bernardino Bortolotti. Gerente: Frei Marçal da Silva Neiva. Frei Bernardino e Frei Marçal são portadores de carteira profissional, o primeiro com matrícula n. 10.001, Série A; o segundo com matrícula n. 9.450, Série A. O jornal está registrado no DIP, sob o n. 14.243. Colaboradores: Frei Pedro Sinzig, do Rio de Janeiro; José Vargas, de Porto Alegre e outros. Tipógrafos: Ângelo Palhano, Nicanor dos Santos, Nelson Hoffer, José Schmitz e Arlindo Silva. Tem oficinas próprias.

A GAZETA, de Florianópolis

Começou a circular a 16 de agosto de 1934. Fundador e diretor proprietário: Jairo Calado. Diretor de redação: Lídio Martinho Calado. Redatores: Mimoso Ruiz e João Frainer. Diretor da Seção Esportiva: Waldir de Oliveira Santos.

HORIZONTE, de Lajes

Periódico dos alunos do Colégio Diocesano, Lajes. Finalidades: Incentivar o gosto pela boa expressão, premiar os trabalhos que se destacam pela força do pensamento, manter contacto com os ex-alunos, divulgar os melhores discursos feitos na Academia Frei Veloso. Fundador: frei Elzeário Schmitt. Data da fundação: março de 1948. Redatores: Vários. Colaboradores: Os membros da Academia Frei Veloso. Impressores: Tipografias várias, dentro e fora do Estado.

O INCOANO, de Itajaí

Órgão dos funcionários do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO). Mensário no segundo ano de publicação.

A IMPRENSA, de Caçador

Semanário noticioso fundado em Porto União a 4 de abril de 1920 e transferido para Caçador em 22 de fevereiro de 1939. Diretor proprietário: Coronel Cid Gonzaga. Redator auxiliar: Dr. Zany Gonzaga.

A IMPRENSA, de Tubarão

Semanário noticioso. Está no décimo quinto ano de publicação. Diretor: Manoel Aguiar. Redator chefe: A. G. Amaral.

O INTERNATO MARIANO, de Florianópolis

Anuário das Congregações Nossa Senhora da Glória e Imaculada Conceição, do internato do Colégio Catarinense. Foi publicado o n. 1, correspondente ao ano de 1947/48.

ITAJAÍ, de Itajaí

Semanário, que está no segundo ano de publicação. Diretor: Dr. Wilfredo E. Currlin. Gerente: Raul Heusi da Silva.

JORNAL DE JOINVILLE, de Joinville

Fundado a 1º de janeiro de 1918 por Eduardo Schwartz. Atualmente é de publicação diária, pertencendo ao grupo dos

Diários Associados. Diretor: Adelino Cunha. Redator-secretário: L. Silva Jardim.

JORNAL DE MAFRA, de Mafra

Semanário noticioso. Está no segundo ano de publicação. Diretor: Abelardo Luiz de Oliveira. Diretor esportivo: Ildefonso Cordeiro de Oliveira.

JORNAL D'OESTE, de Chapecó

Semanário noticioso. Está no primeiro ano de publicação. Diretor responsável: Dr. Otávio Celso Rauen. Redator: J. Bernardes. Diretores comerciais: P. Maciel e D. Padilha.

JORNAL DO POVO, de Itajaí

Foi fundado por Abdon Fôes, em 30 de outubro de 1935. Atualmente são seus diretores os Srs. Abdon Fôes, diretor; e Antônio Fôes, diretor-gerente. Já teve como redatores os Srs. Drs. Aldo Mário de Almeida e Paulo Malta Ferraz. Foram e são seus colaboradores os srs. Silveira Júnior, Nerêu Corrêa, Tito Filomeno e Rosinha Souza. Atuais tipógrafos: Arnaldo Z. da Silva, chefe das oficinas; Orlando Rebelo, Francisco Xavier e Antônio Rodrigues, tipógrafos. Desde a sua fundação não teve interrupção na publicação. A sua tiragem atual é de 1.000 exemplares. Possui assinantes em quasi todos os municípios do Estado e fora d'êste.

LEIA-ME, de Florianópolis

Revista mensal ilustrada, começada a publicar em junho de 1948. Proprietário e diretor responsável: João Frainer. Impressa no Estabelecimento Gráfico Brasil, de Nicanor Sousa. Colaboradores especiais: Lourival Almeida, Osvaldo Melo, Lalla Freyesleben, Ulisses Diniz, Ancila Dulce, Julião d'Aviz, Geny Sampalo, Vape, Silvano Silva, Lenita e Manoel Ferreira de Melo.

O LIBERAL, de São Francisco do Sul

Semanário noticioso. Está no décimo sétimo ano de publicação. Diretor: Nicola Batista. Diretor secretário: Arnaldo Alexandre da Costa.

O MARIANO, de Florianópolis

É órgão das Congregações Marianas do Colégio Catarinense. Foi fundado a 7 de julho de 1943 pelo Padre Werner José Soell S. J., que é seu diretor. Redator em 1943 e 1944: Alcides Abreu. Colaboradores: Carlos Leite Costa, Martinho Brunning, Nelson de Abreu e Padres Daniel A. Lord e Charles A. Imbs. Gerente: Alfredo Zimmer. É estampado na Imprensa Oficial, tendo sido mimeografado nos dois primeiros anos.

NOVA ERA, de Rio do Sul

Semanário noticioso, fundado a 26 de dezembro de 1937. Diretor-proprietário e responsável: Pedro Paulo Cunha.

A NOTÍCIA, de Joinville

Diário noticioso, fundado por Aurino Soares. Está no vigésimo-sexto ano de publicação. Diretores: Pedro Torrens e César Augusto de Carvalho.

A NAÇÃO, de Blumenau

Diário noticioso. Faz parte do grupo dos Diários Associados. Está no quinto ano de publicação. Diretor: Adelino Cunha. Gerente: Jurandir Ferreira Neto. Redator secretário: Maurício Xavier.

NOSSA FOLHA, de Florianópolis

Mensário dos alunos da Escola Industrial de Florianópolis, órgão do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral. Está no terceiro ano de publicação.

PROGRESSO, de Itajaí

Jornal escolar, editado pelo então Grupo Escolar "S. José", de Itajaí, — hoje Ginásio "S. José" — surgiu em junho de 1942. São considerados "fundadores" todos os alunos do Curso Complementar daquela época. Constituíram a primeira diretoria os seguintes alunos: diretora — Nadir Siqueira, gerente — Edite Siqueira, repórteres — Israel C. Correia, Lourdes M. Carbeiro, Luiz Fernando Flores e Odaleia M. Pereira.

PÉTALAS, de Florianópolis

A revista PÉTALAS é publicação anual do Colégio Coração de Jesus. Tem por fim estabelecer um elo entre as alunas e ex-alunas e suas famílias, estimular a atividade literária e científica, fazer a crônica e o relatório do respectivo ano letivo. Foi fundada em junho de 1933, pela Irmã Bernwalda Michèle, diretora do estabelecimento. São suas redadoras e colaboradoras as alunas, orientadas pela diretora Irmã Marilza Melquiades de Sousa. É impressa na Imprensa Oficial do Estado.

RUMOS ESTATÍSTICOS, de São Francisco do Sul

Boletim editado pela Associação Comercial de São Francisco do Sul.

RUMOS, de Florianópolis

Digesto literário do Clube de Cooperação Cultural. Publicação mensal. Diretor do Clube: José Medeiros Vieira, presidente; Hélio Veiga Magalhães, vice-presidente; Roberto Lacerda, secretário; Renato Ramos da Silva, sub-secretário; José Tito Silva, tesoureiro; Protásio Leal Filho, sub-tesoureiro. Diretores dos órgãos culturais auxiliares: Aníbal Nunes Pires, Hamilton Valente Ferreira, Lídio Martinho Calado, Nilo Jacques Dias e Reinaldo Lacerda.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, de Florianópolis

Publicação semestral. Diretor: Carlos da Costa Pereira.

ROTARY CLUBE DE FLORIANÓPOLIS, de Florianópolis

Boletim mensal noticioso, órgão do Rotary Clube.

O REBATE, de Brusque

Semanário noticioso. Está no décimo-sexto ano de publicação. Diretor e gerente: Albino Graf.

SUL DO ESTADO, de Laguna

Semanário noticioso, fundado a 17 de abril de 1937. Diretor: Pompílio Pereira Bento.

SUL, de Florianópolis

Revista do Circulo de Arte Moderna, fundada em 1948. Diretor: Aníbal Nunes Pires. Gerentes: Salm Miguel e Hamilton V. Ferreira. Redatores: Fúlvio Vieira, Eglé Malheiros, Antônio Paladino, Lalla Freyesleben e Armando S. Camisão. Publicidade: Aldo Sagaz. Colaboradores: José Tito Silva, Cláudio B. Vieira e Elío Balstaedt. Ilustradores: Alfredo Meyer e Walter Wendhausen.

O TEMPO, de Concórdia

Semanário já no segundo ano de publicação. Redator: Dr. Olavo Rigon. Gerente: Generoso Poletto.

VIDA NOVA, de Joinville

Revista mensal ilustrada, começada a publicar em setembro de 1948. Diretor proprietário: Waldemar Luz. Impressa na Tipografia Santa Rita.

(Concl. na última página)

Primeira parte das Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana — 20 a 22 de fevereiro de 1948

(Do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, de 27 de fevereiro de 1948).

Realizou-se nos dias 20, 21 e 22 do corrente a primeira parte do programa das comemorações do segundo centenário da colonização açoriana em nosso Estado, traçado pela Comissão Executiva constituída por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

No dia 20, às 9 horas, procedeu-se ao assentamento da pedra fundamental do monumento comemorativo desse centenário, que será levantado no Jardim Oliveira Belo, em frente à Prefeitura Municipal.

Presentes altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, representantes de todas as classes sociais e grande massa popular, o Governador em exercício, sr. dr. José Boabald, a pedido do senhor desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente da Comissão Executiva, deu por iniciadas as comemorações, sendo, a seguir, executado o Hino Nacional. Lido pelo 1º secretário da mesma Comissão, dr. Carlos Gomes de Oliveira, um telegrama em que o venerando ex-Governador sr. coronel Vidal Ramos, descendente de açorianos, se associava às solenidades, foi dada a palavra ao sr. deputado dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, orador oficial, que, em magnífico discurso, exaltou a importância social, etnográfica e política da colonização açoriana que, havia duzentos anos, tivera início em nosso Estado.

Terminada a oração, sob vivos aplausos, procedeu o senhor 1º secretário à leitura da ata referente à solenidade. Assinada pelas autoridades e por grande número dos presentes, foi essa ata, com outros documentos concernentes às comemorações, com jornais do dia, e moedas em curso, posta em uma urna metálica, que, devidamente fechada, foi pelo Prefeito Municipal, sr. dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, sob palmas da assistência, colocada na fundação do monumento projetado, ouvindo-se novamente o Hino Nacional.

Das numerosas pessoas que assinaram a ata conseguimos anotar as seguintes: dr. José Boabald, Governador do Estado, em exercício; desembargador Urbano Müller Salles, presidente do Tribunal de Justiça; desembargador Guilherme L. Abry, presidente do Tribunal Eleitoral; cônego Frederico Hobold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano; dr. Thiers Fleming, representante do sr. Ministro da Viação; vice-almirante Antão Alvares Barata, comandante do 5º Distrito Naval; tenente-coronel João Pedro Gay, representante do general comandante da 5ª Região Militar; dr. Ruy Feuerschuette, presidente em exercício da Assembléia Legislativa e representante do município de Crescuma; coronel Pedro Lopes Vieira, presidente da Comissão Permanente da Assembléia; dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, prefeito municipal; João Batista da Costa Pereira, presidente da Câmara Municipal de Florianópolis; deputado federal professor Orlando Brasil; dr. Milton Leite da Costa, procurador geral do Estado;



Lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo — Altas autoridades que assistiram ao ato

deputados estaduais dr. Osvaldo Bulcão Viana, dr. José Maria Cardoso da Velga, dr. Antônio Nunes Varela e professor Braz Joaquim Alves; dr. Othon da Gama Lobo d'Eça, Secretário da Segurança; dr. João Davi Ferreira Lima, Secretário da Fazenda; dr. Leoberto Leal, Secretário da Viação; dr. Francisco de Assis, representante do Secretário da Justiça; desembargadores Alcibiades Silveira de Sousa, Edgar Pedreira e José Rocha Ferreira Bastos; Juizes de direito drs. Mário de Carvalho Rocha e Alves Pedrosa; jornalistas Adão Carrazoni, do "Jornal do Dia", de Porto Alegre, e da Associação Riograndense de Imprensa; Gustavo Neves, diretor da Diretoria de Justiça; Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz, Moacir Iguatemi da Silveira, do "Diário da Tarde"; dr. Francisco de Salles Reis, presidente da Junta de Conciliação e Julgamento; dr. Abelardo da Silva Gomes, Procurador da República; professores dr. João Bayer Filho, dr. Henrique Stodleck, Alfredo Zimmer, Américo Vespúcio Prates, Custódio Francisco de Campos, Francisco Barreiros Filho, dr. Wilmar Dias, João dos Santos Areão, José Figueiró de Siqueira e Henrique Brüggemann; dr. Vitor Lima, sub-procurador geral do Estado; dr. Elpidio Barbosa, diretor do Departamento de Educação; engenheiro José Nicolau Born, diretor de Terras e Colonização; padre Alvinio Bertholdo Braun, pelo Clube Panamericano do Colégio Catarinense; tenente Oriando Braga, ajudante de ordens do comandante do 5º Distrito Naval; João José de Cupertino Medeiros, gerente do Banco do Brasil; Acary Silva,

gerente do Banco Inco; professor Jorge José de Sousa, secretário da Academia de Comércio; Luiz Santil Teles, prefeito municipal de Tijucas; tenente Walmor Borges, ajudante de ordens do Governador do Estado; Sívio Neves Bleyer, secretário do Diretório Municipal de Geografia de Campos Novos; José Guimarães de Andrade, insp. do Imposto de Consumo; dr. Abel Alvares Cabral Júnior, auditor militar da Polícia Militar; José Francisco Glavan, presidente da Junta Comercial; engenheiro Raimundo Rothsahl, da Prefeitura Municipal; vereadores dr. Victor da Luz Fontes, farmacêutico Gercino Silva e João Claudino da Rosa; Hermes Guedes da Fonseca, sub-diretor da Biblioteca Pública; engenheiro João Eduardo Moritz, governador do Distrito 29º do Rotary Internacional; Gasparino Dutra, coletor estadual; acadêmicos Hamilton Abade Valente Ferreira, presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, Carlos Bastos Gomes, Hélio Saciloti de Oliveira, Geraldo Gama Salles, Jorge da Luz Fontes, Ayres Ferreira da Gama Melo e Jorge A. Kotzias; 1º sargento Andreilino Natividade da Costa, presidente da Associação Cívico-Militar Marechal Guilherme; major Gustavo Adolfo da Silveira, major José Lupércio Lopes, e tenente Ildelfonso Juvenal, membros do Instituto Histórico de Santa Catarina; José Antônio de Sousa Júnior, Marcolino de Lima, Ary Cabral Osvaldo Costa, Tomaz Chaves Cabral, Gumerclindo Nunes Gonçalves, Ary Jordão da Silva, Campolino Jacinto Alves, Celino Camargo Pires, Alfredo dos Santos, Marinho Henrique Fortes Melo, José Ventura Cravo, Luiz Carlos Santana, Walmor Z. Garcia, Nacif Jorge, Yoldori Bittencourt, Cláudio Marques de Sousa, João Rodrigues da Silva, Nazaré Camisão, Teobaldo Melo Neves, José Pacheco, Oscar Borges Gagliostro, José L. Goss Waltrick, Norberto Rihl, Dalmiro Caldeira de Andrada, Marinho Laus, Ary da Cunha Ocampo Moré, dr. F. G. Silva, Bento Aguido Vieira, Artur Domingos de Abreu, Henrique Dejala, Eurico Soares de Oliveira, Almiro Caldeira de Andrada, tenente Gercino Gerson Gomes, Mário Coelho Pinto, Osni Pinto da Luz, Euclides N. Pereira, Fridolino Xaxier da Rosa, Francisco Simas Pereira, Urbano Vicente Gama Salles, João Rodrigues da Silva; membros da Comissão Executiva; desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente; dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, 1º vice-presidente; dr. Heitor Blum, 2º vice-presidente; professor Carlos da Costa Pereira, secretário-geral; dr. Carlos Gomes de Oliveira, 1º secretário; professor Clementino Fausto Barcelos de Britto, 2º secretário; e Alvaro Tolentino de Sousa, tesoureiro. Das muitas senhoras e senhoritas que subcreveram a ata, pudemos colher os seguintes nomes: Sara Gomes de Oliveira, Sarah Isabel Gomes de Oliveira, Irlanda Machado, Nell Carioni Rosa, Diná Mendonça Gevaerd, Aida Gomes Mendonça, Judite Viana, Henny Mary Hildebrand da Silva, Maria da Glória Almeida, Elza



Lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo — Leitura da ata pelo Dr. Carlos Gomes de Oliveira, Secretário da Comissão Executiva

EM PONTA DELGADA

(Conclusão)

As notas trêmulas e plangentes da guitarra casavam-se tão bem como a voz límpida e vibrante da prima-dona micaelense, que era um encanto ouvi-las.

Aí permanecemos por longo tempo, até que finalizou o concerto com uma trova original, cantada em dueto, e cuja primeira quadrinha gravei:

"Ai! meu rico S. João!
Ai! meu santo marinheiro!...
Manda-me um noivo bonito,
Muita saúde e dinheiro...
E repinica, repinica, repinica!
E o S. João a suar em bica..."

E tal foi a impressão recebida daquelas trovas simples, banais, mas cheias de sentimento, que, já entre os lençóis, parecia-me ainda ouvir ao longe uma voz repetir o estribilho:

"Repinica, repinica, repinica...
E o S. João a suar em bica!..."

Para terminar: aqui fica a última impressão de Ponta Delgada. Na véspera da partida, fazia eu o quarto de serviço das 4 da tarde às 8 horas da noite.

O tempo era bom, mas bochornoso e sonolento. No pôrto, em descarga, um pacote alemão e, junto a nós, isto é, ao nosso navio-escola, o Benjamin Constant, um elegante iate de recreio norte-americano. Fatigado e aborrido, lembrei-me de dar ensaio à banda de música, e, para isso, pedi permissão ao comandante.

Começou ela a percorrer o seu sofrível repertório. Nesse tempo passei ao longo do quebra-mar

o milionário americano, dono do iate, acompanhado da mulher, da filha moçolla-elegante e vistosa, e dois pequenos cães de raça. De repente, a banda saiu-se com um cake-walk endemoninhado, daqueles de fazer cócegas a qualquer fradê de pedra. A graciosa miss não se conteve. E, nuns menéios e requebros gaciosos e petulantes, rompeu a bailar...

Chamei logo a rapaziada de bordo que, pressurosa invadiu o tombadilho e o portaló de boreste e, com grande entusiasmo, aplaudiu a galharda desenvoltura da americana. Mandamos que a banda repetisse a música. A alegre rapariga, porém, fatigada já ou enlevada pelo aspecto da paizagem, que o sol poente cobria de tonalidades tristes, sentou-se ao lado dos pais e, apontando o binóculo para o mar violáceo, deixou-se ficar cismadora e absorpta...

E a corneta de bordo dava o toque do arriar da bandeira; e, com esta, deceu sobre nós a sombra de uma grande e pungente saudade, da minha terra, da minha gente.

Lucas Alexandre Boiteux. — Nasceu na cidade de Nova Trento, a 23 de outubro de 1880, sendo filho legítimo, o nono, do Coronel Henrique Carlos Boiteux e de D^{na}. Maria Carolina Jacques Boiteux. Estudou as primeiras letras com a professora pública D^{na}. Inês Lobão. Iniciou o curso secundário com os Padres Jesuítas de Nova Trento (1891-92), passando em seguida ao Colégio de S. Luís, de Itu, São Paulo (1893-94). Regressou a Santa Catarina em 1895, onde, matriculado no antigo Ginásio, em Florianópolis, terminou seus preparatórios. Matriculou-se na Escola Naval em 1897, recebendo o galão de guarda-marinha em 1900. Embarcou em vários navios da esquadra (Andrada, Carlos Gomes, Trindade, Comandante Freitas), realizou várias comissões em nossas costas e tomou parte em frequentes exercícios das forças navais. Serviu

na flotilha do Rio Grande do Sul e na Praticagem da Barra do mesmo Estado. Por esse tempo (1904), contraiu matrimônio com D^{na}. Diamantina Demaria, existindo do casal onze filhos. Embarcado na canhoneira Cananéa, percorreu a Lagoa Mirim e o rio Jaguarão, guardando a nossa neutralidade durante a revolução no Estado Oriental do Uruguai. Comandou e imediou vários vasos da esquadra, como o Jaguarão, Santa Catarina, Timbira, Alagoas, etc. Comandou os contra-torpedeiros Pará, Piauí e o cruzador Bahia. Foi encarregado do material e do pessoal a bordo do couraçado São Paulo. Em o navio-escola Benjamin Constant, realizou vários cruzeiros, visitando as repúblicas do Prata e vários portos da Inglaterra, de Portugal e da França. Esteve em comissão na Europa durante nove meses. Além dos continuados embarques em navios da esquadra, em atividade, exerceu outras comissões, tais como: Instrutor, Imediato e Comandante de Escola de Aprendizes Marinheiros, Instrutor de Marinheiros e, de Intendentes Navais, Capitão dos Portos e Comandante do Centro de Aviação Naval deste Estado. Por três vezes serviu no Estado Maior d'Armada, chefiando várias de suas seções e, em uma delas, servindo como Assistente do Chefe deste departamento. Foi Vice-diretor do pessoal d'Armada e da Direção de Navegação. Como Capitão-dé-mar-e-guerra comandou a Divisão de Contra-torpedeiros realizando exercícios e manobras na baía da Ilha Grande. Tem os cursos especializados de Comando e de Revisão da Escola Naval de Guerra. Sua vida de ofício, de quase meio século, conta bom número de elogios. Tem a medalha de ouro de bons serviços. Suas horas de lazer foram aplicadas em estudos técnicos, geográficos e históricos, referentes à sua profissão, à Marinha de Guerra e ao seu Estado natal, participando por isso de várias associações científicas de nosso país, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Institutos estaduais, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o Instituto de História e Geografia Militar, a Sociedade de Homens de Letras, etc. Tem colaborado em numerosos jornais de nossa terra e do Brasil. Nas vésperas do Almirantado, foi reformado, em 1940. Entre as suas principais publicações, constam as seguintes: Notas para a história catarinense; Pequena história catarinense (duas edições); A toponomástica do litoral catarinense no século XVI; A Marinha de Guerra Brasileira nos reinados de D. João VI e D. Pedro I; Poranduba catarinense; A tática nas campanhas navais nacionais; A pesca em Santa Catarina; Ministros da Marinha (dois volumes); As façanhas de João das Botas; A conquista da Cayena; A Marinha na guerra dos Farrapos; A Marinha de guerra versus Cabanagem; Daphnis e Chloé, de Longus (tradução); A Princesa de Clèves, de Mme. Lafayette (tradução); O tratado do Amor de Deus, de S. Bernardo (tradução). Tem publicado muitos outros trabalhos na imprensa diária do país, mas ainda não enfileirados em volumes.

Dois séculos dentro do mesmo cenário

(Conclusão)

O estilo arquitetônico bem açoriano, bem português, é o mesmo que observamos em Santo Antônio, Ribeirão, Lagoa, São Miguel, na Enseada de Brito, Vila Nova, Imaruí e no Mirim, no sul do Estado, casas que abrigam os nossos pescadores, que revivem a sua ancestralidade açoriana.

Deixaram-nos a louça de barro, tão útil, tão velha e tão moderna.

Legaram-nos a tradição do boi na vara, tão célebre e tão perigosa.

O pralano catarinense, "tostado pelas aragens salinas", armado de anzol, rede e espinhel, calças arregaçadas, chapéu de palha, falando cantado, que se atira ao mar, em pescaria, é a reprodução viva e perpétua do seu antepassado das praias da Ilha do Pico e das Flores.

Tudo quanto aqui se admira, o que temos de tradição vem das ilhas do Velho Mundo.

O traçado das nossas vilas e de algumas que hoje são cidades tem o acentuado alinhamento das povoações de além mar, sobretudo açoritãs.

É a Igreja, com a cruz apontando para o céu, a cruz que já vinha nas caravelas do Descobrimento, como marco da nossa Fé, símbolo da nossa crença. O Templo pequeno, rodeado de casas, revivendo as casas de Deus, que os açorianos não cansavam de plantar nas suas ilhas.

Dois séculos são passados, bem vívidos, e o nosso espírito se volta para os que também amaram a nossa terra, deixando heróica descendência.

Evoca-se, também, o drama dos "Naufragados", colonos açorianos mandados daqui para o Rio Grande, por determinação da Côte, em duas sumacas, que se despedaçaram de encontro aos penedos, ao sul da ilha, atingidos pela tempestade, que foi uma tarza na história da gente portuguesa, que atingiu também a família catarinense.

Dessa tragédia, poucos sobreviveram. Foi uma morte que parecia a própria morte da colonização.

Cantou um dos maiores poetas açorianos, MANOEL AUGUSTO DO AMARAL,

IMPrensa CATARINENSE

(Conclusão)

O VALE DO ITAJAI, de Blumenau
Revista mensal ilustrada fundada em
fevereiro de 1945 por Alfredo Campos e
Dr. Osias Guimarães. Diretor proprietá-
rio e responsável: Dr. Osias Guimarães.



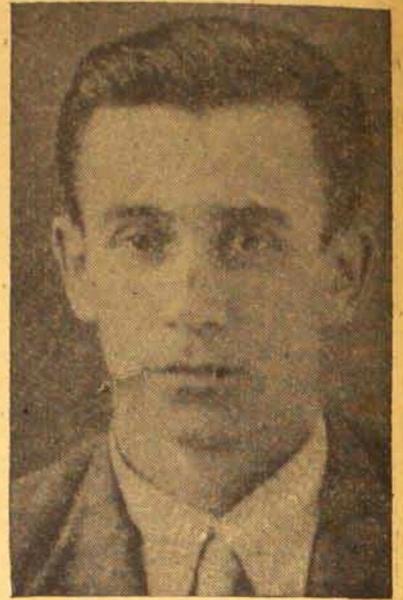
Doralécio Soares

Diretor geral em Florianópolis: Doralécio
Soares. É impresso em oficinas próprias.

A VOZ DO OPERÁRIO, de Florianópolis
Periódico fundado em 1945 pelo Profes-
sor Antônio Epifânio dos Santos. Tem
como diretores, redatores, colaboradores
e tipógrafos os alunos dos cursos do
SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem
Industrial).

Nesta secção consagrada à Imprensa
Catarinense, merecem de nossa parte re-
ferência especial dois de seus grandes e
competentes trabalhadores: os srs. Man-
oel Paes de Faria e Doralécio Soares,
funcionários ambos da Imprensa Oficial
e cooperadores prestimosos de todos os
que abalanzando-se a estampar periódicos,
livros ou quaisquer trabalhos gráfi-
cos, procuram aquelas ótimas oficinas do
Governo do Estado. Multíssimo lhes deve
esta edição de ATUALIDADES. Deve-o
também, e aqui igualmente o proclama,
ao Diretor sr. João Batista da Costa Pe-
reira, a quem, embora já prestada home-
nagem como Presidente que é da Câmara
Municipal de Florianópolis, deixamos
aqui consignada nova e especial home-
nagem, a que faz jus como grande tra-
balhador e animador de trabalhadores da
Imprensa Catarinense.

A VOZ DE CHAPECÓ, de Chapecó
Semanário noticioso. Está no sétimo
ano de publicação. Diretor responsável:
Dr. Cid Loures Ribas. Diretor gerente:
Olimpio Zimmer.



Manoel Paes de Faria

Morrer... oxalá que fôsse
Sob o céu da minha aldeia,
Que o chão da Pátria é mais doce,
Que o chão duma terra alheia.

O açoriano e o madeirense têm o seu valor pelo espírito forte,
idealista, até mesmo pela bravura.

Os traços que deixaram em terras catarinenses são indeléveis,
marcantes.

Os costumes, as tradições, aqueles através dos usos, estas atra-
vés do amor ao passado, que tanto cultuavam, formam um pouco
de História.

As cantigas e os fados, ballados e canções, dolentes e nostálgicas,
ganham época. A influência étnica em nosso meio foi considerá-
vel. O próprio idioma enriqueceu-se, persistindo até os nossos dias
a suave melodia açoriana.

As rendadeiras da ilha, as nossas conhecidas artistas do crivo a
matiz, a branco, capazes de bordarem em pétalas de rosas, herdaram
a Arte que o Brasil tanto admira, da mulher açoriana e madeirense.
O trabalho que executam, de efeito deslumbrante, na sua
beleza e variedade, encerra o mesmo gosto que o confeccionado na
ilha da Madeira. Que diferença entre o bordados executados na ilha
açoriana do Faial e os trabalhos magníficos das nossas rendadeiras das
costas do Imarú e da Ponta da Barra, na Laguna?

Só a nossa Pátria encerra
As venturas que vivemos,
Para morrer não há terra
Como aquela em que nascemos.

Esses açorianos morreram nas terras que vieram desbravar. Longe
da Pátria encontraram recanto igual, neste pedaço da terra ame-
ricana.

O panorama do Saco dos Limões é semelhante ao da Vila das
Velas, na ilha de São Jorge. Olhai a Lagoa, a praia de Canasvieiras,
a Praia de Fora, a Enseada de Brito, as margens da Laguna e esta-
mos contemplando o mesmo retrato da Horta do Faial. Tudo isso
para o açoriano era a imagem da Pátria que tinha sempre presente.

Ainda ontem, pela manhã, em homenagem aos valorosos emi-
grantes libéus, como parte do programa dos festejos deste 2º Cen-
tenário, plantava-se no coração da cidade, um marco comemorativo

do desembarque dos nossos povoadores, à sombra da figueira ma-
jestosa. Terá, disse o orador oficial, também, uma das pedras dos
Açores. Justa homenagem essa, preito de saudade e gratidão, que
perpetuará um dos grandes feitos, uma grande data em nossa His-
tória. Os que nos hão de suceder, ao depararem com o granito que
se erguerá, voltarão, também, os espíritos para o povoador que, com
sacrifício e lealdade ajudou Santa Catarina a se desenvolver.

O obelisco será, assim, o símbolo eterno do reconhecimento das
atuais gerações a quem nos legou descendência intemorata, de que
nos orgulhamos.

Em sua singeleza, cantam-se as glórias da raça imortal.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, repositó-
rio das nossas tradições, salvaguarda do patrimônio cultural, a cuja
frente se encontra o seu eminente Presidente, Desembargador HEN-
RIQUE DA SILVA FONTES, figura extraordinária de idealista e ho-
mem de sólida cultura e a quem se deve, inegavelmente, o êxito
destas comemorações e das que se projetam, o Instituto — repeti-
mos — não poupou esforços para o brilhantismo dessas solenidades,
patrocinadas, também, pelos Poderes Executivo e Legislativo do Es-
tado e pela Prefeitura de Florianópolis.

Todos irmanados num só sentimento, para essa missão nobre e
magnífica, fazendo reviver uma época, um período que não mais
sairá da História, porque pertence à História.

Estamos pouco distantes, também, da realização oportuna e
grandiosa do Primeiro Congresso Catarinense de História e Geogra-
fia, fixado para a primeira quinzena de Outubro p. vindouro, come-
morativo deste bi-centenário. Será a seqüência do entusiasmo pa-
triótico e da gratidão de nossa gente, representando, outrossim, mais
um largo passo, a serviço da nossa cultura.

Historiadores e escritores eminentes aqui virão honrar-nos com
o seu talento e erudição. É a verdadeira festa do espírito e da inte-
ligência, a que estamos assistindo e que não se interromperá. Será
o conclave a glorificação de seus idealizadores.

Açóres!

"Ao ouvir pronunciar este nome, estremecerão corações em tô-
da a parte do mundo. Sim; porque não há recanto algum no globo
habitado, onde não vivam açorianos; e nenhum açoriano há que,
longe da sua terra, não tenha uma parte do seu coração, e levado na
memória um retalho dos seus panoramas, uma reminiscência das
suas tradições".

Estamos, assim, nestes dias de intensa vibração, resgatando uma
dívida para com os nossos antepassados.

Santa Catarina faz justiça merecida à brava gente, que se en-
cantou, numa terra encantada...

(Conferência proferida a 21 de fevereiro de 1948).